GRAMMATICA HISTORICA

DA

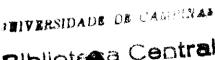
LINGUA PORTUGUEZA

POR

M. SAID ALI

2.ª edição melhorada e augmentada de LEXEOLOGIA e FORMAÇÃO DE PALAVRAS
E SYNTAXE DO PORTUGUEZ HISTORICO

(1.º Premio Francisco Alves de 1921 e de 1927)





EDITORA-PROPRIETARIA
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

UNIDADE TEL
N.º CHAMADA 469.5
1419
V Ex
TOMBO/BC 19297
TOMBO IEL 3 8214
PROC.
C D D ET
PREÇO
DATA
N ° CPD
And the state of the contract

CM 000 21789 1

PROLOGO DA LEXEOLOGIA

(La EDIÇÃO)

Terreno vasto, arido e difficil de lavrar é a perspectiva que se offerece a quem se lembra de estudar o desenvolvimento de um idioma como o portuguez desde a remota phase dos primeiros documentos escriptos até os nossos dias. Consciente das difficuldades, senti-me todavia attrahido pelo assunto. Tarefa intermina, e limitadas as minhas forças para colher algum fruto, dediquei aqui toda a attenção especialmente à lexeologia. Servem de introducção algumas paginas sobre a evolução phonetica do portuguez historico segundo se conclue da maneira de representar os sons nas differentes epocas.

Sem a menor preoccupação de descobrir novidades ou tratar questões linguisticas melhor do que outros o haviam foito, não podia comtudo deixar de ir directamente ás fontes buscar a solução dos problemas, porque a isto me obrigava a natureza do trabalho. Averiguei que certas theses sabidas em parte se confirmavam, em parte porem se tornavam²² insustentaveis. Alem disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, factos linguisticos cuja existencia a principio nem suspeitava.

Não dissocio do homem pensante e da sua psychologia as alterações por que passou a linguagem em tantos seculos. É a psychologia elemento essencial e indispensavel á investigação de pontos obscuros. As mesmas leis phoneticas seriam inexistentes sem os processos da memoria e da analogia. Até o esquecimento, a memoria negativa, é factor, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma.

Adoptado semelhante methodo de pesquisa, adquiriu o livro certo aspecto de lexeologia semantica, ou, se preferirem, de semantica lexeologica, destoando assim de vetusto systema de classificação. Descance em paz a contenda sobre a conveniencia ou inconveniencia de guardar costumes antigos; sómente advirto que deixará de ser historico o estudo de vocabulos que desprezar as alterações semanticas. No correr das seguintes paginas não faltará ao leitor opportunidade para ver como certos vocabulos variam de categoria grammatical em virtude da mudança de sentido.

Em pontos de nomenclatura evitei em geral o recurso de inno-

vações desnecessarias. Preferi a denominação mais vaga de alternancia vocalica a metaphonia e apophonia por me parecer que estes termos, segundo os encontro definidos, são exprimem com rigor a natureza da alteração phonetica. Um ou outro termo novo que empreguei se impunha para designar factos que ainda não haviam sido definidos ou se estudavam por aspecto differente.

Distingo no portuguez historico dous periodos principaes: o portuguez antigo, que se escreveu até os primeiros annos do seculo XVI, e o portuguez moderno. A esta segunda phase pertencem já a Chronica de Clarimundo (1520), de João de Barros, as obras de Sá de Miranda, escriptas entre 1526 e 1558, as de Antonio Ferreira, a chronica de Palmeirim de Inglaterra e outros trabalhos literarios produzidos por meiados do seculo. Robustecida e enriquecida de expressões novas a linguagem usada nas chronicas desta epoca, que relatam os descobrimentos em Africa e Asia e os feitos das amas lusitanas no Oriente, culmina o apuro e gosto do portuguez moderno nos Lusiadas (1572). E o seculo da Renascença literaria, e tudo quanto ao depois se escreve é a continuação da linguagem desse periodo.

Não ficou, nem podia ficar, estacionario o portuguez moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos quinhentista, seiscentista, setecentista a linguagem propria das respectivas eras. Reservo a denominação de portuguez hodierno para as mudanças caracteristicas do falar actual creadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do seculo XIX, ou que por ventura remontam ao seculo XVIII.

Limites entre os diversos periodos não podem ser traçados com rigor. Alterações linguisticas não dependem do calendario, nem do anno em que o seculo acaba ou começa. Alem disso, autores ha cuja actividade literaria se exerce, parte num seculo, parte no immediato. O que devemos entender por linguagem quinhentista, seiscentista, etc., 6 a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nella principalmente. Dizeres peculiares a qualquer das epocas continuam muitas vezes a ser usados por alguns dos escriptores do periodo seguinte.

Ignora-se a data ou momento exacto do apparecimento de qualquer alteração linguistica. Neste ponto nunca será a linguagem escripta, dada a sua tendencia conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a innovação, formulada acaso por um ou poucos individuos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalisar-se o sea uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repelle-a, a princípio, mas com o tempo succumbe ao contagio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos annos, até que por fim a linguagem literaria; não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide tambem a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não sómente de factos isolados, mas ainda do apparecimento de todo o portuguez moderno.

Não é de crer que poucos annos depois de 1500, quasi que bruscamente e sem influxo de idioma estranho, cessassem em Portugal
inveterados habitos de falar e se trocasse o portuguez antigo em portuguez moderno. Nem podemos attribuir a escriptores, por muito engenho artístico que tivessem, aptidões e autoridade para reformarem a
seu sabor o idioma patrio e sua grammatica. Consistiria a sua obra
antes em elevar à categoria de linguagem literaria o falar commum,
principalmente o das pessoas educadas, tornando-o mais elegante e desterrando locuções que lhe dessem aspecto menos nobre. Este falar
commum remontaria aos tempos de Ruy de Pina e Zurara, ou se usaria
talvez antes. Mas os escriptores antigos evitavam afastar-se da pratica
recebida de seus avós, e, posto que muitas concessões tivessem de fazer
ao uso para serem entendidos, todavia propendiam mais a utilisar-so
de recursos artificiaes que dessem ao estilo certo ar de gravidade e
acima do vulgar.

O seculo XVI, descerradas as cortinas que encobriam o espectaculo de novos mundos, e dada a facilidade de pôr a leitura das obras literarias ao alcance de todos, graças ao desenvolvimento da imprensa, devia fazer cessar a superstição do passado, mostrar o caminho do futuro e ditar a necessidade de se exprimirem os escriptores em linguagem que todos entendessem. Resolveram-se a fazel-o. Serviram-se da linguagem viva de facto, como o demonstram os dialogos das comedias de então, que reproduzem o falar tradicional da gente do povo. Trariam estes dialogos os característicos grammaticaes do portuguez antigo, se fosse este ainda o idioma corrente.

Nos seculos que precederam a era quinhentista claro está que a linguagem sofircu tambem evolução. Entre os antigos autos de partilhas e a chronica de D. João I é palpavel a differença. Seria contudo prematura qualquer subdivisão do portuguez antigo, pois que nos faltam ainda muitos documentos e de varios codices publicados resta a saber a data certa em que foram pela primeira vez escriptos.

Na citação dos exemplos conservei em geral a graphia usada nos livros donde os extrahi, sem todavia levar o rigor ao extremo de sacrificar a legibilidade. A attenção para com o leitor faz-me simplificar mais do que ultimamente se costuma nas edições de obras antigas; pois que alem de desligar palavras, desfazer abreviaturas, empregar o signal hyphen, etc., substituo frequentemente o til por m ou n postos adiante da vogal, e escrevo u e v de accordo com a pratica hodierna, desprezando a confusão que outrora reinava no emprego destas letras. Quanto ás palavras de graphia indecisa, e sem interesse phonetico, não me julguei obrigado a variar supersticiosamente a escripta a todo o instante e ao sabor da fantasia do texto original.

Elucidados estes pontos, cumpre accrescentar que escrevi este livro com o intuito de expôr sómente as conclusões a que chegara depois de ler e cotejar muitos o differentes textos. Citei provas e exomplos. Não tomei compromisso de discretear com assuntos interessantes e questões obscuras para cuja solução não encontrei elementos hastantes no passado do idioma, ou na comparação deste com outros. Prefiro deixar por ora taes casos em silencio.

Apesar destas precauções e de toda a boa vontade, não sahirá o livro sem falhas. Eram inevitaveis, sobretudo em primeira edição.

Resta-me agora manifestar a minha gratidão para com aquelles que concorreram para que meus esforços pudessem ser levados a termo. João Ribeiro e Silva Ramos, distintos collegas e perscrutadores, a todo o momento deixaram que me utilisasse das rarissimas obras de que são possuidores. Prestaram-me serviços inestimaveis. O meu collega Capistrano de Abreu, não lhe bastando pôr á minha disposição os thesouros de sua bibliotheca, auxiliou-me ainda na penosa tarefa de rever provas, suggerindo-me o seu saber opulento proveitosos accrescimos e modificações.

Agradeço a todos estas finezas, e agradeço tambem aos Snrs. Weiszflog Irmãos, firma agora incorporada em sociedade anonyma, a galhardia com que se houveram incumbindo-se da impressão do livro, e felicito-os pelo excellente trabalho e pela habilidade com que venceram os enredados meandros de graphias antigas.

Rio, Março de 1921.

M. SAID ALI

PROLOGO DA GRAMMATICA HISTORICA

A parte complementar que a Lexeologia reclamava sahiu a lume dous annos depois. Constituiam os dous volumes uma grammatica historica que, sem desprezar a evolução do latim para o portuguez, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas phases do portuguez historico, isto é, no largo periodo decorrido desde o tempo que se conhece o portuguez como lingua formada e usada em documentos.

Na presente edição foram transpostos para o lugar devido os capítulos referentes a conhecimentos preliminares que, a titulo de appendices, se haviam ajuntado á segunda parte. Expungiram-se falhas e incorreições e fizeram-se alterações e accrescimos para melhor esclarecimento de alguns factos da linguagem.

Rio, Janeiro de 1931.

INDICE DA 1.ª PARTE

Literatura . Historia resumida da lingua portugueza		•	1
Alterações phoneticas do latim vulg	ar		
Vogaes	:	:	7 11
Os sons em portuguez e sua represen	taç	ãо	
As vogaes			
Vogaes simples			21
i, j, y	•	•	24
Vogaes nasaes		٠	25 28
Vogaes nasaes	•	•	29
	•	•	24
As consoantes			
Consoantes geminadas	•		31 33
Permuta de l e r	•	-	55 33
Influencia dos enclíticos		•	36
Influencia dos enclíticos		ì	38
Os vocabulos			
Nomes em geral	•	•	45
Nomes diminutivos	•	•	46
Nomes augmentativos		•	47 49
Substantivos collectivos Plural dos substantivos	•	•	51
Genero dos substantivos	•	•	54
Adjectivos			71
	•	•	
Formação do plural			71 72
Genero	•	•	75
Comparação	•	•	79
	-	•	82
	•		82 82
Numeraes cardinaes e multiplicativos	:		82 87

**		•	•
٧	1	1	1

•

Pronomes .		•	:					. 9
Pronomes pessoaes								. 9
Pronomes pessoaes Pronomes possessivos Pronomes demonstrativos					1			. 9
Pronomes demonstrativos								. 10
Pronomes relativos					-			
Pronomes relativos Pronomes interrogativos	· ·						•	. 11
Pronomes indefinidos				•	-			. 12
Pronomes relativos Pronomes interrogativos Pronomes indefinidos O artigo								. 13
								. 13
Verbos . Desinencias pessoaes.			•	•	•	•	•	. 18
Alternancia vecalica		•	•	•	•	•		
Proporte de indicativo		·•.		•			•	. 14
Varbag am san a inn	• • • •		•	•	•	•	•	. 14
Imporfoite de indicative			•	•	•	•	•	. 14
Alternancia pessoaes. Alternancia vocalica Presente do indicativo Verbos em -ear e -iar Imperfeito do indicativo Preterito perfeito do indicativo Preterito perfeito do indicativo Futuro Imperativo Conjuntivo	 31 41	. •	•	•		•	•	. 15
Parimagas de anatonita	ncauvo	•	٠.	•		•	•	. 15
Derivações do preterito	регтено	•			•	•		. 15
ruturo		•	•	•	•	•	•	. 15
Imperativo	. ,	•	• .		•	•		. 15
		•	•	•	•	•	•	15
Gerundio Participio do presente		•	•	•	•	•	•	. 16
Participio do presente			, • •	• '	•	-		. 16
Participio do futuro . Participio do preterito Infinitivo Verbos defectivos		•		•	•	•		. 16
Participio do preterito	• •				•	•		. 16
Infinitivo			•	•		•	•	. 17
verbos delectivos	· ,;	x * * *	•		•			. 17
								. 17
Verbos nocionaes e rela Conjugação composta	cionaes	:	•					. 17
Conjugação composta Verbos transitivos e intra	••		•.	•		•		. 17
vernos transitivos e mira	unsiti"	. .						. 18
Vozes activa, passiva e	mediai	~·						. 19
Adverbios								. 20
Adverbios pronominaes e	outros	3.						. 20
Adverbios extintos								. 21
Adverbios pleonasticos								. 22
Adverbios extintos Adverbios pleonasticos Adverbios accrescidos da	ı termi	naçã o	- "					. 22
Locuções adverbiaes . A negação								. 22
A negação								. 22
Preposições								. 2 8
Conjunções								. 25
		•	•	•	•	•	•	. 20

INDICE DA 2.ª PARTE

Forma	Ç	ıo	de	р	ala	vr	as					
Derivação em geral .						ě.						1
Derivação suffixal												5-25
Substantivo e adjectivo								,				5
Verbos												24
Derivação prefixal												26
Derivação parasynthetica .												32
Derivação regressiva .												34
Composição	47		-						٠.		,	36
	٤	Syr	ıta:	хe								
Proposição em geral												44
Termos da proposição												47
Proposições secundarias —												52
Interrogação indirecta .												55
Linguagem affectiva												57
Concordancia em geral.												62
Casos particulares de concord												65
Funções dos tempos verbaes												99-118
Presente												99
. Imperfeito e perfeito		\$,			102
Mais-que-perfeito .		,										105
Futuro												107
Emprego dos modos .							, :					114 - 131
Imperativo												114
* Indicativo e conjuntivo												115
Emprego do infinitivo												132
Infinitivo pe ssoal .										-		137
Emprego do gerundio,												151



1.ª PARTE

ESTUDO DOS SONS E LEXEOLOGIA

•				
	·			
		·		

LITERATURA

- Ferr. Obras = Obras completas de Antonio Ferreira. Rio de Janeiro — Paris, 1865.
- Ferr. Poemas Lus. = Poemas Lusitanos de Antonio Ferreira. Lisboa, 1829, Typographia Rollandiana.
- 477. = Dialogos de Dom Frey Amador Arraiz. Lisboa, 1846, Typographia Rollandiana.
- Barros, Dec. Da Asia de João de Barros. Lisboa, 1778 (Cita-se decada, livro e capitulo).
- Barros, Clar. Chronica do Imperador Clarimundo de João de Barros. Lisboa, 1843, Typographia Rollandiana.
- B. Gruz, D. Seb. = Chronica d'El-Rei D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz. Lisboa, 1903.
- Bern., N. Flor. = Nova Floresta do Padre Manoel Bernardes. 1706-1728.
- Bern., L. e C. == Luz e Calor do Padre Manoel Bernardes.
- Jam., Ius. = Os Lusiadas de Luis de Camões (Cita-se canto c estancia).
- Canc. Aj. = Cancioneiro da Ajuda.
- Canc. Din. Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal von Henry R. Lang. Halle A. S. 1894.
- Castanh. = Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portugueses por Fernão Lopes de Castanheda. Lisboa, 1893, Typographia Rellandiana (Cita-se tomo e capitulo).
- Castilho, Georg. As Georgicas, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Fast. = Fastos, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Fausto = Fausto, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Tart. Tartufo, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Metam. = Metamorphoses, traducção de A. F. de Castilho.
- Castro, Ulys. = Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro. Lisboa, 1826, Typographia Rollandiana (Cita-se canto e estancia).
- Castello Branco, Boh. do Esp. = Bohemia do Espirito de Camillo Casfello Branco. Porto, Livraria Chardron, 1903.

- Corte Imp. = O Livro da Corte Imperial (Collecção de Manuscriptos Ineditos). Porto, 1910.
- Couto, Dec. = Da Asia de Diogo de Couto. Lisboa, 1778 (Cita-se de cada, livro e capitulo).
- Damião de Goes = Chronica de D. Manuel por Damião de Goes. Lisboa, 1749.
- Din., Morg. = A Morgadinha dos Cannaviaes por Julio Diniz, 1918.

 Din., Ser. da Prov. = Serões da Provincia por Julio Diniz, 1916.
- Diogo Bern. = O Lyma de Diogo Bernardes. Lisboa, 1820, Typographia Rollandiana.
- D. Duarte, Leal Cons. = Leal Conselheiro por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.
- D. Duarte, Ens. de Cav. = Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.
- Duarte Galvão = Chronica de el-rei D. Affonso Henriques por Duarte Galvão, Lisboa, 1906.
- E. de Queiroz, Crime = O Crime do Padre Amaro por Eça de Queiroz. Lisboa, 1876.
- F. Lopes, D. I. = Chronica del Rei dom Joham, por Fernão Lopez. Edição do Archivo Historico Portuguez.
- F. M. Pinto = Peregninação de Fernão Mendez Pinto. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1829.
- F. M. de Mello, Ap. Dial. = Apologos Dialogos por D. Francisco Manuel de Mello, Lisboa 1721.
- F. M. de Mello, Fid. Aprend. Auto do Fidalgo Aprendiz por D. Francisco Manuel de Mello. Edição revista por Mendes dos Remedios. Coimbra. 1898.
- Fil. Elysio = Obras de Filinto Elysio. Lisboa, 1836-1840.
- Frad. Men. = Chronica da Ordem dos Frades Menores. Edição de José Joaquim Nunes. Coimbra, 1918.
- Gab. Soares = Tratado descriptivo do Brasil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, publicado por F. A. Varnhagen 2.ª edição, Rio de Janeiro, 1879.
- Garr., Fr. L. de Sousa = Garrett, Frei Luis de Sousa.
- Garr., Cam. = Garrett, Camões.
- Garr., Viagens = Garrett, Viagens na minha Terra.
- G. Vic. = Obras de Gil Vicente. Lisboa, 1852.
- H. Pinto = Imagem da Vida Christã por Frei Heitor Pinto. Lisboa. 1848, Typographia Rollandiana.
- Herc., Eur. = Eurico o Presbytero por A. Herculano. Lisboa, 1876.

- Here., Lendas e Narr. =: Lendas e Narrativas por A. Herculano. Lisboa, 1858.
- **Uerc.**, M. de C = 0 Monge de Cister por A. Herculano. Lisbon, 1887.
- Hist. T. M. =: Historia Tragico-Maritima compilada por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa, 1904.
- Ined. = Collecção de Livros Ineditos de Historia Portuguesa. Lisboa, 1792. Acham-se nesta collecção varias chronicas de Fernão Lopes, Zurara, o Livro Vermelho e outras obras a que teremos occasião de nos referir.
- J. Ferr., Eufros. = Comedia Eufros na de Jorge Ferreira de Vasconcellos. 1786.
- Itin. = Itinerarios de India a Portugal por terra revistos e prefaciados por Antonio Baião. I. (até pag. 127) Itinerario de Λη-tonio Tenreiro. II. Itinerario de Mestre Affonso. Coimbra, 1923.
- Leite de Vasc., Textos Arch. = Textos Archaicos pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1908.
- L. da Mont. == Livro da Montaria por D. João I.
- L. de Esopo = O Livro de Esopo. Edição Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1906.
- Mor., Palm. = Chronica de Palmeirim de Inglaterra por Francisco de Moraes, Lisboa, 1786.
- Mend. Jorn. de Afr. = Jornada de Africa por Jeronymo de Mendonça. Lisboa, 1904.
- Nunes, Chrest. Arch.:= Chrestomathia Archaica por José Joaquim Nunes. Lisboa, 1906.
- Ord. D. Man. = Ordenações de D. Manuel. Coimbra, 1797.
- Pina, D. Du. = Chronica del-rei D. Duarte por Ruy de Pina. Lisboa, 1901.
- Port. Mon. Hist. -- Portugaliae Monumenta Historica.
- Sú de Mir. -: Obras de Sá de Miranda. Edição D. Carolina de Michaellis (Onde ha indicação de volume, seguiu-se a edição rollandiana).
- Sam. Usque --- Consolaçam ás Tribulaçõens de Israel por Samuel Usque. Coimbra, 1906.
- Amaro A Vida de Santo Amaro. Texto publicado por Otto Klob na Romania.
- S. Graal == A Historia dos Cavalleiros da mesa redonda e da demanda do Santo Graal. Edição Reinhardtstoettner. Berlim, 1887.
- S. Josaph. == Texto critico da Lenda dos Santos Barlaão e Josaphate por G. de Vasconcellos - Abreu. Lisboa, 1898.

- S. Mar. Egyp. = S. Maria Egypciaca na Revista Lusitana.
- Santos, Eth. = Ethiopia oriental por Fr. João dos Santos. Lisboa, 1891. Sousa, Arceb. = Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres por Frei
- Luis de Cacegas, reformada em estilo e ordem, etc., por Fr. Luis de Sousa, Lisboa, 1842, Typographia Rollandiana.
- Vicira, Serm. = Sermões do Padre Antonio Vieira (Todas as referencias são feitas ao texto dos volumes da 1.ª edição).
- Vieira, Cartas = Cartas do Padre Antonio Vieira. Lisboa, 1885. (Foi tambem consultada a edição de J. Lucio de Azevedo).
- Virt. Bemf. = O Livro da Virtuosa Bemfeitoria (Collecção de Manuscriptos Ineditos). Porto, 1910.
- Zur., Guiné = Chronica do descobrimento e conquista de Guiné por Gomes Eannes de Zurara. Paris, 1841 (As chronicas de D. Pedro de Menezes e D. Duarte de Menezes do mesmo Autor acham-se na Collecção de Ineditos).

Introducção

Historia resumida da Lipgua Portugueza

Do latim procedem os diversos idiomas chamados romanicos, romances ou neo-latinos. O dominio destes idiomas abrange na Europa, a partir de éste para oeste, a Rumenia, como região isolada, a Italia (comprehendendo a borda do Adriatico com o Trieste e toda a Dalmacia), parte da Suissa, a França com parte da Belgica e finalmente a Peninsula Iberica. Para o linguista todo este dominio constitue a Romania.

Os idiomas neo-latinos não ficaram localisados sómente na Europa. Com a colonisação que alguns povos fizeram em certos pontos remotos da Africa e da Asia e em grande extensão do confinente americano, passaram a ser faladas as respectivas linguas também nest'outras partes do mundo. Assim veio o portuguez ao Brasil, e o hespanholá America hespanhola.

Não ha rigoroso accordo entre os homens de sciencia sobre a classificação dos diversos falares da Romania; mas está assentado hoje que não deve prevalecer sómente a divisão politica, nem se deve attender só ao desenvolvimento literario. Nas diversas regiões onde imperam as linguas literarias, ha dialectos muito notaveis que a sciencia não pode desprezar. De alguns delles o estudo está apenas no inicio, e isto difficulta sobremodo a classificação.

Segundo Meyer-Lübke, dividem-se as linguas romanicas em: rumeno, dalmatico, retico, italiano, sardo, provençal, francez, hespanhol e portuguez. Cada um destes idiomas comprehende por sua vez uma serie de dialectos.

Todas estas linguas e dialectos originaram-se do latim; não do latim literario, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da lin-

guagem viva, do latim falado.

Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de accommodar-se a antigos habitos de pronuncia dos povos que o adoptaram, habitos em que os povos differiam uns dos outros. E as modificações se davam não sómente porque os orgãos de phonação, habituados aos sons indigenas, sentiam difficuldades em reproduzir sons estranhos, mas tambem porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

Entre dialecto e lingua não ha differença essencial senão a circumstancia de ser a lingua aquelle dialecto que, entre outros muitos usados no mesmo paiz, se preferiu empregar como linguagem de chancellaria, servindo para a escriptura de todos os documentos officiaes. O dialecto, que se adoptou na côrte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas pro-

ducções literarias.

Ao cabo de algum tempo a lingua assim constituida emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. Dá-se-lhe um caracter de uniformidade, submettendo-a a regras de bom gosto e a normas grammaticaes mais fixas; introduzem-se nella expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim. De popular que era, o antigo dialecto, agora lingua official, adquire feição erudita e nobre, desprezando, por plebéas, certas maneiras de dizer que pareciam mal em boca de gente de educação mais fina.

As innovações, tomadas ao latim ou a outro idioma, pronunciavam-se com terminações e formas similares ás que já andavam em voga. Fazia-se sentir a acção da analogia. Mas já agora os homens, ao reproduzirem sons estranhos, tinham mais facilidade do que na epoca em que pela vez primeira aprenderam o latim e o substituiram ao falar nativo. Vocabulos que então penetram no idioma, os chamados vocabulos de origem erudita ou culta, não estão sujeitos ás mesmas alterações phoneticas de outrora.

Em Portugal foi entre os dialectos falados no norte

do paiz que se tomou aquelle que constituiu a lingua portugueza. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o gallecio-portuguez, isto é, o idioma falado nas margens do Minho.

Os mais antigos documentos escriptos em portuguez que se conhecem, datam do seculo XII. Vê-se por elles que o idioma se formou em epoca muito mais antiga, pois a linguagem nos apparece já bem caracterisada e mais semelhante ao falar de hoje do que ao latim. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestigios de portuguez que se encontram em documentos de latim barbaro do seculo IX.

Tomado o seculo XII como inicio do portuguez historico, distinguiremos na evolução do idioma dous periodos principaes: o do portuguez antigo, que é a linguagem escripta usada até fins do seculo XV e ainda nos primeiros annos do seculo seguinte; e o do portuguez moderno, que

é a linguagem empregada dessa epoca em diante.

O portuguez antigo legou-nos, alem dos textos de leis, foraes, ordenações, etc., os Cancioneiros, a historia do Santo Graal, a de S. Amaro, a lenda de S. Barlaão e S. Josaphate, o livro de Esopo, o Livro da Côrte Imperial, o da Virtuosa Bemfeitoria, o livro da Montaria de D. João I, o Leal Conselheiro e Arte de cavalgar de D. Duarte, a Chronica dos Frades Menores, as Chronicas de Fernão Lopes, Zurara e Ruy de Pina e varias outras obras. Alguns textos têm sido publicados ultimamente e ha outros ainda por publicar.

Mostram esses differentes escriptos não ser o vocabulario portuguez de exclusiva procedencia latina. Outros povos que depois dos Romanos dominaram a peninsula iberica deviam deixar vestigios de sua passagem. Nota-se principalmente no portuguez antigo a adopção de varios

termos de origem arabe.

O portuguez moderno subdivide-se nas phases quinhentista, seiscentista e hodierna, podendo-se admittir como transição entre estas duas ultimas a phase setecentista.

São notaveis, sobretudo, os escriptores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a linguagem escripta mais de accordo com o falar corrente, que nessa epoca se achava bastante differenciado do falar de dous ou tres seculos atraz. Modernisaram a linguagem e tornaram-na tambem mais elegante.

Publicaram-se em portuguez quinhentista alguns romances de cavallaria, como a Historia do Imperador Clarinundo de João de Barros, e o Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes; mas a epoca foi sobretudo fecunda no genero propriamente poetico e em narrações e descripções relativas ás conquistas de ultra-mar. Sá de Miranda e Antonio Ferreira escrevem poesias e fundam o theatro portuguez. São seus contemporaneos muitos outros escriptores igualmente illustres. A todos porem excedeu Luis de Camões com o immortal poema dos Lusiadas publicado em 1572.

Camões não foi propriamente o creador do portuguez moderno porque essa nova linguagem escripta já vinha empregada por outros escriptores. Libertou-a, sim, de alguns archaismos e foi um artista consummado e sem rival em burilar a frase portugueza, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéas de modo elegante, energico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoneana, a sua influencia fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias.

Entre as obras em prosa da era quinhentista cabe o primeiro lugar, quer pela excellente linguagem, quer pelos vastos conhecimentos do autor, ás Decadas de João de Barros publicadas entre 1552 e 1563, em cujas narrações se inspirou por vezes o autor dos Lusiadas. Diogo de Couto foi digno continuador das Decadas.

Historiadores contemporaneos de João de Barros foram: Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Goes, Gaspar Corrêa e outros.

No genero viagens sobresaem, entre outras obras, as Peregrinações de Fernão Mendes Pinto e a Ethiopia Oriental de Fr. João dos Santos. As cousas novas e curiosas do Brasil descrevem-nas minuciosamente Magalhães de Gandavo, Gabriel Soares de Sousa e Frei Vicente do Salvador, este já em principios do seculo XVII.

Nas descripções dos paizes de ultra-mar se revela o enriquecimento do vocabulario portuguez, de um lado com

termos asiaticos e africanos, de outro lado com expressões das linguas brasilicas.

Lugar á parte occupam na literatura quinhentista as comedias, autos e farças. São de valia inapreciavel para o conhecimento da linguagem popular da epoca. Avultam entre as producções deste genero os Autos de Antonio Prestes, de Chiado e de Jeronymo Ribeiro, a Eufrosina e Ulysippo de Jorge Ferreira de Vasconcellos e o thesouro riquissimo das obras de Gil Vicente.

A era seiscentista caracterisa-se sobretudo pelas obras moralistas, sermões, historias da vida e milagres de santos, etc. Esta orientação literaria não é inteiramente nova; teve tambem seus representantes no seculo anterior em escriptores como Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arraiz, João de Lucena e outros. Por fins do seculo XVII e primeiros annos do seculo XVII viveram e escreveram Frei Luis de Sousa e Rodrigues Lobo. As historias da literatura portugueza costumam incluil-os na epoca seiscentista. Usam estes escriptores ainda de certas expressões proprias da epoca precedente e devem ser considerados, na historia da linguagem, como representantes do periodo de transição.

O vulto mais notavel de toda a nova epoca é sem duvida o padre Antonio Vicira, em cujos sermões encontram os estudiosos abundante material para as investigações de

lingua portugueza.

Singularisa-se pela elegancia de estilo e facilidade em cultivar diversos generos literarios o polygrapho D. Francisco Manoel de Mello.

Mais moderno que estes dous escriptores é o padre Manoel Bernardes, autor da Nova Floresta, de Luz e Calor e outras obras.

Em poesia deu-nos a epoca seiscentista a Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro e a Ulysippo de Sousa de Macedo, poemas modelados sobre os Lusiadas.

A producção literaria em lingua portugueza do seculo XVII costuma-se chamar escola gongorica. Ha exagero neste qualificativo. Applicavel embora a certas obras de ficção, que hoje se acham na maior parte esquecidas, não se pode entretanto affirmar que revelem a mesma decadencia de linguagem os escriptos de um Vieira, de um Bernardes, de um Francisco Manoel de Mello, ou de um Frei

Luis de Sousa ou Rodrigues Lobo, autores mais antigos, porem computados na mesma escola. Encontram-se em alguns por vezes trechos cuja linguagem hoje nos parece amaneirada. Explicam-se essas singularidades, nomeadamente nos sermões, pela argumentação propria da escholastica de que se serviam os seus autores. Em exposições meramente narrativas ou descriptivas usam todavia de linguagem simples, natural e elegante, como a que empregavam os quinhentistas.

O seculo XVIII é o das academias literarias. Floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na grammatica e contextura da linguagem. Mas a attenção dos homens de letras vai-se dirigindo para Franca, centro de grande movimento intellectual como de revolução politica. A cultura franceza e a lingua franceza passam a ser, em Portugal como em outras partes da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a philosophia, as instituições políticas e sociaes. E assim penetram no idioma portuguez vocabulos creados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilisação moderna. Reagem os puristas contra a onda de gallicismos que, segundo imaginam, ameaca demolir tudo quanto é vernaculo. Consegue-se abafar varias expressões superfluas; mas aquellas que satisfazem a necessidades reaes, que exprimem com clareza e precisão idéas novas. incorporam-se definitivamente ao idioma.

O enriquecimento do vocabulario com expressões e processos devidos ao estrangeiro perdura no portuguez hodierno. Perdura tambem a reacção purista, implacave em alguns casos, e complacente em muitos outros.

Alterações phoneticas do latim vulgar

1. Vogaes

U tonico pronunciado em latim como vogal longa passou ao portuguez sem soffrer modificações: uva (ūva), lume (lūmen), luz (lūce-), duro (dūru-), fumo (fūmu-), puro (pūru-), cura (cūra-), etc.

U tonico que em latim classico era breve por natureza ou cuja pronuncia era forçadamente de pouca dura, por vir seguido de consoante geminada ou de um grupo de consoantes differentes, apparece em nosso idioma ora como u, ora alterado em o: boca < būcca-; gota < gūtta-; cruz < crūce-; noz < nūce-; junto < junctu-; ponto < punctu-; onde < unde; onda < unda; mundo < mundu-; fundo < fundu-; torre < turre-; surdo < surdu-; tordo < turdu-; torpe < turpe-; somma < summa-, etc.

A causa desta disparidade deve procurar-se na pronuncia da vogal em latim vulgar; u breve do latim classico soaria aqui como um phonema intermediario entre u e o fechado, ou, se não estava fixada a pronuncia, oscillaria entre estas duas vogaes, proferindo-se ora de um modo, ora de outro. Como quer que fosse, certo é que por fim se decide a preferencia ora por uma vogal, ora por outra, não só nos diversos vocabulos de um mesmo idioma, mas ainda nos diversos idiomas romanicos quanto aos vocabulos considerados isoladamente. Comparem-se port. noz, cruz e ital. noce, croce; port. junto, ponto, hesp. e ital. junto, punto; port. surdo, tordo,

hespanhol e ital. sordo, tordo (genov. turdu); port. e hesp. torpe e ital. turpe; port. e hesp. mundo, ital. mondo, fr. monde; prov. ongla, catal. ungla, fr. ongle, port. unha, etc.

Roto, procede de ruttu- < ruptu-. Nas palavras em que entra a combinação uct-, de latim classico, simplificada depois em utt-, a vogal u resiste em portuguez á mudança em o: fructo, producto (ital. prodotto), lucto, lucta (ital. lótta). Compare-se também o port. muito com o ital. molto < lat. multu-.

Desapparecidos certos suffixos latinos, ficou a muitas palavras por terminação a vogal u, que passou a pronunciar-se como o na peninsula Iberica e na Italia. Ainda hoje se profere em italiano e em hespanhol este phonema terminal vibrando as cordas vocaes como succede com o tonico, de que differe pela menor intensidade. Em portuguez porem a pronuncia actual differe da primitiva. Falta presentemente á vogal atona com que as palavras se terminam, a sonoridade que tão clara se percebe no castelhano. Proferindo o dito o atono, ou damos mui fraco movimento ás cordas vocaes, ou as deixamos em completo repouso, e, dando á boca a forma propria á prolação do phonema, fazemos ouvir uma vogal cochichada que tanto pode ser o como u.

I tonico medial, pronunciado em latim demoradamente, conservou em portuguez o valor de i: vida (vīta-), pinho (pīnu-), vinho (vīnu-), amigo (amīcu-), etc. Mudou-se-lhe porem o timbre em e onde em latim tinha valor de phonema breve, quer por natureza, quer pela necessidade de articular depois da tonica uma consoante geminada ou grupos de consoantes differentes: selco (siccu-), menos (mīnus), penna (pinna-), pero (pīru-), verga (virga-), cerca (circa-), elle (ille), cabello (capillu-), pelo (pìlu), etc. Villa soava em latim villa (V. Bourciez, Ling. Romane

p. 41).

Prevaleceu a regra tambem nos casos de desapparecimento de certos phonemas no interior do vocabulo: dedo (dígitu), verde (víride), seta (sagitta), sello (sigillu-), etc. A mesma alteração vocalica observa-se em -elho, -elha, resultantes de -ĭculu-, ĭcula-: ovelha (ovícula)-, orelha (aurícula-), abelha (apicula-), artelho (artículu-), etc.

Coelho outé formação analogica portugueza, ou originou-se

de cuniculu-, por cuniculu-.

Contrariamente à regra, conservou-se i tonico nas terminações -iciu-, itiu-, talvez por influencia do segundo i: vicio (vitiu-), officio (officiu-), etc. A par da terminação -iça (-itia) existe a forma romanisada -eza (com e tonico): justiça e justeza, malicia e port. ant. malleza, etc.

O latim scribere (com i longo) deu em port. escrever (e não escriver) por analogia de beber, receber, dever, etc.

i final atono converteu-se em e atono e, á semelhança de o atono em igual posição, soa fracamente na pronuncia actual portugueza. Tanto i como e, sendo vogaes atonas, desapparecem quando se acham no interior da palavra, entre consoantes que sem a vogal constituem combinações de pronuncia facil: asno (asinu-), tenro (teneru), ermo (eremu-), obra (opera-), verde (viride-), etc.

Nos derivados em -idade ha exemplos de manutenção: facilidade a par de faculdade, urbanidade a par de divindade, etc. Entraram na linguagem em epoca relativamente

moderna.

Os ditongos ae, oe do latin classico estavam desde longo tempo simplificados em e quando se formaram os idiomas romanicos. Foi maior a vitalidade do ditongo au, mas houve sempre tendencia, principalmente em certas regiões, para transformal-o em ou e simplifical-o por ultimo na vogal o. Assim veio de lat. auru- port. ouro, hesp. e ital. oro, fr. or; paucu- deu port. pouco, ital. e hesp. poco, catal. voc. A par deste ditongo antigo surgiu, em lat. vulgar, outro ditongo au resultante de al nas combinações alte, alce nos vocabulos *auteru (*autru) < alteru, *fauce & falce), *cauce < calce-). Tambem não tardou a simplificar-se: port. outro, fr. autre, hesp. otro; port. fouce, fr. faux; port. couce. Assim alterados, introduziram-se em lingua portugueza os ditos vocabulos e outros semelhantes, parte directamente, parte por analogia; mas o povo que os recebeu sabia pronunciar o ditongo au com facilidade e assim poude revivel-o em auto (de actu e aptu), trauto (de tractu) e em palavras recebidas ulteriormente, como pausa (a par de pouso), causa (a par de cousa), etc.

Por vocalisação de consoante desenvolveram-se, alem de au, os ditongos ou de oc, ui de uc e ul, ei de ec e ep,

quando seguidos estes grupos de consoante dental, como mostraremos ao tratar das consoantes.

Outro processo a que se deve a formação de ditongo é o contacto de duas vogaes, quer em virtude do desapparecimento de uma consoante intermediaria, como em mais (magis), raio (radiu-), meio (mediu-), quer por effeito de metathese, como em contrairo (contrariu-), primeiro < primairo (primariu-), raiva (rabia-),ajudoiro (adjutoriu-). Na evolução das formas verbaes constituiu-se como uma das terminações da 3.ª conjugação o ditongo iu: seguiu, destruiu, etc.

2. Consoantes

Em portuguez, como em hespanhol, passaram de surdas a sonoras as occlusivas latinas p, t, k (graphia c), em posição media, usadas depois de uma vogal: a) como consoantes simples: riba (ripa-), vida (vita-), lago (lacu-), fogo (focu-), jogo (jocu-), mudo (mutu-), figo (ficu-), lado (latu-), amigo (amicu-), agudo (acutu-) espada (spatha-), roda (rota-); b) nas combinações pr, tr, cr: cabra (capra-), obra (op(e)ra-), vidro (vitru-), pedra (petra-),

sogro (soc(e)ru-), padre (patre-), madre (matre-).

Esta modificação das occlusivas produziu-se, nos citados exemplos, por effeito da sonoridade da vogal tonica precedente. Trata-se portanto aqui de um caso de assimilação parcial progressiva. Proferida a vocal tonica com certa demora, estendeu-se, por inercia, a vibração das cordas vocaes á consoante occlusiva. Favorecia a esta vibração prolongada a vogal precedente longa, como o era as mais das vezes em latim a tonica seguida de occlusiva simples. É de suppor que, na Peninsula Iberica, se passasse tambem a pronunciar com alongamento a tonica que em latim classico fora breve, quer antes de occlusiva simples, quer antes das combinações pr, tr, cr. Assim procederia roda de rota < rota; padre de patre < potre. Notamos ainda hoje certa demora na pronuncia de vogal anterior a b, d, g. (Confrontem-se errada e errata, lado e lato, quadro e quatro, figo e fico). A mudança de u tonico em o e de i tonico em e, como vimos atraz, ter-se-ia dado em epoca anterior á do alongamento: $l\ddot{u}pu>l\ddot{o}po>l\ddot{o}po$ > lobo; putre > potre > potre > podre; cito > ceto > ceto > cedo.

É claro que o processo da sonorisação consonantal se havia de applicar, por analogia, aos vocabulos derivados e a outros casos em que a vogal já não era nem longa nem tonica. Nos verbos, desde que se tornava sonora a occlusiva das formas rhizotonicas, pronunciando-se pago, pagas

por paco, pacas, e mudo, mudas por muto, mutas, tambem se passou a dizer pagamos, mudamos, pagar, mudar, por

pacamos, mutamos, pacar, mutar.

O suffixo latino -itāt- tomou a forma -idade, e -dade (com absorpção de i): felicidade (de felicitate-), verdade por veridade (de veritate), bondade (por bonidade), etc. Sonorisou-se aqui, pelo processo normal, a consoante posttonica, e sonorisou-se também a consoante pre-tonica.

Esta alteração da syllaba ta em da é devida, parte á influencia regressiva da syllaba final, parte á presença da syllaba anterior com vogal i, cuja pronuncia excessivamento breve fez reproduzir-se na consoante occlusiva phenomeno analogo ao que observamos nas palavras esdruxulas. A sonorisação não se poude effectuar em ta do vocabulo vontade (de voluntate) por vir aqui a dental encostada directamente a outra consoante.

Sonorisação da occlusiva precedida de i, observa-se ainda em cidade (de ci(vi)tate-), delgado (de delicatu-amargoso (de amaricosu-) á semelhança do já citado

amargo, etc.

Seguida das geminadas cc (pronuncia kk), pp, tt, ou dos grupos pt, ct, ou de outra qualquer combinação de consoantes surdas, pronunciava-se a vogal tonica com decidida rapidez, cessando a vibração das cordas vocaes bruscamente para fazer sentir a demora propria da geminada surda ou a articulação das duas surdas differentes. Daqui procede o ficarem inalterados c e t em boca (de bucca-) vacca (de vacca-), gota (de gutta-), dito (de dictu-), escrito (de scriptu-), etc. Se nos grupos ct e pt a primeiro consoante se resolvia em phonema que ia constituir ditongo com a vogal antecedente, esse novo phonema, tendo o valor de subjuntiva ou consoante, não possuia sono-

ridade bastante para influir sobre a explosiva surda t: oito (de octo), nonte ou noite (de nocte-), peito (de

pectu-), receita (de recepta-), etc.

Vogal tonica seguida de lp, lt, lc, rp, rt, rc, rs não podia de modo nenhum exercer acção sobre o segundo phonema do grupo consonantal. Assim se conservaram como em latim: culpa, consulta, alto, calculo, falso, arca, barca, porta, porto, forca (furca), forte, morto, parte, arte, pulso, sorte. marca, diverso, persa, polpa (pulpa), etc. Se a vibrante e lateral tivessem aqui o mesmo valor que tem em sala, caro, podiam por ventura communicar a sonoridade ao phonema contiguo p, t, c, s. Mas a vibrante e a lateral soam nestas combinações sempre como consoantes surdas. Percebe-se bem este facto pronunciando sala, saldo e depois salto, culto, assim como mora, morde, e depois morte, parte, e verificando, com o dorso da mão collocado na parte anterior da garganta, a vibração das cordas vocaes. () resultado será positivo no primeiro caso e negativo no segundo.

Quanto ás constrictivas surdas, notamos que sentiram a acção da vogal tonica, porem não de modo identico ao

caso das occlusivas.

São poucos os vocabulos com f simples intervocalico procedentes do latim. Neste limitado campo de observação apparecem com a consoante sonorisada proveito (profectu), e antigos verbos em -ivicar < ificar.

Abrego de africu, ourives de aurifice, trevo de *trefolo < trifoliu- e Estevão de Stephanu- mostram que a sonorisação se fazia tambem em vocabulos de pronuncia es-

druxula.

Passou de surda a sonora a constrictiva s, usada em posição medial, como consoante simples e precedida e seguida de vogal. Realisou-se este processo sempre que a vogal precedente correspondia a uma tonica longa em latim classico: uso, caso, suffixo -oso, improviso, etc. Alongamento ulterior da tonica explica a sonorisação da constrictiva em casa, rosa, etc. A articulação demorada da geminada ss compensava-se antecipadamente com a pouca dura de vibração das cordas vocaes ao ser proferida a tonica, continuando portanto surda a sibilante em osso, fosso, promessa, classe, passo, successo, processo, etc.

Vogaes tonicas nasaes não alteram o valor surdo de s + vogal da syllaba seguinte; convertendo-se porem em vogaes puras, communicam a sonoridade á sibilante: mesa

(mensa), defesa (defensa), preso, acceso, etc.

A sibilante media seguida de vogal differe essencialmente das occlusivas medias em adquirir sonoridade de um ditongo precedente: causa, repouso, lousa, deuses, pausa, etc. Este processo, facílitado aliás pela propria articulação da constrictiva, deu-se talvez em epoca diversa daquella em que certos grupos consonantaes tiveram uma das occlusivas resolvida em subjuntiva de ditongo (oct > out; ept > eit).

Empregando-se a letra s para representar a sibilante, sabe-se que em posição intervocalica o symbolo simples traduz modernamente em muitos idiomas a pronuncia sonora, e o symbolo duplicado corresponde á consoante surda. Prevalecendo esta convenção orthographica em lingua portugueza, é certo que as regras de pronuncia hoje observadas remontam a varios seculos. Podem suscitar duvida certos casos de divergencia encontraveis em escriptos antigos. A frequente troca de s por ss, e ss por s, que se nos depara nos documentos anteriores ao seculo XVI. é naturalmente devida á circumstancia de, naquelle tempo, não se haver ainda fixado o systema orthographico. Alguns casos analogos de confusão poderiam ainda persistir nos primeiros tempos do port. mod. Mas os exemplos de rima de isso com riso, siso, paraiso, de missa com camisa (G. Vic. 3, 17; 3, 22; 3, 140; 3, 156; 3, 46; 3, 40) mostram que, a par da pronuncia culta, ouvia-se em Portugal, pelo menos em certas regiões s simples intervocalico como sibilante surda á semelhança do que se dá na lingua hespanhola, onde a s intervocalico se attribue o mesmo valor que a s inicial.

Alem do processo de sonorisação de consoante intervocalica por effeito da tonica precedente, houve tambem o da sonorisação antecipada por influencia da tonica subsequente: seguro (securu-), maduro (maturu-), cegonha (ciconia-), sabor (sapore-), cabello (capillu-), lagosta (locusta-), agora (hac hora), etc. É o caso da assimilação parcial regressiva.

Ao constituir-se o idioma portuguez, a occlusiva b

do latim classico, vindo em posição intervocalica, pronunciava-se como constrictiva. Este facto é attestado pelos vocabulos dever (debere), haver (habere), trave (trabe), fava (faba), escrever (scribere), cavallo (caballu), e outros. Nestas palavras perdura ainda hoje a pronuncia do v. Em outras restabeleceu-se a consoante antiga por influencia erudita. Beve, bevado, avorrecer, tavoa (tabula), tavoada, avondar (abundare), usados ainda em linguagem quinhentista, volveram a bebe, bebado, aborrecer, taboa, taboada, abundar...

Quanto a v intervocalico do lat. classico, sabemos que em port. ant. se representava pelo symbolo u. Como a graphia daquelle tempo applicava as letras u e v sem discriminação de consoante ou vogal, não podemos decidir qual seria o valor exacto do phonema. A pronuncia hodierna articula com firmeza a constrictiva v em ave, vivo, grave, suave, oitavo, breve, ovo, novo, uva, cavar; mas não ha certeza se nestes e noutros vocabulos analogos a intervocalica soava de modo identico em port. ant. Admittindo que soasse, é facto em todo o caso curioso o amortecimento e desapparecimento de v em rio (rivu-), e geralmente na terminação -io, do suffixo -ivu: vazio (vacivu-), estio (aestivu-), sadio (sa(n)ativu-), fugidio (fugitivu-), etc. À facil absorpção do phonema nest'outras palavras leva a crer que elle soasse aqui como a consoante w em inglez; de sorte que teriamos rio < rivo < rivo : vazio < vazivo < vazivo, etc.

A consoante g precedida de vogal e seguida de a, o, u, soaria, na phase da formação do portuguez, como occlusiva, do mesmo modo que em lat. classico, a julgar pela pronuncia que se conservou em chaga, agouro, jugo, agosto, pagão, castigar, rogar, legume, praga. Mas esta maneira de articular a consoante não seria um facto geral, porque não explica satisfatoriamente a mudança do phonema e sua absorpção em praia (de plaga-), vaadio (de vagativu-), real (de regal-), meestre (maestre (de magistre-), seeta < saeta (de sagitta-), leer (de legere), leal (de legal-), e eu (de ego). Parece tratar-se antes de uma pronuncia variavel, que oscillaria em g e y, á semelhança do que succede em allemão moderno, e que em certos casos, pelo menos, se daria preferencia a y.

É physiologicamente mais facil passar da fricativa $\mathring{\gamma}$ para i do que da occlusiva g para i, e mais facil é tambem que vaadio se originaria de $va_iadivo < vagadivo$; real <reyal < regal.

De eyo, e não directamente de ego, procederia tanto

o port. eu, como hesp. yo, ital. io, etc. Se v e g intervocalicos, preexistentes em latim, puderam persistir em muitos vocabulos portuguezes, outro tanto não succedeu a d intervocalico de igual procedencia: paraiso (paradisu-), seer, depois ser (sedere), veer (vedere), creer (credere), pee, depois pé (pede-), roer (rodere), etc. Ao mesmo tempo que a dental surda, em posição media, era sonorisada pela vogal tonica a que se encostava, a dental sonora preexistente, em igual posição, era absorvida pela mesma vogal tonica. Esta consoante soava talvez como fricativa*), ao passo que a outra era occlusiva. Do amortecimento da dental em *loudar (de laudare),

*oudir (de audire) e *goudir (de gaudere) resultou desdobrar-se u em uv, tornando-se estas palavras em louvar, ouvir, e gouvir (verbo este que occorre em port. ant. e em Ord. D. Man. 5, tit. 52, e 2, tit. 38, em concorrencia

com gozar, o qual acabou por supplantal-o).

N intervocalico em uns casos conservou-se como consoante; em outros nasalisou a vogal precedente. A vogal nasalisada em muitos vocabulos mudou-se ulteriormente em

vogal pura.

L não geminado, entre vogaes, não se poude manter em paaço (palatiu-), door (dolor-), coobra (< colobra < colubra-), < poombo (< palambo < palambo < palambo-), beesta (baesta < balista-), quente (caente < calente), e em outros muitos vocabulos.

Conservou-se todavia em pelo ou pello (pilu), em malo, mala a par de mao, maa (quem malas manhas ha Sá de Mir. 430), valer e alguns outros.

É sobretudo notoria a absorpção de l nos suffixos -ulu, -ula, -olu, nas palavras cujo thema acaba em consoante labial; parvoo (parvulu-), poboo (populu-), tavoa (tabula-), diavoo, diaboo (diabolu-). Semelhantemente perigoo

^{*)} E' pronuncia conhecida ainda hoje em Portugal (Veja Gonçalves Vianna. Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes. Leipzig, Teubner, 1903).

(periculu-), não se dando aqui a mudança de que passamos a tratar.

Nas palavras formadas com o suffixo -culu, -cula, conservou-se o accento na vogal precedente, e o suffixo alterou-se em lho, lha: espelho (speculu-), artelho (articulu-), orelha (auricula-). È mudança difficil de explicar com o simples recurso do systema orthographico de que a principio dispunham as linguas romanicas para representar os diversos sons. Apparentemente, deu-se o primeiro passo na alteração phonetica, eliminando uma vogal: -culu >-c'lu>clo. Mas isto pouco adianta. Primeiro que tudo, a modificação em lho, lha, não se faria sem a previa sonorisação da consoante k, e o novo phonema devia ter qualidade palatal capaz de influir no phonema vizinho, palatalisando-o igualmente. Em vez de imaginar desde logo o desapparecimento da vogal entre as duas consoantes, deve-se antes suppor que ella persistisse a principio, e que não soaria rigorosamente como u, mas que, sendo atona, a sua pronuncia se aproximasse de i; teriamos pois spek-ulu > spekilu > spe(g)ilu ou $spe(\gamma)ilu$. Dar-se-ia depois metathese na terminação: speilu > speilu. Ao contrario da explicação antiga, que se limita a passar de um enigma a outro enigma maior, a que aqui proponho attende ás possibilidades physiologicas. Quanto ao desapparecimento da consoante, nada temos de accrescentar ao que atraz ficou dito sobre a palatal intervocalica.

Como puderam vitulus, anulus, catulus e outros semelhantes transformar-se em vitellus, anellus, catellus, etc.?

Q phenomeno importante é o da deslocação do accento tonico. Quanto ás outras modificações, são mais apparentes do que reaes. A graphia ulus não é prova de que naquelles proparoxytonos o primeiro u correspondesse sempre á pronuncia; é mais natural que o phonema u cedo se convertesse por dissimilação em e (se é que não soava quasi como i), pronunciando-se vítəlus, ánəlus, cátəlus. Quando mais tarde se deu a deslocação do accento, definiu-se o em e fechado e a consoante geminada ll vinha então significar que o dito e recebia o icto forte e era ao mesmo tempo vogal breve. A evolução seria vítulus vítəlus vitellus. Ulteriormente, e fechado podia tornar-se e aberto, como succede com o port. vitela, cadela, etc.

Persistiu l intervocalico naquelles vocabulos em que a lingua latina pronunciava a consoante geminadamente: cabello (capillu-), cavallo (caballu-), pelle (pelle-), bello (bellu-), cuitello e cutello (cultellu-), castello (castellu-) valle (valle-), gallo (gallu-), villa (villa-), villa, molle, (molle-), etc. Vê-se que era nitida a articulação demorada do ll. Se, pelo contrario, a palavra tinha em igual posição sómente um l simples, a pronuncia da vogal affectava a consoante contigua, dando em resultado articulação enfraquecida e final desapparecimento da consoante l.

Os grupos consonantaes latinos sp, st, sc passaram inalterados ao portuguez quando mediaes, e com e prothetico quando iniciaes: vespa, suspiro, peste, gosto, esperar,

estar, mosca, escrever, etc.

Os grupos consonantaes rt, rd, rv, rp, rm, rn, permaneceram intactos: virtude, parte, corda, perder, corvo, servo, corpo, serpente, forma, romper, forno, tornar, etc. A combinação rb transforma-se em rv: erva (erba-), arvore (arbore-). Grupos formados da lingual l com uma occlusiva (lp, lt, lc) persistiram em culpa, alto; em outros casos a lingual revelou-se instavel, vocalisando-se em u nas combinações alt > aut > out, alc > auc > ouc, e em i na combinação ult > uit: outro (alteru-), couce (calce-), fouce (falce-), muito (multu-), cuitello (cultellu-).

Dos grupos latinos constituidos por duas occlusivas (ct, pt) passou intacta ao portuguez a dental pronunciada por ultimo. Os phonemas c e p vocalisaram-se: a) em u nas combinações act, apt, oct: auto (actu-), trauto (tractu-), auto (aptu-), bautismo (baptismu-), noute (nocte-), doutor (doctor-); b) em i nas combinações ect, ept: aspeito (aspectu-), aceito (acceptu-), respeito (respectu-), direito (directu-). Sete filia-se ao lat. vulgar. sette septe. Em ipt, opt, ict houve primeiro assimilação de uma consoante a outra, dando lugar ás geminadas itt, ott, itt em lat. vulgar, e dahi a dental simples em portuguez: escrito scrittu scriptu; roto rotto ruptu-. De uct resultou a dupla forma uit e ut em fruita e fruta, luita e luta, truita e truta, prevalecendo porem a pronuncia ut.

A occlusiva p, consoante de transição no grupo latino mpt deixou de subsistir desde o momento em que m perdia seu valor de consoante labial, indo nasalisar a vogal pre-

cedente. Pronunciou-se $pr\~onto$ (lat. promptu-), $ass\~unto$ (lat. assumptu-), isento (lat. exemptu-). Por outra parte, gerou-se m port. entre m e r, em virtude de suppressão da vogal intermediaria, a labial de transição b: hombro < hum'ru < humeru.

dv reduziu-se a v: avogado (advocatu-), aversario (adversariu-).

mn simplificou-se n: dano, sono, condenar.

O grupo gn em agn, ogn e ugn adquiriu o valor do phonema que hoje representamos com nh: tama-nho (tam magnu-), camanho (quam magnu-), anho (agnu-), punho, punha (pugna-), repunhancia (linguagem encontravel em escriptores quinhentistas), conhecer (cognosce-re), cunhado (cognatu-).

A combinação ign simplifica-se em in: sino (signu-), dino (dignu-), ensinar, etc. O latim insigne vem romanceado em quinhentistas (Heitor Pinto) ora como insigne ora como insinhe. Á reacção erudita deve-se o restabeleci-

mento de qn em varios casos.

Nos grupos rs, bs, persiste a sibilante, e desfaz-se a articulação da vibrante e da occlusiva, podendo esta resolver-se em u. Nos vocabulos usso (ursu-), dosso (dorsu-), cosso (< corso < cursu-), e seu derivado cossairo, cossario restabeleceu o port. mod. rs, por influencia da linguagem culta. Outro tanto não succedeu com avesso (adversu-), travesso (travessu-), pessego ou pecego (persicu-) e pessoa (persona-).

Da alteração do grupo bs são exemplos ausente (absente-), assolver, assoluto, ausoluto (absolvere, absolutu-),

asconder, esconder (abscondere).

Quanto á mudança dos grupos cl, /l, pl na consoante chiante, veja-se pags. 33-35 desta obra.

Os sons em portuguez e sua representação

Cabe á grammatica historica traçar e explicar, primeiro que tudo, as diversas modificações por que passaram os phonemas de uma lingua no decorrer dos seculos. Da phase primitiva tratámos nas paginas precedentes. Daqui em diante teremos de attender ao objectivo bem definido da presente obra. Só incidentemente nos occuparemos da epoca durante a qual o latim ou romanico, em certa parte da peninsula iberica, se foi transformando em idioma portuguez. Não cotejaremos phonetica portugueza com phonetica latina, e sim textos portuguezes com textos portuguezes, os quaes durante longo periodo não offerecem á pesquisa phonetica outra informação mais que as letras representadoras dos phonemas.

Espinhosa e ardua, portanto, a estrada que permitte chegarmos a resultados positivos. De hoa mente cremos que a pronuncia dos lusitanos da era de D. Duarte diversificava bastante do falar dos tempos de D. Affonso Henriques, e que, proferidas por Filinto Elysio, as palavras já não soavam exactamente como em hoca de Camões ou de Vieira. Mas as palavras de todos estes tempos voaram e desappareceram; ficaram sómente os escriptos. E nestes ha mais semelhança que disparidade, pela sabidissima razão de ser a tradição

escripta muito mais conservadora que a oral.

Daqui se segue que a proposito de vocabulos que sempre se escreveram da mesma maneira, e de letras e combinações de letras cuja applicação não differe da hodierna, só poderemos dizer que apparentemente a pronuncia não tem variado. A nossa phonetica historica occupar-se-á, portanto, unicamente dos casos em que a diversidade da escripta fornece elementos para o estudo da evolução dos phonemas depois de constituida a lingua portugueza.

AS VOGAES

Vogaes simples

A distinção que em Portugal se faz entre a aberto e a fechado data de longo tempo. Não teria nos primeiros seculos da lingua escripta a mesma extensão que hoje tem; mas que a fechado existia em port. ant. conclue-se da circumstancia de representar-se ás vezes, em syllaba atona, a etymologico pela letra e, e outras vezes e etymologico pela letra a: ventajem, estronomia, estrolosia, estroso, rezom, epocalipse, fantesia, mes (em Leal Cons. alternando com mas), abobedas, tomas de equino (Leal Cons.), apistola (ib. 302), avangelho (ib. 302), etc.

A vogal a podia enfraquecer-se e desapparecer, como nas combinações atéqui, atélli, atégora, algüora, ainda usadas nos sermões de Vieira. Jele, jela (por já elle, já ella), encontraveis em J. Ferr. Eufr., pertencem á linguagem popular. Algorrem (G. Vic. 1. 257) seria antes algurem de algürem (algüa rem) á semelhança de algüora. Algo era pronome absoluto, não se dizia acompanhado de substantivo.

"a proveniente de e é raro, sobretudo em syllaba tonica. Em port. ant. havia a preposição antre (inter), usada ainda por varios quinhentistas. Camões e os que aprenderam a sua linguagem restabeleceram a forma entre. De pietatvieram não sómente piedade e os respectivos derivados, mas ainda as variantes, piadade, piadoso, apiadar. Para as formas rhizotonicas firmou-se o uso da vogal a; para as restantes oscillam os escriptores (ainda os seiscentistas) entre a e e. Vieira tem piadoso (Serm. 3, 488, 489), piedade (ib. 3, 489).

Desapparece a vogal e da preposição de ligada a elle, ella e o. Em port. ant. era usual ligar-se do mesmo modo

a particula a outros vocabulos, como dagua, doutro; mas de Camões em diante pratica-se semelhante elisão com bas tante sobriedade.

Abandonou-se de todo a antiga pratica, ainda seguida por alguns chronistas do seculo XVI (Castanheda por exem plo), de eliminar a vogal terminal de outras preposições e combinal-as com o pronome elle (antrelle, perantelle, parelle sobrelle), ou com o demonstrativo (sobristo, sobrisso).

Perda effectiva de e terminal houve em certas formas verbaes (quiz, fez, poz, etc.), como veremos em seu lugar

Não é proprio da evolução do idioma portuguez, e sin a expressão de mero gosto literario individual, o empreg desenfreado da elisão que se nota nas obras de A. Ferreira O autor dos Poemas Lusitanos quiz talvez imitar o estilitaliano do poeta Dante ao escrever: não m'és pai, rompa s'alma, salvas-lh'alma, com que t'ama, t'andassem, se s'art usar, qu'alma já via, que m'ouves qu'o vês, etc.

u transformado no ditongo ui occorre em fruito, muito mui, enxuito, ventuira (F. Lopes, D. J. 227 e passim), chuiv (Corte Imp. 36; 116, tres vezes; F. Lopes D. J. 310), luit (Leal Cons. 103), truitas (rimando com fruitas, Sá de Mil

250), escuitar (S. Josaph. 13).

Recente e pedantesca, sem fundamento na pronunci nem na tradição, é a graphia que põe e em lugar de i na palavras igual, idade e respectivos derivados. Topam-se ir numeras vezes estes vocabulos, e sempre com a inicial em quaesquer escriptos antigos ou modernos até o secul XVIII. É a graphia de Filinto Elysio e é a de Herculance

Quanto ao vocabulo *igreja*, a pronuncia primitiva eracomo se vê pelos textos antigos, *eigleisa*, depois *eigreja*. A syllaba *ei* inicial, sendo atona, mudou-se finalment

em i. O vocabulo passou a pronunciar-se igreja.

Igreja, com i, é escripta usual em port. quinhentist e seiscentista. Assim sempre em Heitor Pinto (2, 214, cinc vezes; 2, 137 passim), em Amador Arrais (468-70 cinco vezes; 502-505, dezoito vezes), em Castanheda (1, 56-57, sei exemplos), em Frei Luiz de Sousa (2, 196-200, nove casos em Antonio Vieira e Bernardes (innumeros exemplos).

A pronuncia de *i* inicial no referido vocabulo documenta-se tambem na linguagem antiga. È *igreia* a lição c D. Duarte, Leal Conselheiro (54, tres exemplos; 111, tre

exemplos; alem disso, nas pags. 70, 103, 114, 115, 119, 121, 129, 138, 195 e 299). Em outras obras antigas adopta-se comtudo a graphia egreja. Tal é o caso em S. Graal, em Corte Imperial (à pag. 138 ha quatro exemplos), em Fernão Lopes, Chronica de D. João (vejam-se as pags. 24, 25, 80, 86, 87 e outras).

Esta dissonancia de representar a palavra com e inicial parece explicavel por acudir á mente a escriptura de ecclesiasticus, ecclesia da lingua em que se celebra a missa. Não se estampando no espirito nem tão viva nem tão pronta a imagem dos etymos de igual e idade, puderam est'outras dic-

ções ao mesmo tempo escapar da graphia reversiva.

O falar moderno, tomando por norma a linguagem de Camões, poz termo á deslocação de i, corrigindo em -ario o outrora predilecto -airo de vigairo, campanairo, sudairo, contrairo, corsairo, etc. De cartairo (F. Lopes, D. J. 299) ou cartario (ibr 6) fez-se cartorio.

Restabeleceu-se o prefixo latino em inflammar (Leal Cons. 41 a 50: enframado), infamado (F. Lopes, D. J. 349 e passim: emfamado), mas conservou-se ensinar, e escreve-se

engenho por ingenho.

Vogaes duplicadas. — Pela medição de versos dos antigos cancioneiros vê-se que leer, creer, seer, teer e veer eram vocabulos dissyllabicos com accento tonico no segundo e. Menos facil é atinar com a pronuncia que teria aa, oo

e ee em outras palavras.

O primeiro dado para a solução do problema offerecem aquellas palavras em que houve aproximação das vogaes pelo desapparecimento de algum phonema intermedio; em segundo lugar estão os vocabulos em que uma das vogaes parece ter vindo em substituição da consoante desapparecida. Mas a occorrencia da antiga geminação ultrapassa esse schema; e se os escriptores, ignorantes, como eram, das leis linguisticas, faziam orthographia consultando o ouvido, trata-se de um caso de summo interesse.

A vogal duplicada tanto podia vir em syllaba tonica, como em syllaba atona (geeral, ceeos, doo, perigoo, poboo, diaboo, door, voontade), com o que se prova que era a sua pronuncia independente da accentuação. A regularidade com que se usava em certos vocabulos, ao mesmo tempo que em

outros nunca se dobrava a vogal, permitte admittir em aa, ee, oo pronuncia diversa de a, e, o. Consistiria, no primeiro caso, provavelmente em demorar um pouco a voz, fraca a

principio e logo mais forte.

Alem de outros muitos casos, que aqui não enumeramos, é de notar em varias obras antigas o emprego constante da vogal dobrada na terminação -aaes, plural de -al. em -ees, plural de -el, e nas vogaes nasaes dos ditongos -ãao, -ãaes, ãoes provenientes de formas latinas, em -anu, -ane, -one, e tambem ũu nos vocabulos ũu (graphado ás vezes hũu) e seus compostos, commũu, consũu.

i, j, y

Se na applicação das letras do alphabeto, feita em port. ant. diversamente do uso hodierno, se consegue descobrir em geral algum systema ou tendencia que projecta luz sobre a pronuncia daquelle tempo, falham em todo o caso os esforços para explanar a notoria confusão que então se fazia

com o emprego das letras i, j e y.

Facto admissivel como certo é que naquellas palavras onde hoje escrevemos e pronunciamos j, a pronuncia antiga não diversificaria da nossa, embora nas ditas palavras puzessem ora j ora i, como em peleja e peleia, seja e seia, aja e aia, junto e iunto, jaz e iaz. Mas não se percebe o que viria fazer j em ajnda por ainda, nem em jguaaes a par de

yguaaes e iguaaes.

Em syllabas atonas, e em geral nos casos onde ao i pronunciado rapidamente se seguia outra vogal, como em speriencia, speciall, martires, proprio, giolho, observa-se de preferencia o emprego de i. Onde, pelo contrario, a voz se demorava, ou podia demorar-se, escrevia-se com mais frequencia y: assy, sy, ryjo, todavya, hyr. Isto, comtudo, não era regra que peasse o escriptor ou escrevente. A mesma palavra podia vir em uma frase com y, e com i na frase seguinte. Assim vemos guysa e guisa, bullyr e bullir, etc.

Tambem no principio da palavra podia achar-se y como

Tambem no principio da palavra podia achar-se y como em ydade e ygual, que outras vezes se escreviam hidade.

igual e jgual.

Usualissimo era y nos ditongos, sendo esta pratica se

guida ainda por escriptores quinhentistas e seiscentistas. De Heitor Pinto são estes exemplos: arrayal, atolleyro, primeyra, deyxou, cotrayro, desfeyta, roseyras, foy, peyto, muyto, pregoeyros, rey, reyno, alem de muitos outros. Com tudo isto escreviam-se de ordinario com i as palavras mais, pois, depois.

A duplicação ii occorre em Fernão Lopes em assiinadas e a cada passo em tiinha, alem de outros vocabulos. O emprego de ii em consijrar é commum no Leal Conselheiro e

outros escriptores antigos.

Vogaes nasaes

As vogaes \tilde{a} , \tilde{r} , \tilde{r} , \tilde{o} , \tilde{u} , procedem em geral de vogaes puras que tomaram antecipadamente a nasalidade de m ou n, desapparecendo a articulação destas consoantes. Observa-se o phenomeno nos monosyllabos tam, quum, cum (com), sum (som), mas não se verifica na maior parte dos vocabulos que na lingua-mãi se escreviam com m terminal, porquanto, para taes casos, já nesta lingua se havia dado a redução da pronuncia da consoante final. (Veja-se a este respeito Sommer, Handbuch, §§ 166 e 176, 5).

Vogal nasal proveniente da absorpção de n seguido de outra consoante, é facto normal em portuguez, como em outros idiomas romanicos: ereo (cinco), dãsa (dança), mãso (manso), pesar (pensar), frãgo (frango), domigo (domingo),

mõje (monje), trõco (tronco), etc.

À difficuldade sentida em portuguez de articular uma consoante nasal posta no fim do vocabulo, remediou-se nasalando a vogal que a precedia. Assim originaram-se de palavras em n: $b\bar{v}$ (ben), \bar{u} (un), $c\bar{a}$ (can), $p\bar{a}$ (pan), $opini\bar{o}$, $for\bar{o}$, $am\bar{a}$, $vir\bar{o}$, $sentir\bar{o}$, $recebi\bar{a}$, etc. Alem do til (que outra cousa não é senão n engenhosamente sobreposto á vogal), servia tambem de indicar a vogal alterada o accrescimo de uma das letras m ou n.

Semelhantes entre si, mórmente se não eram oxytonas, as finaes $-\tilde{o}$ e $-\tilde{a}$ deviam confundir-se ao cabo de certo tempo. Accelerou o processo o juntar-se a \tilde{a} a vogal o, dando o ditongo $-\tilde{a}o$. Assim diversificavam em L. de Esopo 27 e

28 leom e leam, e, entre os quinhentistas, se escreve na mesma linha estavam e tornavão (H. Pinto 1, 97), andam e andão (ib. 1, 98), descobrirão e ganharam (ib. 1, 99), sem contar virám (futuro), choram, hiam, nam, sam (ib. 1, 256). As duas edições dos Lusiadas de 1572 empregam como differença que mais dá nos olhos, segundo a frase de Epiph. Dias, uma, de preferencia a graphia -ão, a outra -am tanto nas syllabas atonas como nas tonicas.

Em tempo de Vieira as duas terminações se usavam indifferentemente:

Depois os seguiram e abraçárão... e se consagraram (Serm. 3, 52)—Ouviram a palavra de Deos e guardarãona... ouvirão a palavra de Deos e guardarãona (ib. 3, 52)—Petiçam, liçam, eleiçam, acçam (ib. 3, 66, 67 e passim)—Temerám, baslarám, (formas de futuro, ib. 3, 88 e passim)—Declaração, acção (ib. 3, 134).

Notavel é o desapparecimento da terminação -om, usualissima em port. ant. e que se conserva na linguagem moderna, dos quinhentistas em diante, sómente em bom, dom, som, trom, com e tom.

Concorreu para a fusão das primitivas terminações no ditongo ão a preexistencia do referido ditongo em camada mais antiga da linguagem, e oriundo de n intervocalico: mão (mã-o de manu-), christão (christã-o de christianu-), são (sã-o de sanu-), vão (vã-o de vanu-), chão (chã-o de planu-), pagão (pagã-o de paganu-) e outros. Desta alteração escaparam anno e panno, vocabulos não menos antigos, certamente em virtude da consoante geminada. Nas formas femininas christãa, pagãa, irmãa, etc. pronunciou-se a principio ã-q, isto é, separando a desinencia da nasal thematica.

Vogal nasal proveniente de n intervocalico occorre ainda em lüa (luna-, port. mod. lua), bõo (bonu-, port. mod. bom). Reducção da nasal á vogal pura observa-se em port. ant. em meos, al de meos, meor, comeos, que em port. mod. volveram a: menos, menor, comenos. Manteve-se entretanto noa (de nona) na locução hora de noa, e mosteiro (port. ant.

mõesteiro de monasteriu-).

Antão, Fernão e port. ant. diamã(o) e demom resultaram respectivamente de Antonio, Fernando, diamante e demonio, tendo a pronuncia desprezado a syllaba final ou parte della. Ao mesmo processo se devem as formas sã(o) (por

santo) usada antes de nome que comece por consoante, e grã(o) por grande, de que se serviu Camões varias vezes e

que se conservou em *Grão-Pará*, *Grão-Mogol*, etc. Está á espera de solução o obscuro problema das vogaes que se nasalaram sem terem apoz si n ou m. O phenomeno é, sobretudo, notavel em i terminal, tendo-se dado depois de constituida a lingua portugueza. Si (lat. sic), ainda usado nos seculos XVI e XVII, transformou-se em sim: assi, frequentissimo ainda em Vieira, converteu-se em assim. A rubi de outrora prefere-se hoje rubim. Com o pronome mi já em port, ant. poude coexistir a forma mim. De madre e multu vieram respectivamente mai e muito, nasalando-se mais cedo a tonica do primeiro destes vocabulos.

No extraordinariamente usado muito, foi tão tardia a mudança, que o cantor dos Lusiadas ainda podia dar-lhe para rima fruito e enxuito. Não se sabe a data da alteração definitiva, porque em muito e mui nunca se assignalou — caso unico — a vogal nasal pela escripta. Que em port. ant. se pronunciava a tonica como u puro é fora de duvida, porque, em caso contrario, não lhe faltaria o til, signal tão pro-

fusamente usado naquella epoca.

Se houve influencia progressiva de m inicial, esta accão não foi alem dos vocabulos monosyllabicos terminados em i: mãi, mi mũi e do possessivo mia (minha) por mia. Por analogia de mũi se passaria a dizer mũito. Por effeito do n inicial o lat. nec teria dado nem em portuguez.

Para a forma pronominal sim, em lugar de si, usada por Damião de Goes (não occorre em outros escriptores), influiu em parte o adverbio sim, em parte o pronome mim.

Explicando-se como tendencia geral os diversos casos de nasalação de i tonico no fim das palavras, não se saberá dar a razão da resistencia da vogal nos pronomes ti e si, assim como em alguns substantivos. Isto sem falar de i

como terminação verbal.

Uma nasal pode exercer acção sobre outra. Assim, por effeito da nasal interna de membrar (de mem(o)rar-), desas-similou-se a consoante inicial, transformando-se o vocabulo primeiro em nembrar e finalmente em lembrar. Estas duas formas occorrem simultaneamente em port. ant. Nenbrar, nenbrança testificam-se, v. g., em Leal Cons. 7, 11, 15, 76; lembrar, lembrança na mesma obra, pag. 11, 41, varias vezes. Outro exemplo de desassimilação regressiva é o da locução no mais por não mais. Alem do conhecido exemplo camoneano No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho destemperada e a voz enrouquecida, podem-se mencionar:

Mas pague-me vossa mercê o meu aluguer, no'mais, que me quero logo ir (G. Vic. 3, 220 e passim) — Estiveram para ho matar. no'mais que por ser christão (Castanh. 2, 15) — Avia no'mais de hū anno (ib. 3, 77) — No'mais que ho inverno da India (ib.).

Nas contracções co, cũa (de com o, com hũa), de que ha bastantes exemplos em quinhentistas (veja-se a edição dos Lusiadas de Epiphanio Dias), e que ainda hoje se ouvem em boca de lusitanos, deve-se a perda da nasalidade de com á rapidez e pouco esforço com que se pronuncia esta palavra atona seguida de artigo, que é outro vocabulo atono.

As formas enxempro, enxecuçom, enleger, frequentes em port. ant., porem abandonadas em port. mod., produziram-se naturalmente por contaminação dos vocabulos formados com o prefixo en (ensinar, enduzer, etc.).

Inserção de i

As dicções meio, meia, veio, veia, seio, cheio, cheia, receio, correio e outras do mesmo genero, que hoje se escrevem com i por ouvir-se nellas claramente um som palatal, representavam-se em port. ant. quasi sempre simplesmente com a terminação -eo, -ea. Poucas vezes occorrem as graphias meeo, meyo, veyo, a par de meo, veo, etc., nas obras daquelle tempo.

Devia pois a pronuncia do port. ant. differir da moderna; que, a ser identica, não havia motivo para dispensar i ou y em taes dicções, quando em outras tanto uso e abuso

se fazia destas letras.

Ao amortecimento de n entre a vogal tonica e a final em vena-, plenu- (a linguistica de hoje não permittiria crer em queda subita) seguiu-se de certo a producção de outro phonema compensativo. A evolução fez-se naturalmente deste modo: $vena > v\bar{e}a > veea > vea$. De sorte que o apparecimento de i é posterior.

Quanto ás palavras que tiveram di antes da vogal terminal não se pode repudiar a conclusão da existencia de i primitivo; pois que teriamos: mediu < mecio > meio. O des-

uso da palatal no port. ant. em vocabulos desta especie de ve-se attribuir á influencia da pronuncia de vea, freo, cea,

cheo, etc.

Foi tal a acção da analogia, que a terminação $\cdot eo$ chegou a ser pronunciada como ditongo. Assim, conta-se como uma syllaba veu (= veio do verbo vir) em Suspirou-se me-thor, veu outra gente (Sá de Mir. 223), e seo (= seio) rima com deu em E meteo-the a mão no seo (ib. 386). Analogos exemplos de seo, receo, veu occorrem em Λ . Ferreira.

Camões não se conformou com a pronuncia consagrada pela linguagem literaria, e ainda menos com a reducção das duas vogaes a ditongo. Que, segundo o poeta, se podia e devia pronunciar o i, conclue-se dos innumeros exemplos de oreio, meio, seio, cheio, feio, alheio, etc., que se encontram nos Lusiadas, embora outras vezes as mesmas palavras appareçam graphadas — effeito da lei da inercia — pelo antigo systema. Valia a terminação em todo o caso sempre por duas syllabas.

Autores posteriores a Camões preferiram muitas vezes

a graphia tradicional.

Ditongos oi e ou

O ditongo oi procede de fonte diversa da que deu origem ao ditongo ou. A subjuntiva i representa um antigo e palavras boi (hove) e sois (sondes), e reproduz o i primitivo em foi. Em port. ant. a vogal de syllaba tonica podia attrahir a vogal i da syllaba seguinte terminada em -io, -ia. O ditongo oi, proveniente de metathese, observa-se em vocabulos como coifa (cofia), goiva (gubia), e particularmente na terminação -oiro por -orio: Doiro (Duriu-), ajudoiro (a(d)jutoriu-), agoiro (a(u)guriu-), tesoira (to(n)soria), suadoiro (su(d)atoriu-).

Inconfundivel com esta terminação era -ouro procedente do lat. -auru. Assim escrevia-se invariavelmente louro (lauru-), ouro (auru-), mouro (mauru-, porem moiro de morior), tesouro (t(h)esauru-, porem tesoira de to(n)soria), touro (tauru-). Outros exemplos, alem dos desta especie, mostram que o primitivo ditongo au, quer do latim, quer de outra procedencia, deu em port, literario ou, e não oi. Basta lembrar:

ou (au(t), pouco (paucu-), rouco (raucu-), outono (autu(m)nu-), ouvir (au(d)ir-), houve (*haubi de habui), soube (*saubi de sapui), vou (*va(d)u de vado), roupa (*raubha), etc.

Com o ditongo ou, e não oi, entraram na linguagem literaria: outro (alt(e)ru-), couce (calce-), toução, Sousa, Vouga, moução, outorgar, couto, doutrina, noute, souto, chouto, couve, choupo, rousar, açougue, azougue, açoute, mouco, amou-

co, louco, touca, roubar e outros.

À influencia deste amplo emprego da subjuntiva u não puderam escapar os vocabulos que a principio se diziam com a terminação -oiro: Doiro passou a ser Douro, e moiro (verbo morior) identificou-se com mouro (substantivo). Por outro lado porem gerou-se a par de noute, a forma noite, que é a usada actualmente; a par de outo, outavo, outenta, outubro, vieram a usar-se oito, oitavo, oitenta, oitubro, tres dos quaes conseguiram desalojar os antigos competidores. Á forma açoute, ainda usada em Leal Cons. 276, prefere Vieira açoite em Serm. 3, 236 e 446.

Os primeiros exemplos de uso de oi por ou não são comtudo, prova de evolução definitiva. Em Leal Cons. 302 e, entre quinhentistas, em Heitor Pinto 1, 268 e passim lê-se noite, noytes; mas restabelece a antiga forma noute Bernardes em Luz e Calor, 511 e outros passos. Nesta mesma obra de Bernardes encontra-se outeyro á pag. 538, como em port. ant. muitas vezes em Chrest. Arch. 53 e em S. Graal, ao passo que oiteiro é a lição de Vieira em Serm. 3, 94 e 5, 169-170 (tres vezes), mas outeiro 6 vezes em Serm. 5, 404. No poema de Camões occorre sómente a forma outeiro. Assim em Lus. 5, 30; 5, 35; 5, 83; 6, 92; 8, 35; 9, 54; 9, 55 e 9, 57.

Levadas em conta as palavras oito (e derivados excepto outubro), noite e outras, cujo numero em todo o caso não é grande, o uso generalisado do ditongo ou perdurou até que no seculo XIX Castilho Antonio e alguns outros, a quem melhor soava a forma dialectal oi, se puzeram a escrever systematicamente oiro, tesoiro, etc., vezo esse que nunca se apossou de outros escriptores não menos notaveis (e nesta conta está Herculano), como tambem não contaminou a maior parte dos escriptores actuaes, principalmente brasileiros, que preferem conservar-se fieis á tradição.

Note-se que essa tentativa de dialectisação parcial da

linguagem literaria ficou circumscripta a alguns typos de palavras, deixando sempre illesos da innovação termos como outro, doutor, açougue, couve, etc., nos quaes certa pronuncia regional lusitana usa o ditongo igualmente com a subjuntiva i.

Ou por u inicial usou-se, durante algum tempo, em oufano (Heitor Pinto e outros). Ou por o inicial escreveu-se outrora em ouceano, ouriente, oulá, oucioso e alguns outros vocabulos. Prouximo por proximo lê-se a miudo em D. Duarte, Leal Conselheiro.

Consoantes geminadas

O emprego das consoantes geminadas rr e ss no interior das palavras, entre vogaes, funda-se na necessidade de representar pela escripta sons que, sem essa precaução, se confundiriam com outros. Não dispunha o alphabeto commum senão de um symbolo unico tanto para o r lene, como para o r rolado. A duplicação da letra no segundo caso foi o engenhoso expediente que occorreu para differençar carro de caro, ferro de fero.

Impunha-se igualmente a necessidade de representar de maneira differente s surdo e s sonoro. Resolveu-se o problema, graphando rosa, caso, cousa, e, de outra parte,

nosso, vosso, possuir.

O port. mod. conservou até o presente o mesmo criterio no emprego de rr e ss intervocalicos. Ao port. ant. pareceu conveniente geminar, alem disso, as consoantes ainda em casos onde r é sempre rolado e s é sempre surdo, a saber, no principio dos vocabulos e em posição interna apoz consoante ou vogal nasal. Assim depararam-se-nos frequentemente ssegundo, consselho, pulsso, rreyno, rrico, rreligião, onrra, hõrra, ssaber, sse, penssar, enssinar.

Por muito estranha e desnecessaria que nos pareça a

geminação em taes vocabulos, ella tem em parte explicação razoavel, desde que se leve em conta o antigo systema de

escrever.

Os procliticos vinham, de accordo com a pronuncia, frequentemente ligados á palavra seguinte, como desseu por de seu, asseu por a seu, ossexto, por o sexto, orreyno,

e os encliticos uniam-se á palavra precedente, não se recorrendo ainda ao emprego do signal hyphen; de sorte que apparecia se como intervocalico em devesse por deve-se, po-

sesse por pose-se, faziasse por fazia-se.

Obscuro é o motivo da geminação ll em apostollo, epis tolla, Paullo, capitullo, tall, mall, quall, geerall, etc. de que ha exemplos de sobra no livro da Virtuosa Bemfeitoria, no Leal Conselheiro e em Fernão Lopes, Chronica de D. João. As obras latinas que constituiam a principal leitura desses tempos, e donde se tiravam alguns dos referidos vocabulos directamente, deviam antes induzir a fazer uso do l simples.

Tambem não é nada transparente a causa da geminação, usual por essa epoca, de ff em benefficio, benffeitor, benffeituria, ffe, perffia, magniffico, signiffica quando ao

mesmo tempo se escrevia benfazer, fazer, etc.

Estas duplicações de ll e ff, desusadas na linguagem moderna, sem fundamento na etymologia nem na analogia, não se devem attribuir tão pouco ao mero prazer de accumular letras inuteis para dar aos vocabulos aspecto mais elegante. Se dominasse este mau gosto, não haveria motivo para deixar de enfeitar tambem outras palavras da mesma maneira, ou para manifestar-se parcimonia ou abstinencia quanto á duplicação de p, t e c.

Possivel é que com essa curiosa geminação de *ll* e *ff* quizessem os antigos escriptores significar que em alguns vocabulos, ou em algumas occasiões, a vogal junto a *ll* ou

ff recebia intonação ou icto forte, más muito rapido.

Fosse este o movel ou outro qualquer, o certo é que deu por terra com tal systema orthographico a reacção do port. mod., firmando cada vez mais a doutrina de subordinar a representação das palavras do nosso idioma ao que estava estabelecido na lingua de Cicero e Vergilio. E aónde não podiam chegar os conhecimentos etymologicos, suppria-se, em materia de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o superfluo ao estrictamente bastante, como em chinello, panella, janella, etc.

Presentemente fazem-se tentativas no sentido de sim-

plificar a escripta.

Emprego da letra h

Em port. ant. o emprego do h inicial não era determinado pela preoccupação etymologica. Isto se vê nos documentos publicados na Chrestomathia Archaica² de J. J. Nunes e nos Textos Archaicos² de Leite de Vasconcellos. No Foral da Guarda encontramos homēes a par de omēes, onrrar, ospede. Na historia do Castello Perigoso occorrem horações, honde, oras a par de homem, homrado.

Com h apparece geralmente escripta a forma verbal

ha, mas sem h aver, ouve, avemos, etc.

D. Duarte, no Leal Conselheiro, falando na duração dos diversos officios da capella, escreve a cada passo oras sem h. Fernão Lopes grapha, como os seus contemporaneos, husar, husança, huniom, hi, hordenar, homde alternando com onde, hir, homrroso e desomrra.

Denotaria o h inicial o pequeno esforço com que proferiam, ou suppunham proferir, a vogal inicial de alguns vocabulos. Isto resalta sobretudo dos monosyllabos he, hū, hi (ainda hoje ahi), nos quaes se respeitou esta escripta ainda muito tempo depois de modernisado o systema orthogra-

phico medieval.

.. O espirito da Renascença, aproximando-se mais do latim, supprimiu h em algumas palavras, e restabeleceu-o em outras. Ficaram algumas excepções, como as que acabamos de mencionar, com a dita letra, e sem ella outras que etymologicamente a deveriam ter. Os quinhentistas não se puderam resolver todos a deixar de escrever aver, como dantes; e só entre os seiscentistas se começa a generalisar a graphia haver.

O h interno do possessivo do port. ant. mha, também escripto mia (Testam. de D. Aff. II), e sempre contado como uma syllaba, equivalia ao som i pronunciado muito rapidamente, ou talvez como consoante. Igual pronuncia te-

ria o h interno de cambha, saibha.

Permuta de / e r

Aos antigos incolas de Portugal que adoptaram o falar dos dominadores romanos cram sobremodo estranhos os grupos consonantaes latinos cl, fl, pl. Accommodando-os aos seus habitos de phonação, substituiram-nos pela chiante surda: chamar (clamare), chave (clavis), chamma (flamma), cheivar (flagrare), Chaves ([aquas] Flavias); chão (planus), chuva (pluvia), chato (platus), cheio, encher (plenus, implere), inchar (inflare), chumbo (plumbum), chorar (plorare), chaga (plaga), chantar (plantar), choupo (plopus, metathese de populus), chus (plus).

Não duraria muito a phase da surpresa. Com o descostume do falar indigena e o exercicio da pronuncia na acquisição de novos vocabulos latinos, a difficuldade devia estar vencida mais ou menos na segunda geração. Não se reformou comtudo a maneira de proferir certos termos de uso diario (a maior parte dos supra-mencionados), que desde logo se arraigaram, obliterando-se da memoria a sua conne-

xão com as respectivas expressões latinas.

Naquellas palavras que cedo se introduziram em portuguez com os grupos consonantaes latinos, observa-se a

frequente troca de l por r.

Esta permuta, de que resulta tornarem-se cl em cr, fl em fr, pl em pr, estendeu-se a bl e gl, que alternam respectivamente com br e gr. Em certos vocabulos, como prazer, dobro, regra (reg(u)la), nobre (nob(i)le), igreja (ecclesia), a alteração ficou definitiva; em outros não passou de um phenomeno temporario, posto que, para certos casos,

perdurasse até o seculo XVII.

A causa da longa vitalidade das formas duplas, conquanto não esteja explicada, deve, todavia, ser de ordem psychologica, e não physiologica. Concorreu a analogia; mas porque se manteve o luxo das formas parallelas? Praga e plaga, com a mesma significação, se lê em Fernão Lopes, D. J. 279. Claros, clara no mesmo autor a pags. 2, 3, 345; mas em Sá de Miranda (ed. Mich.), com ser autor bem mais moderno, volta, de vez em quando, a saudade de craro. Planta occorre em Corte Imperial 36; o quinhentista Heitor Pinto usa frequentemente prantar, mas tambem plantas 1, 32. Notavel predileção se manifesta em port. ant. por simprez, pubrico, freyma, enframado, Ingraterra, ingres.

Tenaz é a permanencia de *ingres* ou *ingrez*. Quando em tantas outras palavras se havia restituido definitivamente o etymologico *l*, Vieira ainda lhe presta homenagem na de-

dicatoria que serve de prefacio a um dos volumes dos seus sermões (ingrezes 11, IV, ingreza ib. 11, IV). As duas edi-ções dos Lusiadas de 1572, alem do pelicano com o bico para a direita em uma, e com o bico para a esquerda em outra, e pequenas variações de texto, differençam-se ainda, preferindo uma o *ingles* com l, a outra o *ingres* com r.

Da antiga linguagem persistem em ambas as primeiras

edicões do poema camoneano: frauta, sembrante, Frandes,

pubrico, pranta, pruma.

A duvida sobre a maneira de proferir os grupos consonantaes, em que o segundo phonema era etymologicamente um l, influiu regressivamente em certas palavras com r etymologico. Exemplos disto são descliçom (= descriçom) (Leal

Cons. 13, 15); complazer (ib. 13).

Troca de l'intervocalico por r é phenomeno raro; em clelugos (menos frequente do que clerigos) (Leal Cons. 16), pirollas (= pilulas) (ib. 66 e 334), priol (prior) e cellorgiães (= cirurgiães) influiu a presença de l ou r em syllaba proxima. São casos de assimilação (ou dissimilação) ora progressiva, ora regressiva.

Em Corte Imperial 46, occorrem abundantes exemplos de plular, plularidade, em que é visivel a acção da analogia de singular, singularidade. Seriam vocabulos de pronuncia difficil; um tanto melhor era plurar, preferido mais tarde por Vieira (Serm. 9, 115; 2, 283 e passim). A uma e outra forma avantaja-se o hodierno plural, de accordo com o latim, por alternarem regularmente as consoantes l e r.

 repetição de r evitou-se ás vezes, omittindo o som na syllaba atona. Temos prostar (por prostrar) em Vieira, Serm. 6, 636; 7, 494 e passim; porem Frandes em Cam., Lus.; rosto em Cam., Lus. e frequentissimo em Vieira 6, 319 e 334; 7, 282 e passim, ainda que rostro reappareça, alternando com rosto, em Bern. L. e C. 447 e N. Flor 2, 132; terrestes (para que teria concorrido celeste) em Vieira, Serm. 8, 437 e 438. Hoje preferimos rasto a rastro; mas conservamos lastro e dizemos mastro, apesar de masto em Barros, Dec. 1, 1, 13. Vieira tem masto (Serm. 9, 332) e mastro (ib. 7, 157).

Frequente em port. ant. era a metathese de r, pro-curando este som a contiguidade de outra consoante (principalmente c, t, p e f): Fremoso, fremosura, afremosentado

(S. Josaph: 27 e F. Lopes, D. J. 2, 2, 3, 3); Crasto (Castro). Restos deste processo são preverter, trocer, retrocer (Mello, Ap. Dial. 149 e diversos passos dos Serm. de Viei-

ra); graganta (Arr. 10).

A estas trocas de lugar, alliadas á possibilidade de se substituir um phonema a outro, devem-se as variantes ffiglesia, ffijgrisia, ffiglisia, ffriglesia e flijgisya dos titulos gallegos de venda e emprazamento reproduzidos por Leite de Vasconcellos em seu livro Textos Archaicos. A unica cousa que não apparece em meio de tanta variedade é a palavra freguesia.

Accrescentem-se a estes exemplos de permuta competra (Leal Cons. 301, 3 vezes) por compreta = completa, entre-

petar = interpretar (ib. 306).

Influencia dos encliticos

Escreviam-se outrora os encliticos unindo-os, sem separação alguma, á palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta pratica ainda em tempo de Vieira e Bernardes. Aqui servir-nos-emos do hyphen de maneira tal, que se possa apreciar a acção phonetica do vocabulo atono.

O enclitico lo, cujo emprego tem lugar junto as terminações verbaes em consoante (r, s ou z), ou junto aos pronomes nos, vos, apparece desde os mais antigos tempos da lingua portugueza com effeito reductivo sobre a consoante precedente. As consoantes terminaes assimilam-se primeiro ao, l do enclitico, resultando d'ahi: nol-lo por nos-lo, vol-lo por vos-lo, amal-lo por amar-lo, dail-lo por dais-lo, destel-lo por destes-lo, fal-lo por faz-lo. Mas o phonema geminado reduziu-se, finalmente, a l simples.

Nas mesmas condições empregou a linguagem popular — e esta pratica perdura ainda em alguns falares regionaes de Portugal — a palavra lo como artigo, em razão de poder o artigo, na pronuncia rapida, passar de proclitico do substantivo a enclitico de alguma palavra precedente.

Não teve a gente culta, entretanto, tal cousa por bastante elegante ou melodiosa para aceital-a geralmente na linguagem literaria. Admittiu a junção com certas preposições, como pel·lo, pol·lo, mas usou ainda por bastante tempo per, por seguido de o, e tolerou em concomitancia com am

bes os e todos os, ambol·los e todol·los, mas acabou por desprezar est'outras formas do seculo XVII em diante. Dicções como Joanna e mai·lo (= mais o) marido foram sempre consideradas plebeismos. Em D. Duarte (Ens. de Cav. 88), occorre desvialla a cabeça e (ib. 34, 90) trallas ancas por desviar a cabeça, trás as ancas. (Confronte-se Tralos montes por Trás os montes).

Em seguimento á palavra pois usa-se em geral o pronome accusativo sob a forma o; ha todavia alguns exemplos de lo, com effeito reductivo sobre a consoante s:

Poi-la podedes veer (Canc. Din. 32) — E poi-la fez das melhores melhor (ib. 39) — Não hahi que debater poilo affirma o mesmo sam Jeronymo (H. Pinto 1, 29).

Casos sporadicos de regeneração da primitiva linguagem, sem influencia no falar usual, são:

Fosteslo aprazar a certas horas (F. Lopes D. J. 72) — Vãao deposla perfeiçom dalgũas virtudes (Leal Cons. 104) — Devemos creerlos [artigo] outros aprovados per a sancta igreja (ib. 121).

As terminações verhaes em vogal nasal ou ditongo nasal ajunta-se, como accusativo enclítico do pronome da 3.ª pessoa, a forma o; mas com este enclítico revive o antigo phonema n. Assim em port. ant. comyãnos, rreceberõno, levarono, que hoje se grapham comiam-nos, receberam-no, levaram-no. E semelhantemente: tem-no, fazem-no por teno, fazeno.

O mesmo enclitico o ajunta-se tambem ás terminações verbaes em vogal pura, ou em ditongo puro, e neste caso conservam-se inalteradas as terminações. Devem-se attribuir á influencia dialectal alguns casos de suppressão da subjuntiva do ditongo tanto antes do enclitico o, como antes de outros encliticos:

Cerceou-a e vesti'-lhe [= vestiu-lhe] o aveto (S. Am. 514) — E el beenzeos [benzeo-os] (ib. 511, 513), mas: e elle beenzeoa (ib. 515, bis) — Vi-os hūu minholo... e comê'-os ambos (L. de Esopo 11) — Matou-ho e comê'-o (ib. 10) — Sai'-sse [= saiu-se] do paaço do infante (S. Josaph, 25).

As formas pronominaes me, te, lhe seguidas do pronome o, a, os, as combinam-se em m'o, t'o, lh'o. É linguagem usada já nos antigos textos. Remonta igualmente á

epoca destes textos a suppressão da vogal e na preposição de combinada com artigo definido (do, da, dos, das por

de o, de a etc.).

Regido da particula em, o artigo definido soffre modificação por influencia da nasalidade da particula. Em port. ant. até o seculo XIV inclusive encontramos geralmente e no, e na, alternando com a graphia em no, em na: mortas e no mar (S. Am. 508); em na sancta jgreja (ib); andam e nas teebras (ib. 509); em na regra (Frad. Men. 44); em no caminho (ib. 45). A par de e no, e na, occorre, ainda que com menos frequencia, a simples forma no, na: deus no mudo quis dar (S. Am. 508); estava no parayso (ib. 512).

O elemento preposicional em acabou todavia por obliterar-se, ficando o sentimento de que no, na, usado, diversamente de o, a, em frases de sentido locativo, equivaleria á contracção da particula com o artigo. E é assim que

ainda hoje costumamos analysar.

O uso regular de no, na por em no, em na, apparece no livro de Esopo e accentua-se depois na linguagem do seculo XV. Encontramos a nova dicção, a cada passo, em Fernão Lopes e em D. Duarte. Deve-se attribuir á tendencia archaisante a preferencia dada á dicção antiga no Livro da Virtuosa Bemfeitoria, composto pelo irmão de D. Duarte. Do seculo XVI em diante usa-se geralmente no, na.

A preposição a combina-se com o artigo definido, dando para o masculino ao, aos, ou, em linguagem popular de Portugal, \acute{o} , $\acute{o}s$, e para o feminino \acute{a} , $\acute{a}s$. A forma \acute{o} , $\acute{o}s$ foi aceita por alguns escriptores quinhentistas. A graphia aa, aas, usada outrora para o feminino, correspondeu a principio á pronuncia de duas vogaes; continuou, todavia, a usar-se durante algum tempo, quando a combinação da particula com o artigo feminino já soava como uma só vogal aberta.

As sibilantes s e z

Em port, ant, havia dous phonemas parecidos, porém não identicos, representados um por s ou ss, e outro por q

ou c; [a cedilha*), usada antes de qualquer vogal acabou por ser dispensada antes de e e i]. Nos vocabulos de origem latina, coincide o uso de s com o desta letra em latim e o de e ou e corresponde a e ou e da lingua-mãi. Mas nem por isso poderiamos attribuir a diversidade da escripta a motivo de etymologia. A reminiscencia do latim teria influido, porem em medida assaz limitada. Os antigos escriptores não tinham preoccupação etymologica e, se a tivessem, a falta de preparo philologico os levaria a aberrações que todavia não lhes notamos.

É singular que vocabulos como cocobrar, acucar, capato, cujo, carça e outros que não têm que ver com a evolução phonetica latina, se escrevessem geralmente com c. Quando o termo era fomado a idioma estrangeiro, nem sempre a pronuncia seria tal que não houvesse lugar para emprego da letra s. Verdade é que nos nomes buscados á Asia e Africa nos seculos XV e XVI a duvida apparecia: Massuá ou Maçuá, camorim e samorim, Cocotorá e Socotorá, Cingapura e Singapura, Camatra e Samatra, como deixei documentado no livro « Difficuldades da Lingua Portugueza », pags. 284-286.

Qualquer que fosse a causa da primitiva distinção entre as referidas letras, certo é que s ou ss (entre vogaes), ç ou c (antes de e ou i) representam, em port. mod., um só phonema, a sibilante surda, decidindo-se a escripta pela etymologia, quando esta é facil de apurar. Este criterio fez que o erudito sc viesse substituir o antigo c em palavras como crescer por crecer, descer por decer. Por desconhecimento da etymologia e influencia analogica de outros vocabulos deixou-se de graphar pessego e sossego (ainda usados no seculo XVI) para escrever pecego e socego.

Não se percebendo a razão do excepcionalissimo ç inicial, quando a cada instante se escreviam palavras começadas por s, passou-se a escrever também com esta letra sapato, sarça, sujo, etc. Mudou-se ainda açucar em assucar

talvez por influencia do francez sucre*).

^{*)} O signat a que chausagos cedilha resulta de um pequeno z e collocava-se entre a consounte e a vogal sempre que se empregava C mainsculo, tomando depois a forma simplificada de virgula: Cingapura; Cinda; Ciocobrá, etc.

*) A palayra assucar vem do arabe as-sukar (as alteração do artigo al), e não do latim saccharam ou grego cányacov.

Mas não é sómente a actual sibilante surda que se vê embaracada diante de tanto symbolo apto para represental-a no papel; igual sorte toca á sibilante sonora entre vogaes, ou em certas terminações em face das letras s e z.

Inconfundiveis foram a principio os valores de s e z entre vogaes e no fim das palavras, e o que a escripta distinguia era o que o ouvido então percebia. Este facto pode observar-se na graphia dos nomes patronymicos. Até fins do seculo XIV escreveram-se sempre com -iz, -ez: Pirez, Fernandiz, Fernandez, Vaasquez, Alvarez, etc. Do seculo XV em diante occorrem já Vaasques, Gonçalves a par de Vaasquez, Gonsalvez; o que quer dizer que já não havia distincão phonetica entre -ez e -es, mantendo-se a primeira forma sómente pela forca do habito.

Outra particularidade da graphia antiga, que perdurou ainda entre os quinhentistas, era o emprego da letra z no interior das palavras, antes de consoante, como em mezquita, mezquinho, mazcara, almizcar, tiznar, ezquerdo. Se z tinha em geral o valor de consoante sonora, hypothese muito aceitavel, em se tratando da sua situação antes de vogal e antes de consoante sonora, evidentemente havia de soar como phonema surdo se lhe seguia consoante surda.

Nas Decadas de Barros, nos Lusiadas e em outras obras publicadas no seculo XVI, nota-se, quanto á graphia de vocabulos já existentes no idioma, a distinção entre se z feita em geral com a regularidade observada nos escriptos de epocas anteriores. Devemos attribuir o facto em parte á tradição orthographica, bem como á influencia do hespanhol. Barros, Camões e outros eram muito lidos em obras antigas e versavam o hespanhol como a propria lingua materna.

A falta ou inefficacia desse freio conservador fez com que em livros sahidos a lume não muito tempo depois dos Lusiadas (1572), viesse notoriamente confundido o emprego de s e z. Não é de crer que a causa fosse a identificação rapida, para não dizer subita, de dous phonemas rigorosamente differençados até então, e desde longo

tempo, tanto na escripta como na pronuncia.

Da edição de 1604, feita em Coimbra, na officina de Diogo Gomez Loureyro, impressor da Universidade, dos Dialogos de Amador Arrais, «revistos e acrescentados pelo mesmo autor nesta segunda impressão» (da 1.ª, feita em 1589, creio não existir, no Brasil, exemplar algum), posso apontar: portugueza (com z e não s) e uzar logo no Prologo; canonisou (20); anatomisou (9, duas vezes) a par de eternizar (7); introdusir, introdusio (7 e 8); pezares (7); loquases, efficases (33); a terminação -eza escripta ora com zãora com s, fraquesa, grandesa (31), certesa (8), tristesa. Os verbos fazer, dizer occorrem umas vezes com z, de accordo com a tradição, outras vezes com s, faserdes (8), fas, faseis (5), fasimento (10), faser (33), diser (31), etc. No mesmo livro confunde-se tambem s com ç em sapatos, antigamente çapatos (2, 2), e sujo (13 e passim) a par do tradicional çujo.

Pelo seculo XVII não sómente era nullo o criterio do ouvido para décidir sobre o emprego das mencionadas letras, mas ainda devia ir-se enfraquecendo a influencia da graphia tradicional. Interessados entretanto os editores, mais que os autores, em evitar a balburdia, esforçaram-se até certo ponto por conservar o costume antigo. Naquelles casos, porém, em que havia incerteza ou esquecimento da escripta usual de outrora e, por mingua de conhecimentos etymologicos, ou não acudia ao espirito a imagem do respectivo termo latino ou não se percebia a relação phonetica entre os vocabulos de uma e outra lingua, nesses casos vacillava-se na graphia, escrevendo o vocabulo ora de um, ora de outro modo, ou então firmava-se a maneira de escrever muitas vezes em pura contradição com a pratica do passado.

No volume da Historia de S. Domingos de Fr. Luis de Sousa, do anno de 1632, posto que publicado depois dos Dialogos de Arrais, empregam-se todavia as letras s e z menos irregularmente. Não são tantas as hesitações e a graphia se aproxima em geral mais do criterio antigo. Esta melhoria na systematisação da escripta evidentemente não significa a restituição de um phonema desde muito tempo desapparecido. Casos de escripta duvidosa são: thezouro (Prol. e 177) a par de thesouro (3); dezejarão (Prol.); roza a par de rosas, rosario (178); francez (91), ingrez (31, 182), aragonez (20) ao lado de ingres (177, 181); portuguez com z (18, 19, 3 vezes, 20, 21, 23, 181) a par de portu-

gues com s (20, 23, 24, 180, 187, 4 vezes, Prol. 3 ve, zes) etc.

Nos Sermões de Vieira occorrem frequentemente de zejo, dezejar, pezo, pizar, empreza e outros. Nomes patrios apparecem com -ez e -es. No sermão de S. Antonio (vol. 2) manifesta-se decidida preferencia pela letra z na graphia portuguez, portugueza, portuguezes em dezenas e dezenas de exemplos. Só nas paginas 130, 135, 131, 129 assignalamos respectivamente dous, quatro, seis e onze casos.

Em algumas das obras impressas no seculo XVIII encontramos filozofia, quazi, curiozo, dezalmado, fermozo, carinhozo, Luzitania etc., parecendo querer a letra z usurpar o lugar do s intervocalico. É a epoca em que Luis Antonio Verney propõe reforma orthographica na qual inclue semelhante modificação, e logo applica a reforma

em seus escriptos.

Contra esta pratica revolucionaria reagiu-se no mesmo seculo XVIII, bem como no seculo XIX, attendendo-se á etymologia latina, quando esta era evidente. Mas quando intercorriam palavras de origem menos conhecida, deixava-se de insistir no criterio etymologico. Como alterações hoje geralmente aceitas, nota-se a terminação -es dos patronymicos (Gonçalves, Soares, Nunes etc.) em que já não se usa -ez, e bem assim o emprego de s antes de consoante (mesquita, mesquinho, tisnar etc.). Duvida ha sobre a terminação tonica primitivamente representada por -ez (ou -ês). A graphia -ez é mais simples; a outra, fiel ao antigo uso, requer o auxilio do accento circumflexo para differençar-se a terminação oxytona da não accentuada.

Apesar de todas as regras, a representação ora por meio de s ora pelo symbolo z, de um só phonema — a sibilante dental sonora — não deixa de causar, por vezes, embaraços, mórmente quando o phonema se acha entre vogaes. Uma simplificação pratica se adoptou no seculo XIX relativamente a um suffixo verbal em que a sibilante se filia a certa consoante grega transcripta, segundo a tradição, pela letra z. Rompeu-se com o passado e systematicamente se substituiu -isar a -izar: suavisar, caracterisar, tranquillisar, horrorisar, agonisar, realisar, generalisar, judaisar, monopolisar, baptisar, escandalisar, civilisar etc.

Mocabulos mil vezes repetidos com esta graphia e assim usados por Herculano e outros escriptores coevos*).

Com esta pratica facilitou-se a escripta, passando a letra s a servir tanto para o referido suffixo, como para a representação da sibilante entre i e as vogaes a, o e no interior de certos vocabulos cuja filiação é menos facil de apurar, senão de todo obscura, como brisa, avisar, aviso, liso, alisar, balisa, abalisar, friso, frisa, etc.

Esta escassa conquista no sentido da uniformisação e simplificação orthographica tem sido ultimamente menoscabada, graças á preoccupação etymologica que leva a

escrever suavizar, realizar, etc.

O estudante, para ter certeza da graphia de balisa, frisa etc., tem de consultar diccionario ou vocabulario orthographico. Não poderá dar a razão do s em taes palavras, por muito que se jacte de saber que z de -izar provém do grego. A origem do suffixo -iser da lingua franceza não seria cousa menos conhecida aos linguistas da Sorbonne; entretanto, nem por isso se lembraram por lá de alterar a graphia de réaliser, civiliser, baptiser, etc.

^{*)} E digna de nota esta insistencia em escrever sempre -isur no autor das Lendas e Narrativas, que estaria farto de ver -izare em latim e -izar em portuguez antigo. Manteve sempre a mesma graphia ainda depois de 1859, quando, em attenção ao latim -ense, passou a escrever português, inglés, irlandês, etc.

Os vocabulos: especies, formas e significação

A parte da grammatica que estuda os vocabulos denomina-se lexeologia. Differe da phonetica em considerar os sons combinadamente e denotando idéas e relações. No exame das palavras verifica serem estas geralmente formadas de duas partes: o radical, parte mais ou menos estavel e de significação propria, e affixos, elementos variaveis, de significação relativa, isto é, de valor semantico sómente na combinação com o radical. Palavras ha que não apresentam mais que o radical, por ter desapparecido o elemento variaveis que o radical por ter desapparecido o elemento variaveis que o radical por ter desapparecido o elemento variaveis que o radical por ter desapparecido o elemento variaveis que o radical por ter desapparecido o elemento variaveis que o radical por ter desapparecido o elemento variaveis que o radical por ter desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma desapparecido o elemento variaveis que o radical por terma de radical por terma

riavel em que terminavam.

Os affixos, divididos em prefixos, suffixos, terminações e desinencias, dão ao vocabulo a diversidade de formas. Daqui o costume de se chamar morphologia ao estudo destes elementos e de suas relações com o radical. Esta feição particular que se dá á lexeologia tem fundamento na grammatica de linguas como o latim e o grego, com desenvolvido systema de declinação e conjugação, e tambem na grammatica das linguas romanicas quando se mostra como as formas latinas se mudaram nas destes idiomas modernos. Porem vem menos a proposito o termo morphologia, e promette mais do que tem para dar, quando, posto em lugar de lexeologia, se propõe estudar a evolução das palavras em lingua moderna já constituida.

Não examina a lexeologia as palavras sem primeiro dividil-as em um pequeno numero de grupos de accordo com certos caracteres communs. Base desta classificação é o

sentido geral das palavras, inquirindo-se se denotam seres, qualidades, acções, relações, etc.; e dahi a divisão em nomes, pronomes, verbos, etc., que por sua vez se subdividem, attendendo sempre a caracteres de ordem semantica, como veremos em seu lugar.

Nomes em geral

As palavras com que se designam os seres e seus attributos chamam-se simplesmente nomes. É o termo mais despretencioso e mais acertado de toda a nomenclatura grammatical. Fazendo-se, como se faz, distinção entre as denominações dos seres propriamente ditos e as denominações dos attributos de dimensão, tamanho, cor, consistencia, etc., pelos quaes os differençamos uns dos outros, torna-se necessario dividir os nomes em substantivos e adjectivos.

Os attributos, posto que sejam inherentes aos seres, são considerados muitas vezes como se existissem separados delles, como se fossem outras entidades. Os substantivos que os representam chamam-se abstractos; são concretos os nomes de referencia directa aos seres. Alegria, tristeza, formosura, probidade são substantivos abstractos; casa, mu-

lher, jardim, homem são nomes concretos.

Dá-se ao substantivo o qualificativo commum se é nome applicavel não sómente a um ser, mas a todos aquelles que tiverem os mesmos caracteres; e chama-se substantivo proprio o nome com que se distingue algum individuo de entre outros congeneres desprezando os caracteres genericos.

Nomes com terminações adequadas para denotar diminuição ou augmento das dimensões, proporções ou condi

ções usuaes, são diminutivos ou augmentativos.

Uma ou mais unidades se assignalam pelos numeros singular e plural; varias unidades em conjunto se dizem por meio de termos usados no singular e chamados col·lectivos.

Os substantivos têm genero: masculino ou feminino Os adjectivos têm formas de singular e plural e genero de accordo com o substantivo. De alguns podem-se formas

augmentativos e diminutivos. Peculiar aos adjectivos são os graus de comparação.

Nomes diminutives

Querendo significar que certo ente possue dimensões notavelmente inferiores ás que deveria ter segundo o conceito medio que formamos de outros seres congeneres, dizemos o respectivo nome seguido de um qualificativo apropriado ou ajuntamos ao nome um suffixo de função diminutiva: mesa pequena, mesinha; jardim pequeno, jardimzinho.

Nomes derivados de outros por meio de taes suffixos chamam-se diminutivos. O suffixo -inho -inha accrescenta-se directamente ao vocabulo terminado em consoante (lugarinho), e, se o substantivo terminar por vogal pura atona, esta será previamente supprimida (livrinho). Não serve este suffixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tonica ou em ditongo. É necessario substituil-o então por -zinho, -zinha (pode graphar-se depois de vogal -sinho, -sinha); jejumzinho, pásinha, liçãosinha, paisinho, māisinha. Pode-se usar este suffixo -zinho tambem para os demais substantivos, a que se ajunta directamente, e é em geral a forma preferida.

Em linguagem familiar substituem-se, mais em Portugal que no Brasil, os mencionados suffixos não raro por -ito,

-ita, -zito, -zita.

Noção diminutiva exprime tambem -ola nas palavras seguintes, ao passo que em outras tem sentido differente: aldeola, bandeirola, portinhola. Limitado é o emprego de outros suffixos para derivar puros diminutivos, como em

ilheta, naveta, maleta, baleote, etc.

A percepção de seres pequenos, como crianças, crias de animaes, objectos de uso commum, delicados e de pequenas proporções, associa-se facilmente o sentimento de carinho, e d'ahi resulta dizerem-se muitas vezes, tão sómente para despertar este sentimento, sob a forma diminutiva os nomes de seres que na realidade não são pequenos, e estender-se este uso aos adjectivos: mocinho, bomzinho, bonitinho, amiguinho, tolinho, grandesinho, pobresinho, etc.

Em alguns casos o adjectivo em -inho é usado com o valor de superlativo: bolsa cheiinha, prato limpinho (=

perfeitamente limpo), etc.

O emprego, tão estimado na linguagem familiar de hoje, de adjectivo com a terminação diminutiva -inho, -zi-nho, occorre, de alguns seculos a esta parte, tambem em linguagem literaria, faltando naturalmente este signal de tom carinhoso ao estilo rude e secco do portuguez antigo. Em Fr. Luis de Sousa, Vieira e Bernardes, para não mencionar outros autores, topam-se exemplos analogos ao falar de hoje:

Este esfarrapadinho innocente ensina a Fr. Bertolomeu a ser arcebispo (Sousa, Arc. 1, 97). — Notou... a paciencia do pobrezinho (ib. 1, 96). — Tomavão da terra, lançavão-na sobre a cabeça... Fazia o surdinho outro tanto (Sousa, S. Dom. 118). — Belchior, porque era pretinho, ficasse em Belem por escravo (Vieira, Serm. 4, 533). — E estes degradados... são os santinhos que lá se mandão (ib. 4, 538). — Aquella lesma tão tenrazinha (Bern. N. Flor. 1, 284). — E não sómente fazer-se homem, mas menino, pobrezinho entre palhas, enfaxadinho em pannos... e tomando o peito da Virgem Mãi, para se fazer mais carinhoso, meigo e accessivel (ib. 1, 242). — Contradizem-me a mim e me perseguem em meus filhos pequeninos (ib. 1, 146). — Viu hum velhinho (ib. 1, 308). — A pobrezinha Roma (ib. 2, 144). — Não porque... se mostre ser maiorzinho o beneficio (ib. 2, 145). — Era tão baixinho que huma vez para ser ouvido se atrepou a um cepo (ib. 3, 196)*).

Nomes augmentativos

Diz-se que está na forma augmentativa todo o nome (substantivo ou adjectivo) marcado de certa terminação por meio da qual se denota ir extraordinariamente alem do commum a noção expressa pelo radical. A terminação pode ser: -az, precedido de outros phonemas, como em fatacaz (= fatia grande), ladravaz (= grande ladrão); -aço, como em ricaço, ladroaço (alguns delles não são só ladroensinhos, se não ladroassos; Bern. N. Fl. 4, 271), peccadoraço (Bern. N. Fl. 4, 340) e outros; -il, como em corpanzil, ou, finalmente, a mais usual de todas, -ão, que tambem pode occor-

^{*)} O proprio adverbio cedinho na forma diminutiva, não é penhuma creação dos nossos tempos: Ai de li, oh terra cujos governadores almocam cedinho (Bern. N. Flor. 1, 28).

rer, conforme o vocabulo, desenvolvida em -arão, -arrão.

-eirão, -zarrão, -alhão, -gão.

Quanto ao emprego e formação do augmentativo em -ão, continua-se em portuguez, posto que com vocabulos novos, a historia dos substantivos latinos em -o, gen. -onis, designativos de pessoas, os quaes pertenciam, explica Lindsay, em geral á linguagem plebéa ou familiar e tinham sentido depreciativo. Derivavam-se de adjectivos, de substantivos e verbos.

Do augmento exagerado ao ridiculo não é grande a distancia; e assim se usam por ironia valentão, sabichão santarrão augmentativamente. Nem é por elogio que chamamos solteirona á mulher que, carregada de primaveras, não se casou.

Francamente depreciativos são comilão, beberrão, chorão, besuntão, trapalhão, pedinchão, pedintão, babão, brigão, resmungão, mandão, mandrião, derivados de verbos para denotar a pessoa que pratica a acção com frequencia ou insistencia.

Alguns augmentativos designam actos violentos: empurrão, empuxão, trambolhão, bofetão, carapetão, escorregão, esfregão, mergulhão, apalpão, apertão, beliscão, arranhão. Comichão exprime sensação viva de prurido (= alguma cousa que come).

Substantivos femininos designativos de cousas concretas passam a masculinos se se transformarem em augmentativos: a casa, o casarão; a vaga, o vagalhão; a parede o paredão. Em varios destes termos em -ão operou-se a especialisação de sentido. Florão não é qualquer flor grande mas certo ornato de architectura em forma de flor; portão não é necessariamente porta grande, o de um gradil ató pode ter dimensões bem pequenas; garrafão chama-se certivasilha avantajada propria para aguardente; facão é uten silio differente da grande faca de mesa; palavrão se diz de termo empolado e tambem de palavra obscena; boqueirão augmentativo de boca, usa-se como termo geographico; pul gão é insecto differente de pulga.

Augmentativos de sentido especialisado, e tambem va rios outros, podem tomar suffixo diminutivo: portãosinho

caixãosinho, facãosinho.

Comparada com a derivação diminutiva, caracterisa-se

a derivação augmentativa pela maior variedade de formas, mas ao mesmo tempo pela sua extraordinaria deficiencia. Pode-se geralmente accrescentar -inho, -zinho a qualquer substantivo, mas é relativamente diminuto o numero de vocabulos a que é possivel ajuntar -ão ou alguma das suas variantes: cabecinha, vestidinho, penninha, cadeirinha, porem cabeça grande, vestido comprido, penna grande, cadeira grande, etc.

Os diminutivos, alem disso, têm facil accesso à linguagem elevada, ào passo que os augmentativos se usam antes no estilo comico, na prosa faceta e na linguagem familiar. Sá de Miranda nas comedias empregou toleirão, frieirões (2, 92); cachoparrão (2, 85); beliguinaz (2, 101); A. Ferreira na comedia de Bristo: velhancão (2, 312); doudarrão (ib.); mansarrão (2, 322); rafianaz (2, 357); ladravaz (2, 358); F. Manoel de Mello, em Ap. Dial. 101: o simplalhão do abbade Gabriel; em Fid. Apr. 22: queres sempre ser princeza e eu seja madraceirão. Nada disto apparece nos Lusiadas. Nem haveria lugar para molleirão, asneirão, mocetão, pobretão. Em compensação: eu o vi certamente — e não presumo que a vista me enganava — levantar-se no ar hã vaporzinho (Cam., Lus. 5, 19); e em Vieira, Serm. bordão-sinho (11, 269); corposinho (11, 223); fradinho (11, 362) etc.

Substantivos collectivos

Seres da mesma especie apparecem aos nossos sentidos, ou á nossa imaginação, ora como individuos dispersos, ora como individuos agrupados. Designam em especial esta segunda situação nomes chamados collectivos, como multidão, collecção, exercito, banda e outros.

O caso mais simples é o do collectivo dual, em que serve o termo casal para dous seres de sexo differente, e par significando dous objectos que costumam andar juntos, como par de luvas, par de sapatos, ou duas partes similares de um objecto que constituem o todo, como par de oculos.

Collectivos de pluralidade referentes a animaes são: manada (de animaes de certo vulto); rebanho (de ovelhas); fato (de cabras); vara (de porcos); cardume (de peixes); ma-

³ Said Ali — Grammatica Historica da Lingua Portugueza.

tilha (de cães de caça); enxame (de abelhas, vespas ou outros insectos); catala ou caria (de camelos)

tros insectos); cafila ou corja (de camelos). Esta distinção que hoje se faz era menos rigorosa na

antiga linguagem; pois que se podia dizer:

Fezerom presa em dous fatos de vaccas (F. Lopes, D. J. 163) — Elefantes... quasi em manadas, como fatos de vaccas (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Grande fato de ovelhas (ib. 1, 1, 11) — Cardume de rans (Vieira, Serm. 8, 52) — Lobo voraz que na manada das ovelhas entrou (Castro, Ul. 6, 62) — Hum rebanho de vaccas vê defronte (ib. 2, 66).

Figuradamente applicam-se tambem a pessoas algumas destas expressões. Não é raro por exemplo o termo cardume em Barros e Couto para denotar massa compacta de gente. No mesmo sentido usam estes escriptores as metaphoras pinha, peso:

Logo acudio hum grande peso de gente (Barros, Dec. 2, 2, 1) — Logo que o vio [ao ilheu] feito hūa pinha de gente (ib. 2, 2, 1) — Remetiam os elefantes ao cardume de gente (ib. 6, 4).

Não menos frequentes são golpe, ramo e manga:

Ajunta dos seos h \bar{u} bo \bar{o} golpe pera ir sobre os nossos (Castanh. 3, 106) — E dalli mandou hum ramo de gente miuda ao passo de Agacij (Barros, Dec. 2, 5, 4) — A entrada delle foi com golpe de gente (ib. 2, 3, 6) — Foram dar com hum golpe de Rumes (ib.). — Tres mangas de arcabuzeiros (B. Cruz, Seb. 2, 65).

Cafila, no arabe, donde o importámos, significa o mesmo que caravana. Esta noção não a haviam perdido os Portuguezes quando applicavam o termo a pessoas, navios etc. que caminham uns atraz dos outros:

Veio huma grande cafila de gente a pé toda preta (Barros, Dec. 2, 1, 2) — Despedio Fernão Rodrigues de Carvalho pera Barcelor com hũa cafila de navios de mercadores (Couto, Dec. 8, 37).

Diversamente usado vem o collectivo em Castilho (Me-

tam. 133): açulam a cafila (de cães) bravia.

As vezes pode-se formar o collectivo por simples suffixação, como em boiada, cavalhada, carneirada, casaria, fradaria, gritaria. Por meio da terminação -al obtêm-se nomes que designam grande porção de vegetaes da mesma especie plantados ou que crescem em certa extensão de terreno: bananal, feijoal, trigal, laranjal, seringal, faial, rosal, pinhal (ou pinheiral), cafésal, etc.

Plural dos substantivos

Forma-se o plural dos substantivos accrescentando -s á terminação vocalica, e -cs á terminação consonantal: rio-s, penna-s, mar-es, cruz-es. Palavras terminadas em vogal nasal simples em que se representa a nasalação pela letra m, mudam esta letra em -n ao passarem para o plural: homem,

homens; jardim, jardins.

Vocabulos não-oxytonos terminados por sibilante, como oasis, ourives, conservam-se, segundo a linguagem hodierna, inalterados no plural. Em portuguez antigo dizia-se porem ourivezes, de que ha bastantes exemplos no Livro Verm. (Ined. 3, pags. 428, 448, 449, etc.) e aínda em escriptores quinhentistas. Do plural alferezes dão testemunho: Alferezes volteião as bandeiras (Cam., Lus. 4, 27). — Então se chegaram os alferezes ás bandeiras (Sousa, Arceb. 2, 375).

Das palavras em ·l seguem rigorosamente a regra geral mal, males e consul, consules. No plural dos demais nomes dá-se o desapparecimento de l: dedaes (por deda(l)es); lençoes (por lenço(l)es). Em port. ant. sol conservava a conscante no plural: se o sol tomasse outra molher, faria outros filhos que seriam soles e dariam tanta quentura de si (Livro de Esopo 14). Nas Ord. D. Man. 1, tit. 45 usa-se ainda roles como plural de rol.

Real formou, segundo a regra, reaes no plural. Applicado o termo á moeda portugueza, o plural reaes ao cabo de certo tempo degenerou completamente em réis, apesar do voto de Fernão d'Oliveira: «real reais assi quando he substantivo como ajétivo. E não digamos dous reeis, tres

reeis».

Nos vocabulos em -el, desapparecendo a consoante ao formar-se o plural, entram em contacto duas vogaes semelhantes. Dissimila-se a segunda, ficando -eis por ees (de -e(l)es): annel, anneis; papel, papeis. O antigo meles, plural de mel, resistiu por muito tempo á alteração. Castilho ainda usou esta forma em espremia aos panaes os meles espumantes (Georg. 241); mas em outros passos (Georg. 19, 227, 235, 245, 251, 257, 295) emprega já o plural meis.

No plural dos substantivos em il houve, pelo contra-

rio, assimilação e final absorpção da segunda vogal, resultando -is de -iis < -ies < -iles : covil, covis; ardil, ardis.

Os substantivos em -il são oxytonos. Reptil, apesar da origem latina, não se usa em portuguez como adjectivo; toma, por analogia dos outros substantivos, accentuação na syllaba final, e o seu plural reptis, formado igualmente por analogia, acha-se documentado em Castilho (Misant. 18); em Garret (Viagens 2, 112): esmaga os reptis que te corroem; em Herc. (M. de C. 2, 251): os reptis mais extravagantes; e em Fil. Elysio (14, 68): mudados canta os numes, varões mudados em reptis, em aves.

Nas mesmas condições se acha projectil, que, não se usando senão como substantivo, deve ser oxytono com o plural projectis. Em Portugal dizem comtudo projecteis. Fossil, pelo contrario, tanto substantivo como adjectivo, conserva a accentuação latina e tem o plural em -cis, fosseis, como os demais adjectivos paroxytonos.

Innumeros são os substantivos terminados em -ão. Como procedem, salvo poucas excepções, uns por filiação directa, outros por creação analogica, de nomes latinos em -o, gen. -onis, formam naturalmente o plural em -ões. Manteve-se aqui a regularidade do plural, ao passo que a antiga terminação do singular -õ (que tambem se graphava -om) se alterou em ditongo. Em -õoes, dos velhos codices, o segundo o sem til representaria o prolongamento phonetico da primeira vogal, cousa que hoje não se percebe: oraçom, oraçõoes; entençom, entençõoes; coraçõ, coraçõoes; razom, razõ, razõoes; deleitaçom, deleitaçõoes; condiçom, condiçõ, condiçõoes; naçõoes; perfeiçom, perfeiçõoes; desposiçõ, desposiçõoes; tentaçõoes; cuidaçõoes, etc.

A regra geral do plural em -ões vigora para a linguagem moderna, sendo applicada naturalmente a quaesquer termos novos: civilisações, vagões, salões, montões, felicitações, estremeções, etc. Deste oceano de substantivos em -ão mal tiramos umas duas duzias de vocabulos com plural differente, a saber:

a) com a terminação -ães: pão, pães; cão, cães, e do mesmo modo, capitão, capellão, charlatão, escrivão, bestião (Herc., M. de C. 2, 247), catalão, allemão (tambem adjectivo), guardião, sacristão, sultão, deão.

b) com a terminação -ãos: christão, irmão, pagão, mão, chão, cidadão, alão, grão, cortezão, romão (port. ant.) vão (e o composto desvão). Accrescentem-se a estes os paroxytonos em -ão: accordão, orfão, sotão, orgão e outros. A mudanca de accentuação deu lugar a que a palavra benção, cujo plural era benções (assim usado ainda pelo padre Vieira) viesse a fazer bençãos. Inversamente, zangão, tornado oxytono, tem hoje o plural zangões (em vez de zángãos).

Nos seguintes, posto que passem por ter plural duvidoso, tende a fixar-se a forma regular em -ões: aldeão, aldeãos e aldeões; ancião, anciãos, anciães e anciões; villão,

villãos e villões: truão, truães e truões.

Entre os escriptores antigos e, ainda, entre quinhentistas e seiscentistas, eram em maior numero as excepções e oscillações. Cidadães (occorre ainda em Sá de Miranda, vol. 2, pags. 105, 139 e 140); gaviães (Couto, Dec. 4, 7, 10); anãos (Bern., N. Flor. 1, 402); cidadões (Bern., N. Flor. 2, 114); ermitãos (Arr. 440); ermitães (em port. ant. e Vieira, Serm. 8, 403); paaos (= pavãos, L. de Esopo 23); cirurgiaes (Bern., L. e.C. 334); peães (frequente entre os quinhentistas).

O plural do antigo diamã ou diamão (= diamante)

era diamães.

Os termos em -ane e -anu, donde se originaram os pluraes em -ães (port. ant. -ãaes) e -ãos (port. ant. -ãaos), recebidos do latim, foram mui poucos em comparação da onda de nomes em -one com que se enriqueceu o idioma portuguez; e teria havido menos difficuldade em formar o plural desses diversos nomes se no singular as terminações -om, -am e -ão houvessem permanecido sempre distintas entre si. Ao contrario disso, principiaram ellas cedo a confundir-se na pronuncia, e d'ahi o embaraço não sómente para o plural de vocabulos de filiação latina, cuja etymologia era obscura ou esquecida, mas ainda para os termos que novamente se cunharam ou importaram do estrangeiro.

Certos nomes hoje usados no singular diziam-se antigamente no plural. Assim peitos, por influencia do sentido especial de seios, mammas, narizes, por tomar-se tambem na accepção de ventas, e queixadas (= maxillares) denotando

queixo:

Pela bocca e pellos nareces (S. Graal 6) — Chegou-lhe ás queixadas e logo ho vazou com hua estocada (Castanh. 5, 17) — Poseramlhe hū punhal nos peytos porque se calasse (ib. 2, 122) — Onde rosto e narizes se cortava (Cam., Lus. 3, 41) — Obrigou a que o anjo ao passar por elle tapasse os narizes (Bern., N. Flor. 1, 232).

Costas, a principio mero plural de costa, significando o mesmo que o hodierno «costella», continúa a usar-se no plural, esquecida esta significação, como equivalente de «dorso».

Nomes de materia, empregados actualmente quasi sempre no singular, podiam dizer-se outrora com a forma de

plural:

Acucares, melles, manteigas (Pina, D. J. 2.º, 116) — Todos os arrozes que vicrão de fora (Castanh. 3, 72) — Quisesse trocar carnes por azeites e vinhos (Castanh. 5, 18).

Igualmente alterados na terminação eram os nomes de ventos levante, ponente para exprimir o cursar frequente:

Como já os levantes cursavão fez muy pouco caminho (Castanh. 5, 19) — Ora co ponentes, ora com levantes chegou a vinte legoas de Judá (ib. 5, 11) — E tornando os levantes avia de tornar a Judá (ib. 5, 11).

Dizemos hoje em dia tanto gema como clara de ovo, porem Diogo de Couto:

Este de hum ovo, que poz hum galo, formara o mundo todo, da gema os ceos, e das claras os elementos (Dec. 5, 8, 12).

Não costumamos pluralisar certos termos como vontade, cabeça e outros referidos a diversos individuos, ao contrario do antigo uso nestas frases:

Homens, mulheres e meninos metidos na agua com as cabeças de fora (Vieira, Serm. 7, 818). — La escrevo aos Pautagatins e regedores que lhe acudam com alguma esmola: fazei que seja por suas vontades e não por força (ib. 8, 288).

Genero dos substantivos

Appellativos que designam seres humanos tomam o genero naturalmente de accordo com o respectivo sexo: o homem, a mulher; o genro, a nora; o pai, o padre, o padrinho, o compadre; a mãi, a madre, a madrinha, a comadre; o padrasto, a madrasta.

Raros são os casos como os exemplos precedentes, em que o feminino é vocabulo muito diverso do masculino. Basta em geral alterar a terminação, sendo caracteristica do feminino a vogal -a: filho, filha; noivo, noiva; menino, menina. Semelhantemente irmão, pronunciado a principio irmã-o, deu no feminino irmãa, isto é, irmã-a, hoje reduzido a irmã. Avô e avó resultam respectivamente de avoo, avoa, tornando-se aberta a vogal o do feminino por influencia da terminação -a. Rei, rainha procedem do latim rex, regina.

Rapaz faz no feminino rapariga.

Certos nomes de titulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -issa, -isa, -essa, -eza: sacerdote, sacerdotisa; diacono, diaconisa; prior, prioreza (tambem priora); abbade, abbadessa; conde, condessa; principe, princeza (em lugar de principeza); barão, baroneza; duque, duqueza.

Nomes em -e não comprehendidos nesta categoria resistem em geral á mudança, tornando-se communs de dous, como amante, estudante, hereje, agente, cliente, protestante, viajante. Usam-se porem com a caracteristica -a: freira, feminino de freire ou frade, parenta, mestra, monja, hospeda e infanta.

Tornou-se o falar hodierno, neste ponto, mais sobrio que a linguagem quinhentista e seiscentista, onde se encontram

Casado com hãa nayra christãa (Castanh. 2, 28) — Duas cafras (ib. 2, 6 e passim) — Esta giganta era rica (Barros, Clar. 164 e passim) — Huma comedianta (Vieira, Cart. 2, 180) — Gracejando com as farsantas (Bern., N. Flor. 2, 314) — Huma comedianta (ib. 5, 248).

Não estariam, entretanto, grandemente convencidos os quinhentistas da correcção desta linguagem se já hesitavam entre a infante e a infanta, como facilmente se vê na Chronica de D. Manoel por Damião de Goes. A forma infanta, tornou-se, comtudo, a preferida por Vieira e outros, e prevaleceu.

Feminino de heroe é heroina. Os nomes de origem estrangeira landgrave, margrave, czar fazem respectivamente landgravina, margravina, czarina.

Dos appellativos em -or formam embaixador, imperador, actor, o feminino em -triz: embaixatriz, imperatriz (o povo

portuguez dizia emperadora), actriz. Desconhecia-se esta formação na phase primitiva da linguagem portugueza; devem-se taes vocabulos á influencia erudita ou á importação directa do estrangeiro. Vieira, posto que empregue emperatriz (entre a emperatriz e Catharina, Serm. 11, 571, emperatriz de Alemanha, ib., app. 23), faz, todavia, concessão á linguagem popular quando diz: rainha sobre todos os reys, e emperadora sobre todos os emperadores (Serm. 11, 239).

Verdade é que a intenção aqui é dar relevo não tanto ao titulo, como à effectividade do acto de imperar. Fala-se da Virgem Maria. No mesmo sentido se emprega o termo

em G. Vic. 1, 144: Deos te salve, Emperadora.

O proprio processo de accrescentar -a ao substantivo em -or só com o tempo conseguiu generalisar-se. Assim vemos o termo senhor usado nos Cancioneiros ainda como substantivo commum de dous.

Em lugar da formação regular, usam-se, em certos casos, femininos em -eira: varredeira, vendedeira (Livro Verm. ap. Coll. Ined. 3, 480 e 482), tecedeira, serzideira, carpideira, arrumadeira e outros. Nenhuma relação morphologica ha entre estes femininos e os masculinos em -or. Prendem-se, sim, aos derivados em -eiro, designativos de individuos que exercem certos mesteres ou profissões; e sendo varias occupações exercidas, desde tempos remotos, principalmente pela mulher, fixou-se, em taes casos, a forma feminina em -eira, antes que se creassem os respectivos termos masculinos, para os quaes o uso preferiu muitas vezes palavras terminadas em or.

Posto que se assignalem com a terminação -a os nomes femininos, não se infere d'aqui que femininos sejam, por sua vez, todos os nomes terminados por esta vogal. Assim, denotando varões, não podem deixar de ser masculinos monarcha, heresiarcha, patriarcha, pirata, agiota, jesuita, homicida, nauta, camarada, espiritista e muitos outros. Varios destes nomes podem-se applicar a mulheres, ficando então inalterados, excepto poeta, profeta que fazem poetisa e profetisa.

Para os nomes em -ão dispomos de tres maneiras de formar o feminino. Seguem o typo irmã, fem. de irmão, aldeã, anã, anciã, castellã, charlatã, cidadã, cirurgiã, foã (S. de Usque, 2, 129) cortezã, peã, sacristã; e tambem christã.

pagã, cintrã, coimbrã, comarcã, catalã, bretã, allemã, femininos de palavras usadas ora como substantivos, ora como adjectivos. Romã, adjectivo, é o feminino do antigo romão (=romano). Nada tem que ver com romã, substantivo, de origem arabe. Sultão faz excepcionalmente sultana.

Põem a terminação -oa em lugar de -ão: abegoa, beiroa, bretoa (tambem se diz bretã), ermitoa, horteloa, patroa, rascoa, villoa (ou villan). Do substantivo tabellião formou-se o adjectivo tabellioa. Ermitão, como adjectivo, faz ermitã. Japão, usado outrora em lugar de japonez, fazia japoa: aos Japões á Japoa (Vieira, Serm. 8, 164). De capitão usou-se outrora o feminino capitoa: Esta foi eleita por capitoa de todas (Couto, Dec. 6, 2, 2); nao Capitoa.

O terceiro modo, finalmente, consiste em mudar -ão em -ona. É, sobretudo, nos augmentativos que se usa esta forma: bonacheirona, chorona, figurona, mandriona, besuntona, fan-farrona, porcalhona, resmungona, trapalhona, solteirona, valentona, santarrona, pedinchona, sabichona; ha tambem o fem. em -ã: as vossas velhas sabechans (Mello, Ap. Dial. 229),

feianchona, parlapatona.

Importa notar que até o seculo XVI reinava ainda bastante incerteza quanto ao feminino dos nomes em -ão. Diz o grammatico Fernão d'Oliveira assim: «Estes nomes eu nam os pronunciaria nesta forma cidadoa: capitoa: viloa: rascoa: aldeoa: mas pronuncial-os-ia assi: aldeã: vilã: cidadã: verdade he que rascã nem capitã não são mui usados: e, comtudo, zamboa e padoa e quaesquer que o costume consentir».

Palavras em -eu fazem -éa no feminino: europeu, européa, plebeu, plebéa, hebreu, hebréa. Diz-se, comtudo, judia de judeu, sandia de sandeu, ilhoa de ilheu, e ré de réu.

Para os nomes patrios em -ez v. Adjectivos.

Nomes de cousas. — Masculinos são todos os nomes de cousas terminados em -o atono, e femininos os que terminam em -a atono, exceptuando as denominações de letras do alphabeto, que como os demais nomes de letras são do genero masculino (o alpha, o jota, o kappa etc.), dia, tapa e os vocabulos de origem grega, quer vindos atravez do latim, quer tirados directamente do grego, e que neste idioma tomariam o genero neutro. Taes vocabulos são masculinos

em portuguez: drama, thema, theorema, axioma, aroma, idioma, emblema, clima, problema, lemma, dilemma, cosmorama, panorama, os compostos de -gramma (diagramma, epigramma, telegramma, monogramma, etc.), diaphragma, syntagma, magma, clysma, prisma, aneurysma, sophisma etc.

De alguns vocabulos de origem grega tem variado o genero (V. pag. as 65, 66 e 70). Em outros altera-se o genero incoherentemente, como a cataplasma, porém o plasma, o

protoplasma, o neoplasma.

Ordem e margem (lat. ordo, margo), masculinos em latim, passaram a termos femininos em portuguez. Este mesmo genero têm os demais nomes em -gem (a imagem, a vagem, a viagem, a ferrugem, etc.). Linguagem e linha-

gem tambem se usaram no masculino (v. pag. 67).

Nomes abstractos em -ião, como legião, opinião, occasião, região, rebellião, são femininos conforme a regra
dos nomes latinos em -io. Tomam o mesmo genero os innumeros termos abstractos em -ção, -são, -zão, filiados a
palavras latinas em -tio, -sio (condição, razão, fusão, producção, ambição, dicção, appellação, ampliação, etc.) ou
creados por analogia, de expressões verbaes modernas, como
mastreação, estagnação, civilisação, vaccinação, amalgamação, etc. São ainda femininos: multidão, solidão, fortidão
e outros, que se prendem com a formação latina em -tudo
(multitudo, solitudo etc.).

Usam-se, pelo contrário, no masculino os nomes concretos em -ão, exceptuando a mão, por exemplo: chão, grão alcatrão, algodão, agrião, bastão, bordão, diapasão, feijão, pilão, pirão, pistão, latão, galão, limão, melão, pulmão, sabão, torrão, coração, tostão, turbilhão, violão, verão, bas-

tião, pavilhão, botão, galeão, trovão etc.

No masculino tambem se usam os augmentativos em -ão, -arão, -eirão, ainda que procedam de vocabulos femininos: garrafão, carroção, casarão, boqueirão, caldeirão pranchão, salão, florão, portão, barracão, caixão, pala vrão etc.

São femininos grade, cidade e todos os nomes abstractos (amizade, verdade etc.) em -ade, em -ice e -ez, de rivados de adjectivos e substantivos (altivez, solidez, vélhice, macaquice, meninice etc.), e os abstractos em -ude

(saude, virtude, altitude, etc.). Accrescentem-se ainda a esta serie de vocabulos, por serem de igual genero, vez, fraude, e os termos concretos fez, tez, torquez, cegude e incude. Outros nomes em -ez e -ude são masculinos (pez, revez, jaez, arnez, calcez, convez, pavez, gurupez, grés, viez, envez; açude, alaude, ataude, almude, embude, grude, talude).

Pondo de parte os nomes abstractos em -ão e os femininos em -ez a que acabamos de nos referir, são em geral masculinos os nomes oxytonos: chá, tafetá, pé, dó, nó, pó, cipó, café, fubá, maracujá, gral, mal, sal, rubi, annel, mel, ar, lar, altar, lugar, chapeu, ceu, calhau, grau, sarau, pau, som, dom, jardim, sol, lençol, funil, buril, barril, papel, tonel, vergel, anzol, cinzel, docel, cordel, batel, ardil, redil, covil, canil, farol, paiol, caftan, yatagan, tapinhoan, afan, ademan, armazem, desdem, harem, vintem, trem, bergantim, espadim, anexim, estoquim, capim, tamborim, alecrim, festim, flautim, nariz, paiz, matiz, tamiz, chapariz etc.

Exceptuam-se desta regra:

- (a) um nome em $-\acute{a}$: $p\acute{a}$.
- b) os seguintes em -é : $f\acute{e}$, $s\acute{e}$, $galil\acute{e}$, $gal\acute{e}$, $mar\acute{e}$, $pol\acute{e}$, $ral\acute{e}$, $libr\acute{e}$.
 - c) os seguintes em -ó: enxó, filhó, ilhó, mó.
- d) um nome em -al: cal. Por subentender-se algum termo feminino, tomam este genero os substantivados bacchanal, saturnal (festa); pastoral, credencial (carta); inicial (letra); cathedral (igreja); diagonal, horizontal, vertical (linha) e outros.
 - e) um nome em -er: colher.
 - 1) tres nomes em -or: cor, dor, flor.
- g) os seguintes em -an: can, chan, lan, roman, gran, maçan, manhan, avellan, sertan, hortelan, barbacan, milhan.
- h) um nome em -au: nau, e os de ditongo -ei: grei, lei.
- i) os seguintes em -iz: boiz, cerviz, cicatriz, matriz, raiz.
 - j) os seguintes em -oz: foz, noz, tardoz, voz.

- k) dous nomes em -uz: cruz, luz.
- l' tres nomes em -az: paz, tenaz; agua-raz.
- m) um nome em -em: cecem.

Das palavras em -e atono, são do genero feminino, alem das já mencionadas:

- 1.° as que terminam em -ede, -ide (excepto cabide) em -ave (menos conclave), -eve, -ebe; em -ase, -asse, -ace (excepto desenlace, passe e compostos); em -ese, -ece, -esse (menos interesse); em -ose. Taes são: parede, rede, sede, séde; vide, lide; ave, chave, trave, clave; neve, greve; plebe, sebe; base, face, phase, gase, alface; prece, messe, these (e compostos), analyse, catalyse, diocese; dose, apotheose.
- 2.° as palavras carne, tarde, glande, lande, falange, fome, febre, lage, haste, peste, veste, fouce, mole, prole, pelle, hecatombe, crise, couve, grippe, sege, estirpe, ellipse; arvore, tosse, posse, hoste, ode, noite.
- 3.º os termos glotte e epiglotte, ao passo que são masculinos todos os mais nomes em -ote.
- 4.º fonte, fronte, ponte, em opposição a monte, horizonte e os compostos de -odonte, que são masculinos.
 - 5.º os compostos de -pole: metropole, necropole, etc.
- 6.º arte e parte, sendo masculinos os demais nomes em -arte.
- 7.º gente*), frente, mente, semente, aguardente, vertente, e os substantivados em -ente referidos ao conceito «agua» (no sentido proprio ou figurado): nascente, enchente, torrente, corrente, ou «linha» (tangente, secante, etc.).
- 8.º os termos eruditos derivados por meio de -ite, designando doenças, rochas, plantas (bronchite, fulgurite, elematite, etc.).
- 9.º os seguintes nomes em -orte: sorte, morte, côrte, cohorte.
- 10.° os terminados em -ie: effigie, serie, especie, congerie.

^{*)} Gente é nome collectivo applicavel sómente a serce humanos considerados em conjunto; mas apesar desta particularidade o vocabulo é tratado em linguagem como os demais collectivos, como se fora nome de cousa.

11.º praxe e os compostos de -taxe (syntaxe, para-uxe, hypotaxe).

Levadas em conta estas restricções e casos especiaes acima explicados, dá-se geralmente o genero masculino aos nomes designativos de cousas, paroxytonos e proparoxytonos, desde que não terminem em -a atono. Dizemos o caracter, o aljofar, o assucar, o ambar, o orgão, etc. Benção (do lat. benedictione —) entrou na linguagem como vocabulo feminino com accento tonico na syllaba final. Esta pronuncia persistiu durante muito tempo. Hoje proferimos o vocabulo, deslocando o accento para a syllaba ben, mas conservando o genero feminino.

Nomes de animaes. — Na determinação do genero grammatical não ha differença entre os nomes dos animaes e os demais substantivos, quando se trate de entes em que a distinção do sexo, ou por difficil ou por desnecessaria, não costuma ser feita na vida real. Assim são femininos, simplesmente por terminarem em -a, baleia, aguia, formiga, pulga, onça, cobra, tartaruga; e masculinos, por analogia de outros vocabulos, badejo, rouxinol, gavião, salmão, sapo, tatu, rhinoceronte, hippopotamo, rato, tamanduá. Os nomes perdiz, codorniz, serpente, rez, são femininos á semelhança de certos nomes de cousas com a mesma terminação.

Sendo mister alguma vez determinar o sexo, accrescenta-se a estes nomes, conforme o caso, a palavra macho ou femea: a aguia macho ou o macho da aguia; o sapo

macho, o sapo femea ou a femea do sapo, etc.

Chamam-se em grammatica epicenos esses substantivos que com um só genero designam ambos os sexos; e epicenos são em geral os nomes de peixes, reptis e batrachios, de insectos e animaes inferiores e, com poucas ex-

cepções, os de mammiferos e aves.

A distinção sexual impõe-se, e com ella a necessidade de vocabulos que designem o macho e a femea, em se tratando de certos animaes domesticos, criados pelo homem para a alimentação, para a lavoura ou para outros fins. Assim, differençam-se, por vocabulos distintos, boi e vacca, cavallo e egua, burro (e mu) e besta ou mula, carneiro e ovelha, bode e cabra, gallo e gallinha, cão e cadella; e,

mudando simplesmente a terminação da palavra, gato, gato; porco, porca; leitão, leitoa; pombo, pomba; peru, perua; pato, pata, marreco, marreca.

Denotam particularmente certos machos destinados para a reproduçção estes termos: touro (boi); garanhão (ca-

vallo); varrão (porco).

Querendo-se designar a especie ou quaesquer individuos da especie, emprega-se a forma masculina, cavallos, cães, porcos, gatos, perus, patos, leitões; mas diz-se criação de gallinhas, de cabras, attendendo ao numero preponderante de femeas. De preferencia a rebanho de carneiros usa-se rebanho de ovelhas. Falando do gado bovino, o termo vacca ou vaccas individuará as productoras de leite, criadas em geral separadamente do outro sexo.

Macho e femea de certos animaes não-domesticos que ferem a vista pela grande dissemelhança no aspecto exterior, têm designações para os dous sexos: faisão, faisã;

pavão, pavoa; leão, leoa; veado, corça.

Distinções que interessam particularmente a caçadores são javardo (javali macho), loba e ursa. Este ultimo feminino applica-se, fora do dominio de S. Huberto, sómente ás constellações Ursa maior e Ursa menor.

Os quinhentistas davam tambem forma feminina ao

termo elefante:

Vinham dous elejantes grandes... e huma elejanta pequena (Barros, Dec. 2, 9, 1).

Nomes proprios. — O genero dos nomes proprios de pessoas, nacionaes ou estrangeiros, dos sobrenomes appellidos ou alcunhas, decide-se pelo sexo das pessoas portadoras de taes nomes: Moysés, Judith, Ezequiel, Rachel, Norma, Numa, Jugurtha, Cleopatra, João de Castro a nova Castro, Chateaubriand, Lafontaine, a Dubarry, a Pompadour, Irene, Alexandre, o Magalhães, a (senhora Guimarães, o Chora-vinagre, o Prata Preta, José, Salomé Montesquieu, a Montespan, Apollo, Sappho, Eduviges, Bruno, Juno, etc.

Certos nomes de baptismo, como *Pedro*, *Adão*, *Arthur* servem sómente para homens; outros, como *Martha*, *Leo nor*, só se applicam a mulheres; outros, finalmente, usam-se para os dous sexos, fazendo-se a distinção na terminação

do vocabulo: Francisco, Francisca; Antonio, Antonia; Manuet, Manuela; Luiz, Luiza; Paulo, Paulo, Valenciano, Valenciana, etc. Antigamente dizia-se tambem Simoa (como feminino de Simão) e Julioa: a nao Julioa (Barros, Dec. 1, 6, 3).

Esta pratica de variar a terminação foi por vezes adoptada pelos chronistas com relação a appellidos de familia:

Nom somente deu os bees delle, mas ainda de Maria Anes Leitoa, sua manceba (F. Lopes, D. J. 336) — Foi filha de dona MariAffomsso Chichorra (ib. 348) — Foi casado com D. Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que houve duas filhas Dona Catharina Pereira Barreta... e Dona Elena Mascarenhas (Couto, Dec. 4, 4, 1) — Casado com Dona Marianna Coutinha, filha de Pero de Andrade de Caminha, que foi casado com Dona Pascoela Coutinha filha de Vasco Coutinho (ib. 8, 28).

Aos nomes dados a animaes, edificios, navios e outros objectos ajunta-se o artigo de accordo com o genero do substantivo commum que se tem em mente: o (cavallo) Bucephalo, a (egua) Swift, o (navio) Santa Catharina, o Rainha Margarida, o (palacio) Itamaraty, o (navio) Dona Clara, o (cruzador) Republica, o Minas Geraes, etc.

O artigo que sempre se antepõe aos nomes de rios e montes refere-se, não ao nome proprio, mas ao termo geographico, claro ou subentendido: o (rio) Amazonas, o S. Francisco, o Madeira, o Parahyba, o (monte) Aconcagua, o Vesuvio, o Etna, os (montes) Alpes, os Andes, etc.

Nas denominações o Atlantico, o Pacifico refere-se o artigo ao termo « oceano »; em o Mediterraneo, o Adriatico,

o Baltico tem-se em mente a palavra «mar».

Pode-se deixar de mencionar o termo «ilha» junto aos nomes *Chypre*, *Naxos*, *Chio*, etc.; porem os adjectivos e pronomes irão para o feminino de accordo com o termo geographico não expresso. Diz-se comtudo os Açores, os Abrolhos.

Por motivo analogo vão referidos á palavra «cidade» os qualificativos em Nova-York, Nova Friburgo, soberba Tui (Cam., Lus. 3, 89); Trancoso destruida (ib. 3, 64); sometida Bizancio (ib. 3, 12); a forte Arronches (ib. 3, 55); vê cercada Santarem (ib. 8, 19); funda la Arsinoe foi (ib. 9, 2).

Esta regra relativa aos nomes de cidades soffre notaveis restricções. Diz-se por exemplo o Rio de Janeiro, o Cairo, o Havre. Fernão Lopes emprega Londres com o genero masculine em a mim pareçe que boom Londres he este (D. J. 40).

Londres e Paris são nomes masculinos para Fernão Mendes Pinto, que só dá o feminino aos nomes terminados em -a atono neste passo:

Porque se não ha de imaginar que he ella [cidade de Pequim] hũa Roma, hũa Constantinopla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa, (ib. 2, 80).

Do mesmo genero é Fez segundo est'outro trecho quinhentista:

Fez he uma cidade, a maior e mais principal de toda a Berberia... ha nella duas partes, convem a saber: Fez o novo, que contém alcaçova, paços reaes, casas de senhores, alfandegas, aduanas: e isto cercado de mui bons muros, faz huma pequena cidade: logo junto della, dous tiros de pedra, ladeira abaixo, está Fez o velho, bem murado e assentado entre alguns outeiros e chapadas (Mend., Jorn. d'Afr. 1, 112).

Camões põe no masculino:

Tangere populoso (Lus. 4, 55) — Foi tomado Alcacere do Sal (ib. 3, 90) — O extremo Suez (ib. 10, 98);

e, vacillando, escreve:

Dará na rica Dio (ib. 10, 64) e hum ergue Dio, outro o defende erguido (ib. 10, 67).

Vieira contradiz seriamente a regra neste passo:

Por huma Jericó vos darey hum Moçambique, hum Melinde, hum Socotorá, hum Bassorá, hum Ormuz, hum Diu, hum Damão, hum Chaul, hum Meliapor, hum Jafanapatam, hum Macao (Serm. 8, 395).

Incluiu o orador nesta serie de nomes masculinos Socotorá, que é uma ilha. Comparem-se com a linguagem de Vieira os trechos camoneanos:

Verás de fronte estar no Roxo estreito Socotorá co amaro aloe famosa (Lus. 10, 137) — A canela com que Ccilão he rica, illustre e bella (ib. 9, 14).

Para os nomes proprios applicados a grandes extensões de terra, a paizes, provincias ou estados, e usados sem o termo geographico, regula-se o genero pela terminação do vocabulo. São femininos os terminados em -a atono: America, Asia, Europa, Australia, Noruega, Dinamarca, China, Siberia, Russia, India, Abessinia, Patagonia, Colombia, Andaluzia, Guyana, Hollanda, Hespanha, Belgica, Persia, California, Galliza, etc. São masculinos os que têm outra terminação: Peru, Japão, Chile, Brasil, Goyaz, Ceará, Sergipe, Mexico, Panamá, Ilaiti, Marrocos, Egypto, Iran, Indostão, Portugal, Aragão, Algarve, Pamir, Tibet, etc.

MUDANÇA DE GENERO E GENERO DUVIDOSO. — Varios substantivos communs têm ou tiveram genero duvidoso:

a) Planeta (ou praneta, preneta, variantes em port. ant.). Na linguagem pre-camoneana podia usar-se o vocabulo indifferentemente no masculino ou feminino. No Leal Cons. cap. 39 occorre as pranetas, das pranetas nada menos de nove vezes. Na obra Corte Imp. notam-se a pag. 240 c 242 os casos seguintes de um e outro genero:

A planeta que chamam Jupiter que he hũa das sete planetas ha propiedade e condiçom de significar fe e rreligiom. — E as outras seis planetas... — saturno he hũu tal planeta que he mais grave que todolos outros planetas e el nom se aiunta a nehuũ dos outros planetas e todalas outras planetas se ajuntam a el — o planeta saturno — o dito planeta Jupiter — este planeta — ao planeta do Sol — quando a planeta Jupiter se aiuntar com a planeta que he a lãa — do planeta mercurio — o planeta Jupiter — a planeta mercurio — o planeta mercurio.

No seculo XVI tende a fixar-se o uso da forma masculina. Em Gil Vicente occorrem ainda:

Do védor he necessario | saber a planeta sua. | Sua planeta he a lua (3, 254) — Ou que planeta he aquetta | que o fez tão sabedor | pera que adoremos nelta? (ib).

Camões adopta o masculino em:

Já neste tempo o lucido planeta (Lus. 2, 1) — A quem fez o seu planeta restituidor de Hespanha (ib. 3, 19).

Difficil de explicar é o passo:

Mas já o planeta que no ceo primeiro habita, cinco vezes apressada agora meio rosto, agora inteiro mostrara (Lus. 5, 24).

Segundo alguns, seria um caso de syllepse de genero; mas cumpre notar que não costumava o poeta lançar mão

desse audacioso recurso. Outros entendem que Camões teria escripto *Mas já a planeta*, como o permittia o uso ainda naquelle tempo, e que por erro typographico sahiria o planeta. Parece mais plausivel a segunda explicação.

b) Cometa. Palavra masculina hoje, mas de genero incerto entre os quinhentistas:

Appareceo no ceo da parte do oriente hãa cometa (Castanh. 1, 98) — Appareceo no ar hum grande cometa com hum raio... a qual foi vista per todolos d'armada (Barros, Dec. 1, 5, 2).

Vieira, referindo-se ao cometa de 1695 (Serm. 14, 225-265), não dá ao termo senão o genero masculino.

c) Tribu. Para os seiscentistas a tribu, como hoje usamos, era tão correcto como o tribu:

Dando de barato a parte das dez tribus (Vicira, Serm. 8, 265) De huma tribu a outra tribu (ib. 8, 264) — Juraram todos os doze tribus de Israel (ib. 2, 120) — Das doze tribus, que juraram... as dez lhe negaram obediencia (ib. 2, 121) — Ajuntou de todos os tribus que poude (ib. 9, 442).

d) Mappa. De genero feminino no seculo XVI, passa a usar-se como masculino do seculo seguinte em diante:

Na mappa (H. Pinto 1, 353; 1, 208 e passim) — O mappa (Vieira, Serm. 7, 200 (3 vezes), 202 (2 vezes).

e) Catastrophe. Vocabulo outrora masculino:

O calastrofe da tragedia (Ser. 14, 241) — Aquelle calastrofe admiravel (ib. 9, 415) — Um famoso calastrofe (ib. 1, 459) — Depois daquelle calastrofe fatal (M. Aires, 381) — Vem a ser mais pathelico, vehemente e horroroso o calastrofe da tragedia (Freire, A. poet. 71).

f) **Hyperbole**. Hoje usa-se este termo no feminino; antigamente dizia-se o hyperbole a par de a hyperbole:

Isto he tão extranhado na Historia que melhor soffre hum hyperbole (Barros, Dec. 3, prol.) — Permitta-se o hyperbole (M. Aires, 42) — Deixo tambem os empollados hyperboles (Bern. N. Fl. 4, 267) — Não he tão mai entendida a hyperbole (Vicira, Serm. 4, 203) — O estylo que segui, foi huma hyperbole às avessas (ib.).

g) Amethysta e amethysto. — Contrariamente ao uso actual, encontramos a forma masculina em:

O amethisto pedra preciosa tem cor de vinho (Bern., N. Fl. 4. 124) — O calix consagrado e calix de preciosos amethistos liquidos (ib.)

h) Fim. Continuou a ter em portuguez o mesmo genero do lat. *finis* até que com a era dos seiscentistas passou a ser vocabulo exclusivamente masculino. Com este mesmo genero já apparece nos Lusiadas; autores de outras obras quinhentistas revelam tendencia conservadora:

Ja na fim de dezembro (Castanh. 2, 74) — Aquel era ho fim pera que lhe elrey dera aquella armada (ib. 2, 68) — Era o fim a que seus imigos faziam todas estas cousas (ib. 2, 109) — Da fim de agosto até a fim de outubro (Barros, Dec. 2, 6, 1) — Na fim de junho (Castanh. 1, 68) — Na fim dagosto (ib. 4, 42) — Como quem entendia o fim daquella sua viagem a Malaca (Barros, Dec. 2, 6, 2).

- i) Linguagem, linhagem. Em port. ant. podia dizer-se: Em linguagem grego (S. Josaph. 49). Dizia-se tambem livro dos linhagens (Port. M. Hist. S. 1, 143); seu linhagem (F. Lopes, D. J. 147, 149) a par de a humanall linhagem (ib. 299). Segundo a grammatica de Fernão de Oliveira, linguagem e linhagem são femininos.
- j) **Personagem.** Antepõe-se-lhe tanto o artigo o como o artigo a:

Todas as grandes personagens (Vieira, Serm. 2, 217) — Apparece uma personagem de grande autoridade (ib. 11, 182) — Dous personagens (Mello, Ap. Dial. 278) — Vira a seu lado huma veneranda personagem em habito sacerdotal (Bern., N. Fl. 4, 367) — As turbas que cercão as personagens illustres (ib. 4, 361) — Estas personagens achavam-se reunidas (Herc., Lend. e Narr. 1, 186) — Salvo as personagens (ib. 1, 187) — As palavras dos dous personagens (Herc. M. de C. 2, 28) — Respondeu o personagem (ib. 2, 91) — Alli chegaram os tres personagens (ib. 2, 106) — A personagem que dera azo (ib. 2, 115) — Diante do nedio personagem (ib. 2, 229) — Deixaram ver um novo personagem (ib. 2, 234) — Esta personagem é D. Vivaldo (ib. 1, 161).

- k) Banco roto e bancarrota. Desde que em portuguez se usa a forma masculina para designar o estabelecimento de credito, logico parece o emprego do mesmo genero em: Qualquer que se faz amigo do mundo faz banco roto com Deos (H. Pinto 1, 411). Veio porem a prevalecer a forma feminina, naturalmente por influencia do italiano bancarrotta e do francez banqueroute, linguagens estas de accordo com o genero de banca e banque.
- l) Baralha e baralho. Tratando-se do jogo de cartas, o port. hod. diz baralho. Do genero feminino, usado

outrora, occorrem a pag. 209 dos Apol. Dial. de Mello quatro exemplos. Igualmente em Vieira, Serm. 8: As cartas não hão de ser de outra baralha, senão as mesmas (261); as naos fossem providas... não de baralhas de cartas (262).

m) Copa e copo *) — Em linguagem hodierna servimo-nos geralmente da forma masculina para designar o vaso de beber. O feminino copa não é de uso corrente senão para denotar cousa diversa: lugar onde se guardam mantimentos, louça, etc.; a parte superior e arredondada de certos objectos (copa de chapéu, copa de arvore). Em port. ant. usava-se do feminino copa com a significação de «taça», quer fosse de metal o vaso de beber, quer de vidro. Exemplos de copo, no masculino, a par de copa, apparecem no seculo XVI, e tornam-se mais frequentes dessa epoca em diante:

Eu bebo em taças e copas douro (L. de Esopo 24) — Cada huŭ bebe por hūa grande copa de ouro (M. Polo 33 r) — Dai cá a copa que hontem vos dei (Cam. Amphitryões) — Eis aqui a copa vem testimunho da verdade (Cam., ib.) — Trazia hum vaso de prata dourado a modo de copa (Barros, Dec. 1, 6, 4) — Tinha huma copa d'ouro de bordas largas (G. Corr. 1, 99) — Trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e copos tambem de ouro, com que a vista se deleitava muito (F. M. Pinto 1, 278) — Hum envoltorio em que vinhão muytos copos e jarros de prata (ib. 2, 275) — Lançando-lhe o vinho nos copos (Sousa, S. Dom. 90).

No seguinte exemplo seiscentista já a palavra *copa* vem tomada no sentido de armario em que se guardam vidros:

A este imperador apresentaram huns embaixadores de Veneza huma *copa* de varios vidros artificiosos e esmaltados de ouro (Bern., N. Fl. 4, 267).

n) Espinho e espinha. Os seiscentistas serviam-se indifferentemente de uma ou outra forma, em exemplos como os seguintes, nos quaes o port. hod. não usa senão o masculino:

Cabeça coroada de espinhas (Bern. L. e C. 539) — Jesus tecede nossos espinhos a sua coroa (ib. 540) — Tu foste o que açoutaste

^{*)} Veja-se a proposito dos dous termos o respectivo capítulo em Said Al Meios de Expressão e Alterações Semanticas.

a Jesus, tu o que o coroaste de espinhos (ib. 570) — Huns martyres caminhavão sobre as espinhas como sobre flores, outros a cada passo que davão, lhes brotavão dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos erão os espinhos (Vieira, Serm. 5, 265) — O trigo que parte cahio... entre espinhos e parte sobre pedras duras (ib. 8, 395).

Em port. ant. dizia-se no feminino:

O leão e o pastor que lhe tira do pé huma espinha (Livro de Esopo 27) — Sem cardos e sem espinhas (S. Josaph. 12).

A forma feminina podia tambem designar, como hoje, osso de peixe:

A invenção desta peçonha he dos moradores da ilha Çamatra, a qual se compõe com a espinha do peixe (Barros, Dec. 2, 6, 4).

o) Teiro. Da incerteza do genero desta palavra dão testemunho os seguintes passos:

Ouvira o nome de Gil Eannes, a quem tinha antigo teiró (Herc., M. de C. 1, 209) — Não obstante porém a teiró de donato (ib. 1, 251) — Sem saber porque, a teiró que tinha a Fr. Vasco sentia-a diminuir d'intensidade (ib. 1, 288).

p) Tigre, lynce. Usam-se geralmente no masculino. Alguns exemplos occorrem, comtudo, em que se tomam estas palavras no feminino:

As lynces mosqueadas (Castilho, Georg. 177) — Tigres raivosas (ib. Georg. 85) — Tigre denegrida (ib. 275); porem: os tigres apiedava (ib. 287) — Crua tigre faminta (Castilho, Metam. 238) — A tigre na selva (ib. 173).

q) Espia, guia. Dá-se-lhes hoje o genero masculino em attenção ao sexo dos individuos que exercem o officio de espiar, ou costumam guiar os outros. Outrora attendia-se á terminação dos vocabulos:

Foi avisado por suas espias (Castanh. 1, 75) — A guia fogio coeles (ib. 3, 151) — Como espias domesticas que sabião onde estavão os idolos tal vez escondidos (Vieira, Serm. 8, 475).

r) Guarda. Usado hoje no feminino, na accepção de «acto de guardar», e no singular no sentido collectivo de «soldados que estão de guarda», toma comtudo o genero masculino quando referido a individuos, quer no singular, quer no plural. Contrariamente a esta regra dizia-se:

O que derrubou amortecidas as guardas (Vieira, Serm. 7, 290) — Entrai, se vol-o permittirem as guardas (ib. 31).

Vieira distingue todavia guarda (>= sentinela) de guarda (= guardador, pastor) neste passo:

Vencendo a quatro reys só com *os guardas* das suas ovelhas (Serm. 3, 253).

- s) Lingua significando «interprete» apparece com o artigo o frequentemente em Castanheda. Hum bom lingua diz do mesmo modo Vieira, Serm. 1, 106. Continua a usar-se no masculino.
- t) **Trombeta**, designando o soldado que toca o instrumento, occorre em Fernão Lopes no masculino:

Mandou-lhe dizer per hũu seu trombeta (D. J. 257) — Nun Alvarez recebeu bem ho trombeta (ib.) — Com esta reposta se partío ho trombeta (ib. 258) — E em contando o trombeta a reposta (ib.).

No seguinte passo vem a palavra no feminino, por pensar-se menos na pessoa:

- E levarom comsigo hũa trombeta que andava em companhia dhuũ daquelles que se apartarom, e quando veo aa mea noite, aquella trombeta, per mingoa de boom avisamento, começou de tamger (259).
- u) Pyrames por pyramides occorre varias vezes no masculino nas Decadas de João de Barros.
 - v) Fantasma. Usou-se no feminino:
- J / A continuação tinha criado em Frey Gil animo para desprezar suas fantasmas (Sousa, S. Dom. 87) / Revestiu-se de noite de uma fantasma medonha (Vieira, Serm. 11, 267) A fantasma arreunette (Mello, F. Apr. 42) Aínda que na verdade não seja mais que huma fantasma (M. Aires, 272) Fantasmas varias (Castilbo, Met. 275).

ADJECTIVOS

Formação do plural

Forma-se o plural dos adjectivos acabados em vogal, accrescentando-lhes -s, e o dos adjectivos acabados em consoante, por meio do suffixo -es exactamente como se fossem substantivos: ricos, bons, amaveis, audazes.

Diversamente dos substantivos, existem adjectivos terminados em -il não sómente oxytonos, mas tambem paroxytonos. Destes ultimos occorrem alguns com o plural regular em linguagem antiga: fertiles (Barros, Dec. 1, 1, 4); esteriles (ib. 2, 8, 1); habiles (F. M. Pinto 2, 114); volatiles, aquatiles (H. Pinto 1, 4); difficiles (ib. 1, 172 e passim). Era, aliás, a formação indicada, uma vez que no singular, alem de debil, esteril, fertil, etc., tambem se admittiam debile (Livro de Esopo 36), esterele (Barros, Dec. 1, 1, 10), fertele, etc.

tambem se admittiam debile (Livro de Esopo 36), esterele (Barros, Dec. 1, 1, 10), fertele, etc.

O portuguez hodierno não reconhece para estes adjectivos paroxytonos senão o plural em -eis: faceis, uteis, ferteis. Fossil, com o seu plural fosseis usa-se muito

como substantivo.

Simples ou simpres tinha outrora o plural simplices

ou simpreses.

Não é prova de pronuncia differente do hodierno -eis a graphia -ees do port. ant. em estavees (Livro de Esopo 30), prazivees (S. Josaph. 7), semelhavees (ib. 11). É ainda de notar que por vezes se hesitava entre -avel e -avil, e entre -ivel e ivil. Em periodo menos remoto vemos o cantor dos Lusiadas decidir-se sempre pelas terminações -abil e -ibil.

Os adjectivos em -ão formam geralmente o plural em -ões segundo a regra para os substantivos de terminação identica. Excepcionalmente, fazem em -ãos: loução, são, chão, comarcão, temporão, vão, alem dos se-

guintes usados tambem como substantivos: pagão, christão, romão (port. ant. = romano). Em -ães fazem: allemão, catalão, charlatão, que tambem servem de substantivos.

Nas chronicas antigas lê-se paçãos (= port. mod. palacianos), castelãos (= port. mod. castelhanos); em G. Vic. 2, 489 cintrãos; em Castanh. 3, 145 e passim meãos, e em F. Lopes, Chr. D. F. 214 caãos (= encanecidos): forem... sem barvas e que aa tornada veheram caãos.

Genero

Nos adjectivos, como nos substantivos, a caracteristica do genero feminino é a terminação -a, posta em lugar da desinencia vocalica masculina, ou accrescida á terminação consonantal masculina. As modificações phoneticas que esta regra soffre foram desenvolvidas no capitulo sobre os substantivos.

Entre os adjectivos que mudam -o em -a estão comprehendidos o port. ant. bō-o, bō-a e ma-o, ma-a, que, simplificados pelo frequente uso, se tornaram respectivamente em bom, boa e mau, má. Procede o primeiro adjectivo do lat. bonu-, bona-, e o segundo de malu-, mala-, sendo de notar que durante algum tempo perdurou em port. ant. a par do feminino maa, a forma mala, bem como o adverbio malamente. Vestigios desta primitiva linguagem conservaram-se em certos dizeres até o seculo XVI: Cousa velha e certa he: quem malas manhas ha, não has perde em quinze dias (Sá de Mir. 430). Do emprego de malamente basta mencionar: Aviia trautado malamente os seus monjes (Frad. Men. 1, 41).

Applicam-se a um e outro genero sem soffrerem mudança alguma os adjectivos em -e, -l, -az, -iz, -oz e -ar, como: forte, igual, facil, sagaz, feliz, veloz, particular. Por excepção dizemos hespanhol, hespanhola.

Em -uz existe a palavra andaluz com o feminino an-

daluza.

Das palavras em -ez são invariaveis quanto a genero: cortez, montez, pedrez, soez, tremez. Em port. ant. esta invariabilidade estendia-se aos adjectivos patrios em -ez. Fer-

não d'Oliveira dá como sendo de genero commum portugues, ingres, frances, mas accrescenta: posto que tenhão femininos em a como portuguesa. João de Barros preferia a forma invariavel:

A nação portugues (Dec. Prol. e 1, 3, 12; 1, 4, 11) — Da gente portugues (Dec. 1, 1, 2; 1, 4, 9; 1, 4, 11) — A nação genoes (ib. 1, 3, 11) — Lingoa portugues (ib. 1, 8, 6; 2, 2, 5).

Camões adoptou o feminino em -a:

A policia portuguesa na paz e na milicia (Lus. 7, 72).

Esta pratica firmou-se, e dos seiscentistas em diante os adjectivos patrios são definitivamente considerados como

palavras variaveis em genero.

A palavra commum serve, no falar hodierno, para ambos os generos sem soffrer modificação alguma, e assim serviria tambem a principio, attendendo a que não se fazia distinção em latim. Fernão Lopes: a commuũ voz, Chr. de D. J. 24 e semelhantemente em outros passos. Por analogia de ũ, ũa surgiu, comtudo, o feminino commũa, sendo seu emprego condemnado pelo grammatico de 1536. Discordava desta opinião João de Barros, entendendo que no feminino tanto se podia dizer de um modo como de outro, como o demonstram muitos passos das Decadas. Esta liberdade foi ainda reconhecida por Vieira, Bernardes e outros seiscentistas:

A gente commum (Barros, Dec. 2, 5, 8) — Segundo a commum opinião (ib. 2, 9, 5) — Sendo ellas commuas a elles (ib. 2, 5, 11) — Por as molheres serem commuas aos de suas dignidades (ib. 1, 9, 3) — A conclusão mais commua, mais recebida e mais certa (Vieira, Serm. 3, 34) — He commum allegoria (ib. 3, 62) — A commum exposição dos interpretes (ib. 3, 6) — Esta definição he fundada na doutrina commua dos Padres (ib. 2, 160) — Nesta desgraça commua (ib. 2, 166). — Aquella devoção dos Athenienses era tão commua e tão vulgar (ib. 9, 40) — He commua frase dos Santos Padres (Bern., N. Flor. 1, 237).

Ainda no seculo XVIII se usou frequentemente o feminino commua. Assim em Durão, Caramuru 1, 15 e varios outros passos do mesmo poema. É de notar que com o tempo desnasalou-se a terminação $-\tilde{u}a$, tornando-se em -ua, á semelhança do que succedeu com $l\tilde{u}a$, lua.

O desapparecimento do feminino commua deve-se na-

turalmente ao sentido baixo que veio a adquirir o vocabulo como substantivo.

Os adjectivos terminados em -ão formam de tres maneiras o feminino. Em -an existem: chan, gran, san (e malsan), louçan, mean, folgasan, temporan, assim como os seguintes que tambem servem de substantivos: alleman, bretan, coimbran, cintran, catalan, comarcan, christan, pagan roman (port. ant. = romana). Com referencia a febres existem terçan, quartan, quintan, sem os masculinos correspondentes.

Raros são os femininos em -oa: bretoa (ao lado de bretan), tabellioa. Os augmentativos dizem-se geralmente com a terminação -ona: feianchona, toleirona, bonachei

rona, etc.

Dos adjectivos em -or não distinguem o genero senão pelo sentido os compostos de substantivos, como multicor, semsabor, e os comparativos e superlativos melhor, peior, maior, menor, superior, inferior, interior, exterior e ulterior.

Usa-se apenas o feminino superiora substantivada-

mente como superiora de um convento.

De procedencia erudita são directriz, bissectriz, motriz (tambem se diz motora) usados como femininos de director, bissector e motor.

Levados em conta estes casos particulares, os adjectivos em -or fazem em geral o feminino com o accrescimo da característica -a: cortador, cortadora; vingador, vingadora. Esta forma feminina é usada já desde João de Barros e Camões; porem nos seculos XIV e XV eram taes adjectivos em -or considerados ainda como invariaveis quanto ao genero:

Espadas brancas muito cortadores (F. Lopes, D. J. 214) — Cada huñas virtudes som merecedores de seus pregoões (ib. 56) — E nom somente deu os bees delle, mas ainda da Maria Anes Leitoa, sua manceba, morador em Lixboa, se achassem que fugira com elle, ou era comssemtidor naquella malldade (ib. 336) — E a dita comdessa era em ello comssemtidor (ib. 386).

Comparação

Dous ou mais seres podem ter o mesmo attributo ou qualidade em grau igual ou differente. Observar este facto equivale a comparar, e o resultado enuncia-se antepondo ao adjectivo a palavra tão para a igualdade, mais para a superioridade, menos para a inferioridade.

Tratando-se dos adjectivos bom, mau, grande, pequeno, usam-se, para denotar a superioridade, as formas synthe-

ticas vindas do latim melhor, peior, maior, menor.

Se a comparação se limita a assignalar a differença ou igualdade entre dous entes ou duas series de entes, diz-se que o adjectivo está no grau comparativo. Se tem por intuito fazer sobresahir a qualidade de um ou mais seres de entre a totalidade dos seres da mesma especie, ou semelhantes quanto a outros attributos, o adjectivo estará no superlativo (relativo).

Em portuguez, como nas demais linguas romanicas, este superlativo não tem forma propria que o distinga do comparativo; e assim é que *maior*, *melhor*, *peior*, *menor* se usam para ambos os graus de superioridade, ao passo que

em latim eram meros comparativos.

O artigo não é privilegio do superlativo relativo. Acompanha-o sempre, é certo, por assim o exigir o sentido; mas a sua presença no comparativo depende sómente da maneira de redigir a frase. Diz-se v. g.: dos dous irmãos André e João, aquelle é o mais rico, a par de André é mais rico do que João. Segundo a definição acima, o adjectivo rico está no comparativo tanto num como noutro exemplo.

A formação dos superlativos em -imus e -issimus, prolifera no latim classico, esterilisou-se no latim vulgar, não chegando portanto ao portuguez vocabulos desta especie. A corrente erudita reviveu mais tarde o processo, restringindo comtudo o caso de taes formas ao sentido de superlativo intensivo. Puro latinismo é o emprego de pessimo por o peior em Bern. L. e C. 263: e nesta forma bem podia hum S. Francisco entender que elle era o pessimo de todos os nascidos.

Apesar desta regra, conseguiram insinuar-se na linguagem culta como superlativo relativo: a) optimo na locução o ponto optimo (= o ponto melhor); b) maximo e minimo em certas locuções como o grau maximo e o grau minimo, e tambem em substituição, não obrigatoria, a o maior, o menor, tratando-se de cousas abstractas; c) supremo ou summo, infimo, e extremo, usados, em certos casos especiaes, para significar «o mais alto», «o ultimo», «o mais baixo», «o que é chegado ao ponto derradeiro».

Por via erudita penetraram igualmente em nosso idioma os comparativos superior, inferior, exterior, interior (os tres primeiros respondem morphologicamente aos superlativos acima mencionados em e), tendo comtudo applicação mais ampla), e, em epoca mais recente, anterior, posterior e ulterior. Diversamente dos outros comparativos de superioridade, podem estes vocabulos subsistir sem os competentes adjectivos em grau positivo. Explica-se o paradoxo, por denotar a forma comparativa aqui tão sómente a opposição de idéas quanto ás circumstancias de lugar; e, se superior e inferior tambem se usam em sentido metaphorico, convem notar que as metaphoras não destroem processos grammaticaes.

Fazendo abstracção dos superlativos em -imus e -issimus extintos ao constituir-se o idioma portuguez, notamos, quanto á formação synthetica, que herdamos do latin bom, melhor (bonus, melior) e mau, peior (malus, peior) sem outra modificação mais do que a exigida pela diversidade da phonetica. Pequeno, menor differe do latim, parvus, minor por haver outro vocabulo no grau positivo tomado o lugar do adjectivo parvus, o qual, embora se conservasse em portuguez (parvoo, parvo), deixou de exprimir dimensão para applicar-se especialmente á deficiencia intellectual. Grande, maior corresponde ao latim magnus, maior, havendo aqui substituição do qualificativo no grau positivo por um vocabulo synonymo. Magnus, com effeito, cahiu cedo em desuso; os unicos vestigios que de seu emprego nos ficaram em portuguez antigo encontram-se em tamanho (tan + magnus) e camanho ou quamanho (quam + magnus). O emprego de Manho, Magno junto a nome de pessoa, como titulo, p. ex. em Cam. Lus. 4, 32 Julio Magno (pronunciado Manho para rimar com extranho), introduziu-se em portuguez indirectamente, por via de outro idioma romanico.

Alem das formas melhor, peior, maior usuaes e frequentissimas em qualquer escripto, topam-se uma ou outra vez mais bom, mais mau, mais grande. Extrahidos das diversas obras, e reunidos, os exemplos dão a impressão de numerosos. Considerados, porém, relativamente aos incontaveis casos de emprego de melhor, peior, maior, a par dos quaes occorrem, são como raras ilhas esparsas por oceano vasto e sem limites. Quando os autores recorrem a taes formas analyticas, fazem-no em geral com o intuito de avivar melhor no espirito do leitor (ou ouvinte) as noções de «bom», «mau», «grande». Por vezes lançam mão de tal recurso exageradamente, parecendo-nos que se poderia dispensar, como neste caso:

Dentes... pouco mais grandes que de serra (Zur. Guiné 275).

É sem duvida para exprimir os conceitos com mais emphase que vêm as formas analyticas nestes exemplos:

De maao que sejas serás feito boom, e de boom que sejas serás feito mais boom... De boom que sejas serás feito maao e de maao que sejas serás feito mais maao (Frad. Men. 1, 225) — A frey Bernardo he dada cavalaria e vitoria de alguuns dos mais grandes e mais sotiis diabos (ib. 1, 67) — E porque moramos em terra de vyandas e beveres muyto avondosa contra este pecado de guargătice nos convem aver major avysamento, e muyto mais grande aos que som postos em real estado (D. Duarte, Leal Cons. 110).

Prestando-se melhor á emphase, permittem as formas analyticas particularisar o sentido de *grande* como «grandioso», «magnificente», «potente», de *bom* como «bondo-so», de *mau* como «malvado»:

Entre os Reys que forão em Portugal, ata sua idade, elle foi avido por mais grande, e a sua magnificencia procedia de sua mui grande magnanimidade (Zur. D. J. 2) — Nunca daquy partirey ataa que faça hūa cousa tão assiinada, que nunca jamais aquy venha outro semelhante, nem ainda mais grande, que a mayor nem milhor possa fazer (Zur. Guiné 143) — Outros querram dar per comto tantas boas cousas, feitas per alguü de menos autoridade e homrra, dando rrazões pera os iguallar a este de mais grande estado (F. Lopes D. J. 56) — Elrey de Calicut era ho mais mao homem que podia aver no mundo (Castanh. 3, 99) — Eram os mais maos homens do seu [tempo] (Vieira, Serm. 4, 198) — Esta he a mais mú terra de todo o mundo, pois nella se commettem tantas maldades (ib. 4, 313) — Ao seu rey, que era Sardanapalo, o mais mao rey e mais mao homem que houve no mundo deu Deus de prazo guarenta dias (ib. 2, 457) — O moco mais

garrido, mais amavel, mais bom, dar-se-ia por ditoso se chegasse abraçar corpinho tão mimoso (Castilho, Fausto 239).

Todo o cabimento tem o emprego de mais bom, mais mau, mais grande quando a comparação se faz com outro adjectivo:

Tornou o Santo com semblante grave: Madre minha, vós sois mais justa que boa; e convem serdes mais boa que justa (Beru. N. Flor. 2, 183).

O termo por onde a comparação se afere, enuncia-se, em caso de igualdade, antepondo-lhe a particula como:

Tem a casca tão doce como o gomo (Castanh. 2, 22) — Não era Sancho, não, tão deshonesto como Nero (Cam., Lus. 3, 92) — Nem tão mau como foi Heliogabalo (ib.) — Inimiga não ha tão dura e fera como a virtude falsa da sincera (ib. 10, 113) — A artelharia dos inimigos não era tão boa como a nossa (Castanh. 1, 51).

A mesma particula se usa na equiparação de dous adjectivos:

Assyria gente sugeita a feminino senhorio de hua tão bella como incontinente (Cam., Lus. 7, 53) — Hum documento tão necessario como util, e tão util como admiravel (Vieira, Serm. 9, 297) — Hospedes tão incommodos como frequentes (Herc., M. de C. 1, 227) — Tão ignorante como altivo, a raça burgueza era para elle uma raça vil e reproba (ib. 1, 169) — Circumstancias que fora tão longo como inutil enumerar (ib. 1, 190) — Homem tão violento de genio como duro de braço (ib. 1, 236) — Tão contrarios ao Evangelho... como conformes à largueza da vida (Vieira, Serm. 8, 144).

Exemplos literarios do emprego de tão... como... são extremamente copiosos, mas os que acabamos de reproduzir bastam para dar idéa desta linguagem. Por excesso de logica, substituem muitos, hoje em dia, systematicamente quanto a como, dizendo, v. g. tão rico quanto elle. Os escriptores tinham outrora antes o sentimento de equiparação que o da proporcionalidade em taes frases, e o uso de quanto, aliás bem restricto, nota-se quando a segunda parte da comparação é uma oração longa, ou tem verbo differente, ou verbo igual, porem de tempo differente:

Tão cega fica quanto ficareis se raizes criar lhe não tolheis (Cam., Lus. 8, 50) — A relação da fortuna deste principe Bemoij está tão curta quanto he copiosa em os louvores delrey (Barros, Dec. 1, 3, 6) — Hūa mesa fazem, que se estende tão bella quanto pode imaginar se (Cam., Lus. 9, 55).

Com os comparativos superior, inferior, anterior, posterior o termo de comparação vem precedido da particula a. Com os demais comparativos de desigualdade usa-se que ou do que antes do termo de confronto. Esta ultima maneira de dizer prevalece na linguagem hodierna; os escriptores antigos e os da Renascença davam preferencia ao simples que.

Estando o adjectivo no grau superlativo, o termo de

confronto virá precedido da preposição de.

Superlativo intensivo

Não tem sentido a denominação de superlativo « absoluto » definida como forma adjectiva que denota a « qualidade elevada ao ultimo grau ». Pode-se, por comparação, formar conceito de uma serie infinita de cambiantes da mesma qualidade, mas é impossivel ter noção do limite extremo de cada qualidade em particular. Ninguem sabe o que possa ser o ultimo grau da temperatura, do peso, da força, da grandeza, da riqueza, da bondade, da maldade, da expansibilidade, e, entretanto, os respectivos adjectivos têm a forma superlativa. Por muito intensa que seja a qualidade, sempre podemos imaginal-a mais intensa ainda:

No mesmo dia de sua coroação... nos assombrou este ceu austral com hum cometa maior que o grandissimo de 1680. (Vieira, C. 2, 308) — Terribilissimos foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas, por ventura, mais terrivel é a sua significação (Herc., Eur. 50).

Sendo assim, volvemos á noção de relatividade; e como podemos evitar um termo susceptivel de confusão, preferiremos aqui a denominação de superlativo intensivo, definindo-o: é a forma adjectiva apropriada para expressar que a qualidade ou attributo ultrapassa a noção commum que se tem dessa qualidade ou attributo. Para traduzir isto em linguagem, dous processos se nos offerecem á escolha: ou antepôr ao adjectivo um adverbio de intensidade (muito, extraordinariamente, consideravelmente, extremamente, etc.) ou accrescentar o suffixo -issimo ao thema adjectivo.

O superlativo formado por meio do suffixo -issimo é

de origem erudita e regula-se em geral pelo superlativo latino. Assim nobre (de nobil-e) faz nobilissimo, veloz (de veloc-e) faz velocissimo e os adjectivos em -avel, -ivel, -uvel mudam estas terminações em -abil, -ibil, -ubil ao tomarem o suffixo -issimo: notabilissimo, horribilissimo, solubilissimo.

A par desta formação synthetica regular em -issimo, existem alguns superlativos em -imo tomados igualmente do latim: optimo, pessimo, humilimo, facilimo, difficilimo, pauperrimo, asperrimo, miserrimo, integerrimo, acerrimo, celeberrimo, saluberrimo.

Algumas vezes, sem embargo da forma latina, tiram-se directamente de vocabulos portuguezes superlativos em -is-simo. Asperissimo (Cam. Lus. 3, 116; Couto, Dec. 4, 1, 3; 4, 3, 1; Sousa, Arc. 1, 115) usa-se a par de asperrimo (Cam. Lus. 5, 12; 5, 51; 8, 10); pobrissimo (Couto, Dec. 5, 7, 9; F. M. Pinto, 1, 50; 1, 90; Bern. N. Flor. 2, 170; Vieira, C. 2, 100; Herc., M. C. 1, 79) é usado na literatura de preferencia a pauperrimo, hoje mais em voga; humildissimo (Arr. 700, 706; Bern., N. Flor. 4, 339) concorre com humilimo (Cam., Lus. 4, 54); facilissimo era forma corrente entre quinhentistas (J. Santos, Eth. 1, 230; Arr. 47; Couto, Dec. 5, 1, 2; 4, 10, 3; Itin. 306).

Bom e mau têm, alem de optimo e pessimo, os superlativos intensivos bonissimo e malissimo, aquelle referido principalmente á bondade moral e este á maldade e caracter mau de alguma pessoa:

Entrava hum Castelhano, e rico, o qual lançon o filho pera a India por malissimo (Couto, Dec. 8, 6) — E como era fraco e cruel (cousas que sempre andam juntas) e sobretudo malissimo, mandando levar os Portuguezes ante si, os persuadio a se fazerem Mouros (ib. 4, 4, 9) — Saul, antes de se encarregar do Reyno de Israel, foy bonissimo; depois de ser Rey, foy malissimo (Arr. 700) — Mas a cobiça e perversidade dos ministros não deixavam ser bom rei quem de seu era bonissimo varão (Sousa, S. Dom. 69) — Que seja bom e bonissimo o sacrificio do corpo e sangue de Christo sacramentado, não haverá quem o negue (Vieira, Serm. 5, 550).

De sabio, magnifico, benefico não se tiram superlativos de formação synthetica; porem servem para denotar o grau intensivo destas qualidades sapientissimo, magnificentissimo, beneficentissimo, tirados respectivamente de sapient-e, magnificent-e, beneficent-e.

Pio admitte, alem do superlativo proprio piissimo (Bern., N. Flor. 4, 201; 3, 79; 1, 182) a forma pientissimo com o mesmo sentido (Arr. 288, 703), tomado ao lat. pientissimus (de piens) muito usado nas antigas inscripções romanas.

Grandissimo (lat. grandissimus, superl. de grandis, e) occorre frequentemente em quinhentistas e seiscentistas (Cam., Lus. 5, 12; 5, 59; Arr. 57; F. M. Pinto 1, 55; 1, 90; Couto, Dec. 8, 6; Vieira, C. 2, 308, etc.), desprezando-se, por plebéa e irregular, a forma grandessissimo que registramos em Esmeraldo 55 e 81, e cujo emprego perdura na linguagem familiar.

Escriptores da Renascença antepunham, a modo de reforço, ás vezes o adverbio *mui* ao adjectivo já terminado em *-issimo*. Ao sentir hodierno parece isso um pleonasmo

desnecessario:

Cidade... mui antiquissima (Barros, Dec. 2, 7, 8)—Pao de aguila, e calamba excellentissimo e de muito grandissimo preço (Hist. T. M. 3, 85)—È mui fertilissima de todos os mantimentos do mundo (ib.)—E logo mais adiante está outra cidade chamada Confutá, cousa mui antiquissima (Barros, Dec. 3, 1, 3)—E logo lhes fazem huns pyrames mui altissimos (ib. 3, 2, 5)—Ficavam excluidos do Apostolado setenta discipulos, todos dignos e muito dignissimos (Vieira, Serm. 2, 364).

Outras vezes consiste o reforço em pôr a terminação -issimo a adjectivos exprimindo idéas taes, que parecem não comportar gradação:

Todos tinham mortalissimas feridas (Couto, Dec. 4, 4, 7) — 0 lume da gloria da Senhora e a visão beatifica com que vê a Deus, excede em supremissimo grau a de todos os bemaventurados (Vieira, Serm. 3, 27) — Neste mundo visivel humas cousas são imperfeitas, outras perfeitas, outras perfeitas, outras perfeitasimas (Vieira, Serm. 1, 294) — Está prontissimo a tudo (Vieira, C. 2, 6) — Neste artigo principalissimo da vida espiritual (Bern., N. Flor. 1, 31) — A todos sarava do mortalissimo mal da peste (Vieira, Serm. 2, 170).

Outro modo de expressar a qualidade em grau intenso consistia em juntar ao adjectivo a locução adverbial em extremo ou por extremo (ou em grande maneira), podendo o adjectivo vir, ou deixar de vir, reforçado ainda com a palavra muito (ou mui):

Estes vasos sam muy duros em gram maneira e estam cheios de humas castanhas muito docés e saborosas em extremo (Gand. 32)

⁴ Said Ali - Grammatica Historica da Lingua Portugueza.

— A casca delle [caroço do cajú] he muito amargosa em extremo (ib. 33) — Este peixe he muito gostoso em grande maneira (ib. 42) — Os quaes peixes são muy peçonhentos por extremo (ib.) — Andava na boca das gentes estimado e envejado e por extremo contente (Sousa, S. Dom. 85) — Estes taes demonios são pessimos e por extremo malvados (Bern., N. Flor. 1, 474) — Reconheceu que era mulher e por extremo formosa (ib. 1, 478) — Hum corpo morto, cheio de bichos e asqueroso por extremo (ib. 3, 260).

Mais antigo e talvez menos corrente era o superlativo formado com a locução *em cabo*:

ElRey se veste de vestidura de ouro, a qual he preciosa muyto em cabo (M. Polo 34) — Ha hy em aquelle lugar muy fremosas arvores em cabo (ib. 31) — Som mercadores muy ricos em cabo (ib. 37).

Como superlativos de muito existem, alem de muitissimo, o hyperbolico mais que muito e a duplicação mui muito usada em port. ant.:

Que te faço sabedor que dos mui muitos ciumes nace o mui muito amor (Gil Vic. 3, 276) — Meu muito amor, que, se elle não fora muito, e mais que muito, não me obrigara a escrever tanto (Vieira, C. 2, 310).

NUMERAES

Numeros cardinaes e multiplicativos

Os numeros cardinaes são em geral vocabulos invariaveis. Ao genero do competente substantivo accommodamse apenas: um, uma (port. ant. ũ, ũa); dous (ou dois), duas; ambos, ambas, e os compostos de -centos (seiscentos, seiscentas, quatrocentas, etc.).

A característica do plural ajunta-se a cento e a milhão, e demais formações em -ão (ficando centos, milhões, etc.) quando se trata de duas ou mais unidades destas classes. Dous centos, tres centos, cinco centos convertem-se em duzentos, trezentos, quinhentos.

Variaveis, quanto ao numero, são tambem as expres-

sões collectivas dezena, centena, milhar, milheiro e o antigo milhenta (reproduzido em Herc., Lendas e Narr. 2, 9: A la fé de cavalleiro, não darei uma, darei milhentas palavras).

Ambos differe de dous em ser applicavel sómente a dualidade já sabida ou anteriormente mencionada e não costuma seguil-o substantivo sem que venha determinado

por demonstrativo ou artigo.

Pleonasticamente, ou, antes, reforçativamente usam os escriptores por vezes ambos de dous, ambos os dous, ambos estes dous ou invertendo: os dous... ambos; estes dous... ambos... Exemplos da primeira especie occorrem na linguagem do seculo XVI e são mais difficeis de encontrar a partir da era seiscentista:

Juraram ambos de dous em nome de seus senhores (Castanh. 5, 27) — A ambos de dous deu cavalos e joias (ib. 3, 47) — Ambos estes dous philosophos Platão e Xenofonte foram discipulos do grande Socrates (H. Pinto 1, 170) — Ambas estas duas partes (ib. 1, 155) — Pera proveito dambos de dous (Castanh. 4, 42) — He por desejar a hontra e proveito dambos de dous (ib. 2, 98) — Ainda que ho podião fazer ajuntandosse ambos de dous (ib. 3, 99) — Duas almadas grandes co traves pregadas em ambas de duas (ib. 3, 17) — E acordaram ambos de dous que tomassem a cidade (ib. 6, 96) — Mandou dar a ambos de dous senhos panos dalgodão e de seda (ib. 1, 15) — Ficando ambas estas duas... no mesmo clima (Luc. 1, 158) — Servindo-se Deos nosso Senhor de approvar e autorizar com milagrosos sinaes a fé d'ambos os dous (ib. 1, 241) — Partio pera Malaca com ricos presentes e ordem d'ambos os dous revs, pera em seo nome confirmar a irmandade na fé (ib. 1, 298) - De ambos de dous a fronte coroada (Cam., Lus. 4, 72) - Ajuntam-se aqui ambas estas duas costas (Barros, Dec. 2, 8, 1) - Porque ambas estas duas costas fazem o mar mui cujo de ilhetas (ib.) - Se ambas estas duas vierem á nossa noticia (ib. 1, 5, 10) - Ambos estes dous instrumentos (Vicira, Serm. 8, 139) -Estas duas utilidades... ambas estão sujeitas a dous perigos (ib. 8, 278) — Os dous mercadores ambos comprirão a condição do contrato (ib. 8, 283) — Estes dous desprimores nascidos ambos do mesmo vicio (ib. 5, 193) - Nadavam ambos estes dous imperios de Espanha felicissimamente (ib. 8, 490) — O que è certo è que ambos os dous monges... caminhavam juntos, mas em silencio, como dous cumplices de um crime afastando-se do lugar onde o perpetraram (Herc., M. de C. 1, 104).

Estes e outros exemplos não autorisam todavia a affirmar que fosse tão corrente na linguagem literaria de Portugal do seculo XVI o uso de ambos os dous ou ambos de dous, como o era o emprego desse pleonasmo em fran-

cez antigo, em provençal antigo, em hespanhol e em italiano*). Em Castanheda occorrem, alem dos exemplos acima mencionados, ainda outros do emprego de ambos de dous. Aqui evidentemente nenhum escrupulo se faz quanto á forma pleonastica. Em outros autores da mesma epoca rareiam os exemplos. Em alguns faltam de todo.

Escrevendo por extenso os numeros 16, 17 e 19 o port. ant, ora separava os termos componentes, ora os ligava, de accordo com a pronuncia, em uma só palavra, mas sempre interpondo a copulativa e entre a dezena e a unidade. Seria uma questão de principio o uso desta letra e não de outra; provavel é que então, como mais tarde, proferidos os numeros rapidamente, a pronuncia da conjunção vacillasse entre e e a. Por lhes soar antes como a, alguns quinhentistas e, com mais firmeza, os seiscentistas passaram a escrever dezaseis, dezasete, dezanove em lugar de dezeseis, dezesete, dezenove **). De entre os varios exemplos de Vieira e Bernardes basta assignalar: dezaseis (Serm. 8, 215; N. Flor. 1, 234); dezasete (Serm. 5, 229; ib. 7, 57; N. Flor. 1, 256); dezanove (L. e C. 19; N. Flor. 2, 114; e Serm. 3, 160, onde occorre cinco vezes).

Em lugar de cem podia-se dizer cento, desacompanhado de outro numero, em port, ant, e ainda em linguagem

quinhentista:

Avia nome Arguu, e avia cem olhos (Livro de Esopo 41) -Eeste Arguu, o qual avia cento olhos, ssignificava o senhor, que deve aver cento olhos a veer ssua fazenda (ib.) - Morriam cemto, e cemto

Gli diretani alle cosce distese, E misegli la coda tr'umbedue (Inf. 25, 55)

Latin siem noi che tu vedi sì guasti Qui ambedus, rispose l'un piangendo (Inf. 29, 92)

Che due nature mai a fronte a fronte Non transmutò, si che ambedue le forme A cambiar lor materie fosser pronte (Inf. 25, 101)

^{*)} No Poema del Cid topa-se a cada momento amos a dos (=ambos a dos) alternando com o simples amos. Em francez antigo achamos innumeras vezes ambedeu com as variantes amdui, andui e amsdous, ambedeus, etc. Semelhantemente no provençal antigo. O italiano antigo tem ambedue, ambedoe e na Divina Comedia de Dante occorrem exemplos como os seguintes:

^{**)} Que a vogal e se podia trocar em a vê-se em antrelles e piadoso por entre elles e piedoso (Cf. sobre vogaes a pag. 21).

e cimquenta (F. Lopes, D. J. 272) — Oito de cavallo e cemto homées de pee (ib. 220) — A vós outros mais vos lembra hum serviço por fazer que cento feitos (Sá de Mir. 2, 152) — Os quinhentos eram espingardeiros, e os cento bombardeiros (Castanh. 4, 7).

Os termos bilhão, trilhão e outros nomes de numeros em -ão acima de milhão vieram modernamente do estrangeiro, graças ao estudo da arithmetica pelos compendios francezes*). O proprio milhão, usado ha bastantes seculos, nem por isso deixa de ser palavra importada. Em port. ant. a unidade de ordem superior ás centenas de milhares chamava-se conto e é neste sentido que se usa o termo nos seguintes passos: concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas (F. Mendes Pinto 289); constava serem necessarias para o [muro] guarnecer e para os presidios das praças... seis contos e setecentos e noventa e quatro mil e trezentos e cincoenta soldados (Bern., N. Flor. 2, 136). Conservou-se o nome até a linguagem hodierna sómente em contos de réis.

O termo milhão era entretanto já conhecido dos quinhentistas: Dizia-se que tinha [o Bramá] hum milhão e quinhentos mil homens e quatro mil alifantes (Couto, Dec.

6, 7, 8).

Para enunciar um numero de muitos algarismos, tiveram curiosa applicação os termos milhão e conto, pelo menos até 1689, epoca em que se publicou o quinto volume dos Sermões de Vieira. A pag. 391 dá o autor conta de diversas multiplicações, e, como os productos são felizmente enumerados por extenso, vê-se que a nomenclatura de hoje differe bastante da daquelle tempo. Para se ler um numero de muitos algarismos por semelhante systema, seria preciso dividil-o em series alternadas de seis e tres algarismos. A 1.ª serie de seis algarismos dos numeros inferiores ia, como hoje, até centenas de milhares; subindo, seguiam-se os contos (tres algarismos), os milhões (seis algarismos), novamente os contos (tres algarismos), os milhões de milhões (seis algarismos), e novamente os contos (desta vez podiam ir a seis algarismos).

^{*)} Parecido com bilhão havia em portuguez o vocabulo belhão, com que se designava a moeda de cobre para trocos, cousa portanto muito diversa e de valor infimo. Vieira empregou o termo neste passo: A prata se lhe tem convertido em cobra, s a fama e opulencia de tanto milhão em belhão (Serm. 4, 418).

Assim, um numero fabuloso como 413475,048449,671,90000,397,787136

se lê, segundo tal systema: quatrocentos e treze mil, quatrocentos e setenta e cinco contos quarenta e oilo mil quatrocentos e quarenta e nove milhões de milhões seiscentos e setenta e um contos noventa mil milhões e trezentos e noventa e sete contos setecentos e oitenta e sete mil cento e trinta e seis.

Só em epoca relativamente recente passou a usar-se o termo milhão com o sentido unico que hoje tem. Ainda na segunda metade do seculo XVII Bernardes (N. Flor. 2, 136 e 4, 452), referindo-se a certas quantias de cruzados, julga necessario accrescentar esta explicação: Chamo milhão de cruzados a dez vezes cem mil cruzados.

Não raro convem enunciar os numeros indirectamente empregando os multiplicativos. No falar de hoje usamos duplo a par de dobro e as formas eruditas triplo, quadruplo, quintuplo, sextuplo, decuplo, centuplo, as quaes desbancaram as antigas formas tresdobro, quatrodobro, cemdobrado etc., ou dous tanto, tres tanto, quatro tanto, etc.:

A qual soombra parecia a elle que era duas tanta carne que aquella que elle levava na boca (L. de Esopo 13) — E possa em ella morar trestanto tempo, do que lhe ainda ficava por morar... sem por ella pagando pensom algua pelo dito tempo do tresdobro (Ord. Aff. 4, tit. 74) — Queremos que o comprador pague em quatrodobro a valia da dita cousa (Ord. Man. 5, tit. 36).

Alguns exemplos occorrem de indicação indirecta em que se nomeiam apenas os numeros factores, deixando ao ouvinte o cuidado de calcular o producto:

E cada hūa [das tres mulheres] trazia comsigo nove noves de damas... E cada hūa destas rainhas tem nove setes de camelos pretos (Castanh. 3, 144).

Na legislação antiga encontramos as expressões noveas, anoveado para denotar o multiplicativo de nove:

Encorrem em pena de perdimento para os ditos Mercadores anoveado o que assi delles teverem recebido de seu soldo, as quaes noveas paguarám da cadea (Ord. Man. 5, tit. 98) — Paguem a dizem por a primeira vez em tresdobro e pola segunda anoveada, e pola ter ceira percam os officios (ib. 1, tit. 24).

O antigo distributivo senhos (tambem se dizia senhes e sendos), cuja significação era «cada um o seu», teve ainda certa aceitação entre os quinhentistas, cahindo em completo desuso do seculo XVII em diante:

Tres... fidalgos que tinham acesas senhas tochas de cera (Castanh. 2, 23) — Sete frades..., e os cinco tinham cada hū sua cruz levantada, e os dous senhes retavolos de nossa senhora (ib. 5, 26) — Vinte aneis com senhas pedras finas (ib. 4, 43).

Numeros ordinaes

Os dous extremos da serie ordinal são expressos pelos termos primeiro, primo de uma parte, e postumeiro, derradeiro e ultimo da outra. A forma primeiro era tão usual em port, ant, e na linguagem da Renascença como o é no falar hodierno. Apesar disso, consagrou o uso a forma erudita na expressão primo coirmão, reduzindo-a finalmente ao vocabulo primo, convertendo assim o antigo ordinal em tão bom substantivo como os demais nomes de parentesco.

Apparece a mesma forma erudita, alem disso, nos compostos primavera, primogenito, e usa-se, com especialisação de sentido, nas locuções obra prima, materia prima, numeros primos. Occorre tambem nas expressões quarto da prima, hora de prima, usadas outrora, aquella para denotar o quarto da primeira vigilia da noite, esta para designar o espaço do dia correspondente a tres das nossas horas e que começava ao nascer do sol*).

^{*)} Na divisão do dia em espaços que duravam tres horas das nossas distinguiam-se hora de prima (das 6 ás 9 horas da manhan), hora de terça (das 9 ao meio dia), hora de nona ou noa (das 3 ás 6). As 6 horas da tarde começava a vespera ou hora de vesperas. Os quartos da vigilia da noite abrangiam cada qual tres horas, e tinham estas denominações: quarto da prima, quarto da lua, quarto da modorra, e quarto d'alva. Ha engano da parte de Manuel Bernardes (N. Flor. 1, 281) quando põe por ultimo o quarto da modorra e procura dar a razão disso. Basta ler os chronistas para ver que este lugar não podia caber senão ao quarto d'alva. Em Castanheda, (8, 64), por exemplo, encontramos esta narração:

Parecendo isto bem a todos assi se fez, porem nam durou mais que até o quarto da modorra rendido, que se dom João e Antonio Galvão acolheram a suas camaras a dormir, e ainda bem o piloto e ho mestre não sentirão que dormião, derão com as velas embayxo... Feita esta boa pilotagem... deitão-se a dormir muy descançados, e duas oras por passar do quarto dalva começa-see douvir o leme da nao, que ya roçando polo chão.

Para denotar o termo que remata a serie havia em portuguez derradeiro e o curioso postumeiro, derivado analogico bastante empregado apesar do desuso de postumo. Differença de sentido entre derradeiro e postumeiro não haveria, como se deprehende dos seguintes exemplos:

Sua postumeira conclusom foi esta (F. Lopes, D. J. 285) — Derradeira domaa (ib. 282) — Na postumeira parte de tamanha lastima e amgostura (ib. 279) — Huña quarta feira pela manhãa postumeiro dia do mez dagosto (ib. 264) — O postumeiro remedio (ib. 253).

Entrando em competencia com as duas palavras o termo *ultimo*, coube a este o triumpho. *Derradeiro* passou a ter uso mais restricto, e *postumeiro* desappareceu da linguagem.

Nenhum abalo padeceu o termo segundo no sentido rigoroso de ordem numerica. Os derivados eruditos segundario e secundario occorrem algumas vezes em linguagem scientifica com a mesma accepção. Fóra disso, usam-se em geral como equivalentes de «accessorio», cousa « de somenos importancia».

Á formação do usualissimo terceiro, que desbancou a terço (excepto em terça-feira, terça, parte da herança, na antiga locução hora de terça e nas expressões fraccionarias), serviu de modelo sem duvida a palavra primeiro.

Quarto, quinto, sexto, setimo, oitavo, decimo, nada offerecem de interessante no dominio da lingua portugueza, a não ser a variante sesmo (de *sextimo), já ha muito esquecida, que deixou comtudo vestigios em sesmar, sesmaria, sesmeiro.

O feminino de nono tomou a forma noa na antiga locução hora de noa (V. a nota da pag. precedente).

Comquanto pareça muito natural formarem-se, de decimo em diante, os ordinaes decimo primeiro, decimo segundo, decimo terceiro, etc., haveria em todo o caso temeridade em affirmar serem estes e outros ordinaes superiores devidos á formação popular. O homem do povo aprende a contar, isto é, adquire a sciencia dos numeraes cardinaes com certa facilidade, digamos, até milhares e centenas de milhares; porem, desde o momento que se trate de ordinaes, para cuja formação se exija processo complicado, o seu saber e

1, 244) — Christo... aos XXI capitulos de São Lucas diz... (ib. 1, 247) — Affirma-o São João aos XX capitulos do Apocalypse (ib. 1, 480).

Em lugar dos vocabulos quadragesimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo etc., calcados sobre o latim e que presuppõem algum conhecimento deste idioma, poderia haver uma formação analogica mais accessivel ao vulgo como já ha em outras linguas modernas (cf. o francez quarantième, cinquantième, o italiano ventesimo, trentesimo etc.);

mas a isto se oppõe o nosso eruditismo.

Alem das formações e maneiras de dizer até aqui estudadas, havia em portuguez para o numero «sete» e os numeros de «nove» em diante a formação ordinal em -eno, continuando-se, ainda que com alteração semantica, o processo latino creador dos distributivos septenus, novenus, deceni, etc. Dizia-se dezeno sexto (= 16°) e dezeno oitavo (= 18°). porque «seis» e «oito» não permittiam a formação em -eno. Admiravelmente simples e ao alcance de todo o mundo pela sua uniformidade, este processo teve porem de succumbir ante a reacção pedantesca dos escriptores. Resistiu, apesar disso, com vivacidade tal que ainda quinhentistas e seiscentistas o usaram de vez em quando, e o proprio Filinto Elysio não o desdenhou. Certos autores, principalmente os mais antigos, entremeiam, ás vezes, com apparente deleite, numeros ordinaes em -eno e numeros ordinaes de aspecto gravemente latino:

Dom Joam terceiro de nome, quimzeno dos reis de Portugal (Ined. Port. 5, 1) — Dos reys o tredecimo (ib. 2, 5) — Em o dezenino capitullo de sam matheu (Virt. Bemf. 163) — Em o viceno septeno capitullo de Genesy (ib. 168) — No capitullo dezeno sexto (ib. 168) — Em o quadrageno nono psalmo (ib. 168) — Em a quadragesima quinta defynçom (ib. 168) — Em o dezeno septeno capitollo de sam luca (ib. 168) — Em o psalmo quinquageno (ib. 169) — Em o quadrazeno capitullo (ib. 170) — Em o decimo nono (ib. 170) — Em a quadragena quinta defynçom (ib. 170) — Tomava já de Roma a dozena vez (Frad. Men. 1, 284) — D. Duarte deste nome o primeiro, dos reis de Portugal o onzeno... D. Duarte vosso avô, dos reis o undecimo (Pina, D. Du. 14-15) — O sexto, tetimo, onzeno, decimo sexto (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Foi Joanne segundo e rei trezeno (Cam., Lus. 4, 60) — Naquella casa dozena (G. Vic. 2, 395) — Elrei de Espanha D Affonso onzeno (Mend. Jorn. de Afr. 1, 27) — Carlos noveno de França (ib. 1, 50) — Ao seteno [dia] falleceo (Barros, Dec. 8, 28) — O onzeno e dozeno capitulo (ib. 7, 10, 5) — No mesmo dia de seis de fevereiro, em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão crítico para a minha

pouca saude este seteno, que apenas por mão alheia me permitte deitar estas segras (Vieira, Cartas 2, 355) — Tem como por onzeno mandamento jantar ás nove horas (Mello, Ap. Dial. 23) — Sobreposto ao meu lustro quatorzeno (Fil. Elysio, 2, 253) — No anno dezeno (ib. 3, 147) — Pela novena vez (ib. 14, 6).

Conservam-se com sentido especialisado os substantivos novena, onzena, trezena (de Santo Antonio), quinzena, vintena, quarentena.

Os pronomes: especies, formas e significação

Por muito suggestivo que seja o termo, não satisfaz, comtudo, á sciencia da linguagem definir o pronome como palavra suppridora do nome substantivo. Nada autorisa a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de crear substitutos para esses nomes.

Correcto, me parece o ponto de vista de Henry Sweet, que define os pronomes como nomes e adjectivos geraes, em opposição aos ordinarios nomes e adjectivos especiaes, devendo-se advertir que alguns nomes e adjectivos são mais geraes em sua significação do que outros. Assim, um nome de significação geral é, muitas vezes, quasi equivalente a um pronome. Pouco importa que num livro o autor, falando de si, diga eu ou o autor, e, referindo-se ao leitor, o trate de vós ou o leitor. E tanto é correcta esta observação que vemos certos nomes transformados em verdadeiros pronomes só por adquirirem um sentido geral. Assim ĥomem em poft, ant, era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francez on (o qual é a propria palavra homme alterada). Senhor com sentido especial é nome, mas o Senhor, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. O lat. rem, pela sua applicação geral, passou a ser pronome em romanico. E quantas vezes não nos serve a expressão a cousa, como equivalente de isto?

Todo o pronome é ou um substantivo (pronome-substantivo), ou um adjectivo (pronome-adjectivo). Alguns se usam ora como substantivos, ora como adjectivos. Para não confundir a categoria dos pronomes com a dos nomes, diremos que são pronomes absolutos os que fazem vezes de substantivo, e pronomes adjuntos os que se empregam como adjectivo.

Dividem-se os pronomes em pessoaes (com as variedades reflexivos e reciprocos), possessivos, demonstrativos,

relativos, interrogativos e indefinidos.

Pronomes pessoaes

Os pronomes pessoaes usam-se todos como absolutos. Têm singular e plural e formas de nominativo, dativo e accusativo. Alguns (os da 3.ª pessoa) distinguem o genero. Dividem-se em pronomes da 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa. Eu, pronome da 1.ª pessoa, representa o individuo que fala; o seu plural nós significa esta mesma pessoa associada a outra ou outras: eu + tu; eu + elle; eu + vós, etc. Tu e vós são pronomes da 2.ª pessoa; elle, elles, elles, elles, são os da

3.a pessoa.

Do latim vieram os pronomes tu e $v\acute{o}s$ como tratamento directo da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Tornando-se tu insufficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indirecto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portugueza, o atrevimento de vir perante um individuo de hierarchia superior, e olhar para elle face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginario. Desta attenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa unica, se originou o costume de empregar o plural $v\acute{o}s$, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polídez, depois de apagada da memoria a imagem da situação primitiva.

Outro modo de tratamento indirecto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um attributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ella propria. Assim, aproximavam-se os vassalos de seu rei com o tratamento de vossa mercê, vossa senhoria, substituido depois por vossa alteza e finalmente por vossa majestade; assim usou-se o tratamento ducal de vossa excellencia e

adoptaram-se na hierarchia ecclesiastica vossa reverencia, vossa paternidade, vossa eminencia, vossa santidade.

Generalisando-se, de fins do seculo XVI em diante, o costume de dar «majestade» aos reis, reservou-se «alteza» para os principes, e deram-se os demais tratamentos não-ecclesiasticos aos nobres, aos que occupavam certos cargos publicos, e finalmente ás pessoas de notoria posição social. É de notar todavia que diversas ordens regias prohibiram aos governadores do Brasil aceitarem o tratamento de excellencia. Na monarchia brasileira uma das graças era o tratamento de excellencia; os barões sem grandeza não o tinham.

Do uso e abuso da formula vossa mercê nasceu em boca do povo a variante você, a qual não só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por applicar-se a individuos de condição igual, ou inferior, á da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um individuo, servimo-nos hoje de vocês como plural semantico de tu. Outra forma alterada de vossa mercê é vossancê: Guarde Deos a Vossancê (M. de Mello, Fid. Apr. 9).

O pronome vós cahiu em desuso, quer para denotar pluralidade de pessoas, quer como tratamento de polidez; conserva-se todavia nas preces, no estilo oratorio, na poesia, na linguagem de ficção quando a pluralidade não se refere a seres humanos e no estilo official.

A deficiencia de um pronome applicavel igualmente a qualquer pessoa a que se deva certo respeito, suppre-a o tratamento o senhor com as competentes variações de genero e numero. A generalisação desta linguagem no uso commum data do seculo XVIII. Filinto Elysio diz a este proposito: Quando eu sahi de Lisboa, ainda não se tinha espraiado muito o tratamento do Senhor (Obr. 13, 305). Na primeira pessoa, o plural em vez do singular, em-

Na primeira pessoa, o plural em vez do singular, emprega-se em duas situações diametralmente oppostas. Em boca de rei ou prelado é plural majestatico, mas, sahido da penna de um escriptor, nós parece signal de modestia.

FORMAS OBLIQUAS, ATONAS E TONICAS, DOS PRONOMES PESSOAES E O REFLEXIVO Se, si. — O portuguez literario moderno conhece duas series de formas obliquas que se correspondem respectivamente. Umas, não podem ser regidas de preposição e figuram sempre como vocabulos ato-

nos, a saber: me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se; as outras são sempre tonicas e dependentes de preposição: mim (outrora mi), ti, nós, vós, elle, ella, elles, ellas, e o reflexivo si. Assim dizemos: peço-te um obsequio; escrevo-lhe, escrevo-te; procurei-o; estas cartas são para mim, para ti, para elle, etc.; move-se por si. Coherentemente se diz tambem entre ti e mim; entre mim e ti está a cruz ensanguentada (Herc., Eur. 46); porque a conjunção e só liga cousas homogeneas.

As formas tonicas que acabamos de mencionar empregam-se com as preposições em geral; soffrem todavia uma modificação quando regidas da particula com. Dizemos com elle na 3.ª pessoa, mas em vez de com mim, com ti, com si, etc. temos de dizer commigo, comtigo, comsigo (outrora migo, tigo, sigo), comnosco, comvosco. Diz-se, porem, com nós outros (Cam., Lus. 5, 69) e com vós outros.

Lhe com o seu plural*) é a forma de dativo (objecto indirecto); o com suas variações é o accusativo (objecto directo) da mesma 3.ª pessoa. Todas as demais formas atonas servem indifferentemente para um e outro caso.

As expressões a mim, a ti, a elle, a si, a nós, etc.,

As expressões a mim, a ti, a elle, a si, a nós, etc., alem de indicarem um objecto indirecto, usam-se tambem para exprimir o objecto directo emphatico: viu-me a mim e não a elle; A quem cuidas que venceram os godos? a mim? não por certo, se não a ti (Bern., N. Flor. 5,206). Anteriormente, porem, ao periodo dos quinhentistas, os nossos escriptores empregavam as formas obliquas tonicas como accusativo emphatico, dispensando a particula a:

Contando como cativarom elle e os outros oito (Zur., Guiné 190) — Sojugam sy meesmos (Zur., ib. 460) — Segure mim e meus portos (Zur., P. Men. 342) — Desomrramdo ssi desomrra nos e todo seu linhagem (F. Lopes, D. J. 11) Leixarei elle (S. Graal 129) — El, amiga, achei eu (Canc. Din. 2029) — Nom poss'eu... nem mi nem el forçar (ib. 1370).

As formas mim (mi) e ti por eu e tu. O emprego curioso das formas accusativas em lugar do nominativo repugna á linguagem culta de hoje. Já não era assim no falar

^{*)} A forma thes, com s, é relativamente recente. Nos Lusiadas e mesmo mais tarde, aindà encontramos the, quer para o singular, quer para o plural.

antigo em certas frases comparativas como as seguintes (ct com o francez actual):

Mais o coraçom pode mais ca mi (Canc. Din. 1326) — Com'er poderom viver..: senom coitados come mi (C. B. 141) — Porque mataste aquelle mouro que era melhor que ti (Livro de Linh. XXI) — Ca tu vees que milhor cavalleiro ca ti a guanhou (S. Graal 14) — Sodes milhor cavalleiro e mais ardido ca mim (ib. 141) — Porque fui tal como ti (G. Vic., III, 391).

Em Vieira ainda occorre este exemplo:

O mundo em estatua he muyto maior que si mesmo (Serm. 5,547).

Em lugar de como eu dizem ainda hoje na Beira como mim. Muito vulgar é em Portugal a frase: Se eu a ti fosse ou se eu fosse a ti. Em Gil Vic., 3, 325, lê-se:

A grandeza da misericordia e largueza que tu es e ella he ti.

Mais arrrojadas ainda parecem frases como estas:

Ora vamos eu e ti ó longo desta ribeira (G. Vic., 1, 165) — Casemo-nos eu e ti (ib. 1, 137) — Amores que mi e vós sempr'ouvemos (V. 358).

O REFLEXIVO DA 3.ª COMO 2.ª PESSOA. — Em Portugal emprega-se, porem abusivamente, em linguagem familiar si, comsigo com referencia á pessoa com quem se fala. Este modo de substituir as expressões o Senhor, com o Senhor repugna em geral ao ouvido brasileiro, mórmente por dar, em certos casos, lugar a ambiguidade: Falou comsigo será com o Senhor ou comsigo proprio? Não se referiu a si será a si mesmo ou ao Senhor?

Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos designam, como o nome indica, a noção de posse; designam, alem disso, outras relações de dependencia, parentesco, situação moral ou social, com respeito a outrem, partes componentes de um todo, attributos de um ser, etc.

Os possessivos da nossa lingua usam-se ora como absolutos, ora como adjuntos e são os seguintes: meu, minha, meus, minhas para o possuidor na 1.ª pessoa do singular;

nosso, nossa, nossos, nossas para o mesmo possuidor no plural; teu, tua, teus, tuas para o possuidor na 2.ª pessoa do singular; vosso, vossa, vossos, vossas para o mesmo possuidor no plural; e finalmente seu, sua, seus, suas para o possuidor na 3.ª pessoa tanto do singular, como do plural.

Seu, sua, etc. applica-se tambem á pessoa com quem se fala, desde que a tratemos por o senhor, vossa mercê (você), vossa excellencia, etc. Esta pratica tornou-se regra da linguagem seiscentista para cá.

Alem das formas *minha*, *tua*, *sua* encontram-se em documentos de portuguez antigo os femininos *mha*, *ta*, *sa* (*ssa*), mas sómente como possessivos adjuntos.

Os possessivos derivam-se dos pronomes pessoaes, sendo formados, em latim, do caso genitivo; o seu thema por isso refere-se ao possuidor. Na terminação seguem o genero e numero do nome que indica a cousa possuida.

Em portuguez o possessivo admitte o artigo antes de si: o meu, o teu, o nosso, o seu, etc. Como pronome absoluto, o possessivo requer este reforço, devendo porem omittir-se o artigo quando o possessivo vier junto dos verbos ser, tornar-se, ou de algum verbo que signifique « considerar como pertencente », sem presuppôr confronto com alguma cousa pertencente a outrem. Assim, são pensamentos diversos esta casa é minha e esta casa é a minha. Os seguintes passos esclarecem a regra:

Tem determinado de vir por agoa... o capitão dos seus acompanhado (Cam., Lus. 1, 80) — Os vossos... novos mundos ao mundo hirão mostrando (ib. 2, 45) — Este povo, que é meu,... por elle a ti rogando choro e bramo (ib. 2, 40) — Sou tua, tua para sempre (Herc., Eur. 292) — Podes ter por tua a Cintra (Herc., Lend. e Narr. 1, 91) — Lisboa... essa sabe Deus se tornará a ser minha (ib. 90) — Havia de lograr.... eu o meu, porque é meu; e vós o vosso, porque é vosso (Vieira, Serm. 5, 451) — Assi também com falsa conta e nua á nobre terra alheia chamão sua (Cam., Lus. 3, 110) — Cuidam que é para si o que chamam seu (Vieira, Serm. 5, 455).

O possessivo adjunto precedido de artigo. — O possessivo adjunto occorre em portuguez, anteposto a um nome, ora sob a forma simples e originaria (meu, teu, seu, etc.), ora reforçado com o artigo (o meu, o teu, etc.). Não podemos precisar a epoca do apparecimento desta se-

gunda forma. Existia provavelmente muito antes dos pumeiros documentos escriptos. Certo é que o seu empreso era relativamente restricto e só de Camões para cá se torna, de seculo para seculo, cada vez mais notoria a frequencia do possessivo reforçado. Fernão Lopes poucas vezes se soccorria desta forma; em seus escriptos ella figura, ao lado dos exemplos de possessivo destituído de artigo, em proporção muito pequena: 5 % aproximadamente. Já nos Lusiadas sobe a porcentagem a 30 %, na linguagem de Vieira a mais de 70 % e finalmente na de Herculano a mais de 90 % *).

A differença entre os adjuntos o meu, o teu, etc. de um lado, e meu, teu, etc. do outro, baseou-se a principio num sentimento de linguagem que se foi esquecendo com o tempo. O possessivo, alliado ao que originariamente era um demonstrativo, devia melhor determinar o nome, chamar a attenção antes para o possuidor do que para a cousa possuida, e o seu emprego vinha muito a proposito onde se tornava necessario estabelecer contrastes, v. g.: os senhores e fidalgos que hi eram com elle viiam da sua parte [i. e. da parte do rei] tantas ajudas (Fern. Lopes). O principio de economia (no portuguez antigo), a analogia e outros factores fizeram porem surgir casos numerosos, nos quaes ou se deixou de applicar o artigo requerido pela clareza, ou se passou a applicar, como hoje se pratica, sem visivel necessidade.

Prevalece na linguagem post-camoneana em geral o emprego do possessivo reforçado antes de um substantivo. Alguns dos exemplos em contrario subordinam-se a regras fixas, como veremos mais adiante. Os outros porem não parecem ser mais do que concessões que a tendencia geral faz ás vezes ás exigencias do estilo conciso e elegante. Cotejem-se, entre outros, os seguintes passos que se encontram em Vieira e Herculano:

> Comereis o fruto dos vossos trabalhos, ou os mesmos trabalhos de vossas mãos (Vieira, Serm. 5, 456) — Resplandeceo o seo rosto

^{*)} Tal estatistica sem pretenções a rigor absoluto foi por mim obtida, examinando, em paginas seguidas, todos os casos (em numero de 100 a 150 para cada autor) não sujeitos a regras especiaes e portanto parecendo permittir o emprego de possessivo com ou sem artigo. Ministraram exemplos: Fernão Lopes, Chronica de D. João, pag. 161 a 200; Camões, Lusiadas, cantos V a VIII; Vicira, Sermões, vol. 5. pag. 1 a 45; Herculano, Eurico, pag. 1 a 71.

(ib. 5, 434) — Nenhuma cousa viram seus olhos nem inventaram seos pensamentos (ib. 5, 438) — Dia que tem mais alegre na sua vida (ib. 5, 470) — Para que se veja; o nosso engano (ib. 5, 440) — Apascenta minhas ovelhas (ib. 5, 303) — Apascenta os meus cordeiros (ib. 5, 304) — Que me dêem o meu arnez brunido... e o meu estoque francez (Herc., Lend. e Narr. 1, 118) — [Volto] a cumprir com minha obrigação (ib. 1, 116) — Eu costumo cumprir com as minhas promessas (ib. 1, 125) — Estes penhascos empinados sobre nossas cabeças (Herc., Eur. 64) — Armas penduradas por cima das suas cabeças (ib. 180) — Eur. 644 — Minha mão desfallecida abandonou-te (ib. 293) — Quero-o vivo em minhas mãos (ib. 216) — E preciso que em breve estejam nas minhas mãos Pelagio e sua irman (ib. 217).

Em vez de vir antes do nome, apparece o possessivo adjunto ás vezes collocado depois delle; mas nesta posposição nunca pode arrastar comsigo o artigo:

Não é premio vil ser conhecido por um pregão do ninho meu paterno (Cam., Lus. 1, 10) — O rei..., alvoroçado da vinda tua, tem tanta alegria que não deseja mais que agasalhar-te (ib. 2, 2) — A sède tua nem com lagrimas se mitiga (ib. 3, 119) — Mova-te a piedade sua e minha (ib. 3, 127).

O possessivo anteposto. Condições especiaes. — Palavras como este, esse, aquelle, um, que não podem ser empregadas juntamente com o artigo definido antes de um nome, excluem igualmente este artigo quando se ajuntem a um possessivo:

Para que estes meus versos vossos sejam (Cam., Lus. 1, 18) — Esta sua fuga (Vieira, Serm. 5, 310) — Estes meus olhos — Aquelle vosso umigo — Um seu criado.

Frases que se costumam dizer sem o artigo, dispensam-no tambem se nellas incluirmos o possessivo. Assim, em certas locuções como em poder de, em nome de, por vontade de, a respeito de, a gosto de, a favor de, e outras semelhantes:

Falou em meu nome, a nosso respeito, a teu favor — Está em meu poder a carta — Nós mesmos sem outro inimigo ou ladrão bastamos e por nossa vontade para nos despojar delles (Vieira, Serm. 5, 450) — Pai meu, eu em vossa presença pequei contra o céu (cf. algumas linhas adiante: peccado commettido em presença do Rei (ib. 5, 457) — Legio cahiu hontem em nosso poder (Herc., Eur. 151) — Eis o que Suintila alcançou a teu favor (ib. 141) — Sangue derramado em seu nome (ib. 144). — Aquelle que eu cria viesse em meu soccorro não se esconderá de ti (ib, 197).

Por outro lado, e contrariamente á reciproca da regra anterior, pode o artigo vir junto ao substantivo e entretanto desapparecer ante o possessivo. Isto se verifica em certas expressões consagradas, como: a seus pés, a meu lado (apesar de se dizer aos pés delle, ao lado de alguem), a seus olhos ou ante seus olhos, a meu ver, a meu cargo etc.

Semelhantemente se fixaram na lingua sem a palavra o ou a as expressões Nosso Senhor, Nossa Senhora, assim como os tratamentos vossa mercê, vossa senhoria, sua ex-

cellencia, sua majestade, etc.

> Hoje, como outrora, os nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo. Occorrem todavia casos em que se reforça o pronome para tornal-o emphatico.

Mais liberdade ha, todavia, quando os nomes de pa rentesco não são tomados no sentido proprio; v. g. filho significando individuo «natural de um lugar», irmão applicado a pessoa pertencente a uma determinada classe, communidade, nação ou raça.

- 1. Tua irman será salva ou nenhum de nós voltará mais (Herc., Eur. 182) Prometha acompanhar o rei godo com um esquadrão mais lustroso que os de seus sobrinhos (ib. 82) A' sombra do escudo de seu irmão (ib. 182) Perdoai a meu velho pai, que não tem culpa da pobreza de seu filho (Herc., Lend. e Narr. 1, 125) Salvar a honra do nome de seus avós (ib. 167) Não vos abandonarei eu; que o devo... á... memoria de vosso virtuoso pai (ib. 178) Jurava-o pelo céu, pelos ossos de seus avós (ib. 193) Jura-lhe que tua filha repelliu o seu amor por obedecer-te (Herc., Eur. 142).
- 2. Eu não te amaldiçoarei, oh meu pai. A tua filha nunca le accusará ante o supremo juiz (Herc., Eur. 283) E' o cemiterio em que jazem os ossos dos nossos pais (ib. 70).
- 3. Considerava-o como o mais veneravel entre os seus irmãos no sacerdocio (Herc., Eur. 19) E' d'aqui que deves sahir com os teus irmãos do deserto (ib. 64) São os nossos valentes irmãos. São nossos irmãos, que nos esperam (ib. 211) Junto ao Chryssus a Hespanha pedia aos seus filhos que morressem sem recuar (ib. 223) Podeis dizer aos nossos irmãos que o primeiro em fugir foi aquella que nunca fugiu (ib. 225) As recordações... embriagavam-lhes os animos ao lembrarem-se de que as armas dos seus avós da Germania tinham brilhado victoriosas (ib. 57) Dize nos teus irmãos do Herminio que venham aqui (ib. 271).

A forma possessiva é ás vezes mero recurso de linguagem usado ou para referir o sentido de um nome a um caso particular, ou para indicar a pessoa a quem em espe-

caso particular, ou para indicar a pessoa a quem em espe-

cial interessa o individuo de que se fala. Numa ou outra hypothese é de praxe o emprego do possessivo reforçado:

Direi que tens algum receio que se escureça o teu querido Orpheio (Cam., Lus. 3, 2) — [Dario] mais o seu Zopyro são prezara que mil Babylonias que tomara (ib. 3, 41) — Do teu principe ali te respondiam as lembranças (ib. 3, 121) — Magoa e saudade do seu principe e filhos que deixava (ib. 3, 124) — O nome do seu Pedro que lhe ouvistes por muito grande espaço, repetistes (ib. 3, 133) — E como o nosso menimo cessava do choro e tomava o peito com Christo diante dos olhos... (Vieira, Serm. 5, 290) — Comprio melhor que todos o nosso peregrino o que Deos prometeo (ib., 5, 307) — Não foi admiravel o nosso santo velho porque isto fez (ib. 5, 307) — Contemplação... do nosso anachoreta (ib. 5, 311) — Os doze de Inglaterra com o seu Magriço (Cam., Lus. 1, 12) — E vereis ir cortando o salso elemento os vossos Argonautas (ib. 1, 18) — Não temais perigo algum nos vossos Lusitanos (ib. 2, 44) — Não ha Rachel que não tenha o seu Labão e a sua Lia (Vieira, Serm. 5, 441).

Pronomes demonstrativos

Do latim iste, ista, istud provieram em portuguez as variações pronominaes este, esta, esto (mudando-se a ultima forma mais tarde em isto). Reforçadas com a anteposição de *eccu-, as mesmas formas latinas produziram em nossa lingua aqueste, aquesta, aquesto, que se deixaram de usar no falar moderno. Em escriptores pre-camoneanos, e ainda em Gil Vicente, são frequentes os exemplos:

Nom forom os requerimentos e vozes daquestes de tanta eficacya (Zur. Guiné, 12) — E aquesto foe feito por seer em lembrança do maravilhoso millagre (ib. 6) — Nom forom Mouros tomados com tam honrada vitorya como aquestes (ib. 219) — Tange as patas pera cá. Como es aqueste, Jesu (G. Vic. 3, 44) — Aqueste so animal tem veias no coração, onde lagrimas estão (ib. 3, 114).

De ille, illa, illud procederam elle, ella, ello e, com o reforco *eccu-, aquelle, aquella, aquello (convertendo-se este ulteriormente em aquillo). Passaram comtudo elle e ella a servir desde logo de pronome pessoal, e ello usou-se sómente em port. ant. A par destas formas plenas do antigo demonstrativo, existem desde o começo da lingua até hoje as formas reduzidas o, a (e lo, la), sendo estas empregadas não sómente como pronome pessoal (accusativo), mas ainda como pronome demonstrativo.

O latim ipse, ipsa, ipsum, deu-nos esse, essa, esso (port. mod. isso). Não produziu formas reforçadas parallelas ás dos outros dous pronomes.

Todos os demonstrativos terminados em -e ou -a, assim como a forma reduzida o, a, variaveis não sómente em genero, mas tambem em numero, funcionam ora como pronomes absolutos, ora como pronomes adjuntos. Todas as formas plenas terminadas em -o occorrem como pronomes absolutos, invariaveis, significando «esta cousa», «essa cousa», «aquella cousa».*)

O emprego de aquillo, em lugar de aquello, remonta ao seculo XVI. Mais antiga é a admissão de isto, isso; em Fernão Lopes occorrem já com frequencia estas formas a par de esto, esso. Exemplos do uso das diversas formas de pronomes demonstrativos absolutos, privativas da linguagem de outrora:

A muytos esto nom peza (D. Duarto, Leal Cons. 5) — Pouco dello se contentom (ib. 5) — O entendimento encommenda que logo de nossa mocidade a ello per afeicom nos enclinemos (ib. 8) — E esso medes faz a outra spiritual (ib. 14) — Saibham bem husar daquello por que som antre os outros tam avantejados (ib. 16) — E naquesto se desvaira esta quarta voontade (ib. 14) — Por ter em ello nom boa e fraca voontade (ib. 23) — Algãa enssynança acerca dello vos entende declarar (ib. 235) — Filharemos em ello prazer (ib. 237) — Que lhe outorgava aquello que lhe demandava (S. Josaph. 37) — Que lhe ensinasse aquello que conpria (ib. 36) — Esto dizia Josaphate (ib. 45) — Esto me prometeo Jesu Christo (ib. 45) — Nom fallemos em ello mais (F. Lopes, D. J. 28) — No curarom desto (ib. 29).

DESIGNAÇÃO DE COUSAS MAIS OU MENOS NITIDAS. — Se compararmos as impressões do nosso espirito a um quadro representando figuras e objectos diversos, podemos dizer que o demonstrativo *este* serve para indicar as imagens nitidas do primeiro plano, ao passo que *esse* designa as imagens mais apagadas do segundo plano.

Este é o demonstrativo das noções claramente delimitadas, conhecidas ou que facilmente suggerimos na mente de quem nos ouve. Esse applica-se áquillo de que nós temos, ou o ouvinte tem, noções vagas, indecisas; applica-se ás cousas longinquas ou que se estendem para longe.

^{*)} Alguns autores não seguem esta regra a rigor. Assim lemos em Duarte Galvão, D. Aff. Henr. (28-29): dando-vos nellos para o diante; ao bem e honra destos reinos, e em Mor. Palmeirim d'Inglaterra (1,171): E por esta razon se chamam estos montes das tres himidas.

Se o emprego do demonstrativo tiver por fim suggerir uma noção do tempo, *este* indicará factos actuaes ou factos cujos effeitos perduram na actualidade; *esse*, pelo contrario, se referirá ao que existiu no passado ou existirá no futuro.

Os demonstrativos correspondentes á 1.ª e á 2.ª pessoa. — Com o demonstrativo este, isto indicamos cousas que dizem respeito a nós mesmos; com o pronome esse, isso, apontamos, pelo contrario, aquillo que tem antes relação mais intima com a pessoa a quem nos dirigimos. Esta regra se applica quando se trata de cousas que residem nas proprias pessoas (esta alma, esta (minha) dor, essa (tua) paixão) ou de partes do corpo, ou de lugar onde uma ou outra pessoa se acha (esta casa, este paiz, este mundo, nesta cidade (onde eu resido), nessa cidade (onde vós residis), como se vê nos seguintes passos:

Doce amparo desta cançada já velhice minha (Cam., Lus. 4, 90) — Para que estes meus versos vossos sejam (ib. 1, 18) — Inspira immortal canto e voz divina neste peito mortal (ib. 11, 1) — Esta perna trouxe cu d'ali ferida (ib. 5, 33) — A que novos desastres determinas de levar estes reinos e esta gente (ib. 4, 97) — Esta ilha pequena que habitamos (ib. 1, 54) — O Regente que esta terra governa (ib. 1, 55) — Se este nosso trabalho não te offende (ib. 6, 82) — Porque is aventurar ao mar iroso essa vida que é minha e não é vossa? (ib. 4, 91) — Inclinai por um pouco a majestade que nesse tenro rosto vos contemplo (ib. 1, 9) — Esse gesto que mostras claro e ledo (ib. 3, 105) — Quem és tu? que esse estupendo corpo certo me tem maravilhado? (ib. 5, 49) — Não temais... que ninguem comigo possa mais que esses chorosos olhos soberanos (ib. 2, 44).

Cousas que se acham proximas de nós indicamos com o demonstrativo *este*, e para mostrar que se acham um tanto afastadas empregamos *esse*, ainda quando não tenham relação alguma com a pessoa a quem falamos:

Eu só com meus vassalos e com esta (e dizendo isto arranca meia espada) defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Eu sou o illustre Ganges...; est'outro é o Indo, Rei que nesta serra que vês seu nascimento tem primeiro (ib. 4, 74) — E se te move a piedade desta misera gente peregrina (ib. 2, 32) — Gastar palavras em contar extremos de golpes feros, cruas estocadas, é desses gastadores que sabemos (ib. 6, 66) — Vê que esses, que frequentam os reaes paços, por verdadeira e sã doutrina vendem adulação (ib. 9, 27) — E guarde-se não seja inda comido desses cães que agora ama, e consumido (ib. 9, 26) — Essas honras vãs, esse ouro puro verdadeiro valor não dão á

gente (ib. 9, 93) — A estas criancinhas tem respeito (ib. 3, 127) — Estas reliquias suas (ib. 3, 129) — Fulgurara uma luz de alegria como esses astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento (Herc., Eur. 277).

Quando apontamos para cousas ou pessoas, proximas, ao mesmo tempo de nós e daquelle com quem falamos, prevalece o demonstrativo este:

Vês este, que sahindo da cilada dá sobre o rei...? (Cam., Lus. 8, 16) — Estas figuras todas, que apparecem...; este, que vês, é Luso (ib. 8, 2) — Este é o primeiro Affonso, disse o Gama (ib. 8, 12) — Este, que vês olhar com gesto irado... Egas Moniz se chama (ib. 9, 13) — Este orbe, que primeiro vai correndo... Empyreo se nomeia (ib. 10, 81) — Olha est'outro debaxo, que esmaltado de corpos lisos anda (ib. 10, 87).

Semelhantemente fazem a distinção entre isto (que éu penso ou faço) e isso (que tu pensas ou fazes) ainda escriptores portuguezes do seculo XIX:

— Sabe? estou com idéa de mudar de casa. — Mudar de casa! Ora essa! Por que?... Então só hoje é que pensa nisso, creatura?! — E' verdade, tenho estado a pensar hoje nisto. Tenho minhas razões (E. de Queir., Crime 133); Embirro que faças isso diante do sr. parocho (ib. 100); nem me digas isso (ib. 114) — Nada: uma cousa de sentimento para o sr. parocho fazer idéa. — Isso, isso, disseram, uma cousa de sentimento! (ib. 65).

Na mesma obra de Eca de Queiroz ha frequentes exemplos de «nem diga isso» e «digo-lhe isto» (=é o que lhe digo), a pags. 194, 195, 198, 199, 257; «deixe-se disso» 257; «lá isso» 258 è passim. Confronte-se ainda:

— A senbora está certa disso? — Ora essa, sr. conego! (259); Isso [que tu dizes] não faço eu! (290) — Isso dizeis vós outros (Herc., Monge 1, 30).

O DEMONSTRATIVO REFERIDO A NOÇÃO DE TEMPO. — Nas determinações do tempo mais ou menos longo que abranja o momento em que se fala, emprega-se este, como: esta semana, este mez, este anno, este seculo. Reduzido o espaço de tempo á hora ou instante presente, usa-se, em linguagem familiar, muitas vezes o demonstrativo isto em lugar de agora:

Isto he noite fechada (G. Vic. 2, 467) — I-vos embora, senhor, que isto quer amanhecer (ib. 3, 37) — Isto vai sendo dia (ib. 3, 24)

-Mas isto é cedo (Garr. Fr. L. de Sousa, 126) — Isto são oito horas (ib. 57).

O demonstrativo este serve tambem para assignalar tempo muito proximo ao momento actual, mas este uso cinge-se a mui poucas expressões: esta noite (pode referir-se tanto á noite passada, como á vindoura), esta manhan (a manhan de hoje), estes dias (passados ou vindouros, mais proximos), estes primeiros dias.

Nisto no sentido de «então», «em tal momento» é expressão predilecta com que, durante uma narrativa, interrrompemos o curso das idéas e chamamos a attenção para uma occorrencia nova:

Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes, que pois eu fui... E nisto, de mimosa, o posto banha em lagrimas ardentes (Cam., Lus. 2, 41) — Não disse mais o rio illustre... Acorda Emanuel cum novo espanto, e grande alteração de pensamento. Estendeu nisto Phebo o claro manto pelo escuro hemispherio somnolento (ib. 4, 75).— Partiu-se nisto emfim co'a companhia (ib. 1, 72) — Dai velas, disse, dai ao largo vento;... Alevanta-se nisto o movimento dos marinheiros (ib. 2, 65) — Nisto Phebo nas aguas encerrou co carro de crystal o claro dia (ib. 1, 56).

Em frases como as precedentes, nisto, indicando tempo, é expressão consagrada, que não se substitue por nisso. Não obstante dizemos nesse instante, nesse dia, nessa hora, nesse anno, alludindo a uma epoca distante da actual:

E logo nesse instante concertou pera a guerra o belligero apparenho (Cam., Lus. 1, 82) — Repartem-se e rodeião nesse instante as naos ligeiras, que hião por diante (ib. 2, 21) — Eis o que eu vi nessa hora de agonia (Herc., Eur. 51) — Nessa noite fria e humida, agastado por agonia intima, vagava eu pelos alcantis escalvados (ib. 28).

A simples anteposição do pronome esse a um substantivo suppre muitas vezes a locução adverbial de tempo:

Depois, esse clarão sinistro [= o clarão sinistro que havia nesse momento] verberou na terra (Herc., Eur. 52)—Ao cruzar os umbraes domesticos, esses terrores [i. e. existentes nessa occasião] sumiram-se com os objectos que os geraram (ib. 50)—O espectaculo maravilhoso que se passava nesse espaço insondavel fazia-me erriçar os cabellos (ib. 51)—Deixarei submergir o meu debil esquife, sem que a esses gemidos que ouvi se vão ajuntar os meus (ib. 55).

Afastamento ou aproximação mental. — O demonstrativo este suggere a noção de proximidade em relação á pessoa que fala; por isso tambem o empregamos, na linguagem animada, para dar a impressão de que nos interessa muito de perto alguma cousa ou pessoa, comquanto de facto se ache um tanto afastada. O contrario se dá com o demonstrativo esse. Por outras palavras: com o pronome este a imaginação aproxima de nós cousas na realidade afastadas; com o pronome esse a imaginação arreda ou afasta de nós cousas que estão ou poderiam estar proximas:

Partimo-nos assi do santo templo... Certifico-te, oh rei, que se contemplo como fui destas [em vez de dessas] praias apartado, cheid dentro de duvida e receio, que a penas nos meus olhos ponho o freig (Cam., Lus. 4, 87) — Se esta gente, que busca outro hemispherio, não queres que padeçam vituperio (ib. 1, 38) — Que gente será esta em si diziam (ib. 1, 45) — Entendido tenho destes christãos sangui nolentos que quasi todo o mar tem destruido com roubos, com incens dios violentos (ib. 1, 79) — Vês Africa, dos bens do mundo avara... olha essa terra toda, que se habita dessa gente sem lei, quasi infinita (ib. 10, 92) — [Neste ultimo passo a deusa, apontando para uma das muitas figuras que mostra ao Gama, deixa de empregar em opposição aos outros casos, o deictico este, indicando assim que Africa com seus habitantes é em tudo differente e apartada da gente e terra européa]

Notem-se ainda os seguintes exemplos:

Sabe que quantas naos esta viagem que tu fazes fizerem de atrevidas [esta por essa indica que quem fala é pessoa vivamente, affectada ou interessada], inimiga terão esta paragem (Cam., Lus. 5, 43) — Que descuido foi *este* em que viveis? (ib. 6, 28) — Oh tu geração daquelle insano, cujo pecado e desobediencia... te poz *neste* desterro e triste ausencia (ib. 4, 98) — Já que nesta gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia (ib. 4, 99) — Oh vã cubiça desta vaidade a quem chamamos fama (ib. 4, 95) — Esta vinda desta gente estranha (ib. 8, 45) — Senhor, ... estes treedores destes Judeus dom Yuda, e dom Davi Negro que ssom da parte da rainba, teem gramdes tesouros escondidos (F. Lopes, D. J. 30) — Heide dar uma lição a este escravo deste povo que os soffre (Garr. Fr. L. 58) — Tens as mãos tão quentes i Beija-a na testa. E esta testa, esta testa!... escalda. — Se isto está sempre a ferver (ib. 84) — Estes ricos, estes grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades (ib. 81) — Que cerimonias são estas! Que Deus é esse que está nesse altar e quer roubar o pai e a mai a sua filha? (ib. 153) — Que mal te fiz eu para que esse desejo, essa idéa [a do anniquilamento] seja o que unicamente resta ao precito?... (Herc., Eur. 48) — Contam-se cousas incriveis desses povos que assolam a Africa (ib. 54).

O DEMONSTRATIVO ANAPHORICO. — Nos casos até aqui estudados considerámos o demonstrativo na sua função pura de deictico, isto é, indicando a situação de pessoas e cousas e o momento da acção em relação á pessoa que fala. Mas o demonstrativo desempenha tambem outro papel na linguagem: pode referir-se ás nossas proprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como ao que vamos ainda enunciar. Neste caso diz-se que o demonstrativo é anaphorico*).

Serve á pessoa que fala este, isto de pronome anaphorico, para chamar a attenção tanto para o que se vai nomear ou citar em seguida, como para o que se mencionou ou explicou já anteriormente:

Entre este mar [que acabo de mencionar] e o (Tanais (Cam., Lus. 3, 11)—E com esta victoria [que acabo de descrever] cobiçoso, já não descança o moço até que veja outro estrago, como este, temeroso (ib. 3, 76)—Entrava com toda esta companhia o Mir-almumini em Portugal (ib. 3, 78)—Passada esta tão prospera victoria (ib. 3, 118)—Este [o citado Pedro] castigador foi riguroso de latrocinios, mortes e adulterios (ib. 3, 137)—Estas palavras taes falando orava: Sublime rei (ib. 2, 78)—Sentia escripta na consciencia... esta sentença cruel: nem a todos dá o tumulo a bonança das tempestades do espirito (Herc., Eur. 21)—Isto [que acabo de expor] chama prudencia o mundo estupido e ambicioso (ib. 46)—Mas se isto assim é, ao sacerdote não foi dado compreendel-o (ib. 7)—Os arabes! eis o unico grito..., e esta palavra é como a peste quando passa (ib. 61)—Estes aproximaram-se emfim (ib. 139).

Se alludimos a duas pessoas ou cousas differentes mencionadas antes, fazemos a distinção com o demonstrativo aquelle para a palavra nomeada em primeiro lugar, e este para a que vem por ultimo:

Não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos affectos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado aquelles... e tornando **) estas mais solemnes (Herc., Eur. 12) — O somno ou a vigilia, que me importa esta ou aquelle (ib. 119).

A necessidade que sentimos de avivar bem a impressão deixada por nossas proprias palavras dá ao pronome anaphorico tal importancia, que o pronome *este*, *isto* predomina em geral, até mesmo em casos nos quaes, pelas con-

^{*,} Deiotico e anaphorico são termos tirados do grego e usados na linguistica moderna.

**) No original está tornando.

dições de afastamento ou tempo remoto, deveriamos esperar o uso do deictico esse, isso:

Ouvio-lhe estas palavras piadosas a fermosa Dione (Cam., Lys. 2, 333) — E destas brandas mostras commovido,... as lagrimas the alimpa (ib. 2, 42) — Já neste tempo o lucido planeta... chegava á desejada e lenta meta (ib. 2, 1) — Tanto com estas novas se alegrou (ib. 1, 98) — Neste tempo que as ancoras levavão (ib. 2, 66) — 1sto dizendo, os barcos vão remando pera a frota (ib. 2, 106) — Nestas e outras (ib. 4, 92) — Pelejai verdadeiros Portugueses. Isto disse o (magnanimo guerreiro (ib. 4, 38) — E dizendo isto arranca meia espada (ib. 4, 19) — Ser isto ordenação dos Ceos divina por sinaes muito claro se mostrou (ib. 4, 3) - Por estes vos darei um fero Nuno (ib. 1, 12) - Emquanto eu estes canto (ib. 1, 15) - Hum só homem houve no mundo, que nascesse homem. Este foi Adam (Vieira, Serm. 8, 285) - Neste momento... soava um correr de cavallo á redea solta (Herc., Eur. 105) - Desde este momento a ala direita dos mosselemanos começou de affrouxar (ib. 108) — Vingança 1 — Este brado foi repetido por Oppas (ib. 109) - A esta hora duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessou o ribeiro (ib. 131) — Neste momento aquellas vozes harmoniosas cessaram (ib. 136) — É é neste paiz [del que acabo de falar] que os caminhos de ferro estão devolutos por todo o tempo do officio divino (Herc., Lend. e Narr. 2, 214) — Nesta cidade de Manchester [a que me estou referindo] ha jardins zoologicos e botanicos que o povo frequenta gostoso (ib. 2, 214).

Querendo alludir ao que acaba de ser dito não por nós mesmos, mas pelo individuo ou individuos com quem falamos, servimo-nos do pronome anaphorico de 2.ª pessoa esse, isso:

Antiocho: Dai algum conforto a este desditoso a quem faltou a ventura — Calydonio: Essa [que tu acabas de proferir] palevra desditosa he alhea da escola de Christo (Arr. 582) — Por essas e outras taes visitas [de que vós falais] ficou o pobre do rei tão bem creado (Mello, Apol. Dial. 220) — Para que he fallar nesses [que dizes]? Nesses e outros semelhantes fallão todos, por isso não fallo eu (ib. 233) — Rogo-te... que me perdoes isso que dizes que te fiz (F. M. Pinto 3, 176) — Confronte com: E como tu disto que eu digo mão podes ser o juiz... ey por escusado responder por mim (ib. 3, 170) — Mas... nesse caso... visto isso [= segundo o que tu acabas de dizer]... Visto isso, só o sr. Augusto pode explicar o mysterio (Din. Morg. 2, 114).

Expressões consagradas. — Posto que o emprege dos demonstrativos dependa em geral das regras até aqui expostas, ha comtudo certos dizeres em que se fixou, ot tende a fixar, o uso de um dos demonstrativos, sem attender a quaesquer considerações.

Issim, para indicar que vamos esclarecer um pensamento anterior, recorremos á expressão isto \acute{e} (e nunca isso \acute{e}).

Para representar pleonasticamente o sujeito, ou objecto, usa-se esse, isso:

Comer a baleia a Jonas, essa he a sepultura que o mar costuma dar aos homens (Vieira, Serm. 9, 321) — Quem fizer a vontade de neeu pai... esse he minha mãe (ib. 3, 25) — A podenga negra, essa corria pelo aposento (Herc., Lend. e Narr. 2, 12) — A podenga negra, essa sumiu-se por tal arte, que ninguem no castello lhe tornou a pôr a vista em cima (ib. 2, 14) — Neves da serra no inverno, soes..., noites e madrugadas, disso se ria elle (ib. 2, 8) — Cujos eram os arreios, isso sabia-o o diabo (ib. 2, 41) — D. Diogo, esse ficou-o crendo (ib. 2, 45) — O Lidador, esse tinha sido posto em cima dumas andas (ib. 2, 90) — A sciencia, essa é invulneravel (C. Castello Branco, Boh. 436) — Quanto ao... Simões... esse (ib. 446) — Aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova (Garr. Fr. Luis de Sousa, 10).

Diz-se commummente por isso; mas encontra-se tambem a locução por isto. Na negativa usa-se dizer não por isso e nem por isso:

O pay pode não amar o filho, mas nem por isso deixa de ser pay; o filho pode não amar o pay, e nem por isso deixa de ser filho (Vieira, Serm. 8, 238) — Mas nem por isso vos negarei (ib. 2, 332) — João era parente, e parente muy querido; mas nem por isso João foi anteposto a Pedro (ib. 2, 358) — He verdade, que o primeiro amor he o primogenito do coração, porem a vontade sempre livre não tem os sens bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o mayor (ib. 2, 385).

Isto de equivale a «no tocante a», «no que diz respeito a»:

Isto das filhas tem muyta necessidade de attençam (Vieira, Serm. 8, 170) — Nisto de lugares vai grande engano (ib. 3, 152) — Como amasse, amou; e isto de amor sobre haver amado, não he só amar, senão amar mais (ib. 2, 388) — Isto de políticos (Din. Morg. 112) — Isto de metter scismas ás crianças (ib. 2, 158).

Demonstrativo e artigo. — O demonstrativo o seguido immediatamente de substantivo confunde-se em geral com o artigo. Acompanhado porem de preposição (geralmente de), v. g. na frase força maior que a dos homens, ou de uma oração adjectiva, v. g. força maior do que a que os homens possuem, resalta bem o caracter de pro-

nome anaphorico. No segundo caso o tambem pode ser substituido por aquelle. Ainda é pronome demonstrativo a palavra o, junto ao verbo ser, referindo-se a predicado mencionado antes, como podia ser honrado, mas não o é, ou referindo-se a uma frase inteira, que não queremos repetir. Nestes dois casos o demonstrativo tem a forma invariavel o, equivalente a isso, tal (cousa).

Pronomes relativos

Chamam-se pronomes relativos aquelles que, referindo-se a um nome ou a outro pronome anteriormente mencionado, o antecedente, iniciam oração subordinada a este. Pode a oração relativa delimitar o sentido do antecedente, como no exemplo pedra que rola não cria bolor, e neste caso é restrictiva; ou accrescentar simplesmente uma explicação, e então será explicativa, como neste exemplo: contei o facto a Paulo, que por sua vez o contou a Antonio.

Num e noutro exemplo a palavra que é pronome relativo, tendo para antecedentes respectivamente pedra e Paulo. No segundo caso vê-se que o pronome tem o mesmo sentido que e elle, e este; mas ao passo que os dous ultimos pronomes podem occorrer em orações principaes, cabe ao relativo que sempre papel secundario e dependente.

Possuimos em portuguez os pronomes relativos que, o (a) qual, quem e a forma possessiva cujo commum aos tres pronomes. Podemos ainda accrescentar a palavra ondo quando equivalente de em que, e admissivel sómente quando se referir a nome que exprima cousa ou lugar:

Terra onde se informe da India e onde a gente se reforme (Cam., Lus. 1, 40) — Empresa onde rosto e narizes se cortava (ib. 3,41).

Variaveis são apenas: o (a) qual, plural os (as) quaes, de accordo com o antecedente, e cujo, que segue o genero e numero do substantivo posposto representando a cousa possuida.

Que, vocabulo atono ou de tonalidade fraca, é o relativo de emprego mais commum. Occorre em oração explicativa como em oração restrictiva, e tem para anteceden-

te um nome ou um pronome.

O qual, pronome de tonalidade forte, presta-se a melhor avivar uma noção enunciada pouco antes (o seu antecedente); presta-se por isso mesmo tambem a evitar o sentido ambiguo em periodos com orações adjectivas subordinadas umas ás outras. Já se usou igualmente na accepção de «este», ou como pronome demonstrativo anaphorico, segundo se deprehende da leitura de documentos differentes até o seculo XVI, nos quaes com frequencia occorre depois de pausa forte (ponto e virgula ou ponto final). Exemplos em que o qual alterna com que afim de evitar o sentido dubio:

A mui grande Mandinga... que do curvo Gambea as agoas bebe, as quaes o largo Atlantico recebe (Cam., Lus. 5, 10) — Como o febricitante em dia ardente de estio, que aspira a brisa da tarde, a qual não pode saral-o, mas que lhe refrigera... o ardor do sangue, assim eu ainda me deixo afagar (Herc., Eur. 77) — Torrentes de guerreiros que... acomettiam ao lado dos Arabes, os quaes vacillavam e retrocediam (ib. 91).

Como demonstrativo anaphorico referido a um facto ou a um pensamento inteiro podia usar-se em port. ant., em lugar de *isto*, a expressão *o que* alternando com *a qual cousa:*

Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, rrecebemdoa depois de praça, o que fazer nom podia seemdo seu marido vivo (F. Lopes, D. J. 348) — E ell despemssando com elles... leixallo hia estomçe em emcarrego de sua comçiençia; a qual cousa nom ouve, nem numca lhedio supplicado (ib. 359) — E posto que casar podessem sem despemsáçom, o que nom podiam... isto soo he abastamte (ib.) — E per esta guisa sse passaram sobre este feyto outras muytas rrazoões. Ao que elrey rrespomdeo que elle avia por milhor de teer assy seu arrayall (Zur. Ceuta 186) — E se trabalhariam de fazer alguña novidade em vossos rreynos, o que seria azo de grande prigo (ib. 184) — E mandou logo fazer prestes toda a frota... a qual cousa foy feita muy ledamente (ib.) — Vos verees, disse elle, muito cedo aquillo que agora chamaaes fantasmas... A qual cousa nenhum dos outros podia creer (ib. 167) — Nom duvidou deçemder do çeeo, e poersse antre nós... ataa seer morto na cruz e livrarnos. Em o que... nos deu exemplo maravilhoso (ib. 162) — Rrogo... que façaaes delles [peccados] penitante. Polla qual cousa serees assolltos de culpa (ib. 161).

Os escriptores da Renascença poucas vezes empregaram a qual cousa, da qual cousa etc., e adoptaram geralmente o que, do que, no que, pelo que, maneira de exprimir mais simples, mais elegante e que continuou a usar-se até os nossos dias. Dos exemplos sem conto desta linguagem bastará mencionar os seguintes:

Estes tres irmãos ficaram moços per falecimento de seu pai, pelo que o Emperador seu tio os criou em sua casa (D. de Goes 574) - As quaes partes o fizeram vingar o adulterio que a Emperatriz... cometia com hum seu veador della, e a matou com o mesmo adultero na cama, do que depois sobcedeo fazer o conde... crua guerra aos Saxões (ib. 574) — Tomou o castello de Cule... o que feito se foi a Arles (ib. 574) - Ficava por saber... donde procede esta real genealogia... no que assi como achei pareceres e opiniões differentes, achei tambem muito trabalho pera com verdade poder dizer cousa (ib. 577) - E lhe disserão que sem falta nenhua seu filho morreria aquella noite, pelo que lhe seria melhor a elle mandarme cortar a cabeça (F. M. Pinto, 2, 221) - Elrey lhes respondeo que bem via quanta razão tinhão..., pelo que lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia de fazer (ib. 2, 222) — Passado o primeiro sono acendia candea, pera o que levava aparelho de fuzil e pederneira (Sousa, S. Dom. 198) — Acudio o prior... dizendo que seria bem tomar primeiro ordens de missa, pera o que logo deu traça (ib. 186) — Avia juntas mais de cem molheres... huas lavrando em suas almofadas, outras cozendo, outras fiando...; do que tudo resulta ajudarem em húa grande parte a despesa commum (Sousa, Arc. 1, 202) - Ganhou grande nome com os estrangeiros e naturaes, com grande alegria e aplauso dos padres que o criaram. Do que resultou declararem-no logo por Leytor de Artes do Collegio de Lisboa (ib. 1, 31) - Lembrava a elrey a obrigação que tinha... de ser S. Magestade o primeiro e mais riguroso zelador dos santos decretos... pera o que convinha que nem quizesse dispensação do Papa (ib. 1, 366) — Diz a mesma prophetiza que Deos para isso ha de conservar os pés dos seus santos... O que literalmente não só se póde, mas deve entender dos pés de São Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 440) - Não podia mover-se por espaço de tres ou quatro horas, que durou a conversação que tiveram [as ossadas] com ella. Pelo que, foi força acom modar-se aquelle trabalho penosissimo (Bern. N. Flor. 2, 130) - De sejará o leitor saber alguma cousa destas mysteriosas significações da vestes sagradas. Ao que satisfaremos brevemente (ib. 3, 382) — Logo o verdugo lhe cortou a cabeça. O que vendo Sto. Epitecto, deu gloria e louvor a Deus (ib. 3, 419) - Ao que elle respondeo (ib. 1, 28) -Do que tudo redundaram grandes cumulos de gloria (ib. 1, 85) -Em confirmação do que referirei... (ib. 1, 90).

As expressões o que, no que, pelo que (ou polo que, como tambem se dizia) referidas a facto que se acaba de enunciar, conservam sempre o determinativo o; diz-se porém, geralmente com que, e alguns autores costumam simplificar ao que em a que. Algumas vezes encontra-se tambem de que por do que:

Os nomes... achamos tambem no pergaminho... usando delles o autor... com pouca differença do poeta... Com que se fica acreditando baslantemente o poeta e o pergaminho, hum ao outro (Sousa, Arc. 1, 157) — Acudiram juntamente todos os fidalgos e gente nobre da cidade: com que foy tanto o rumor... que não pudera ser mayor se entrara a pessoa delrey (ib. 2, 43) — Considerando que as monçoens estavão no fim e que naquelle tempo se fechavão os portos, com que seria obrigado a invernar alli... no meyo desta afflicção fez voto a S. Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 282) — Executou fielmente... e logo se ausentou para a sua patria. Com que, não houve lugar nem via por oude se soubesse... (Bern. N. Flor. 1, 489) — E assim lhe foi concedido; com que, chegou huma capa a cobrir toda huma cidade (ib. 2, 177) — A que elle replicou (F. M. Pinto 2, 235) — Qual foy a causa por que as vossas gentes... mataram os nossos tanto sem piedade...? A que respondemos que seria pelo successo de guerra (ib. 2, 236).

Com referencia a antecedente expresso por nome ou pronome, existe, ao lado da forma atona que, a forma tonica quem, usada porém sempre com preposição. Assim dizemos: aquelle que procuras e aquelle com quem andas; o filho que obedece e o pai a quem respeita. Este depender da presença ou ausencia de preposição é caso analogo ao das formas pessoaes mim e me, ti e te, etc. Mas como, em principio, não se applicam a cousas as expressões a quem, de quem, etc., o phenomeno deixa de ter a latitude que era de esperar.

Esta direcção no sentido dos seres animados, ou, mais rigorosamente, dos entes humanos, é devida sem duvida á influencia da palavra quem empregada como pronome interrogativo.

De facto, o pronome quem, preposicionado e com antecedente expresso, reserva-se hoje para seres humanos, de um ou outro sexo, no singular ou no plural) raramente para outros entes animados:

Abasteciam a mesa desses godos, a quem a desgraça e a vida dura das solidões fizera mais fero (Herc., Eur. 103) — Comparavel ao bramido de cem leoas a quem os caçadores do Atlas houvessem... roubado os seus cachorrinhos (ib. 302) — Abandonado pelos mais nobres guerreiros, para quem a paz com os infieis seria incomparavel deshonra (ib. 165) — Quem fallava commigo sabei que he o anjo de Deus, como era o que S. Valeriano viu que fallava com Santa Cecilia sua esposa, a quem elegi por protectora do negocio que agora vos communicarei (Bern, N. Flor. 2, 344) — Converteu-se a Deus, e lhe entrou a luz do desengano com a morte de sua mulher, a quem

^{5 |} Said Al. - Grammatica Historica da Lingua Portugueza.

muito amava (ib. 3, 338) — Nelle tinha já destinadas as pessoas a quem havia de fazer o provimento (Vieira, Serm. 2, 112).

Ao sentir da linguagem actual parece pois um tanto arrojada a prodigalidade com que nos Lusiadas se emprega este pronome. Deixa-nos a impressão de que o poeta quiz dar vida e personalidade ainda ás cousas mortas; e de hoa vontade substituiriamos quem por o qual nas seguintes passagens:

Jaz a soberba Europa, a quem rodeia... o Oceano e... o mar Mediterrano (Lus. 3, 6) — Cidade nobre e antiga, a quem cercando o Tejo em torno vai, suave e ledo (ib. 4, 10) — Desta vaidade a quem chamamos fama (ib. 4, 95) — Deixando a serra asperrima Lioa co cabo a quem das Palmas nome demos (ib. 5, 12) — Eu sou aquelle occulto e grande cabo a quem chamais vós outros Tormentorio (ib. 5, 50) — Chamam-te fama e gloria soberana, nomes com quem se o nescio povo engana (ib. 4, 96) — Andando, as lacteas tetas lhe tremiam com quem Amor brincava e não se via (ib. 2, 36).

Tambem na linguagem actual pode-se usar o qual em lugar de quem (referido a ente humano). A substituição é possivel quando o antecedente vem enunciado por um nome e não por outro pronome. Assim dizemos: um amigo a quem (ou ao qual) devo muitos favores, uma filha a quem quero muito bem, porém tu a quem obedece todo o mundo; aquelle a quem tudo está sujeito; outros em

quem poder não teve a morte.

Pronome relativo indefinido. — Em proposições como quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança servimo-nos de um pronome visivelmente destituido de antecedente. Mas como o vocabulo quem ahi suggere a noção de «homem (ou mulher) que», «alguem que» sentimo-nos propensos a ladear a questão linguistica, analysando não já o pronome tal qual em taes frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semantico. Esse methodo condemnavel, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espirito quando applicado a quem quer que, expressão ampliativa do mesmo pronome quem nestas proposições: quem quer que o disse; não faças mal a quem quer que te offenda*).

^{*)} Que seria forçada a decomposição em «homem que», ainda se evidencia formando frases analogas em outras linguas, v. g. em francez com quiconque, em latim com quisquis, quicumque, etc.

sweet propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois ultimos exemplos a denominação de relativo condensado « por desempenhar o proprio relativo tambem funções de antecedente». Qualificativo commodo, sem duvida, mas não ditado pelo criterio historico-comparativo. Estudos mais rigorosos (Delbrück e Brugmann) permittem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo quem nas interrogações indirectas e ao indefinido quem.

O relativo indefinido gera orações de caracter substantivo; o relativo propriamente dito (com antecedente) dá origem a orações de caracter adjectivo. Comparemos quem trabalha (o trabalhador) e o general que venceu (o general victorioso).

Constituem as orações do primeiro typo um todo e se forem precedidas de preposição dependente de verbo ou nome de outra oração, esta particula regerá não a palavra quem sujeito, mas a frase toda como se fosse um substantivo:

O sprito deu a | quem lh'o tinha dado (Cam., Lus. 3,28) — Por via irá direita | quem do opportuno tempo se aproveita (ib. 1,76) — Não sabem nesta pressa | quem lhe valha (ib. 2,25) — Tem cuidado de | quem sem ti não pode ser guardado (ib. 2,31) — Por ter sujeito o coração a | quem soube vencel-a (ib, 3,127) — Sabe também dar com clemencia a | quem para perdel-a não fez erro (ib. 3,128).

Evidentemente quem tambem pode servir de objecto na oração substantiva e como tal poderá ter sua preposição propria:

Não tendo Gothfredo | a quem resista (Cam., Lus. 3, 27) — Não tendo | a quem vencer na terra (ib, 4, 48) — Assi recebem junto e dão feridas como | a quem já não doe perder as vidas (ib. 4, 39).

Tudo quanto até aqui expuzemos a proposito de quem refere-se unicamente á função e emprego deste pronome. Quanto á origem do vocabulo, importa saber que o pronome quem nada mais é do que o accusativo latino quem dos pronomes relativo, interrogativo e relativo-indefinido qui, quis. O vocabulo, pronunciado differentemente do latim, accommodou-se a funções que não tinha, podendo

servir não só de complemento, mas ainda de sujeito de oração *).

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos da lingua portugueza desde os seus primeiros tempos são: quem, qual, que. Como equivalente de que (= que cousa), e em certos casos preferida, surdiu e fixou-se em portuguez hodierno a forma tonica o que.

Quem (do latim quem) é sempre pronome absoluto, invariavel, com o qual em pergunta nos referimos a pessoas desconhecidas ou indeterminadas, quer do sexo masculino, quer do sexo feminino:

Quem está ahi? — Quem te disse tal cousa? — Quem é aquella mulher? — Quem são os filhos do Egypto senão os filhos deste mundo? (Bern. N. Flor. 3, 458) — Quem são teus pais? (ib. 3, 404) — O' filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior de minha alma, quem fora tão bemaventurada que pudera remir vossas vidas...? (F. M. Pinto 2, 304).

Tem este pronome a forma possessiva *cujo*, dando-selhe genero e numero da cousa possuida.

Cujas sõ estas coroas tă esplandeçentes (S. Josaph. 47) — Cuja he esta barca que preste? (G. Vic. 1, 232) — Cuja he esta imagem? (Vieira, Serm. 5, 334) — E as despesas deste injusto intertenimento... por cuja conta correm? (ib. 2, 92) — E todos esses bens que juntaste a que chamas bens, cujos serão? (ib. 5, 456).

Esta forma possessiva é desusada hoje em dia nas interrogações. Em seu lugar diz-se geralmente de quem: De quem são estas coroas? De quem é esta barca? etc.

Que pode ser pronome absoluto ou adjunto. No primeiro caso é usado em opposição a quem para denotar cousa e não pessoa. No segundo caso tem o sentido de « que especie de » :

Que é isso? — Que te disse eu? — Que gente será esta?... (Cam., Lus. 1, 45) — Que contos poderemos ter milhores pera passar o tempo,

^{*)} A função de accusativo que tinha a forma latina quem só persiste — diz Meyer-Lübke — no dialecto logudorense, ao passo que nos demais falares que se servem deste vocabulo (rumeno, campidanez, obwaldez, suisso, malhorquez, hespanhol e portuguez). É elle empresado tambem como nominativo.

que de amores? (ib. 6, 40) — Que má tenção, que peito em nós se sente, que de tão pouca gente se arreceia? (ib. 2, 81).

Qual com o seu plural quaes indica selecção entre diversas pessoas ou cousas e emprega-se em geral isoladamente, mas algumas vezes também com o nome logo depois:

Qual será o amor bastante de nympha que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Orgulho humano, qual és tu mais — feroz, estupido ou ridiculo? (Herc., Eur. 25) — Em qual coração resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio de Hespanha? (ib. 27) — Quaes d'entre vós... sois neste mundo sós?... — Quaes de vós sois, como eu, desterrados no meio do genero humano? (ib. 185) — Em qual das atalaias estão os traidores? (ib. 208) — Qual caminho seguem os arabes? (ib. 262) — E quaes foram as novas dos pegureiros? (ib. 262) — Era necessario que as monjas soubessem qual futuro as aguardava (ib. 143).

Interrogações indirectas. — As perguntas não se fazem só directamente, isto é, elevando a voz no fim da proposição ou pondo um signal particular na escripta. Tornando a questão dependente de verbo que exprima ignorancia ou duvida, tambem denunciamos muitas vezes o desejo de uma resposta. Comparem-se estes exemplos: Que gente é esta? e Não sei que gente é esta. Sob a mesma feição indirecta (oração dependente) tambem podemos dar conhecimento a outrem de perguntas que na realidade se formulam directamente. Assim transformamos em Perguntou-me quem eu era e qual o meu officio a questão directa Perguntou-me: quem és tu? Qual o teu officio?

São ainda interrogações indirectas proposições como vejamos quem elle é, e o que nos traz correspondendo ao typo primitivo Vejamos (estas questões): quem é elle? e

(o) que nos traz?

Vê-se claramente que as palavras quem, qual, que sendo pronomes interrogativos nas questões directas, tambem o são nas respectivas questões indirectas, nem podem ser outra cousa.

ORIGEM E EMPREGO DO INTERROGATIVO o que. — Esta forma foi a principio estranha á lingua, mesmo nas interrrogações indirectas onde mais tarde se generalisou.

Restam-nos provas disto em passagens como as seguintes:

Sei eu bem que [= o que] vus van dizer (Canc. 36, 155) — Vedes que [= o que] lhe rogarei (ib. 75, 105) — Vedes que mi aven (ib. 99, 206) — Seu coraçom nunca soube que era medo senom de pecar (Zur. Guiné, 24) — Nom sabyam que [= o que] era pam nem vinho (ib. 137) — Não sei que he nem que não (G. Vic. 3, 73) — A vizinhança que [= que cousa] dirá se meu marido aqui não 'stá e vos ouvirem cantar (ib. 3, 35) — Nunca sabe que [= o que] é temor (ib. 3, 112).

Em muitos casos o sentido era dubio, ou pelo menos confuso, porque a palavra que, alem de pronome, tambem pode ser particula (conjunção); eu bem sei que dizem tanto corresponderia ao inglez I know what they say como a I know that they say. D'ahi a necessidade de um expediente, e este expediente se encontrou nas expressões a cousa que, aquillo que, ou, mais simplesmente, o que.

O confronto de não sei o que é com as frases parallelas não sei quem é, não sei qual é, determinou o escurecimento da noção demonstrativa no vocabulo o, passando elle a funcionar, nas interrogações indirectas, como um re-

forço do pronome que.

Admittida a forma o que na interrogação indirecta, estava dado o primeiro passo para a sua admissão nas perguntas directas. Aqui de facto penetrou, menos pelo sentido dubio da forma primitiva do que por uma questão de ordem phonetica. Que tornara-se vocabulo atono ou quasi atono; o que possuia accentuação forte, que conservou até hoje.

Collocado no fim da frase, o interrogativo necessariamente tem de sobresahir pela intonação; por isso o an-

tigo que foi supplantado por o que nestas frases:

Vais escrever o que? [por vais escrever que?] — Via-se descer, romper, saltar... o que? (Herc., Lend. e Narr. 2, 39) — Foi aqui o que? (Garr., Viagens 1, 72) — Mas... ella o que? (ib. 1, 133) — Senão o que? (Garr., Cam. 1, 122) — Deveis o que? (ib. 68) — Dizem o que? Devo... o que? Dizes o que? Fazer o que? (exemplos de A. F. Castilho).

Nenhuma alteração requer o interrogativo que quando regido de preposição; esta, como palavra proclitica que é, basta para reviver a tonalidade amortecida dos pronomes*): Escreves para quê? (ou para que escreves?) Fa-

^{*)} O mesmo phenomeno se observa nos pronomes pessoaes. Comparem-se me e a mim, te e de ti, nos e para nós. Em outras linguas tambem vemos factos analogos (v. g. em francez me e à moi, em allemão er sieth michle das ist für mich).

larás de quê? Divertiram-se com quê? Dedicou-se a quê? (ou a que se dedicou?) Em que consiste a felicidade? (ou

a felicidade em que consiste?).

No principio ou no meio da oração, o simples que (não preposicionado) pode ser substituido por o que, desde que o escriptor queira pôr em relevo o interrogativo. A necessidade desse relevo no começo de pergunta não se animaram os escriptores a manifestar senão modernamente. Ao senso commum parece tão legitimo dizes o que? como o que dizes? A grammatica, reconhecendo interrogativo accentuado no primeiro caso, reconhece o tambem no segundo*). É isto o que explica as seguintes passagens:

O que é que eu vejo? Estes gritos, que são?! (Castilho, Metam. 154) — Eu, nympha, eu, menos forte, o que podia? (ib. 264) — O que foi isto? (Castilho, Fausto 177) — Logo, se não é drama, o que é? (Castilho, Cam. prol?) — Agora por isto, que será feito de frei Timotheo?!...— O que será feito delle? (Herc., Lend. e Narr. 2, 135) — O que hade ser della e de nós? (Garr., Fr. L. de Sousa 41) — E a voz da terra, o que é? (Herc., Harpa do Cr.) — O que é o direito da propriedade? o que é o livro? (Herc., Opusc. 2, 64-65).

Posto que os supracitados exemplos de o que a par do simples que sejam de autores do seculo XIX, não se colhendo exemplos analogos em seiscentistas nem na linguagem grave dos quinhentistas, é certo entretanto que o emprego do interrogativo o que na linguagem falada remonta pelo menos ao seculo XVI. Houve, neste longo periodo, da parte dos escriptores o receio de afastar-se da tradição, não ousando elles admittir em suas obras uma expressão já sancionada pelo falar usual. Provam a antiguidade do emprego do interrogativo o que os trechos seguintes:

O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam? (Sá de Mir. 2, 98) — Riqueza ou grande poder, ou muito alta senhoria, ou bonança ou alegria, pois logo deixa de ser, quando era, o que seria? (G. Vic. 3, 344) — Ora, senhor, o que dizeis? (A. Prestes 199) — Agora o que has de fazer? (ib. 490) — O que hão botas com chinelas? (ib. 159) — Moço, isto o que quer ser? (ib. 315).

cap. Phenomenos de intonação.

^{*)} Tentaram alguns explicar o caso de o que posposto, e só esta hypothese, pela ellipse, esquecendo-se de que a elastica figura torna por identico raciocinio muitissimo legitimo tambem o caso de o que iniciando a oração.

Veja-se sobre este assunto o meu livro Difficuldades da Lingua Portugueza,

Pronomes indefinidos

Os pronomes pessoaes, referindo-se, segundo vimos, ao individuo que fala e áquelle com que se fala, representam, cada vez que se empregam, pessoas certas e determinadas. O pronome da 3.ª pessoa, substituindo um nome anteriormente mencionado, lembra um ente determinado e conhecido pelo discurso. Poderiamos, pois, dizer que o pronome pessoal é um pronome definido.

A par destes pronomes existe um grupo de vocabulos de caracter pronominal que, como a palavra «elle», requerem o verbo na 3.ª pessoa, differindo todavia do pronome pessoal por indicarem um ente vagamente, como a palavra alguem, ou um ente qualquer, que recordará, mas não necessariamente, algum nome enunciado antes. Constituem taes vocabulos o grupo dos pronomes indefinidos.

Parte dos pronomes indefinidos são invariaveis, v. g. alguem, outrem, ninguem, e, como os pessoaes, só se usam substantivamente; parte são variaveis, v. g. algum, outro e empregam-se as mais das vezes como adjuntos, isto é, como adjectivos a delimitar os seres expressos pelos nomes a que se ajuntam. Excepcionalmente é o indefinido cada a um tempo adjunto e invariavel.

Os pronomes indefinidos confundem-se ás vezes com os quantitativos ou numeraes. E a classificação em uma ou outra categoria na verdade só é possivel pelo sentido, apurando-se se domina a noção de pessoa ou cousa vaga e indeterminada, ou se a de quantidade ou numero. Confronte-se o sentido de «muita» nestes exemplos: muita gente não pensa assim; havia muita gente na praça.

INDEFINIDOS DISTRIBUTIVOS. — Indicam distribuição em frases coordenadas, dous ou mais pronomes differentes, como um... outro, ou o mesmo pronome repetido, poren reportado a seres differentes, como neste exemplo: quem o abraça, quem o beija por um o abraça, outro o beija.

Possuia a nossa lingua uma variedade notavel de indefinidos distributivos. Foram porem cahindo em desuso

com excepção de um... (5) outro, variaveis em genero e numero. O primeiro elemento « um» admittia tambem a anteposição do artigo definido, como se observa frequentemente na linguagem dos antigos chronistas e ainda nas Decadas de João de Barros:

As humas como as outras (Zur., D. P. de Men. 441) — Desculpando-se o hum e o outro (ib. 448) — Da huma como da outra parte (ib. 460) — Por duas razões: a uma... a outra (F. Lopes., D. Fern. 327) — Duas cousas: a huma que saqueassem a cidade primeiro; e a outra que cometessem o palmar (Barr., Dec. 1, 8, 8) — Os huns nem os outros (Zur., D. P. de Men. 466).

No plural tambem se usava delles alternando com uns, outros, ou delles... delles simplesmente:

Delles armados, outros sem armas (F. Lopes, C. F. 362) — Huns... delles..., outros... (F. Lopes, ib. 195) — Delles (= uns...) delles (= outros) (Zur., C. P. 378, 436, 532, 534, 540, etc.).

A repetição do pronome al tinha o sentido de «uma cousa»... «outra cousa», como o prova este adagio antigo: all cuyda o bayo e all cuyda quem no seela.

Nos Lusiadas não ha exemplos desses modos de dizer antiquados; mas ahi encontramos precedentes para o uso, hoje restricto, de quem... quem, qual... qual..., este... este...:

Quem se afoga nas ondas encurvadas, quem bebe o mar e o deita juntamente (Cam., Lus. 1, 92) — Qual vai dizendo: Oh filho a quem eu tinha só para refrigerio e doce amparo...; qual em cabello: oh doce e amado esposo... (ib. 4, 90-91) — Qual do cavallo voa, que não dece; qual co cavallo em terra dando, geme; qual vermelhas as armas faz de brancas; qual cos pennachos do elmo açouta as ancas (ib. 6, 64) — Este rende munidas fortalezas...; este a mais nobres faz fazer vilezas...; este corrompe virginaes purezas...; este deprava ás vezes as sciencias...; este interpreta mais que subtilmente os textos; este faz e desfaz leis; este causa os perjurios entre as gentes (ib. 8, 98-99).

Os pronomes rem, nada. — A vulgarissima palavra nada é um exemplo de adjectivo ou, antes, de participio transformado em pronome. Semanticamente, equivale a «nenhuma cousa», isto é, refere-se de modo negativo a qualquer ser inanimado.

Nada é propriamente o participio feminino do vérbo «nascer», e a expressão primitiva rem nada, significava o mesmo que «cousa nascida» (=lat. rem natam). Cedo se obliteraram estas duas noções, e como para proneme um dos vocabulos fosse sufficiente, veio a desapparecer o outro. Curioso é ter o adjectivo supplantado o substantivo. Rem com o mesmo sentido que o francez rien (em que prevaleceu o substantivo sobre o adjectivo), já de todo desconhecido no tempo do chronista Fernão Lopes, dominou no periodo mais antigo da nossa lingua e foi com predilecção usado nos Cancioneiros, onde a cada passo se topam exemplos como os seguintes:

Mas empero direi vos ŭa *rem* (Canc. D. Diniz 23) — Desej'en mui mais d'outra *rem* (ib. 26) — Ca sõo certo d'ũa *rem* (ib. 29) — Nom dou eu por tal enfinta *rem* (ib. 71) — Nunca Deus fez tal coita qual eu ei com a *rem* do mundo que mais amei (ib. 18).

« Cousa nascida» ou « rem nada» era metaphora de que a lingua se soccorria em frases negativas, para exprimir a inexistencia absoluta de qualquer cousa; processo analogo ao que se mostra posteriormente com as metaphoras nem migalha, nem ponta, nem sombra e outras. E o que a estes dizeres menos remotos impede de nos darem impressão perfeita de pronomes indefinidos como aquelles dois vocabulos antigos, é o não ter-se de todo apagado da memoria o sentido proprio dest'outros vocabulos.

Homem e a gente. — Tem de commum estes dois pronomes o mostrarem visivelmente que se originaram cada qual de um substantivo; ou, melhor, são nomes que assumem caracter pronominal quando usados, não já na accepção propria, mas para indicar agente vago e indeterminado.

Quanto á epoca de seu emprego, occupam polos oppostos na historia da lingua. Homem era de uso commum no portuguez primitivo; menos frequente no seculo 15, perdura todavia, mórmente na linguagem popular, deixando vestigios até o seculo 16. A gente é usado principalmente na linguagem familiar da actualidade. Exemplos do pronome indefinido homem:

Em aquel tempo nom podia homem achar em todo o regno de logres donzel tam fremoso nem tam bem feito (S. Graal 4) — Eu te

farei taaes cousas quaaes nunca home fez a seu inimigo (S. Josaph. 24) — Era tam esprandecente que bem se poria homem veer em ella como em espelho (Corte Imp. 6) — Logo vossa tençom seria boa se homem tevesse lugar aparelhado em que trabalhando sperasse receber proveito (Zur. Guiné 313) — E homem dá-se mais que deve muitas vezes ó cuidado (Sá de Mir. 387) — Comem trigo e nós d'avea. Eles bebem, homem sua, doe-lhes pouco a dor alhea (ib. 360) — Certo he grande erro não conhecer homem seu erro (H. Pinto 2, 480) — Platão dizem, que dizia, que os amigos eram ladrões do tempo. Bem me parece tel-o de contino, mas nanos conversar se não raramente: porque como homem tem seus exercícios ordinarios, dão-nos os amigos molestia, se nos visitam amiude (ib. 2, 382) — Eu perdi a mor ventura que homem nunca perdeo (G. Vic. 3, 293).

A linguagem literaria, principalmente a partir da era camoneana, prefere indicar o agente indeterminado por outro modo. Os recursos mais communs são: a forma reflexiva do verbo, o verbo na 3.ª pessoa do plural sem nomear sujeito algum, o verbo na 1.ª do plural.

Os indefinidos: alguem, ninguem, algum, nenhum, um. — Os dois primeiros denotam, um affirmativamente, outro negativamente, qualquer ente humano. Os tres ultimos, sendo pronomes adjuntos, não podem ser empregados para o mesmo effeito senão unidos a substantivo como homem, pessoa. No portuguez antigo porem os pronomes algum, nenhum usavam-se não sómente como adjuntos, mas ainda como absolutos e, neste caso, na accepção de «alguem», «ninguem»:

Quando elle chegou aos tendilhões, catou dentro, mas nom viu nenhuũ fora hũa dona que jazia hi dormindo (S. Graal 122) — Nõ osabe nenhũu hu he (Vida S. Am. 118) — Tam grande sandice he... desprezar o estado das virtudes e escolher o estado dos pecados, como seria se alguũ quisesse passar alguũ ryo perijgoso e tormentoso (Leal Cons. 297) — Se alguũ que leer ou ouvir esta estoria fezer pregunta (F. Lopes, C. J. 6) — Nem era alguũ ousado de tall cousa dizer (ib. 6) — Disse mui escusamente ao comde de Barcellos que o nom sentio nenhuũ (ib. 28) — Nom que ell descobrisse a nehuũ tall segredo (ib. 15).

Em Camões encontramos algum como pronome absoluto, no sentido acima definido e, alem disso, o mesmo vocabulo como pronome adjunto na accepção de «muito» (francez maint) no seguinte passo:

Algum d'ali tomou perpetuo somno, e fez da vida ao fim breve intervallo; correndo algum cavallo vai sem dono, e noutra parte o dono sem cavallo (Lus. 6, 65).

Exemplos de um na accepção de «alguem» não são raros na Nova Floresta de Bernardes. Mas como difficilmente se encontra o indefinido com tal significação em escriptores anteriores, parece antes que o seiscentista se utilisou de um estrangeirismo (cf. o uso do ital. uno), o qual todavia não conseguiu acclimar-se em nossa lingua:

Quanto hum he mais pobre, tanto tem menos parentes (N. Flor. 1, 259) — Não he por certo esta a humildade que o Padre Affonso Rodrigues chama de garavato, que he dizer hum males de si proprio, para que os ouvintes acudam por elle (ib. 5, 272) — Avisa o Espirito Santo que não queira hum ser juiz, senão sente em si virtude poderosa para contrastar iniquidades (ib. 5, 269).

CADA, QUALQUER. — Servem para individualisar os seres: cada applica-se a um por um dos seres de que se trata; qualquer e seu plural quaesquer referem-se a individuo ou individuos tomados indifferentemente d'entre outros da mesma especie.

Cada não occorre isoladamente, senão em certos exemplos antigos como:

Soom porem tam triste cada que della ouço fallar (S. Graal 87) [por cada vez que] — Cada que as ouço (ib. 84) — Dizem que devem hy pousar cada que hi veherem (C. d'Elvas 47).

Diz-se cada um, cada qual, ou então a palavra cada seguida de um substantivo: cada anno, cada hora. Ainda neste ultimo caso mantinha-se outrora frequentemente a palavra um, v. g. cada um anno, cada uma hora:

Em dia de sam johā bautista ouverō antre sy gram batalha... e eada huũ anno lidam assy en aquell dia (S. Am. 510) — Ella hya em cada huũ anno tres vezes aaquelle moesteiro (ib. 514) Apartando logo quatro pera cada hũa parte (Zur. Guiné 197) Huũ grande dito e mui proveitoso, que cada hũu Rei e Principe deve baver em sseu comsselho (F. Lopes, D. J. 88).

Outra particularidade do port. ant. é a variabilidade de numero do vocabulo um na combinação pronominal:

Cada huns pera suas casas (Zur., Ined. 2, 480) — Cada hūus pera seu cabo (Zur. Guiné 197) — Cada huūs se foram pera suas terras (F. Lopes, D. J. 13) — Cada huūas virtudes som mereçedores de seus pregoões (ib. 56).

Na antiga legislação portugueza usa-se cada hum não sómente com o valor additivo de « um por um », mas ain-

da como synonymo de «qualquer». Exemplos desta segunda especie:

Nem [averá lugar a pena] em mestre ou piloto de navio que castigar cada huũ dos marinheiros, ou servidores do navio, em quanto estiverem sob seu mandado (Ord. D. Man. 5, 11) — Pero naquelle que for ordenado por tal crime em cada hū dos sobreditos casos nom se tará execuçom atee no-lo fazerem saber (ib. 5, 18) — E se o cavallo morrer a cada huũ dos sobreditos, que obrigados sam de o teer, pera gozar dos ditos privilegios, ou liberdades, será obrigado dentro de seis meses, do dia que elle morrer, comprar outro cavallo, pera gozar dos ditos privilegios (ib. 2, 38). — Todo homem que com outrem viver, quer por soldada, quer a bem fazer, e casar com a filha, ou madre, ou irmã, ou prima com irmã daquelle ou daquella com que viver, quer esteem das portas adentro, quer fora de casa, sem mandado, ou licença do senhor com que viver; ou dormir com cada hūa das sobreditas, quer dentro em casa de senhor, quer fora... moura por ello morte natural (ib. 5, 17).

Todo e tudo *) — O primeiro destes vocabulos, variavel em genero e numero, pertence á lingua desde os mais remotos tempos; o segundo, invariavel, data da literatura quinhentista e substitue o antigo todo empregado no sentido de « toda a cousa».

Serve o singular todo para designar o conjunto ou inteireza, e antepõe-se ou pospõe-se a nomes previamente determinados por outro pronome adjunto, ou pelo artigo: todo este paiz ou todo o paiz está arruinado. Se se trata de nome proprio, a presença do artigo dependerá de o dito nome usar-se ou não com artigo. Assim diz-se todo o Brasil, toda a India, porem todo Portugal, toda Goa (Veja-se o capitulo sobre o artigo).

Documentam a regra do emprego de todo denotando

inteireza os seguintes passos:

Das grandes naos do Samorim potente, que encherão todo o mar... fará pedaços (Cam., Lus. 10, 28) — O mar todo ferve (ib. 10, 29) — O polo todo ardia (ib. 6, 76) — A terra toda possuia (ib. 7, 16) — Cabeça... de Europa toda (ib. 3, 17) — Não tirarão toda a India e Egypto (ib. 10, 37) — Todo Portugal aos Mouros toma (ib. 8, 18) — Fernão Peres o seguio hūa tarde toda (Barros, Dec. 2, 9, 3) — Esperarão todo hū dia (Castanh. 1, 50) — Com toda hūa coxa fora (Cam., Lus. 10, 31) — Neste mesmo exemplo vemos como Deos castiga todo um reyno por culpa do seu rey (Arr. Dial. 187) — Inficicaão toda

^{*)} Veja-se a proposito de todo, tudo, Sain Ali, Difficuldades da Lingua Portugueza² pag. 169-187.

hũa republica (ib. 62) — E ás vezes de não apagar hũa palha se vem atear o fogo nũa e noutra até que vem a queymar toda hūa casa (H. Pinto 1, 3) — Que será ver a Deus por toda hũa eternidade (Bern., L. e C. 339) — Abrahão dividido e por partes teve muytos semelhantes; todo Abrahão, e por junto, ninguem lhe foy semelhante (Vieira, Serm. 1, 414) — Segue-se que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem (ib. 5, 342) — Se Christo está em toda a Hostia, todo Christo não pode estar em qualquer parte della (ib. 1, 192) — Em qual destes lugares ou tempos estava mais applicado todo Xavier? (ib. 8, 324) — A rainha... substituira á severidade antiga do paço todo o brilho de um luxo insensato (Herc., L. e Narr. 1, 186).

A locução todo o mundo usa-se não sómente no sentido rigoroso de «o mundo inteiro», mas ainda em accepção translata, designando-se hyperbolicamente pelo Orbe terrestre simplesmente a collectividade humana. Neste segundo caso, a locução tem caracter fixo, ao passo que na primeira hypothese é indifferente collocar a palavra todo antes ou depois de o mundo:

Posto que em todo o mundo... resuscitassem (Cam., Lus. 2, 55) — A santa providencia... governa o mundo todo (ib. 10, 83) — Para o juizo de Deos hade ir ao valle de Josaphat todo o mundo; para o juizo dos homens todo o mundo he valle de Josaphat (Vieira, Serm. 5, 81) — Para eu não sahir condenado, he necessario que todo o mundo seja innocente (ib. 5, 84) — Peccados... os quaes não só Deos, mas todo o mundo está conhecendo (ib. 5, 33).

Nas expressões de velocidade maxima a toda a brida (Herc., Eur. 212), a todo o galope (Herc., Lend. e Narr. 2, 91), a toda a pressa (Vieira, Serm. 2, 181; ib. 6, 539; Bern., L. e C. 303; Bern., N. Flor. 1, 14; 1,125; 1, 148; 1, 210; 1, 215; 1, 273; 2, 5), usa-se o artigo como no superlativo de adjectivos e adverbios.

Com as expressões o resto, o restante, o mais, o outro considera-se em conjunto a parte complementar de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Como reforço a estas locuções se lhes antepõe a palavra todo, sendo que com o mais desacompanhado de substantivo e equivalendo a «as mais cousas», se usa, em port. mod., tudo em lugar de todo:

Tudo o mais eram cousas pera dar aos Reys (Barros, Dec. 1, 4, 3) — Toda a mais povoação era de madeira cuberta (ib. 1, 4, 7) — Destes dous generos de gente [Brammanes e Naires], sendo a mais nobre da terra, viviam nella [cidade] mui poucos: toda a outra povoação era de Mouros e Gentio mecanico (ib. 1, 4, 7) — Convoça as

filhas de Nereu com toda a mais cerulea companhia (Cam., Lus. 2, 19) — Animaes, que elles tem em mais estima que todo o outro gado das manadas (ib. 5, 63) — Logo todo o restante se partiu de Lusitania, postos em fugida: O Miralmomini só não fugio, porque antes de fugir lhe foge a vida (ib. 3, 82) — De toda a mais commodidade e alfayas que a velhice permitte e as doenças desculpão estava [a cella] erma (Sousa, S. Dom. 275) — Não renderá menos lustre a todo o resto de Hespanha (ib. 21) — Assim passa sómente por ella a vida, e tudo o mais [que são os peccados] fica dentro, e nada passa (Vieira, Serm. 5, 25) — Que um homem só e desassistido de toda a outra companhia e poder, se atrevesse (ib. 3, 312) — O mesmo professa toda a escola cega e torpe deste infame mestre... e com seu collega Calvino toda a outra sentina dos hereges de nosso tempo (ib. 9, 397) — Dá conta... de todas as palavras de tua lingua e tudo o mais que tu sabes (ib. 5, 49) — Tudo o mais contrastava... com ellas (Herc., Lend. e Narr. 1, 181).

Pratica usualissima desde o port. ant. é reforçar o pronome demonstrativo o acompanhado do pronome relativo que. O port. mod. introduziu apenas a novidade de substituir todo por tudo nos dizeres onde o que equivale a aquillo que:

Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta (Cam., Lus. 1, 3) — Que os mouros cautelosos se guardaram de lhe mostrarem tudo o que pediam (ib. 2, 9) — Desbaratareis tudo o que quiserdes, quanto mais a quem já desbaratastes (ib. 4, 18) — Porem disto que o Mouro aqui notou, de tudo o que vio com olho atento, hum odio certo na alma lhe ficou (ib. 1, 69) — Tudo o que nasce na terra, o sol e a chuva o cria (Vieira, Serm., 5, 455) — Tudo o que se move neste mundo... será sogeito a teo imperio (ib. 5, 476) — O que sucede depois he tudo o que dissestes antes (ib. 5, 108) — Já vi tudo o que havia de ver nesta vida (ib. 5, 139) — No Ceo ha tudo o que quiserdes (ib. 5, 447) — E' tudo o que pode contra mim dizer (Herc., M. de C. 2, 267) — Seria impossivel dizer-te agora tudo o que está aqui dentro (ib. 2, 210).

Aos adjectivos substantivados o necessario, o possivel, o util, o superfluo, etc., significando o conjunto das cousas necessarias, possiveis, uteis, etc., antepõe-se hoje em dia a forma todo como em port. ant. Os seiscentistas usavam com estes dizeres ora todo, ora tudo:

He necessario desbastar-me de todo o superfluo e descartar-me de mim mesmo (H. Pinto 2, 386) — Tereis tudo o necessario para o sustento da vida (Vieira, Serm. 8, 179) — Em todo o necessario à vida temporal (ib. 8, 293) — Recuperar... tudo o perdido (ib. 5, 221) — Tendo depositado tudo o precioso e lustroso de seus thesouros (ib. 2, 14) — Ver junto todo o raro e curioso do mundo (ib. 5, 437) — Desipreza tudo o ameno e frondoso das felicidades e glorias do seculo

(Bern., L. e C. 498) — Tudo o bom e tudo o fermoso que Christos fez, he o Divinissimo Sacramento (Vieira, Serm. 9, 291) — Tudo o raro e admiravel das regioens novamente sogeitas (ib. 5, 21) — Tudo o precioso que havia em seu palacio (Bern., N. Flor. 1, 133).

A pluralidade dos seres enuncia-se por meio de nomes appellativos na competente forma do plural. Ajuntando-se todos, todas a estes nomes alludir-se-à expressamente à totalidade numerica: todas as palavras; todas as lagrimas. Muitas vezes porem — e em especial se as unidades se acham dispersas no espaço ou no tempo, não se formando então no espirito a imagem de individuos reunidos — representam-se todos os seres congeneres por um ser typico, nomeia-se o individuo pela especie inteira, usa-se o singular em vez do plural, como quando dizemos: o leão é animal feroz, a manga é fruta saborosa, por os leões são animaes ferozes, as mangas são frutas saborosas.

Nestas condições, a todos os leões, todas as mangas, todas as palavras correspondem logicamente os dizeres todo o leão, toda a manga, toda a palavra no singular. Succede porem que, tomando-se o individuo pela especie, confunde-se o conceito do numero singular com o de qualquer individuo, e o vocabulo todo se nos afigura como synonymo do vocabulo qualquer. E como este ultimo exclue a presença do artigo, somos levados a dizer também sem artigo todo leão, toda manga, etc.

Exemplos desta confusão se topam em port. mod., não porem em tão larga escala como na era pre-camoneana, na qual se chegava a omittir o artigo ainda quando todo tinha sentido bastante arredado de qualquer, como em Corte Imp. 71: obrando Deos obra toda a bondade e toda grandeza e toda eternidade, e nestes passos da lenda dos Santos Baarlão e Josaphate: era-lhe obediente... e toda subjeição e toda humildade trabalhando em toda virtude; abraçou-o cõ todo amor; livrei de todo error.

Qual seja a tendencia da linguagem a partir do seculo XVI, pode-se ver pela maneira por que se tem tratado os dizeres em toda a parte, por toda a parte, de toda a parte usados em vez de em todas as partes, por todas as partes, de todas as partes. Camões emprega estas locuções no singular ora com artigo, ora sem elle:

Cantando espalharei por toda parte (Lus. 1, 2)—Por toda a pante andava accesa a guerra (ib. 3, 51)—Tudo provê com animo e prudencia, que em toda a parte ha esforço e resistencia (ib. 3, 79)—St to tem dito já aquella ventura que em toda a parte sempre anda comigo, ó não na creias, porque eu quando a cria, mil vezes cada háta me mentia (ib. 9, 77)—Com Joanne, Rei forte em toda parte, que escurecendo o preço vai de Marte (ib. 4, 25)—Porque a gente maritima e a de Marte estão pera seguir-me a toda parte (ib. 4, §4)—Volvendo, ora se abaxe, agora se erga, nunca se ergue ou se abixa, e hum mesmo rosto por toda a parte tem, e em toda a parte começa e acaba, em fim, por divina arte (ib. 10, 78)—Voar co pensamento a toda parte (ib. 8, 89).

A incerteza de que dão testemunho os trechos citados desapparece entre os escriptores do seculo seguinte, passando-se a usar desde então até o seculo XIX as ditas locuções adverbiaes sómente com o artigo. Nos diversos volumes de Vieira, Bernardes, F. M. de Mello e Herculano, em que pacientemente procurei tudo quanto se referisse ao caso, não consegui achar senão exemplos deste genero:

Andando a morte com a fouce ensanguentada por toda a parte mbre gentios e christãos (Vieira, Serm. 8, 354) — Em toda a parte m ardião, ou servião em odoriferos licores todos os aromas da India (ib. 8, 359) — Notai a palavra ubicunque, em toda a parte. Em toda parte, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão is aguías (ib. 5, 250) — Assim devemos nos multiplicar as nossas presenças] para assistir ao divinissimo Sacramento *em toda a parte* (ib. 5, 250) — Todos os males do genero humano carregavam *de toda* parte sobre o coração de Paulo (ib. 5, 465) — Se estes dous espiatos são os que vos levami a toda à parte (ib. 1, 505) — Assi o faz a Virgem Piedosissima a todos os que a invocarem em todas as partes lo mundo. Christo presente *em toda a parte* pelas palavras, com que Sacerdote consagra a Hostia, Maria presente *em toda a parte* pelas balarras com que o necessitado a invoca (ib. 1, 747) — Soando teme-losamente ao longe por toda a parte (ib. 8, 54) — O Ceo cerrado por toda a parte (Bern., N. Flor. 1, 86) — Concorrendo de toda a parte muitos mancebos (ib. 1, 292) — A presença de Deos, que hum Shristão em toda a parte deve trazer diante dos olhos (ib. 1, 404) — Perigos e defeytos em toda a parte os ha (ib., L. e C. 51) - Por oda a parte não via... senão um crime (Herc., Lendas e Narr. 1, 161) - Em toda a parte deixara agentes e amigos fieis (ib. 1, 45) -Vassalos, que de toda a parte haviam corrido (ib. 1, 188) - Por oda a parte se verteu sangue (ib. 1, 263) — Alongava os olhos por oda a parte em busca de Theodemiro (Herc., Eur. 120) - A traiio... está por toda a parte (ib. 69).

Este alvitre de não empregar senão a forma com arigo não se decidiram os seiscentistas a tomar ante os dizeres todo o genero e todo genero. Lançavam mão do segundo, se queriam enunciar o conceito de modo mais vago, e utilisavam-se do primeiro se lhes importava expressar-se com mais emphase:

E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer todo o genero de lagrimas (Vieira, Serm. 5, 448) — Então conheceo que a vontade de Deos era que admitisse ao gremio da Igreja todo o genero de Gentios e tratasse da sua conversão (ib. 8, 23) — Quando S. Roque estava na sua prizão, concorrião ao carcere os enfermos de todo genero, os cegos, os mancos, os aleijados (ib. 2, 163) — Bastavão só sem memorias do passado, como pregoeiros presentes, os cegos, os aleijados, os tolhidos, os leprosos, e os outros enfermos de todo o genero (ib. 8, 360) — Só se acharam no arsenal de Malaca sete fustas...; boa parelha contra huma Armada de sessenta velas... fornecidas de tudo o necessario para a navegação e para a guerra; e sobretudo de muyta artilharia de todo genero (ib. 8, 205) — Aprendam a jugar as armas maritimas de todo genero: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia (ib. 8, 262) — Pollutos com todo o genero de vicios e enormidades (Bern., L. e C. 446) — Florido em todo o genero de virtudes e dons (ib. 454).

A. Herculano opta pelo emprego de todo o genero nestes e outros passos:

No soveral havia todo o genero de caça (Lend. e Narr. 2, 20) — Accusações de todo o genero (ib. 2, 189) — Prohibindo em sua casa todo o genero de divertimento (ib. 2, 301) — Tu evangelisavas a liberdade e condemnavas todo o genero de tyrannia (ib., Eur. 34) — Dos godos restam-nos... monumentos escriptos de todo o genero (ib. 308).

Em escriptores quinhentistas encontramos muitas vezes todo o homem (= todos os homens) e outros dizeres. Estes exemplos se multiplicam do seculo XVII em diante. Dignos de nota são os seguintes passos:

Todo ho gentio, assi home como molher (Castanh. 3, 80) — Fara que todo o Naire se mova (Cam., Lus. 10, 14) — Em toda a cousa viva a gente irada provando os fios vai da dura espada (ib. 3, 64) — Todo o homem neste mundo deseja melhorar de lugar (Vieira, Serm. 5, 194) — Toda a Republica em todo o tempo ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz (ib. 2, 203) — Todo o homem que acaba a vida pendurado de hum pao he maldito (ib. 2, 420) — Todo o lugar mais alfo que outros está sempre ameaçando ruina (ib. 5, 211) — Todo o ministro emquanto não cae é grande (Herc., M. de C. 2, 230) — Todo o Regras tem um Bugalho (ib. 2, 232).

O adjectivo substantivado, tendo caracterisada esta função pela presença do artigo, não pode perder este artigo, quando se lhe antepõe a palavra todo, ainda que se tenha em mente a noção de «qualquer».

Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros... receberão de todo o illustre os ossos (Cam., Lus. 5, 83) — Todo o cativo que levava punha consigo á mesa (Sousa, D. J. III, 146) — Recorra todo o cahido ou tentado ao deparador das almas perdidas (Vieira, Serm. 3, 234) — Todo o proximo tem direito (Bern., L. e C. 267) — Todo o rico de repente ou he ladrão ou herdeiro de ladrão (ib., N. Flor. 2, 214).

Achando-se a totalidade numerica dos seres rigorosamente definida por um numeral cardinal, a anteposição reforçativa de *todos* exigirá a suppressão do artigo sómente quando esteja subentendido o substantivo:

As Dorcadas passamos, povoadas das Irmaãs... que de vista total sendo privadas todas tres dhum só olho se servião (Cam. Lus. 5, 11) — Por todos os quatro lados (Vieira, Serm. 8, 36) — Subissem todos tres ao monte (ib. 8, 315) — Os criados... eram tres; todos tres tiveram cabedal (ib. 2, 22) — Todos os quatro Doutores da Igreja (ib. 2, 421) — A todos os doze Apostolos disse Christo (Bern., N. Flor. 1, 390) — Andou tanto... que pudera supprir o caminho de todos doze (ib. 1, 390).

0 Artigo

Procede o artigo definido do pronome demonstrativo latino ille, illa, illud. Da primitiva forma, que seria ello, ella, dão testemunho el, usado unicamente em elrei, e, por outra parte, lo, evidente nas contracções dos pluraes todolos, ambolos e pello, pollo, ainda usadas no seculo XVI e outras da linguagem popular, como ullo (u = onde), mailo (= mais o). Excluidos estes casos, apparece por toda a parte, desde a mais remota phase da lingua portugueza, o vocabulo já sem vestigios do radical, inteiramente gasto, e reduzido á terminação atona o, a (escripto ás vezes ho, ha).

A função demonstrativa pode perceber-se ainda em dizeres nos quaes, ou pelo contexto, ou por ajuntar-se ao nome algum qualificativo ou frase equivalente, se aponta o ente ou entes de que se trata. Mas esta função se amorteceu desde que se tornou em costume o antepôr, sem grande necessidade, a qualquer substantivo o vocabulo o, a,

tornando-o seu companheiro quasi inseparavel. Desde en-

tão passou o demonstrativo a ser artigo.

É condição essencial do artigo o ter apoz si claro o nome de que depende, o qual será um substantivo ou outro vocabulo usado como tal. É por isso que a palavra o, originariamente a mesma, é artigo em o bom livro, o escrever, ao passo que continua na categoria de pronome demonstrativo em livro melhor que o de Pedro, o que Pedro possue.

A anteposição do artigo ao nome tem por fim avivar a attenção da pessoa a quem nos dirigimos. Lembra-lhe que o de que falamos lhe é conhecido, servindo o artigo para apontar mentalmente o dito objecto, como em o sol, a lua, o mundo, o ar, a terra, o mar. Aponta igualmente para cousas e individuos de que se tem conhecimento pela educação religiosa, literaria ou outra, como o ceu, o interno, o paraiso, o demonio; mas não se ajunta á palavra Deus, salvo se vem acompanhada de expressão que lhe restringe o sentido.

Nomes de virtudes e vicios, e noções abstractas em geral, dizem-se com o artigo. Têm tambem artigo o appellativo concreto no singular, não sómente quando o appellativo se refere a um individuo determinado, mas ainda quando, figuradamente, se toma o individuo pela especie inteira: o cão me mordeu; o cão é util ao homem. No plural o artigo assignala a totalidade tanto dos individuos em geral, como dos comprehendidos em certo espaço ou tempo. A ausencia do artigo, pelo contrario, dará a entender que se fala apenas de individuos de numero incerto.

Apesar da incerteza numerica, o substantivo levará artigo se já houver sido mencionado anteriormente. Este emprego anaphorico pode ver-se em: a casa foi assaltada por ladrões; mas, sendo presentidos, os ladrões fugiram.

Nas enumerações, a repetição do artigo, chamando a attenção para cada um dos substantivos, mostra que se consideram os respectivos seres como distintos entre si, ou separados pelo espaço ou pelo tempo:

O vento e o oceano são as duas unicas expressões sublimes (Herc., Eur. 28) — Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emmurchecer (ib.) — A generosidade, o esforço e o amor psinaste-os tu em toda a sua simplicidade (ib. 34)

Os frankos e os vasconios talam as provincias do norte (ib. 36) — onthusiasmo e o amor tinham resurgido naquelle coração (ib. 12).

A não repetição do artigo indica que se consideram as cousas como estreitamente associadas, que os termos são synonymos ou quasi synonymos, que os seres, embora differentes, coexistem ou a acção se passa com elles simultaneamente:

Se a tanto me ajudar o engenho e arte (Cam., Lus. 1, 2)—Do capitão e gente se apartou com mostras de devida cortezia (ib. 1, 56)—Vestindo a forma e gesto humano (ib. 1, 77)—Pelo affecto e enthusiasmo nos impelle a quanto ha bom e generoso (Herc., Eur. VII)—Regulava os direitos e deveres communs (ib. 3)—Cederam por fim... á fortuna e ousadia do ambicioso soldado (ib. 4)—A luz ia... estampar nelles [muros] as sombras das columnas e arcos enredados das naves (ib. 9)—As idéas grosseiras do culto de Odin não se tem apagado de todo nos filhos e netos dos barbaros, convertidos ha tres seculos à crença do Crucificado (ib. 9)—Era por uma destas noites... em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tetrica (ib. 23).

A suppressão total do artigo nas enumerações equivale a reunir ou associar rapidamente, tumultuariamente ás vezes, cousas diversas em um mesmo quadro:

Ao pôr do sol, gepidas, ostrogodos, scyros, burgundos, thuringios, hunos, misturados com outros, tinham mordido a terra catalaunica (Herc., Eur. 26).

A ausencia do artigo nas enumerações pode comtudo ser devida á circumstancia de se tratar de um numero indeterminado de seres:

Vem arnezes e peitos reluzentes, malhas finas e taminas seguras; escudos de pinturas differentes, pelouros, espingardas de aço puras, arços e sagittiferas aljavas, partasanas agudas, chuças bravas (Cam., Lus. 1, 67).

É de notar que em seguida a este trecho o poeta, querendo chamar a attenção, escreve: as bombas vem de fogo e juntamente as panellas sulfureas, tão danosas; porem aos de Vulcano não consente que dem fogo ás bombardas temerosas.

Quando se usam os distributivos um... outro... com referencia a palavras mencionadas antes, a linguagem hodierna só permitte antepor-se o artigo ao segundo termo.

Data esta regra da era dos seiscentistas. Na linguagem antiga dizia-se o um... o outro... (como ainda hoje em francez l'un... l'autre):

Desculpando-se o hum e o outro (Zur., Ined. 4, 293); As humas como as outras (ib. 441) — Tomaste dous principios ambos falsos... — O hum he o que disseste dos effeitos... O outro principio falso he... (H. Pinto 1, 435) — E como a elle chegasse o Portuguez, e visse que falavam ambos a lingoa italiana, o hū por ser sua natural o outro pola ter acquirida... saudou cortesmente (ib. 1, 305).

Este mesmo uso do artigo se fazia quando os distributivos eram expressos por numeraes definidos:

Mil mouros... de que os quinhentos eram espingardeiros, e os cento bombardeiros... e os outros se chamaram servidores (Castanh. 4, 7) — Sete frades..., e os cinco tinha cada hū sua cruz levantada, e os dous senhos retavolos de Nossa Senhora (ib. 5, 26).

Por outra parte, certas locuções, nas quaes hoje nos parece indispensavel o artigo, como aos milhares, aos gritos, etc., eram usadas outrora, e ainda no seculo XVII, sem tal determinação:

Os... que se bautizaram e fizeram christãos, não só se contaram a milhares, senão a milhões (Vieira, Serm. 8, 395) — Para que o sangue... dissesse a gritos quão verdadeiramente amava (ib. 2, 395) — Os vão contando a pares e nomeando de dous em dous (ib. 2, 356) — Guardas e escuitas, a longe e a preto [= perto] (F. Lopes, D. J. 219; porem em Vieira já: nem se doam ao longe... nem ao perto, Serm. 8, 464) — Lá hão de estalar a pedaços (Vieira, Serm. 2, 428) — Se no altar dera pão a moyos (ib. 5, 423).

Em portuguez antigo usava-se a locução em outro dia como equivalente do moderno no outro dia, no dia sequinte:

Em outro dia pella menhãa veo Barlaão ao infante Josaphate (S. Josaph. 16) — E mandou dizer a Zardã que em outro dia o queria ir veer (ib. 19) — Em outro dia foi fama polla terra que Barlaão era preso (ib. 22) — Em outro dia pella manhã foi elrei veer seu filho (ib. 34).

Em principio, os nomes proprios de pessoas não levam artigo, porque aquelle a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço. Seguem esta regra a linguagem literaria e o falar culto; alguns autores todavia abrem ás vezes excepção para os nomes de individuos de que já tinham feito menção anteriormente.

Dos dous primeiros seus filhos Cain e Abel, o Cain foi reprovado, e o Abel escolhido (H. Pinto, 1, 344) — Foi muito ter o Imperador Vespasiano dous filhos Tito e Domiciano tão differentes, que do Tito não se contam senão cousas boas, e do Domiciano senão muito más (ib. 1, 156) — Os galeões de Nuno Alvares Pereira, e de João da Silva, e de Gonsalo Pereira de Castro escaparam por novos, que puderam melhor soffrer os mares: das galeotas a do Ferreira desappareceu, Diogo Nunes Pedroso e o Tavares, em vendo os signaes da tormenta, se acolheram onde melhor puderam: o Tavares entrou pela barraca de Baçain sem saber por onde hia; Diogo Nunes Pedroso atinou com a barra de Dio (Couto, Dec. 8, 11).

Na linguagem de intimidade, e no falar do povo, antepõe-se com frequencia o artigo a nomes de pessoas conhecidas daquelles com quem conversamos.

As vezes, a necessidade de distinguir um individuo de outro obriga a indical-os por meio da palavra o:

Hū Joseph foy o que sonhou, e outro Joseph foi o sonhado. O Joseph que sonhou foi Joseph o filho de Jacob, o Joseph sonhado foi Joseph o esposo de Maria (Vieira, Serm. 7, 496) — O Joseph filho de Jacob sonhou sómente... Segue-se logo que o Joseph verdadeiramente sonhado foi o esposo de Maria (ib. 7, 496).

Nomes de rios, montes, e de certos mares usam-se com o artigo, não se referindo comtudo este ao nome proprio, mas ao appellativo (rio, monte, mar) que se tem em mente: o Parahyba, o Vesuvio, o Baltico, o Adriatico, o Atlantico, o Danubio, etc.

Analogamente, por subentender-se o termo «ilhas» se diz as Hebridas, as Cycladas, as Berlengas, as Antilhas as Bermudas, as Canarias. Dizemos todavia no masculino os Abrolhos, os Açores (ilhas dos Abrolhos, ilhas dos Açores) por influencia do genero destes nomes considerados como appellativos.

Raras vezes se permitte a ellipse, tratando-se de ilha no singular, como a Trindade por a ilha da Trindade. Em geral, enuncia-se sómente o nome proprio, diz-se: Sardenha, Corsega, Malta, Madagascar, Chypre, Santa Helena, Cuba, Jamaica, etc.

Sem artigo se dizem os nomes de cidades, exceptuando o Cairo (em que outros idiomas tambem empregam o artigo, por influencia do arabe el-Kahira, « a Victoriosa»), assim como a Bahia, o Porto, o Rio de Janeiro, o Rio Grande por effeito da sua origem appellativa. Do francez tomou-se o Havre, a Haya (la Haye, traducção abreviada do hollandez s'Gravenhaag). O uso actual, eliminando artigo neste ultimo nome, contraria a linguagem de Vieira.

Serm. 11, 500: da Haya passou a Lisboa.

Como o emprego do artigo não tem que ver com a maior ou menor extensão do territorio, deveriam usar-se sem elle não sómente as denominações de cidades, mas ainda as de provincias e paizes. Vê-se, de facto, applicada esta regra aos antigos nomes Portugal, Castella, Aragão. Leão, Murcia, Valencia, Granada, Marrocos, Navarra, Borgonha, aos modernos Bengala, Sofala, Angola, Benguela, Moçambique, Cambaia, Malaca, Colombia, Honduras, Venezuela, Guatemala, Nicaragua e outros.

Mas a maior parte dos nomes em -a atono, de origem latina, ou creados segundo o typo latino, e referentes a paizes e grandes regiões, apparecem em port. mod., principalmente a partir do seculo XVII, com a faculdade de admittirem o artigo feminino. Teria influido aqui a noção

latente de «terra».

Exemplos camoneanos por si sós não são decisivos, attendendo à circumstancia de que o poeta mais de uma vez se referiria aos paizes como a cousas personificadas. Levando-se porem em conta a linguagem dos prosadores daquelle tempo, conclue-se que de Africa, de Asia, em Africa, de Turquia, de França etc., era ainda linguagem pre dominante. Já o padre Vieira admitte francamente o artigo em: pela Africa, pela Asia e pela America (Serm. i) 38); pelas terras da Africa, da Asia (ib. 5, 322); na Asia e na America (ib. 5, 321); santuarios da Europa (ib. 5 343). Nem tem duvida em escrever para a Grecia (ib. 5 18); nas cidades da Grecia (ib. 3, 199); com a Turquia da Turquia (ib. 5, 19); na Scithia (ib. 5, 494); nos de sertos da Arabia (ib. 3, 200); posto que se revele ainda bastante conservador ao tratar de outros paizes: em Hes panha... em França... em Allemanha... (ib. 5, 374). Al gumas vezes o artigo pode ser ditado pela necessidade de clareza: deixa a João a Asia, a André a Grecia, a Felippo a Sythia, a Bartolomeu a Armenia, a Matheus a Ethiopi

A anteposição do artigo aos referidos nomes tornou-s

cada vez mais commum e parece generalisada hoje em dia.

Em a India, a China, a Indo-China o emprego da palavra a foi sempre obrigatorio, assim como o masculino o em o Japão, o Industão, o Tibet, o Pamir, o Montenegro. Fixou-se tambem o emprego do artigo em o Egunto. (Em Vieira ha bastantes exemplos, posto que de vez em quando occorra tambem Egypto sem artigo). A forma masculina nestes nomes deve-se parte ás terminações, parte á circumstancia de subentender-se o termo «paiz».

Em o Brasil antepoz-se ao nome o artigo no tempo em que o vocabulo ainda era appellativo, mas decisivo para a sua conservação no nome proprio foi a noção « paiz ».
O primitivo conceito de « rio » determinou o uso do

artigo em o Amazonas (provincia, estado), o Maranhão, o Amapá, o Paraná, o Pará, o Ceará, o Piauhy. Perdeu, pelo contrario, o termo appellativo toda a sua influencia em Matto-Grosso, Alagoas e Minas Geraes, desapparecendo nestes dous ultimos, com o artigo, o conceito de pluralidade (diz-se p. ex. Minas Geraes produz muito; Alagoas é um estado maritimo).

Deve-se provavelmente á ellipse o uso do feminino em

a (capitania) Parahyba.

Em o Peru, o Chile, o Mexico, o Canadá, o Panamá, o artigo pode ser attribuido á noção latente de « paiz», assim como á circumstancia de serem geralmente masculinos os substantivos communs com taes terminações. Pode tambem ser imitação do estrangeiro.

Portugal não toma artigo; mas diz-se a Beira, o Minho, a Galliza, o Alemtejo, e, superfetadamente, o Algarve

(al Garb em arabe quer dizer o Occidente).

Verbos: especies, formas e significação

Verbo é a creação linguistica destinada a expressar a noção predicativa. Denota acção ou estado e nas linguas do grupo aryano possue suffixos proprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo numero (singular ou plural; em alguns idiomas tambem o dual), o tempo (actual, vindouro ou preterito) e o modo da acção

(real, possivel, etc.).

>O desapparecimento de certos suffixos pessoaes determinou em varias linguas modernas a necessidade de antepôr ao verbo o pronome pessoal da 1.ª e 2.ª pessoa e o da 3.ª quando não vem enunciado o substantivo sujeito. Em portuguez o uso do pronome pessoal não é obrigatorio senão na 1.ª e 3.ª pessoa do singular de certas formas verbaes identicas quando assim o exigir a clareza do pensamento. Nos demais casos o pronome serve apenas de reforço emphatico.

Chamam-se formas finitas do verbo todas aquellas que vêm sempre referidas a uma das tres pessoas do discurso e têm ou tiveram a respectiva desinencia, como escrevo, escreve (lat. scribi-t), amava (lat. amaba-m) e ama-

va (lat. amaba-t).

A par destas, gera-se em todos os verbos um pequeno grupo de formas com apparencia e função de substantivo (infinitivo), adjectivo (participio) e adverbio (gerundio). São estas as formas infinitas do verbo, assim chamadas por constituirem vocabulos sem referencia especial a qualquer das pessoas do discurso.

Uma destas formas infinitas, o infinitivo, admitte (no idioma portuguez) uma formação secundaria com as diversas desinencias de pessoa; havendo portanto, alem

do infinitivo proprio ou impessoal, o infinitivo pessoal ou flexionado.

Os tempos do verbo são: para a acção que se passa no momento em que se fala, o presente; para a acção que já se passou o preterito, subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito; e para o facto vindouro o fu-turo, o qual pode ser em relação ao presente, isto é, futuro do presente, ou em relação ao passado, isto é, futuro do preterito. A este ultimo tem-se dado impropriamente o nome de modo condicional.

De muitas maneiras se pode imaginar uma acção ou estado; mas as formas verbaes simples de que a nossa lin-gua dispõe não nos permittem considerar mais de tres modos verbaes: o indicativo para a acção real, o conjuntivo, tambem chamado subjuntivo, para o facto duvidoso, provavel, potencial, optativo, etc., e o imperativo, por meio do qual se expressa a ordem, o pedido, o convite, a supplica, etc.

A exposição systematica de todas as formas de um verbo, finitas e infinitas, constitue a conjugação do verbo.

São tres os typos de conjugação: na 1.ª o verbo tem o infinitivo terminado em -ar, na 2.ª em -er, e na 3.ª em -ir.

O verbo pôr, comquanto pareça constituir um quarto typo, não é mais que a contracção de poer, e devemos consideral-o como verbo irregular da 2.ª conjugação.

Desinencias pessoaes

Das desinencias pessoaes latinas não vieram ao portuguez nem -m da 1.a do singular (excepto o vestigio na forma som < lat. sum, usada nos primeiros seculos do port. ant.), nem -t da 3.ª do singular. A forma latina est reduziu-se a é. O suffixo -nt da 3.ª do plural entrou para a linguagem depois de reduzido a -n, resultando d'ahi a nasalação da vogal precedente em -un, -om, -am ou -ū, -ō, -ā (que por fim se fundiram no ditongo nasal -ão) e -em ou -ē.

Na 1.a do plural todos os verbos conservam -mos < lat. -mus. Intacto ficou -s da 2.a do singular; -sti e -stis latinos tornaram-se -ste, -stes.

As desinencias -tes, -te da 2.ª do plural continuaram a usar-se, abrandada a dental, sob a forma -des. -de ainda na linguagem do seculo XIV, estendendo-se este uso a sondes, creação analogica por influencia de som (port. mod. sou). somos. Desta epoca em diante sondes simplifica-se primeiro em sodes, depois em sois, a dental do suffixo desapparece por toda a parte, excepto no futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado (nos quaes se manteve, apesar da vacillação havida ainda entre seiscentistas), nas formas vades (pres. do conj. de ir), sede (imperativo de ser), e no presente do indicativo e imperativo dos verbos monosyllabicos (e compostos) da 2.ª e 3.ª conjugação ver. crer. ler, ir (que tambem tem a forma is: porque is aventurar Cam., Lus. 4, 91), rir (rides a par de ris: Senhores, thes disse elle, de que vos ris? Barros, Clar. 2, 209), pôr, ter e ver. Estes tres ultimos fazem pondes, ponde, tendes, tende, vindes, vinde, com o vestigio da consoante nasal das radicaes primitivas; os restantes verbos fazem vedes, vede, credes, crede, ides, rides, etc.

A tendencia, que a reacção conservadora não deixou ir por diante, de omittir a dental no fut. do conj. e inf. pess., é attestada por exemplos muitos entre os quaes estes passos dos sermões de Vieira: para [vós] seres bem julgados (5, 83); a par de julgardes (5, 85); depois de vos pores em estado de penítencia (5, 135); se vos não converteres (duas vezes) (5, 151); se morreres no estado presente, se não chegares a esse depois, que ha de ser de vós? (5, 152); que vos ouça quando o chamares (5, 154); a par de se chamardes a Deos de todo o coração (5, 155), etc. A manutenção definitiva da dental deve-se naturalmente á necessidade ou conveniencia, no tratamento ceremonioso, de diversificar a 2.ª do plural da 2.ª do singular.

Alternancia vocalica

Damos este nome à mudança soffrida pela vogal thematica em certas formas rhizotonicas. Está neste caso a troca das vogaes puras fechadas e, o respectivamente nas vogaes puras abertas s, o.

Conservam-se alheias a esta alternação todas as formas rhizotonicas de chegar, ensebar, amancebar, dos verbos em -oar (vôas, corôas, etc.), em -ear (ceio, passeias, etc.), em -elhar (emparelhas, aconselha, etc.), em -ejar (almeja, deseja, etc., exceptuando invejas, inveja, invejam), a forma foi, e actua finalmente como obstaculo á alternancia, em falar brasileiro, a consoante nasal posta immediatamente depois da vogal: gema, tema, ordenha, comes, tomam, etc.

NOTA. — No falar lusitano a tonica o soa como vogal aberta, em come, tomas, etc.

Exceptuados estes casos, verifica-se a alternancia regularmente na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, bem como na 2.ª do singular do imperativo de qualquer verbo com uma das mencionadas tonicas puras, desde que esta venha seguida de outro phonema: queres, quer, choras, chora, adorna, rolas, chove, escreve, bebe, percebe, recebem, alegra, espera, fornece, resolve, fenece, cresce, descem, apoia, roes, doe, moe, tornas, tornam, jorras, olhas, olham, desfolham, rogas, jogas, rega, leva, sega, pegas, negas, despreza, perdes, governa, verte, fere, merece, adoece, veste, conserva, processa, refrescam, cessa, cede, gosas, afoga, escolhes, empregas, alterna, altera, berras, afivela, nivela, começas, protegem, mexem, forma, dorme, morre, torras, torce, despoja, arrojas, etc.

A alternancia estende-se á 1.ª pessoa do presente nos verbos da 1.ª conjugação: adorno, corto, afogo, pego, nego, meço, levo, toco, noto, jogo, erro, socego, esfrego, prego, choro, adorno, renovo, consolo, olho, molho, esboço, atravesso, cesso, alegro, espero, opero, altero, alterno, emprego, etc.; e tambem a peço, impeço, despeço e meço dos verbos em -ir. Nos verbos em -er, porem, exceptuando a forma quero, a 1.ª pessoa resiste a qualquer mudança, ficando em contradição com as demais formas rhizotonicas: bebo, escrevo, movo, cedo, concedo, corro, esqueço, mereço, escolho, colho, devo, resolvo, mordo, estabeleço, protejo, desço, cresço, mereço, appareço, forneço, rejo, estabeleço, torço, aborreço, mexo, verto, etc.

O presente do conjuntivo, calcado todo, como é, no thema da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo,

necessariamente não terá senão vogal fechada nos verbos da conjugação em -er: deva, resolva, escrevas, mereça, mereças, appareça, escolham, etc.; ao passo que com alternancia se hão de usar peça, peças, peçam, meça, meças, meçam, assim como as formas conjuntivas da 1.ª conjugação: comece, console, alegre, olhe, orne, cesses, espere, esperem, empregue, logre, negues, pegue, peguem, peque, chore, adore, etc.

O verbo dormir tem as formas dormes, dorme, dormem com vogal tonica aberta, mas transforma em u a rhizotonica de 1.ª pessoa: durmo (phenomeno este de que

trataremos d'aqui a pouco).

Inversamente, os verbos bulir, consumir, cubrir (ou cobrir, mais usada na graphia moderna), cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir e tussir, por analogia das formas dormes, dorme, dormem e imperativo dorme acabaram por transformar u em o aberto nos mesmos casos, dizendo-se, por exemplo, no indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem e no imperativo: sobe, subi, etc. Na linguagem brasileira pronuncia-se o fechado nas formas alteradas de sumir e consumir.

A principio estes verbos em nada differiam dos demais verbos regulares (exceptuada apenas a forma cuberto ou coberto, participio de cubrir). Assim no portuguez antigo:

Quando fores em tal perigo... entam o descubre e dize (S. Graal 37) — Sube [imperat.] em cima de mim (Livro de Esopo 11) — Porque fuges de my? (S. Mar. Eg. na Rev. Lus. 20, 189) — Fugem ao mundo (ib. 200); Os sentimentos acudem (Virt. Bemf. 104) — Acudem (Ined. 5, 591).

Vestigios desta antiga linguagem são ainda:

Nunca o vio o cubre (Lam. Ined. 5, 564) — Primeiro que entrem no mar se sumem por baixo no veram (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Sube já este sobrado (G. Vic. 3, 262) — Outra addição nos acude (ib. 3, 287) — Encubres (ib. 1, 333) — Sumem-se (Arr. 449) — Descubre-me [imperat.] sempre seus segredos (A. Ferr. 2, 344) — E tu Coimbra, cubre-te de tristeza (ib. 2, 236).

A adopção de o em vez de u, mais pronunciada a partir do seculo XVI, fez-se comtudo de modo desigual para os diversos verbos. Assim, ao passo que foges, foge, fogem, acodes, acode, acodem são formas do indicativo per-

feitamente estabelecidas na linguagem de Camões e A. Ferreira, o imperativo na mesma linguagem continua a ser invariavelmente fuge, acude; por exemplo:

Acude cedo... acude e corre (Lus. 3, 105) — Acode o sangue (ib. 4, 29; 4, 37) — Fuge, fuge, lusitano, fuge das gentes perfidas (ib. 2, 61; 2, 62) — A luz clara foge (ib. 4, 67) — Lhe foge a vida (ib. 3, 82) — Fuge antes que o mao vulgo te profane (A. Ferr. 2, 282).

Durante todo o seculo XVI persistem destrues, destrue, destruem (assim como a forma estrue, etc.); no seculo seguinte entram a fazer-lhes concorrencia destroes. destroe, destroem, Vieira Serm. 9, 250 e 9, 252 (a par de destruem, Serm. 5, 17) para se tornarem finalmente a linguagem usada no portuguez hodierno. Consume, con-Inguagem usada no portuguez hodierno. Consume, consumes, consumem, desusados hoje, foram empregados por A. Ferreira (2, 146; 1, 61), Camões (Lus. 5, 2), Arrais (58), Vieira (Serm. 1, 258), G. Vicente (2, 144) e Filinto Elysio (20, 92; 20, 211; ao lado de consome 20, 275). Entupe, entupes, entupem occorrem em todos os quinhentistas e seiscentistas e, até, em A. F. de Castilho: entupem-se-lhe as ventas (Georg. 289).

Outro caso de alternancia é o da transformação das vegas fachadas o a respectivemento em a circular de consumer.

vegaes fechadas o, e respectivamente em u, i.

Mudança de o em u verifica-se em durmo e durma, durmas etc. do verbo dormir e nas formas de 1.º pessoa puz, pude (lat. posui, potui) ao lado das de 3.º pessoa poz, poude

Mudança de *e* para *i* dá-se na 1.ª do singular do presente do indicativo (e todo o presente do conjuntivo) de alguns verbos pertencentes á conjugação em *ir*: firo (oport. ant. *fero < feiro); sigo, sinto (e compostos destes tres verbos); dispo, visto, minto e advirto. A alternancia estendeu-se a principio ás demais rhizotonicas do indicativo e a outros verbos da mesma conjugação. Vestigios disto são, no portuguez antigo, os imperativos pidi (por pide) (S. Josaph. 16), e viste-te (ib. 13); e no portuguez mod., os imperativos minte-lhe (G. Vic. 1, 303), prosigue tu (ib. 1, 319), viste-te da sua lam (H. Pinto 1, 176), dá e fire quanto quiseres (ib. 1, 45), sigue-me firme e forte (Cam., Lus. 10, 76), e o singularissimo indicativo prosigue em port. mod. (Castro, Ulys. 10, 49). Importa notar que na linguagem de Camões e outros escriptores da mesma epoca, e tambem em documentos de eras anteriores lê-se sómente sigo, segues, segue, seguem para as formas rhizotonicas do indicativo de seguir.

Quanto ás rhizotonicas de servir, sentir (e compostos) vestir e advertir houve hesitações no port. ant. e ainda nos autores de seculo XVI se nos deparam alguns exemplos discordantes do falar hodierno:

Vestam (S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198) — Servo, servamos, servo (S. Josaph. 26, 30; S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198; Ined. 3, 487; F. Lopes, J. 23) — Sento (S. Graal 33; G. Vic. 3, 314; Arr. 464) — Consento (G. Vic. 2, 60) — Sintem e sentem (Ined. 5, 566; Leal Cons.) — Synto (Leal Cons. 63) a par de consente (Leal Cons. 14) — Sintem, sinte (Fern. d'Ol., Gram. 38, 39) — Consintem (Fern. d'Ol. 45) — Advirtem (Arr. 105).

Mudança de e para i soffreu tambem a 1.ª pessoa do singular de impedir e despedir, fazendo impido, despido (d'ahi o conjuntivo impida, despida) e a alteração se estendeu ao imperativo. Perdurou muito tempo esta linguagem, sendo ainda usada por escriptores seiscentistas:

Despide essa tu'alma (Ferr. 2, 263) — Com esta ultima advertencia vos despido, ou me despido de vós (Vieira, Serm. 2, 343) — Não havendo violencia que as [aguas] impida, se unem debaixo de huma superficie planissima (Bern. N. Flor. 4, 419) — Nem os [pobres] despidamos de todo vasios, nem a vida dos necessitados se converta em despojos de embusteiros (ib. 4, 405).

Em Mello (Ap. Dial. 141 e 33) occorrem já despeço, despeça, que com impeço, impeça acabaram por desalojar de todo as dicções antigas. Crearam-se estas novas formas por analogia de peço; modelou-se pelo verbo pedir a conjugação de impedir, despedir por dominar o sentimento de serem estes dous verbos oriundos daquelle. Na realidade, porém, filiam-se ao lat. impedire, expedire, ao passo que pedir procede do lat. peto (>* petio), petii, petitum petere*).

^{*)} Do verbo petere occorrem na Ibero-Romania duas formas para a 1.º pessoa do presente do indicativo: peço (de *petio), usado em Portugal e fixado na linguagem literaria deste paiz desde os mais antigos tempos; e pidó (de peto), proprio do hespanhol e de alguns falares regionaes de Portugal. Observo

Da alternancia vocalica resultaram ainda fiz < port. ant. fize < lat. feci, em contraste com fez < port. ant. feze < lat. fecit, e quiz < port. ant. quise < lat. quaesii e quaesii e

Do verbo *remir* são desusadas as rhizotonicas, supprindo-se a sua falta com o emprego do erudito *redimir*. Em escriptores de outrora occorrem exemplos do emprego

das formas rhizotonicas:

Onde as culpas se encobrem, ou escusam facilmente, e se rimem mais levemente as penas (Luc. 1, 271) — Não só os rime e livra da cadea (Vieira, Serm. 2, 196) — Almas e corpos se rimem, almas e corpos se resgatam (ib. 2, 201).

Para os verbos ferir (e conferir, referir, proferir, inferir, etc.), seguir (e conseguir, perseguir, proseguir), despir, servir, advertir, digerir, ingerir, divergir, competir, discernir, udherir, inserir, repetir, reflectir, suggerir, repetlir, divertir fixou-se o uso da dupla alternancia nas rhizotonicas do indicativo e imperativo a saber: vogal i na 1.ª pessoa, e e aherto na 2.ª e 3.ª: firo, feres, fere, ferem, repito repetes, etc.

Em mentir e sentir dá-se a modificação na rhizotonica de 1.º pessoa, não se tolerando, em port. moderno, modificação alguma nas outras rhizotonicas, por não o

permittir a vogal nasal.

Em aggredir, progredir, transgredir e prevenir usa-se a alternancia em i em todas as rhizotonicas: aggrido, aggrides, aggride, etc.; previno, prevines, etc.

Presente do indicativo

Desapparecida a desinencia -t, e simplificada a forma latina est em é, todos os verbos necessariamente tive-

a este proposito que laboraram em equivoco os que affirmam se usasse antigamente em port. literario pido, pida, pidas etc., em vez de ou u par de peço, peça, peças, etc. Tal maneira de dizer era tida por plebeismo. Peço é a forma sempre usada nos textos antigos: peçote que tu a cercasses (S. Am. 514); eu mais bem te peço que nom tenho merecido (D. Duarte, Leal Cons. 320); Senhores peço-vos him dom: que me outorquedes o que vos quero pedir (L. de Linhagens 1. XVI); ora vos peço que me talhedes a cabeça com esta spada (S. Graal 31); peçovos por merços que me leixedes hir om vossa compashia (ib. 45); eu vos peço tanto que sejades meus ospedes (ib. 51); porem vos seço por merços que me perdoes (F. Lopes, D. J. 27); deste vos peço en perdom e nom doutra cousa (ib.).

ram de terminar em vogal na 3.ª do singular. Todavia em val, quer, faz, jaz, praz, traz, diz, luz e compostos de duz (produz, conduz) não conseguiu a final e sustentar-se como nos demais verbos de 2.ª e 3.ª conjugação. Da existencia de antigas formas dissyllabicas dão testemunho os seguintes passos:

Dizede que escudo traze (S. Graal 62) — Traze hũ escudo (ib.) — Que armas trage? (ib. 86) — A vontade do padre traze a nossa alma a perigo (S. Josaph. 26) — Traze (ib. 13) mas praz (ib. 14) — E que esto assy que fosse comprydo dize-o o livro dos Rex em muytos logares (Leal Cons. 136) — Tira-lhes o boo e virtuoso prazer e faze-os desconhecidos (ib. 35) [porem na mesma pagina: fal-los tornar ao primeiro cuydado]; Faze-o antrepoer (ib. 56).

(Elle) faze e (elle) traze, dize, occorrem na linguagem de D. Duarte occasionalmente e já como concessão ao falar archaico. Regular era naquelle tempo o uso da terminal -e nos verbos em -uzir, como enduze, produze, pratica de que ainda ficaram exemplos na linguagem quinhentista:

Vam per meia agua per que transluze a cor (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Ali natura produze differentes (Cam., Lus. 9, 58) — Qual reluze nas faces da donzella (ib. 9, 61) — Todos os effeitos tem húa só causa propria que os produze (Arr. 56) — Todas as vezes que os reduze à memoria, doe-se de si (ib. 80) — Nas quaes [embarcações] se vendião todas as cousas quantas a terra produze (F. M. Pinto, 2, 333).

A forma requere (de requerer com a 1.ª pess. do singular requeiro), foi sempre corrente, tanto no port. ant. como entre quinhentistas e seiscentistas; mas, facto interessante, para a 3.ª do singular do frequentissimo verbo querer, seiscentistas como quinhentistas não empregaram senão a forma simplificada quer. A forma dissyllabica que a precedeu, e que ultimamente se tentou restabelecer em Portugal, não foi, que me conste, documentada sequer em portuguez antigo. Infundada é a allegação da inexistencia da dicção quel-o, encontravel, pelo contrario, em:

E naquillo tambem comeo muito, quello metter em dieta (Sá de Mir., Vilh. 2, 218) — Pois ha tanto tempo que os leixou e quellos inda fazer mais saudoso (Barros, Clar. 2, 485) — Quelo a torto e a direito (Jer. Rib. Fis. 35) — Mas quelo a morte jantar (A. Prestes,

281) — Está severo: quelo assi? (ib. 31) — Ella não perde quilate na linha, e quela lavrada? (ib. 451) — Crece a cubiça como a dita, quella elle seguir emquanto lhe respondem tambem as cartas (Luc. 1, 385) — Quer achar o menino Jesus... quello achar pendente dos braços e peitos da mãy (Vieira, Serm. 11, 262) — Quer ver-vos; ... sim quer ver-vos; quel-o e deseja-o (Fil. Elysio 20, 173) — Cede á força: os teus vassalos o querem; quello o teu povo (Herc., Lend. e Narr. 1, 83) — Quel-o sondar (Castilho, Tart. 82) — Ama ao senhor Tartuto e quel-o (Castilho, Tart. 59).

De quere-o é que não se sabe precedente algum em linguagem literaria. A fundar-se a reforma do idioma escripto e falado hodiernamente no uso pre-classico, os argumentos aproveitariam antes á restauração dos supramencionados, praze, traze, faze, etc. para a 3.ª pessoa e, até á restauração do preterito quise, apesar da dicção quil-o, á semelhança de quel-o nestes passos:

Este commettimento quillo tambem fazer com este ardil (Couto, Dec. 8, 22) — Receando o Biscainho que se lhe fossem poucos e poucos, quillos atemorizar com mandar lançar pregões (ib. 8, 25) — Quillo ter junto a sy na corte (Vieira, Serm. 2, 41) — Bem pudera Agustinho retratar-se verbalmente... mas quillo fazer e publicar por escripto (ib. 3, 122).

Por effeito do phonema j (iota) passou o radical da 1.* pessoa do singular a divergir das formas restantes em faço (< facio), jaço (< jaceo), valho (< valio < valeo), meço (< metio (r), peço (< * petio < peto), ouço, (< * autio < audio), ouso (< audeo), vejo (< * vedio < video).

Nota. — A 1.º pessoa do singular do verbo jazer não se usa no falar hodierno, tendo-a supplantado a locução estou deitado. Encontra-se porem jaço em quinhentistas (Sá de Mir. 1, 5), e sobretudo no portuguez antigo.

Mouro, a que no seculo XVI começa a fazer concorrencia morro, por analogia das demais formas do verbo morrer, é a variante de moiro, metathese de morio (r).

Trago deve referir-se a *traco < traho; para as outras pessoas se dizia trajes ou trazes, traje ou traze, traz, etc., prevalecendo finalmente as formas com a consoante z.

Posso, podes, pode, etc., e digo, dizes, dizemos, dizeis, dizem explicam-se facilmente pela evolução phonetica.

Obscura é a questão da mudança do latim perdo en perco; ao passo que o port. ant. perço (pres. do conj. perça perças, etc.) resulta naturalmente de *pertio *perdeo.

Arço, usado ainda por quinhentistas, ao lado de ardes, arde, etc., e devido, como perço, ao parasitario phonema j (iota), provem de *artio < *ardeo por ardo.

A presença de iota e i depois da consoante n nos

A presença de iota e i depois da consoante n nos verbos latinos tenere, venire e ponere determinou a acção regressiva da nasalação da propria vogal radical, resultando d'ahi teio (tenho), tee (tens), te (tem), tem (tem), e semelhantemente veio (venho), vee (vens), vee (vem), e vem vem

Dos verbos romanicos cader(e), seder(e), creder(e) eleger(e) resultaram caer, creer, seer e leer em portuguez antigo, annullando-se a pronuncia de d e g. Dissyllabicos foram a principio estes verbos tanto no infinitivo como nas rhizotonicas crees, cree, etc., do que dão testemunho varios exemplos da poesia antiga. Na 1.ª do singular evitou-se o ditongo que proviria do accrescimo directo de -o aos radicaes acabados em vogal, inserindo o

phonema i (iota) caio, creio, seio (e sejo) e leio.

Caer mudou-se em cair (cahir), dando portanto caimos (cahimos), cais (cahis). Creer e leer abreviaram-se em monosyllabos, com as formas correspondentes; crês, crê, cremos, lês, lê, lemos. A tendencia para o monosyllabismo verifica-se tambem na graphia crêm, lêm por crêem, lêem. Seer succumbiu pela forte concorrencia que lhe fez a locução estar sentado, è só atravez de algum velho anexim consegue apparecer no scenario da moderna linguagem literaria.

Sair (sahir) de salir(e) é notavel pela 3.ª do singular do port. ant. sal, depois mudado em sae (sai).

unica forma em que serreflecte intacta a radical latina. Nascoutras pessoas temos saio, saes (sais), sahimos, sahis, saem.

Em caibo e pairo patenteia-se a metathese de capio e pario. Saber é regular em sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem. A forma sei da 1.ª pessoa do singular teria resultado de *savio < *sabio < sapio analogamente a hei, que proveio de *haveo < habeo.

Aver (ou haver, segundo graphia adoptada mais tarde), perdendo a consoante v no presente, produziu as formas contractas ei, ás, á, emos (ao lado de avemos), eis (ao lado de avedes, port. mod. aveis), ão.

Dar e estar formam respectivamente dou, dás, dá, damos, dais (port. ant. dades), dão; estou, estás, está, estamos, estais (port. ant. estades), estão.

Sobre-estar conjuga-se como estar, ao passo que o contracto sustar e os compostos prestar, restar, obstar, constar (impes.), assim como circumdar seguem o typo geral dos verbos da 1.º conjugação.

O verbo defectivo *var ou *vaer (lat. vadere) tem o presente do indicativo vou, vais (port. ant. vás), vai, vamos, vão, faltando a 2.º do plural. As tres primeiras formas e a ultima supprem as formas pessoaes de que ficou privado o verbo ir. Vamos concorre com imos e é linguagem geralmente mais aceita.

De es, est, estis do verbo latino esse ficaram em portuguez és, é, desapparecendo a 2.º do plural. Sum alterou-se em som, sõo e port. mod. sou; sumus em somos, sunt em som, são. Para a 2.º do plural creou-se, por analogia, sondes, sodes, sois.

Verbos em -ear e -iar

Todos os verbos em -ear fazem as tres pessoas do singular e a 3.º do plural do presente do indicativo respectivamente em -eio, -eias, -eia, -eiam, (ou -eo, -eas, -ea, -eam, segundo a antiga graphia continuada por quinhentistas e seiscentistas).

Estas formas tem-nas todo o verbo a par do qual exista substantivo ou adjectivo da mesma raiz, terminado em é tonico, em -eio, -eia, ou -éa: cear (subst. ceia), assear (subst. asseio), ratear, recrear (subst. recreio), recear, arear, arrear (subst. arreio), soffrear, enfrear, (subst. freio), sopear, apear (subst. pé), pear (subst. peia), afear (adj. feio), alhear, enlear, permear, mear (de meio), bloquear, passear, prear (subst. preia), menear, manear, estear (de esteio) idear, bolear (de boléa), etc.

As mesmas formas do presente são proprias dos innumeros verbos em -ear derivados de substantivos e adjectivos que terminam em consoante, ou em vogal atona a, e ou o precedida de consoante (exceptuando-se comtudo breve, amplo e lume que deram abreviar, ampliar, e alumiar): marear, senhorear, vozear, florear, grangear (de granja), folhear, gorgear, (de gorja), branquear, arquear, tartamudear, prantear, hastear, enxamear, sortear, nortear, banquetear, patentear, presentear, serpear, serpentear, afoguear, enlamear, bronzear, esfaquear, boquear, cabecear, mimosear, falsear, saquear, tornear, nomear, esporear, escoucear, guerrear, macaquear, tutear, tourear, sombrear, saltear, pratear, rodear, regatear, relancear, pleitear, desfeitear, rastear, etc.

Seguem o mesmo typo de conjugação: vadear (« passar a vau », der. de vadum) semear, atear, bruxolear, bambolear, derrear, cecear (pronunciar ce), favonear, pavonear.

Aos verbos em -iar pertencem as terminações -io, -ias, -ia, -iam (accento tonico em i) para as tres pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo. Indicam estes verbos em geral a coexistencia de substantivos e adjectivos em -io, -ia, dos quaes em grande parte se originaram: esfriar, os derivados de via (aviar, desviar, enviar, obviar, transviar), de lia (por liga: liar, alliar, desliar), enfiar e fiar, afiar, desfiar, expiar, viciar, iniciar, officiar, copiar, enfastiar, basofiar, calumniar, bugiar, cambiar, ataviar, embaciar, arrepiar, propiciar, noticiar, exvasiar, auxiliar, conciliar, domiciliar, elogiar, vigiar, principiar, fantasiar, demasiar, policiar, seviciar, deliciar, beneficiar, prefaciar, inebriar, ludibriar, industriar, suppliciar, cariciar, divorciar, preludiar, repudiar, tripudiar, contagiar, privilegiar, presagiar, refugiar, plagiar, va-

riar, contrariar, salariar, secretariar, gloriar, inventariar, estriar, amnistiar, injuriar, expatriar, repatriar, pronunciar, annunciar, renunciar, denunciar, alliviar, guiar, tosquiar, assobiar, insidiar, vadiar (de vadio); os onomatopaicos ciciar, piar, miar, chiar; os verbos sitiar, radiar, associar, etc.

São ainda verbos regulares em -iar: alumiar, abreviar e ampliar, acima mencionados; fiar (rad. fid-), confiar, annuviar, saciar, extasiar, agraciar, apreciar, depreciar, Com o verbo crear deu-se a singularidade da alte

Com o verbo crear deu-se a singularidade da alteração das formas latinas creo, creas, creat, creant em crio, crias, cria, criam, que se conservaram na literatura portugueza. Nas formações e derivados, em que o accento tonico passava para a terminação, o ouvido não distinguiria a vogal e; de sorte que sómente á lembrança do etymo latino em conflicto com a consciencia da pronuncia se deve attribuir a vacillação entre creador e criador (falando de Deus), creação e criação (do mundo), etc., observavel ainda em escriptores seiscentistas. Desta incerteza tira partido o falar hodierno, sobretudo no Brasil, para definir dous conceitos distintos com dous verbos differentes: crear (com formas proprias dos verbos em -ear), dar existencia, tirar do nada, e criar, educar, cultivar, promover o desenvolvimento, crescimento ou cultura de cousa existente. Consequentemente diz-se: Creador do mundo, creação do mundo, creador da lei, criação dos filhos, criador e criação de gado, de gallinhas, de flores, de hortaliças, etc. São distinções exigidas pelas condições modernas da vida.

Alumiar conjuga-se como derivado regular do substantivo lume em Sá de Mir. 227, onde a forma alumea rima com vea e chea, e ainda no mesmo autor pag. 396. Heitor Pinto não conjuga o verbo senão allumio, allumias, allumia, etc. e o emprega muitissimas vezes. A duvida porem continuou a existir ainda em tempo de Vieira:

Deos a allumea (Serm. 5, 254) — Deos que allumea (ib.) — Allumid (repetidamente em Serm. 1, 264 e 1, 272) — Allumea (ib. 2, 260).

Vingou por fim a forma em -ia de que occorrem abandantes exemplos em Manoel Bernardes.

Notoria é a circumstancia de certos verbos em iar invadirem, com exito variavel, o dominio da conjugação em ear. Odiar e anciar, apesar dos substantivos odio ancia, fazem odeio, odeias, odeia, odeiam, anceio, anceias, anceia, anceiam. Do mesmo modo incendiar, mediar, remediar. Conjugação analoga aconselha-se (Dicc. de Aulete) para premiar; mas ainda que se aponte um outro exemplo antigo neste sentido, vem isso contrariado pela formação normal cinco vezes usada em Vieira, (Serm. 2, 425): Deus sempre premia misericordia, etc., é èm este Senhor premia com bemaventurança (Bern., L. e C. 336); Deos premia (ib. 392). Negocêo, negocêa occorrem em Sá de Mir. (215, 226, 199), Vieira (Serm. 3, 332, 7, 327, 7, 419), e em Bern. (L. e C. 109); commercêam em Vieira (Cartas 1, 37); agencêa em Bern. (L. e C. 2, 50) e Fil. Elysio (3, 54); reverenceão em Vieira (Serm. 3, 195, 3, 473, 5, 293, 14, 143). No Brasil o falar vulgar é propenso a não abrir excepção para estes ultimos verbos, dizendo negocias, negocia, agenciam, commerciam, reverenciam, do mesmo modo que associas, influencias, evidenciam, silenciam, providenciam, estipendiam, vilipendiam, compendiam, diligenciam, distanciam. Posto que parte destes verbos em -enciar e -endiar se conjuguem em Portugal amaneiradamente como se pertencessem ao typo -ear, parece que, tratando-se de creações modernas, sem apoio no uso tradicional, a analogia pediria se usassem as terminações -io, -ias, etc., a par dos substantivos em -io, -ia de que os verbos se derivam.

Gloriar-se conjugado segundo o typo dos verbos em -ear pertence talvez á linguagem popular de Portugal. Em linguagem escripta não teve boa aceitação. Occorre em Josaph. II: ē que te gloreas, e em J. Ferr. (Eufr. 352): que se glorea. Estes exemplos solitarios nada proj vam; podem ser devidos a erro de copia. Filinto Elysiq escreveu conscientemente: de imitar meu nome te gloreias (rimando com alheias) (2, 121), e della se gloreia (2, 158). Porem o que representa a tradição literaria, e se nos depara em geral em linguagem antiga e moderna, é o verbo conjugado glorio-me, gloria-te, gloria-se, etc.:

E quem se quizer gloriar, em el se glorij (D. Duarte, Leaf Cons. 48) — E se gloria em esta voontade carnal (lb. L. de Ensin. 80) Como te glorias (Sá de Mir. 428) — Glorie-se (P. A. Cam., apud. Sá de Mir. 664) — Que se gloriam em haver muitas [molheres] (Barros, Dec. 3 Prol.) — S. Paulo diz que se gloria nas tribulações (H. Pinto 2, 557) — Os verdadeiros religiosos gloriam-se de ser bem obedientes (ib. 1, 133) — E se gloriam nas tribulações sofridas (ib. 1, 271) — Gloriam-se tanto das galas os perdidos por esta vaidade (Vieira, Serm. 7, 398) — He possivel que... não estime e se glorie muito (ib. 7, 400) — Hum engano de que a tua piedade muito se gloria (ib. 11, 462) — Quem se gloria na feitura da obra (ib. 11, 572) — Mais tem a inclita Lisboa de que se glorie por este só filho Antonio (Bern. N. Flor. 4, 368).

Imperfeito do indicativo

Forma-se o imperfeito do indicativo accrescentando ava ao radical dos verbos em -ar, e -ia ao radical dos verbos da 2.ª e 3.ª conjugação: louvava, louvavas, louvava, louvavamos, louvaveis (de louvavades), louvavam; recebia, recebias, recebia, etc.; punia, punias, punia, etc.

O complexo verbo ser tem o imperfeito era, eras, era, etc. filiado ao radical es- (verbo esse), cujo estudo

compete á grammatica da lingua latina.

Do modelo em -ia afastam-se, apparentemente, as formas do portuguez mod. tinha, imperfeito de ter, punha de pôr e vinha de vir. Estes imperfeitos conservaram todavia até nossos dias, ainda que larvada, a nasal dos radicaes latinos ten-, pon- e ven-, para os quaes se transplantou o accento tonico proprio da terminação. Originaram-se as formas actuaes de viia, tiia, pūia.

Preterito perfeito do indicativo

Os verbos em -ar formam o pret. perfeito do indicativo accrescentando ao radical -ei, -aste, -ou, -ámos, -astes, -aram: cantei, cantaste, cantou, etc. Excluem-se estar com o preterito perfeito modelado segundo o de certos verbos da 2.ª conjugação, e dar, com a 1.ª do sing. dei, mas as outras pessoas como se fora verbo da 2.ª conjugação (déste, deu, etc.). Nos verbos em -ir estas terminações se substituem por -i, iste, iu, -imos, -istes, -iram: senti, sentiste, sentiu, sentimos. etc. Exceptua-se o irregular vir com algumas terminações do typo geral da 2.ª conjugação.

Este typo geral dos verbos em -er forma o preterito perfeito com as terminações -i, -este, -eu, -emos, -estes, -eram: nasci, nasceste, nasceu, etc.

Vir faz vim, retendo a nasalisação antiga, vieste, vero, viemos, viestes, vieram. Em port. ant. havia veeste veo, veeron, de que se encontram exemplos em Nunes, Chrest.

Arch. 43, 63, 64, 68 e passim.

Os verbos teer (port. mod. ter) e seer (extinto, de sedere) produziram teve (desnasalisação de tēui) e seve (de se(d)ui); estar deu esteve de ste(t)ui por steti. Para a 1.2 do singular occorre em port. ant. seve e sive, tive, estive; as demais pessoas eram teveste, teve, tevemos, etc., esteveste, estevemos, etc., seveste, seve, etc. Hoje diz-se e escreve-se com i: estiveste, tiveste, estivemos, tiveram, etc.*)

A formação latina em -ui é responsavel não sómente pela existencia do preterito perfeito excepcional destes tres verbos, mas ainda pela producção de houve, soube, coube, jouve, prouve e prougue, trouve, trougue é trouxe, para os verbos haver, saber, jazer, prazer **) e trazer. O ditongo ou resulta de au por metathese: habui > * haubi > houve; sapui > * sabui > * saubi > soube e analogamente capui deu coube, placui, prougue. Trouxe proviria de * traucsi por tracsi e trougue de * traugue. Trouve e jouve parecem resultar de tra(g)ui e ja(c)ui. Talvez se filiem directamente a * trar e * jar, donde procederam as formas do futuro trarei e jarei.

O preterito latino potui deu pude para a 1.ª do singular e poudeste, poude, poudemos (ou podeste, pode, podemos), etc. para as outras pessoas. Hoje costuma-se pronunciar e escrever pude, pudeste, poude, pudemos, pudes-

tes, puderam.

Posui e posuit deram puse e pose e semelhantemente os compostos propuse, dispuse, etc. para a 1.ª pessoa e propose, dispose, etc. para a 3.ª. Já no port. ant. se

^{*)} Os compostos prestar, obstar, restar, constar, enquadram-se perfeitamente na categoria dos verbos regulares da 1.º conjugação.

**) Comprazer forma regularmente comprazi, comprazeste, comprazeu, etc.: Valem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi (Herc. M. C. 2, 235). Encontra-se todavia comprouve em Castilho, Out. 71. O preterito jouve é desusado em port. hodierno, sendo substituído pela formação regular: Aqui jazeu oriança (Castilho, Fausto 216). Consequentemente dizemos jazera, jazesse por jouvera, jouvesse: Tinha-se atirado para cima da enxerga monastica e ahi... jazera insensivel (Herc. M. de C. 2, 222).

manifesta tendencia para reduzir estas formas a puz, poz, etc.:

Pose-a [graphia possea] (S. Graal 31) — Pos-se em oração (S. Josaph 18) — Pose-o (ib. 38) — Pose-lhe (ib. 40) — Pos-se de giolhos (ib. 41) — Pose o pee (Livro de Esopo 27) — Pose-os (F. Lopes, D. J. 150) — Pose-se (ib. 234) — E poz na villa (ib. 238) — Pos os pees (ib. 246) — Pose-lhe nome (ib. 293) — Propose aquelle doutor (ib. 360) — Eu propuse (ib. 363) — Me despuse a padecer (ib. 307).

A linguagem literaria moderna desde os quinhentistas aboliu, definitivamente em todos estes casos, o uso da vogal terminal.

Triumphou da mesma maneira a tendencia simplificadora na luta entre fize (ou fije) e fiz, entre feze e

fez, e entre quise (ou quije) è quiz:

Esto fige eu (S. Josaph. 7) — Aquello que nom quise pera elles (ib. 17) — Fize-o [graphia fizio] (ib. 27) — Feze-o (ib. 10 e 15) — Feze-lhe (ib. 10) — Fez-lhe (ib. 30) — Eu te fiz (Livro de Esopo 50) — Feze-o (F. Lopes, D. J. 150).

Em alguns documentos antigos (Cancioneiros) occor-

re tambem a forma fezo por feze.

Os compostos de fazer conjugam-se como o verbo simples: refiz, refizeste, refez, refizemos, refizestes, refizeram. Requerer segue a conjugação regular: requeri, requereste requereu, requeremos, requerestes, requereram; ao passo que querer faz quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, quizeram.

O pret. perf. fui, que em portuguez tanto serve para o verbo ser como para o verbo ir, faz fui, foste, foi, fomos, fostes, foram. Em port. ant. usou-se foi para a

1.ª pessoa e fuste para a 2.ª:

Eu soom natural de gualiléa e foy pagão (S. Graal 85) — Ey nome juam o bastardo e foy filho de rei briam (ib. 108) — Tanto [eu] foy pecador, uelho e mancebo, que todos meus dias tenho perdudos (ib. 135) — Entom fuste prasmado (F. Lopes, D. J. 231) — Porque fuste revatada (S. Mar. Egypt., Rev. Lus. 20, 189).

Ver forma o pret. perf. como se se tratasse de verbo da 3.ª conjugação: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Derivações do preterito perfeito

Com o accrescimo de ra ao thema do preterito perfeito, obtem-se o mais-que-perfeito; ajuntando sse ao dito thema, forma-se o imperfeito do conjuntivo, e, fi-nalmente, com a junção de r ter-se-á o futuro do conjuntivo. O thema puro, que dá lugar a estas derivações, pode achar-se obscurecido na 1.ª e 3.ª do singular, mas revela-se bem nas demais formas pessoaes. Exemplos: houve, houvera, houvera, houvesse, houver; tiveste, tivera, tivesse, tiver; viemos, viera, viesse, vier; vimos, vira, visse, vir; quizemos, quizera, quizesse, quizer; fomos, fora, fosse, for; pudeste, pudera, pudesse, puder; puzemos, puzera, puzesse puzer: cantaste, cantara, cantasse, cantar; merecemos, merecera, merecesse, merecer; servi, servira, servisse, servir; soube, soubera, soubesse, souber; fizemos, fizera, fizesse, fizer, etc.

Futuro

As linguas romanicas ficaram privadas das formas de futuro do indicativo que possuía o idioma latino. Suppriu-se a falta, unindo ao infinitivo o presente de haver para o futuro do presente e creando analogamente o futuro do preterito pela junção do imperfeito havia (contrahido em hia) ao infinitivo. Deu este processo em portuguez cantarei, cantarás, cantará, cantaremos, cantare des (port. mod. cantareis), cantarão; cantaria, cantarias, cantaria, cantariamos, cantariades (port. mod. cantarieis), cantariam. E assim para os demais verbos.

De fazer, trazer, dizer, jazer não podiam proceder se-

não formas regulares como as dos seguintes passos:

Dizel-o ei logo ao infante (S. Josaph. 8) — Fazel-o emos de manhãa (Livro de Esopo 45) — E ostras, trazerei dellas? (G. Vic. 3, 34) Ali onde seo corpo jazerá (Jos. Arim., Nunes, Chrest. Port. 62).

Porem, alem destas, usavam-se já no port. ant., e com mais frequencia, est'outras formas: direi, diria, farei, faria, trarei, traria, assim como o hoje quasi desconhecido futuro jarei, jaria:

E jará ainda hi tres annos (S. Graal 136) — E a tua alma... jará i ataa o dia que os mortos hã de resurgir (S. Josaph. 11) — Se dormires jarás é grã folgança (ib.) — Jarei (Zur., Ined. 307) — Jariam (Zur. Guiné 188) — Até quando jaremos neste somno (Sá de Mir. 28, 2).

Durante bastante tempo se attribuiu a existencia destas formas mais breves á syncopação das formas mais extensas, sem no emtanto dar a razão do curioso desapparecimento da syllaba em tão poucos casos. Hoje explica-se o phenomeno referindo os futuros direi, farei, trarei directamente aos infinitivos dir(e), far(e), trar(e), já existentes em latim vulgar. Para jarei, caso não se trate de uma forma analogica, haveria o infinitivo jar.

Imperativo

As formas proprias do imperativo, 2.ª pessoa do singular e 2.ª do plural, em geral não differem das respectivas formas pessoaes do presente do indicativo senão pela eliminação do s final: canta, cantai; traze, trazei; faze, fazei, etc.

O verbo ser, port. ant. seer (lat. esse) faz todavia sê (port. ant. sei), sede, formas identicas ás do extinto

seer (lat. sedere).

Para a 2.ª do singular de *dizer* usava-se em port. ant. ora *dize* ora *di*, forma esta semelhante ao imperativo de *dicere* em outras linguas romanicas:

Padre, di-me... todas as cousas (S. Josaph. 16) — Dize-me [graphia dizi-me], padre, donde ouveste esta vistidura (ib. 13) — Dy ao abbade (Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 188).

Na linguagem popular registrada por Gil Vicente:

Di, rogo-te... (2, 32)—Dize... (2, 161).

O imperativo latino habe deu em portuguez (h)ave, que se usou em todo o periodo do falar antigo:

Ave ssiso e farás tua proll (Livro de Esopo 22) — Ave grã prazer (S. Josaph. 46) — Ave misericordia e piedade de mim (Santa Pelag., Nunes, Chrest. 104).

No seculo XVI o falar popular ainda dizia:

Have tua gaita à mão (G. Vic. 2, 309).

A linguagem literaria neste mesmo seculo filia porem o imperativo directamente ao presente do indicativo do verbo portuguez:

Ha dó desta velhice (Ferr. Poem. Lus. 2, 195) — Ha piadade e mágoa dos seus fermosos olhos (ib. 2, 211) — Ha piedade e mágoa de tanta fermosura (ib. 2, 213).

O verbo *ir* tem *ide* e *i* para a 2.ª do plural correspondentes ás duas formas pessoaes do presente do indicativo. Exemplos de *i*:

Por mercee hii la, amte que começem e nom lho leixees fazer (F. Lopes, D. J. 30) — I lá tomar cuidado de filhos alheios (Sá de Mir. 2, 77) — I-vos apparelhar (Ferr., Poem. Lus. 2, 195).

Os imperativos tira e guarda seguidos de pronome reflexivo reduziram-se a tir-te e guar-te:

Mas guar-te de fazeres peor (Jos. Arim., Nunes, Chrest. 59) — Guar-te de arrependimentos sem cura (A. Ferr. Obras 2, 292) — Tir-te lá, que não hei hoje lá d'ir (ib. 2, 308).

A linguagem literaria moderna, exceptuando a frase sem tir-te nem guar-te, restabeleceu as formas completas destes verbos. Filinto Elysio 13, 292 ainda escreveu guar-te; não m'as enxotes, tendo o cuidado de dar em nota a explicação de guar-te.

A 2.ª pessoa do singular do imperativo de certos verbos distingue-se da respectiva forma pessoal do pres. do ind. não sómente pela falta da desinencia, mas ainda pela diversidade da vogal tonica durante certo periodo da linguagem. Assim, sendo correntes as formas pedes, vestes, mentes, segues, feres dizia-se:

Pide a teu padre (S. Josaph. 16) — Viste-te (ib. 13) — Minte-lhe (G. Vic. 1, 309) — Essa licença pide tu á justiça (Ferr. 2, 317) — Isso lhe pide em tuas orações (Ferr. Bristo 2, 362) — Sigue minha razão, minha vontade (ib. 2, 220) — Sigue-me firme e forte (Cam., Lus. 10, 76) — E diz [S. Paulo] na primeira a Timotheo: Homem de Deus, sigue a justiça (H. Pinto 1, 152) — Viste-te de sua lam (ib. 1, 176) — Dá e fire quanto quizeres, o vaso de Anaxoras, que a Anaxoras nunca o ferirás (ib. 1, 45) — Pide-me quanto quiseres, que eu to darei (ib. 2, 734) — Vai e vende quanto tens, e dá-o aos pobres,

sume in the second (Vieira, Serm. 7; 172) — Se me queres lograr, sigue-me (ib 4, 165).

Os quinhentistas, usando embora já invariavelmente acodes, foges, cobres, conservaram comtudo a vogal u no imperativo:

Fuge minha ira (Ferr. 2, 225)— Fuge, coitada, fuge (ib. 2, 253)— Acude e corre, pai (Cam. Lus. 3, 105)— Fuge, fuge, lusitano (ib. 2, 61)— Fuge das gentes perfidas e feras (ib. 2, 62)— E tu, Coimbra, cubre-te de tristeza pera sempre (Ferr. 2, 281) [Vide supra Alternancia]— Fuge dos muytos, fuge dos poucos, fuge ainda dhum so (H. Pinto 1, 318).

O imperativo fuge occorre ainda em Vieira:

Fuge delles [aduladores] como de inimigos (Serm. 4, 228) — Fuge daqui e vayte para a tua patria (ib. 4, 241).

Poder e querer, dada a sua significação, difficilmente se dizem no imperativo. Não se usa a 2.ª do singular. Do plural registram-se:

Querede-vos de mim doer (Canc. Din. 40) — Querede-vos doer do meu mal (ib.) — Querei ora a quem vos quer, dai ó demo a opinião (G. Vic. 3, 151) — Estimai quem vos estima; se vos quizerem, querei (Prestes, 333) — Amay a quem vos ama, e aborrecey a quem vos aborrece; isto he, querey bem a quem vos quer bem, e querey mal a quem vos quer mal (Vieira, Serm. 4, 77) — Querey tudo o que podeis (ib. 8, 80) — Podey e querey (ib. 6, 309-10).

Conjuntivo

Substituindo a terminação -o da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo por -e nos verbos da 1.ª conjugação e por -a nos da 2.ª e 3.ª conjugação, obtem-se o thema do presente do conjuntivo: cante, escreva, sirva, durma, sinta, faça, perca, jaça, meça, peça, acuda, veja, saiba, caiba, venha, tenha, ponha, possa, ouça, diga, siga, etc.

Tão regular é esta formação que as rhizotonicas estão sujeitas ás mesmas regras de alternancia relativas a 1.ª do singular do pres, do indicativo. Confrontem-se adores, adore, adorem e adoro; escreva, escrevas, escrevam e escrevo; durma, durmas e durmo; sinta, sintas, sintam e sinto, etc.

Excepções: haver faz haja; ser faz seja; ao indi-

cativo vou corresponde vá, vás, vá, vão em contradição com dou e conj. dê, dês, dê, etc. De estar, estou, usou-se em port. ant. e entre os quinhentistas a formação regular: estê, estês, estê, estemos, esteis, estêm (estêem). Por influencia de seja alterou-se depois estê em esteja, que supplantou de todo a antiga forma.

Querer, quero faz queira; saber faz saiba.

A modelação do presente do conjuntivo pela 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, levadas em conta as excepções que acabámos de mencionar, é regra resultante de condições phoneticas similares (v. g. facio e facia-m, vides e videa-m) completadas pela analogia.

Gerundio

Como as demais linguas romanicas, o idioma portuguez não herdou do gerundio latino senão a forma ablativa. Termina o nosso gerundio em -ando, -endo ou -indo, conforme a conjugação a que pertence o verbo. Tem applicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do participio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjectivo e applicação. substantivo.

Participio do presente

O participio do presente latino deu em portuguez formas em -ante, -ente, -inte. Usadas porem em geral como substantivos e adjectivos propriamente ditos, poucos vestigios deixaram da antiga função verbal. Diz-se ainda hoje homem temente a Deus, e os quinhentistas ainda podiam escrever:

Rei e senhor natural, não reconhecente superior em o temporal (Barros, Dec. 4, 7, 1) — Cousas tocantes a piedade natural (Arr. 511) — Ilheos de Ires e Meitarana, circumstantes a Ternate (Barros, Dec. 4, 7, 9) — Perlas ricas e imitantes a cor da Aurora (Cam., Lus. 10, 102).

Mas estes dizeres dos quinhentistas devem-se levar antes á conta de latinismos do que á da linguagem

espontanea e natural propria da epoca. A mesma cousa se hade entender dos profusos exemplos de participio do presente existentes na Regra de S. Bento e dos que se encontram nos documentos officiaes e legislação da idade media. Se fosse proprio do falar usual, o participio do presente não escassearia, como escasseia, nas narrações, descripções e chronicas que possuimos do mesmo periodo.

Participio do futuro

O participio do futuro latino, de voz activa, apparece em portuguez apenas em alguns verbos intransitivos, com o mesmo conceito de acção ainda não realisada: vindouro (lat. venturus), morredouro (lat. moriturus), futuro.

O participio do futuro, de voz passiva, creação puramente erudita, em port., usa-se em execrando (= que deve ser execrado), venerando, doutorando, examinando e poucos casos mais. Uns empregam-se como substantivos, ou-

tros como adjectivos.

Participio do preterito

Regra geral para formar o participio do preterito: mudar a terminação -ar do infinitivo em -ado, e -er ou -ir em -ido. Para os verbos da 2.ª conjugação possuia o port. ant. tambem a forma -udo. Leer, creer, teer (e compostos) faziam constantemente leudo, creudo, teudo, reteudo, conteudo, manteudo (de que ainda hoje se conservam alguns vestigios). Quanto aos outros verbos vacillava-se entre -udo e -ido:

Sabudo (F. Lopes, C. J. 146, 227, 151) e sabido — metudo (ib 170) e metido (ib. 245) — conhecudo e conhecido (ib. 197) — atrevudo (ib. 226) e atrevido (ib. 197) — avudo (ib. 204) e avido — rrecebudo (ib. 238) e rrecebido (ib. 263) — proveudo (ib. 293) e provido — vemdudo (ib. 337) e vemdido — devudo (ib. 343) e devido — movido (ib. 12) e movudo (ib. 32) — convertudo (S. Graal 42) e convertido — confundidos (ib. 43) e confundudos (ib. 44) — comprendudo (ib. 27) e comprendido — ascondudo (S. Josaph. 29) e ascondido (ib. 36 e 37) — vençidos (ib. 34) e veençudo (ib. 45) — perdudo (ib. 38) e perdido — estendudo (ib. 44) e estendido, etc.

Livres do processo nivelador ficaram desde os comecos do idioma portuguez até os nossos dias feito, dito, escripto, cuberto, aberto, posto respeitando-se a formação latina, e visto correspondendo ao lat. visum. O participio de vir, vindo, não resulta directamente do lat. ventum, e sim do port. ant. viir, do mesmo modo que findo procede do port. ant. fiir.

Alguns verbos têm, ou tiveram, dous participios: um regular em -ido ou -ado, e outro irregular, proveniente do latim ou creado no proprio idioma portuguez. A historia destes participios varia de verbo para verbo. Para obviar ao embaraço da superfluidade, procura-se em geral ou eliminar uma das formas, ou dar-lhe applicação

differente:

Aceitado e aceito: Participio de aceitar é aceitado conforme a linguagem de quinhentistas e seiscentistas, que o empregavam junto a ter, junto a ser, nas construcções de participio absoluto e tambem como adjectivo:

Acceitada esta obediencia per elrey de Lião (Barros, 2, 6, 1)—Começava de denunciar a secta que tinha acceptada (ib. 1, 9, 3)—Que a fé de Jesus Christo Nosso Redemptor fosse per elles acceptada (ib. 1, 9, 5)—Acceitadas estas pazes (Santos, Eth. 1, 104)—A rainha, aceitado o governo... começou com muita severidade a tratar os negocios (B. Cruz, D. Seb. 1, 29)—Pubricada esta sentença, foi aceitada de ambas as partes com grande contentamento (F. M. Pinto 3, 165)—Entrava em novo escrupulo de ter aceitado (Sousa, Arc. 1, 64)—No anno seguinte... no qual foi aceitado o convento polla Provincia (ib. 1, 155)—O credito de Antonio Rodrigues de Moraes está aceitado (Vieira, Cartas, 1, 71)—Renunciando-a depois de aceitada (Vieira, Serm. 2, 11)—Pois se as espadas erão duas e ambas aceitadas e aprovadas por Christo, como necessarias, porque prohibic o Senhor a segunda...? (ib. 1, 804)—Dizendo-se que os thesouros forão offerecidos, não se diz se forão aceitados, ou não (ib. 4, 530)—Morte de cruz, escolhida e aceytada livremente (Bern. L. e C. 318)—Tinha aceytado o principio de morrer (ib. 468).

Conjuntamente com o participio aceitado, andava em uso o vocabulo aceito, servindo este de adjectivo e ten do o sentido de «agradavel»:

Foi eleito, e aceitado com muita conformidade, e alegria de todos os Religiosos... Aos padres mais graves da provincia foy en especial aceita a eleyção, entre os quaes o Mestre frey Luis de Granada (Sousa, Arc. 1, 37)— E por ser mais accepta [esta inferna

doutrina], tomavam-lhe as filhas por molheres (Barros, Dec. 1, 9, 3) — Pera offerecer oblação accepta a Deos (Vieira, Serm. 9, 291) — As outras taes razões a todos fôrão aceitas (Barros, Dec. 2, 3, 7).

Referindo-se a pessoas, o vocabulo aceito podia tomar a accepção «favorito», «preferido»:

Dadivas... que deo aos seus acceptos (Barros, Dec. 1, 9, 6) — Transtornavam o animo dos acceitos delrey (ib. 3, 2, 2) — Gastava... em grossas peytas aos acceitos a elrey (ib. 2, 2, 9).

Em port. hodierno dá-se a aceito a função de participio em competencia com aceitado, privando o vocabulo da significação que outrora tinha; e já como concessão á tendencia da linguagem popular nota-se um ou outro trecho em Vieira:

Mas que faria o Divino Assegurador, tendo já recebido, ou aceita em promessa a parte do cabedal? (Serm. 8, 283) — A mesma lançada que recebeo depois de morto, já a tinha antevisto e aceito, estando vivo (ib. 7, 351).

Comesto, comido: A forma herdada do latim foi cedo supplantada pelo uso do participio em -ido. Occorrem todavia exemplos de comesto em port. antigo e na linguagem quinhentista a par da forma regular:

Depois que o Conde e ho Meestre ouverom comido (F. Lopes, D. J. 26) — Nuno Alvarez se deceo do cavallo... nom avendo ainda comido nenhúa cousa (ib. 159) — E seendo já delle muito comesto [pelos cãaes] soterrarom-no (ib. 26) — Que vejão os Mouros se temos nós os cavallos comestos (Zur., Ined. 3, 128) — Tres dedos de taboa ás vezes comesto do busano (Barros, Dec. 2, 7, 1) — [As tapiocas] querem-se comidas quentes (G. Soares, 155) — Ha uma casta de mandioca que se quer comesta de anno e meio por diante (ib. 153).

Cinto, cingido: Recebeu do latim o port. ant. o participio cinto, e delle fez largo uso:

Espada que tiinha *çimta* (F. Lopes, D. J. 47) — Com cotas e braçaaes e espadas *cintas* (ib. 362), etc.

Mas cingir não escapou á tendencia de formar o participio dos verbos em -ir segundo um só typo:

[Vio levar] cingida a espada (F. Lopes, D. J. 320).

Generalisando-se em port. mod. o emprego da forma nova, desappareceu de todo o vocabulo cinto como par-

ticipio. Deste modo, em lugar da obscura linguagem cintos de cintas ou de cordas (Nunes, Chrest. Arch. 29) passou-se a dizer: tirada a cinta com que andava cingido (Barros, Dec. 3, 2, 1).

Situado e sito: Do substantivo situs derivou o lat. escolast. o verbo situare com o part. situatum. Alem daquelle substantivo usava o lat. classico o part. situs, do verbo sinere, com a accepção de «situado». O verbo portuguez situar tem o seu participio naturalmente em -ado. Raras vezes dão os escriptores preferencia ao latinismo:

Gurupi, que é outra capitania sita entre o Maranhão e o Pará (Vieira, Cartas 1, 135) — Era o monte Horeb, sito no mais interior daquelle deserto (Vieira, Serm. 3, 197).

Em Arraes, Dial. 255, ha sita e situada. Conheci-

cida é ainda a formula: predio sito á rua tal.

Pagado e pago: O port. ant. offerece-nos innumeros exemplos das duas formas usadas indiscriminadamente:

Se a divida he já pagada (Foros de Beja, Ined. 5, 470) — Queremos e mandamos que sejão pagos pelos nossos almuxariffes (Livro Verm., Ined. 3, 394) — E já sabes como teu serviço ha de ser pagado (Zur., Ined. 3, 267) — E foi-lhe logo pagado o solido dhuŭ mes (F. Lopes, D. J. 148), etc.

A mesma pratica foi continuada em port. mod. tornando-se todavia mais frequente o uso de pago:

Os quaes damnos se os não pagou com a fazenda, foram pagos com sua morte (Barros, Dec. 1, 6, 8) — Foram pagos de seus soldos e mantimentos (Castanh. 3, 112) — Tu, de quem ficou tão mal pagado hū tal vassalo (Cam., Lus. 10, 25) — O proprio povo tinha pagado uma parte das arrhas do seu casamento (Herc., Lend. e Narr. 1, 185) — De sobejo tens pago o erro de um coração inexperto (M. de C. 2, 180), etc.

O port, hodierno dá em geral preferencia ao participio pago omittindo de todo a linguagem ser pagado.

A origem de pago participio parece devida a uma nova adaptação semantica do substantivo deverbal pago (como mais tarde succedeu a gasto, ganho) em frases deste genero: este dinheiro é pago (=pagamento) para tal serviço. Inaceitavel é a hypothese da contracção ou syncopação da vogal tonica (e mais a consoante seguinte) no vocabulo portuguez pagado. Nem se percebe a que proposito viria tão singular reducção de esforço, uma vez que perdurava o uso de pagado para os mesmos effeitos a que servia o participio pago.

O sentido primitivo de « pacificar » que teve o verbo

O sentido primitivo de «pacificar» que teve o verbo pagar (lat. pacare derivado de pax, pacis) manteve-se na expressão irado e pagado usada na formula estabelecida, com que os vassalos juravam fidelidade ao rei:

Eu Joam vos faço preito e menagem pelo vosso Castelo e Fortaleza... e vos acolherei e receberei no alto e no baixo della, de noute e de dia, e a quaesquer oras e tempos que seja, *irado e paguado*, com muitos e com poucos... (Ord. D. Man. 1, tit. 55).

Gastado e gasto: O verbo gastar nunca teve outro participio do preterito senão gastado no port. ant. e no port. mod. até o seculo XVIII, epoca em que se começa a introduzir na linguagem literaria o substantivo deverbal gasto com função participial. Tem tomado tal incremento o seu uso, que já agora se evitaria o antigo participio em frases como as seguintes:

Munições gastadas (Castanh. 2, 79) — Tanta fazenda quanta tinha gastada (ib. 2, 10, 1) — Uns as armas alimpam e renovam que a ferrugem da paz gastadas tinha (Cam. Lus. 4, 22) — O tempo se resgata dando... tempo bem gastado por tempo mal gastado (Vieira, Serm. 9, 928) — Se foy mal gastado está cativo (Vieira, ib.).

Ganhado e ganho: Participio sempre usado em port. ant. e port. mod. é ganhado. Igual attribuição se deu ao vocabulo ganho no seculo XIX, e na incerteza entre as duas maneiras de dizer, vai-se manifestando hoje predilecção pelo participio intruso. Cotejem-se com o falar hodierno:

Vintem poupado, vintem ganhado (Prov.) — Sustentaremos a honra que temos ganhada (Castanh., 1, 83) — Estas cousas estam ganhadas (Barros, Dec. 1, 1, 11) — Foram perdendo o que tinham ganhado (Vieira, Serm. 8, 267) — Adornos... ganhados pelo trabalho (Mello, G. Cas. 117) — Tinham ganhado a immobilidade (Herc., Lend. e Narr. 2, 90).

Morto e morrido: A forma regular morrido só teve aceitação em linguagem literaria de port. hodierno. Não registrei exemplo anterior á epoca de Filinto Elysio:

O que porem é certo é não ter morrido o Duprez em casa do marquez de S. Jorge (Fil. Elysio, Obr. 20, 243).

Infinitas vezes se emprega o verbo morrer nas descripções antigas, nos escriptos de quinhentistas e seiscentistas, mas sempre com o participio morto conjugado naturalmente com o auxiliar ser, como nestes exemplos:

Nos tres dias que cometeo o vao, eram mortos vinte Portugueses (Barros, Dec. 1, 6, 5) — Eram já mortos trinta e sete homens [da doença] (ib. 3, 5, 10).

Morto e matado: É singular a aversão que sempre manifestaram os escriptores portuguezes pelo participio derivado naturalmente do verbo matar. Existia todavia o vocabulo matado, sobretudo em boca de judeus, do que dão testemunho os tres exemplos que occorrem em Gil Vicente, 1,350-351. Empregou-o frequentemente Samuel Usque; porem a gente letrada christan, quinhentista e seiscentista, conservou-se fiel á tradição de pedir o participio emprestado ao verbo morrer, dando-lhe significação activa. São innumeros nas chronicas e outros escriptos os exemplos semelhantes aos seguintes:

Por elle Soldão neste tempo ter morto tres grandes capitães (Barros, Dec. 2, 8, 3) — Dous trabucos nossos que lhe tinham morta alguma gente (ib. 2, 5, 7) — Tendo hum Domonio, chamado Asmodeo morto até sete maridos a Sara (Vieira, Serm. 2, 318) — Respondeo elle que já tinha morto hum urso e hum leão (ib. 9, 417).

Exceptionalmente, encontramos em M. Polo 45, v: Muytos [homens] forom ally matados.

Actualmente já não ha prevenção contra matado,

quer com o verbo ter, quer o auxiliar ser.

Defeso e defendido: A forma regular não era desconhecida do port. ant.:

Esta ley seera defendida sotilmente per tantas provas e argumentos (C. Imp. 242).

Mas os escriptores preferiam o participio alatinado:

Eram bem dejesos dos que estavam em cima do muro (F. Lopes, D. J. 314) — O rreino de Portugal foi por elle dejfeso (ib. 88).

O verbo defender tinha tambem o sentido de «ve-dar», «prohibir», e assim o empregaram ainda escriptores do seculo XVI com o participio defeso:

Tinha o governador defeso a ele e aos outros que não passassem (Castanh. 3, 59)—Affonso d'Albuquerque tinha defeso... que nenhum homem de armas fosse em companhia dos mareantes (Barros, Dec. 2, 3, 4).

Hoje, defeso só se usa como adjectivo predicativo. Despeso e despendido: Extremamente raro é o emprego de despendido na linguagem antiga. Na Chronica de D. João de Fernão Lopes occorre este exemplo:

Vissem como o que elle avia era dispendido (2, 145).

Em compensação, era de uso frequente o participio alatinado:

Os quaes contos... havia despesos na guerra (F. Lopes, D. J. 2, 181) — Tantas razões como... foram despesas (ib. 2, 190) — Foi todo aquell trabalho despeso em vaão (ib. 185).

João de Barros continuou a usar o mesmo participio:

Tinham já despesa toda a polvora (Dec. 2, 9, 5) — Ter despeso todo o cabedal (ib. 1, 1, 12).

Dos seiscentistas para cá não se conhece senão o

participio despendido.

Resoluto e resolvido: Em portuguez hodierno o verbo resolver não tem outro participio do preterito alem de resolvido. O seu antecessor resoluto, rebaixado hoje á categoria de simples adjectivo, serviu largamente á conjugação no periodo dos escriptores seiscentistas. Vieira não emprega outra forma:

Ambas estas cousas sahirão hoje resolutas de hum conselho—Tenho resoluto de lhes tirar a vida e a coroa—Tem resoluto ou permittido (Serm. 2, 215, 218).

Filinto Elysio ainda usa resoluto, mas já admitte tambem a forma regular:

Ficou resolvido que d'ali a dous dias partiriamos (Obr. 20, 163).

Assolto, aussoluto (absolto, absoluto) e absolvido: As duas primeiras formas são peculiares ao port. ant.; em seu lugar usaram-se mais tarde as parentheticas como restituições eruditas:

Aquell que legasse e assolvesse na terra, seria legado e assolto nos ceos (F. Lopes, D. J. 301) — Absoltos de seus peccados (Sá de Mir. 1, 212) — Dom Lourenço se achou sem culpa e foy ausoluto (Castanh. 2, 35).

O port. hodierno reconhece por participio sómente absolvido, já empregado por Bernardes em:

Foi absolvido [o corvo da excommunhão] e recuperou a saude (N. Flor. 1, 274).

F. J. Freire serviu-se da forma antiga em:

Quem morre fica livre de toda a obrigação e absoluto de toda a divida (Sec. Port. 94).

Vieira ainda usava o participio alatinado:

Do cativeiro do peccado... ficamos absolutos e livres (Serm. 7, 190) — Lá huns hão de ser absolutos, outros condenados; cá todos saem absolutos (ib. 7, 191) — Quando os dous havião de ficar absolutos, todos tres forão condenados (ib. 7, 208).

Elegido e eleito: Os escriptores do port. ant. não tiveram escrupulo em adoptar o participio em -ido. Assim Fernão Lopes:

Pode seer emllegido — Pessoa que ha de ser emllegido — Elles aviam emllegido, etc.

Porem a reacção erudita em port. mod. tanto insistiu no emprego de *eleito*, que hoje é a forma geralmente aceita. Vieira, no sermão para o dia de S. Bartholomeu (2, 346-370) só se utilisa do participio *eleito*. Mas os seiscentistas nem por isso desprezavam o participio regular:

Doze apostolos elegidos por Christo (Bern., N. Flor. 5, 523) — Forão elegidos (ib. 1, 333) — Tem elegido o meyo (Bern., L. e C. 32).

Entregue e entregado: O vocabulo antigo entregue, provavelmente do lat. integer, com alteração semantica, serviu de etymo ao verbo entregar, cujo participio normal é entregado. Identificados porem os conceitos expressos pelos dous vocabulos, adjectivo e participio, pas-

sou o antigo termo entregue a servir de participio e a ser usado mais frequentemente ainda do que a forma entregado: O trecho e já entregado espera pelo golpe (Cam., Lus. 3, 40) e alguns passos de F. M. de Mello indicam que entregado pode usar-se tambem com o sentido especial de «confiado», «resignado». Note-se ainda, na linguagem de outrora, o uso de ser, estar ou ficar entregue de alguma cousa e entregar-se de alguma cousa:

Fazemdo por esto guerra a ell... ataa que fosse emtregue dos ditos çem mill marcos douro (F. Lopes, C. D. J. 350) — Jorge d'Alboquerque tanto que foi entregue da fortaleza de Malaca, quiz logo entender nas cousas d'Elrey de Bintam (Barros, Dec. 3, 5, 4) — A toda conta e maneira queria elle ser entregue de tudo (Itin. 151) — Em me darem terlado de todo este processo, e húa fee de como o comsul fyeava emtregue de tudo (ib. 260) — E por esta razão ficou o coja beirão por testamenteiro e absoluto senhor de tudo, e logo tomou e se entregou de toda a fazenda e dinheiro (ib. 141) — E logo lhescreveo a tripoly... e que... fosse laa emtregarse daquella fazenda (ib. 260).

Nado e nascido: Do participio primitivo ficou em portuguez até hoje o vocabulo nada (=nenhuma cousa), proveniente do lat. rem natam. Com função participial conservou-se nado apenas na locução sol nado. Em linguagem medieval occorre com frequencia o participio de filiação latina sem comtudo desprezar-se a formação popular nascido, e esta ultima vem a prevalecer do periodo quinhentista em diante.

Tolheito, tolhido: Da forma antiga são exemplos:

(Canc Din. 94) vol-o tem louqu'e tolheito, e (Duarte, Ensin. 19): como se acertar em outra sella sera meo tolheito.

Coseito, cosido: O antigo participio foi ainda usado por João de Barros:

Zambucos coseitos com cairo (Dec. 7, 8, 4) — Meteo a nao ao fundo com os Mouros que a navegavam, todos coseitos em huma veela por não haver memoria delles (ib. 2, 14) — E Diego Pires com a galé grande e Payo de Sousa com a pequena fossem demandar as dos imigos coseitas em terra (ib. 2, 2, 7) — Hiam diante coseitos com a terra por descubridores (ib. 2, 1, 4).

Colheito, colhido e compostos: Registra-se o participio colheito em Sá de Mir. 500: antes que este fruito tosse colheito. Vingou o participio regular, continuando

comtudo a usar-se sempre até hoje o termo colheita como substantivo. Para os demais verbos formados de colher, oscillava-se no seculo XVI entre as duas formas participiaes, o que prova que já então estava condemnada a desapparecer a forma mais antiga:

Como... esteve recolheito em as naos... Recolhido Affonso d'Albuquerque ás naos (Barros, Dec. 2, 6, 5)—Convinha ser recolhido (ib. 1, 8, 10)—O qual achou já desafrontado dos mouros por serem acolheitos ao palmar (ib. 1, 8, 8)—Souberam ser elle acolhido pera o palmar (ib.)—Está recolheita na maior fortaleza (Barros, Clar. 1, 9)—Era escolheito antre todollos os outros (ib. 1, 327).

Salvo, salvado: O verbo salvar tem varias accepções. Significando «saudar», seu participio é salvado: Tem o mesmo participio se é tomado no sentido de «saltar». Significando porem «livrar de perigo», e conjugado com o verbo ter, diz-se ora salvo ora salvado. Desta forma regular são exemplos:

De lhe haveres salvado o redil (Fil. El. 13, 356) — O ter-me salvado de pretensões (ib. 20, 105) — Elle Nunalvares tinha em cem combates salvado a patria do dominio estranho (Herc., Lend. e Narr. 1, 278) — Dez como elle haveriam salvado o imperio de Theodemiro (Herc., Eur. 185) — Por terem... a elle... salvado infante (Castilho, Georg. 243).

Diz-se tambem os salvados do incendio, falando de objectos. Em outros casos é mais geral o uso do participio salvo.

Salvo (e não salvado) também se usa, desde o port. ant., com o valor de preposição, significando o mesmo que «excepto»:

Salvo clerigos e homens (F. Lopes, D. J. 4, 310) — Salvo a tomada (ib. 4, 325) — Salvo aquella que fogira (ib. 4, 402) — Nom sayo ha peleja com mays armas, nem mays homens, salvo estes cynquo (Doc. T. T. 93) — Nam possa aver outras rendas nem direitos, salvo os dizintos (ib. 59) — Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, salvo as mãos (Arr. 31) — Acordarão... que os medicos não entendessem em curar salvo os doentes das breves e remediavois (enfermidades] (ib. 65) — Lazaro, que ha de dar, salvo as suas chagas, a lamber aos cães? (Bern. N. Flor. 2, 168) — Foram todos pelo rio arriba, salvo as galés (D. de Góes, D. M. 203) — Já ninguem ahi estava, salvo os dous cavalleiros (Herc., Lend. e Narr. 1, 70).

Infinitivo

Alem dos verbos com o infinitivo em -ar, -er e -ir, Alem dos verbos com o infinitivo em -ar, -er e -ir, possue o port. mod. o verbo $p\hat{o}-r$, o qual, tendo por terminação sómente a consoante r, parece, á primeira vista, constituir uma conjugação áparte. Procede comtudo este vocabulo do port. ant. $po-er > p\tilde{o}-er$ (lat. po-nere). É portanto um verbo contracto da 2.² conjugação e explicavel pela deslocação do accento tonico para o radical. Deu-se este phenomeno, ao que parece, por fins do seculo XV. Provas evidentes do accento tonico para con para terminação se expentram na antiga poesia dos co na terminação se encontram na antiga poesia dos Cancioneiros, já pela contagem das syllabas, já pela rima de *poer* com outros vocabulos em -er.

No infinitivo vir é costume considerar -ir como terminação, ficando v- para radical. Fazendo-se a analyse á luz da historia, chega-se a outra conclusão. Trata-se a luz da historia, chega-se a outra conclusao. Trata-se aqui de um verbo contracto. O lat. venire deu em port. * $v\bar{v}$ -ir> $v\bar{v}$ -ir. Deslocando-se depois o accento para o radical, ficou $v\bar{v}$ -ir e finalmente $v\bar{v}$ -r. O emprego deste infinitivo com vogal nasalisada era corrente em port. ant. como se vê a cada passo nos documentos daquella epoca (graphado vinr e vinr). Dos quinhentistas para cá usa-se vir com a vogal pura.

Outros infinitivos contractos são rir de riir, ter de teer < te-er, assim como ver, ler, crer, ser que procedem

respectivamente de veer, leer, creer, seer.

Dos verbos de origem latina pertencentes á 2.a e á 3.a conjugação naquella lingua, só uma parte se ficou usando com a terminação -er, passando-se os restantes para a conjugação do typo -ir. Estão no segundo caso prohibir, cumprir, fugir, pedir, fallir, consumir (e compostos), repellir (e demais compostos do lat. pellere), aspergir, persuadir, evadir, invadir, trahir, espargir, applaudir, submergir, discernir, dividir, residir, affligir, dirigir, exigir, opprimir, supprimir, comprimir, exprimir, extinguir, assistir, resistir, desistir, existir, consistir, abolir, attribuir, distribuir, arguir, annuir, delinquir, restituir, instituir, instruir, estruir, construir, incumbir, succumbir, ungir e outros.

Muitos destes verbos não occorrem em port. ant.

senão como verbos da conjugação ir, não se podendo apurar a epoca da transformação; outros, por sua vez, usaram-se, sem a menor duvida ainda por bastante tempo na linguagem literaria com os característicos da 2.ª conjugação como se vê pelas seguintes formas:

Cingeo-a (S. Graal 13) — Confondeo (ib. 90) — Confonderom (ib. 92) — Fingeo (F. Lopes, D. J. 15, 45, 155) — Enfinger, enfingede (Din. 71) — Rreduzer (F. Lopes, D. J. 297) — Produzellas (ib. 272).

Com alguns verbos vacillava-se sobre a conjugação. Assim:

Requerir-vos (F. Lopes, D. J. 151) — Requerer (ib. 85) — Requerer (ib. 28) — Requerir (ib. 28) — Requerisse (ib. 148 e 250) — Requerirom (ib. 370) — Requerio (ib. 114) — Requeresse (ib. 17) — Requeressem (ib. 53) — Requerissem (D. D. Duarte, Leal Cons. 65).

E semelhantemente querer, de que usamos requerer, ao passo que se diz inquirir, adquirir; verter, converter, perverter e advertir, divertir; eleger, colher e colligir.

As formas rrecebiste (F. Lopes, 367), offereciste (ib. 231), perdiste (Nunes, Chrest. Arch. 143), prendiste (S. Graal, 37 e Nunes, Chrest. Arch. 145), mitiste (S. Josaph., 27), moviste (Nunes, l. c. 148) indicam também tendencia para transportar os respectivos verbos para a 3.a conjugação, posto que se conservasse o infinitivo em -er.

E de notar o lat. mittere que deu metter, com os compostos prometter, arremetter, acometter, remetter, submetter, entremetter, e por outra parte os compostos admit-

tir, permittir. demittir, omittir, transmittir.

Verbos defectivos

Verbos que se desviam da conjugação normal por lhes faltarem formas pessoaes, temporaes ou modaes, chamam-se defectivos. Taes são: precaver, aguerrir, empedernir, fallir, florir, fornir, adir, buir, condir, poir, embair, cernir, renhir, desusados nas formas em que o accento tonico deveria cahir no radical (as tres pess. do sing. e a 3.ª do plur. do pres. do ind., assim como a 2.ª do sing. do imperativo) e em todo o pres. do conjuntivo (o qual se regula pela 1.ª do sing. do pres. do indicativo), mas empregado em todas as formas que têm o accento na terminação: precavemos, precaveis, precavia; embaimos, embais, embaindo; delinquimos etc.

Dos verbos demolir e abolir não se usa a 1.ª do sing. do pres. do indicativo, nem o pres. do conjuntivo.

Preenchem-se os claros dos citados verbos defecti-

Preenchem-se os claros dos citados verbos defectivos por meio de circumloquios ou outros verbos de significação equivalente.

A esquivança em completal-os com os proprios refursos de precaver, fallir, condir, etc., deve-se ora ao feceio de proferir expressões desagradaveis, por obscutas ou lembrarem outros verbos, ora á duvida relativa á applicação da alternancia vocalica. Esta ultima causa faz-se sentir nos verbos defectivos em -ir, cuja lista, outrora bastante longa, o tempo se tem incumbido de ir reduzindo. Digerir por exemplo faz hoje digiro, digira; F. Heitor Pinto não se conformaria com tal decisão e diria antes: não ha ferro, por duro que seja, que não digistam (1, 266) — (a galinha) crua não ha quem a digista (1, 107). B. J. de Oliveira (1879) incluia entre os defectivos: compellir, discernir, expellir, submergir. Mas hoje é usualissimo discerne, expelle, submerge e parece não haver repugnancia pelas formas discirno, expillo, submirjo.

Verbos que designam gritos de animaes são por alguns considerados defectivos, isto é, falhos da 1.ª pessoa, por inapplicaveis ao homem que fala. Contesta-se esse argumento pela linguagem das fabulas, em que imaginamos os animaes falantes, e, referindo-se a si proprios, usarão o verbo na 1.ª pessoa. Alem disso, em linguagem metaphorica pode-se attribuir ao homem o que

é proprio das chamadas creaturas irracionaes.

Verbo defectivo que em forma finita não tem senão 3.ª pessoa chama-se verbo *impessoal* ou tambem *uni*pessoal, como chover, nevar, acontecer, constar etc.

Conjugação mixta ou symbiotica

Alguns verbos, de si defectivos, preenchem os claros de sua conjugação com o auxilio de restos de antigos verbos existentes na lingua sem forma infinitiva e exprimindo o mesmo conceito que o verbo principal. Esta associação intima de verbos fragmentarios, oriundos de raizes diversas e incapazes de vida propria e independente, constitue a conjugação mixta ou symbiotica.

Como exemplos typicos de symbiose temos a conjuga-

ção de ser e a de ir.

O lat. esse, constituido pelas raizes es e bhu (fui, fuisti etc.), e portanto já symbiotico antes de constituidos os idiomas romanicos, forma em port. o pres. do conj. tomando ao verbo seer (lat. sedere) as formas

seja, sejas, seja, etc.

Do não menos interessante verbo ir, desapparece a deficiencia, graças á associação de alguns restos que ficaram ao portuguez do lat. vadere e as formas de preterito fui, foste etc. e respectivos derivados, tomadas de emprestimo ao verbo ser.

> Verbos nocionaes e relacionaes

Ao verbo accrescenta-se muitas vezes um adjectivo ou substantivo que indica o estado ou condição do sujeito durante a acção verbal, como nestes exemplos:

Partiu doente e voltou são — Partiu criança e regressou homem — Vive feliz — Alçado lhe disse eu (Cam., Lus. 5, 49) — Cahiu morto — Chegam cançados — Nasceram mudos — Chegou rico à patria (Vieira, Serm. 8, 249) — As flores anoitecem murchas e quasi seccas, mas com o orvalho da noite amanhecem frescas, vigorosas e resuscitadas (ib. 1, 882).

> O adjectivo ou substantivo nestas condições é o an-

nexo predicativo referido ao sujeito*).

Em construcções deste genero singularisam-se alguns verbos, como ficar, parecer, tornar-se, ser, estar, ou ainda, andar, vir e ir usados em lugar de estar, por não se attribuir a taes verbos a significação concreta

^{*)} Nada mais claro nem mais conciso do que esses dizeres em que dous vocabulos valem, associados, por duas proposições distintas. Partiu doente resulta dos pensamentos partiu e estava doente quando partiu. D'aqui o uso, em latim e outros cidiomas, do caso nominativo para o annexo em taes frases. A' analyse do grammitico ou linguista não compete, claro é, volver a essa operação psychologica nem decompôr em muitas palavras o que a linguagem se limita a expressar em dous vocabulos.

que a principio tiveram ou ainda tem em outras construcções. Ficar triste não designa a permanencia, e sim a transformação do estado de alegria no de tristeza. O sentido existencial de ser, cujos vestigios ainda se conservam em frases como era uma vez um rei (cf. o latim adhuc sumus e omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt Cic.) e em outros dizeres, obliterou-se completamente, e de longa data, nas combinações com adjectivo ou substantivo. Mais evidente é o esquecimento da nope para que se lhe perceba a sem estar sentado, estar deitado sem que se repare na ca-a) achrese de semelhantes construcções.

Compete ao verbo expressor sencial a toda. ção concreta do verbo estar, o qual necessita de arri-

sencial a toda a proposição; e se esta prerogativa desapparece ou se diminue em ficar, parecer, tornar-se, ser, estar, etc. acompanhados de outro termo predicativo, compensa-se a perda, por assumir est'outro vocabulo, a principio usado como annexo, funções proprias do verbo. Em F. está ou ficou doente, F. parece medico, etc. é o segundo termo (doente, medico), e não o verbo, que nos dá a informação precipua acerca do sujeito. E se este segundo termo aqui já não figura como simples annexo ou elemento accessorio da oração, mas antes como o verdadeiro predicado, o verbo, por sua vez, degradado a servir de expressão subsidiaria, é um vocabulo de significação extinta (ser, estar), ou de significação in-completa (parecer, ficar), ou de sentido latente (andar, ir, vir).

Ser e estar continuam a ser usados junto a adjectivo ou substantivo não sómente pela tradição da linguagem, mas ainda em razão de seus elementos flezarionaes. Um adjectivo, posto como predicado immediatamente depois do sujeito, nenhum esclarecimento daria acerca das relações de tempo e modo. Por superfluo o omiftem o latim e outros idiomas em proposições como pos e em todas as circumstancias. Em portuguez, a tradição da linguagem não permitte essa pratica.

categrese: yennes de compasso, braco de rio, embarer em regruegen, martiler como dedo.

O annexo predicativo pode vir referido ao objecto ou complemento do verbo:

Deixei-o menino encontrei-o homem — Conheci-o soldado — As frutas comeu-as elle verdes — Deu [a setada] a hũa das cafras e derribou-a morta (Castanh., 2, 6) — [Insulas] que possue soberanas (Cam., Lus. 9, 21) — Conserval-os [i. e. os homens] vivos... e tel-os ociosos (Vieira, Cartas 2, 383) — Creou-as Deus fracas (Mello, Guia 118) — Abriu-se a terra e enguliu-os o inferno vivos (Vieira, Serm. 1, 1049).

Com alguns verbos o annexo predicativo referido ao objecto representa, não o estado simultaneo, mas a consequencia ou resultado do acto expresso pelo verbo:

Nomeou-o director — Elegeram-no deputado — Acclamaram-no presidente — Fizeram-no socio — Tornaram-no invejoso.

Os verbos fazer e tornar perdem aqui o primitivo sentido material para simplesmente denotar o produzir a mudança de condição ou estado. Nomear, eleger, acclamar conservam a significação concreta.

> De um modo geral chamaremos verbos de função nocional ou, simplesmente, verbos nocionaes áquelles que não soffrem a influencia do annexo predicativo, e vem usados com o mesmo sentido e o mesmo officio de predicado como se tal annexo não existisse. Verbos de função relacional, ou verbos relacionaes são, pelo contrario, aquelles cuja accepção propria se apaga ou modifica por virem combinados com outro termo, originariamente annexo, ao qual transferem, ou com o qual dividem, o officio de predicado da oração.

Como annexo predicativo pode usar-se o participio do preterito em vez do adjectivo propriamente dito, com a differença que o participio, estando ainda viva a consciencia da sua origem verbal, exprimirá não uma qualidade, mas o estado resultante de um acto anterior. Comparem-se estes exemplos:

Tinha os olhos grandes e os labios grossos — Tinha os olhos vendados e a boca ferida — Conservou-os vivos — Trouxe-os presos.

O participio passa a servir de predicado e o verbo a que vem junto torna-se relacional em proposições como as seguintes:

A cadeira está quebrada — O seu nome vem mencionado na lista — As rosas andam espalhadas pelo jardim — Doações que andam registradas na Torre do Tombo (D. de Goes, D. Man. 1, 6) — O animal parece ferido — O leite ficou estragado — O escriptor tornou-se conhecido.

Nas construcções com fazer, tornar, ter e haver usou-se o participio passado a principio como annexo predicativo referido ao objecto. D'aqui a concordancia do participio com este objecto, conservada até principio do seculo XVII, em frases onde ter funcionava já como verbo relacional.

Nos seguintes passos não ha duvida que o participio continua a exercer função de annexo predicativo referido ao objecto, e o verbo ter conserva ainda a accepção concreta do latim tenere:

As aguias nas bandeiras tem pintadas (Cam., Lus. 8, 5)—Sometida Bizancio tem a seu serviço indino (ib. 3, 12)—Tinha nelle postos os olhos (Bern., L. e C. 2, 235)—Por muitos dias tive perdido o juiza e mui arriscada a vida (Vieira, Cartas 2, 255)—Não acabam de sahir as resoluções que têm suspensa a espectação do mundo (ib. 2, \$10).

Não menos evidente é a função primitiva do participio na frase ter preso a alguem, significando « conservar a alguem preso», como ainda a usaram, e com frequencia, os antigos escriptores, v. g. em:

Diego Lopez foi tragido a ElRei de Castella, e tiinha-o preso no arreal, avemdo dell mui gramde queixume (F. Lopes, D. J. 200)—Elle tinha oitenta homens do arraial presos (ib. 2, 26).

Interpretação analoga tem est'outro passo:

ElRey per dezoito ou vinte dias continuos teve os nossos cereado» (Barros, Dec. 3, 3, 2).

Desta concepção primitiva de dous actos differentes, expressados um pelo verbo ter e o outro pelo annexo predicativo participial, originou-se uma forma verbal composta pelo esquecimento ou apagamento da noção concreta de ter ao mesmo tempo que vinha avultando o adjunto como conceito precipuo. Passou-se assim da juxtaposição de formas verbaes simples, independentes e de agual valia, á subordinação de um elemento ao ou-

Said Ali - Grammatica Historica da Lingua Portugueza.

tro, considerando-se como verbo principal o participio e ter como simples auxiliar. Esta combinação naturalmente só era possivel quando um e outro acto procediam do mesmo autor, isto é, quando o agente da acção expressa pelo participio não differia do sujeito do verbo ter.

O mesmo papel de auxiliar cabe tambem ao verbo ser nos exemplos seguintes e outros da mesma especie, devendo-se comtudo entender que o participio passado nestas combinações resulta de um annexo referido, não ao objecto, mas ao sujeito da oração:

Lopo Soares era chegado (Barros, Dec. 1, 10, 2)—Era fallecido ElRey Bolife (ib. 3, 6, 7)—Era ido o capitão (ib. 3, 1, 5)—Quasi dous annos que eram corridos depois de aberto o Concilio (Sousa, Arc. 1, 349)—Melhor lhe fora a tal homem nunca ser nascido (Vieira, Serm. 3, 238)—Sou vindo a Portugal com pretensão de hūs commenda (Arr. Dial. 257).

Da junção de ser com o participio de verbo intransitivo resultam, como vemos, dizeres de sentido similar a ter chegado, ter fallecido, ter corrido, ter nascido, ter vindo etc., cujo uso prevalece no falar hodierno. Unindo-se porem ser ao participio de verbo transitivo, dará a voz passiva deste segundo verbo.

Do contacto ou contiguidade de certos verbos com outras formas infinitas que não o participio do preterito podem originar-se tambem combinações semanticas, em que a forma infinita representa a acção principal e o outro verbo lhe serve de auxiliar, como nestes exemplos:

Está correndo — Está escrevendo — Vou ler este livro — Vou pensar — Andar lendo — O gosto de escrever que vou perdendo (Cam.) — Por seguirem o alcance aos que andavam nadando (D. de Goes, D. Man. 2, 33) — Abrirão de par em par as portas á malicia sameando enganos e hypocresias de que andão mays inçadas as escolas que de manteos de festa (R. Lobo, C. na Ald. 160) — Não só se cod diminuindo os alimentos (Vieira) — A tempestade foi crescendo — Destruem tudo quanto imos dizendo (ib.) — O reino dos ceus... vem chegando (ib.) — Tornou a falar, etc.

Se, em qualquer destas frases, estivessem os verbos ainda no primitivo estado de independencia, o gerundio, como adverbio, expressaria um acto secundario, posto que simultaneo ao do primeiro verbo; e o infinitivo denotaria um acto ulterior e accessorio ao do verbo

ir. Nas citadas frases vemos, pelo contrario, invertidos os papeis por effeito da combinação semantica. Gerundio e infinitivo de facto representam aqui os verbos principaes; está faz de auxiliar, dando o caracter de actualidade ás acções de correr, escrever, etc.; em vou, imos, vem apaga-se o conceito da locomoção, servindo taes vocabulos de elemento subsidiario, junto a gerundio, para pôr em evidencia a actualidade e continuidade do acto expresso pelo dito gerundio, e, junto a infinitivo, para denotar, a respeito dest'outro verbo, a intenção, vontade ou futuridade. Do mesmo modo, quem diz torno a falar não tem em mente a idéa de «retroceder» a um ponto, a um fim, mas a de «repetir» o acto de falar.

Posto que estes exemplos, e muitos outros do mesmo genero, não deixem a minima duvida sobre a função auxiliar de *ir*, andar, vir e tornar, é preciso comtudo advertir que estes mesmos verbos trazem muitas vezes a par de si outro verbo sob a forma infinita sem todavia operar-se a fusão semantica. Nesta hypothese, os dous verbos juxtapostos enunciarão cada qual um acto concreto. Será o caso de dous verbos simples pertencentes a ora-

ções differentes.

Sendo assim, devem naturalmente occorrer tambem casos intermediarios, em que será difficil decidir se se dá fusão perfeita ou se ha mera juxtaposição de verbos concretos.

Conjugação composta

Da combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerundio ou participio do preterito de um verbo nocional (v. principal), resulta a conjugação composta. Anda, andou, andara são formas do verbo andar na conjugação simples; tem andado, terá andado, tivesse andado pertencem ao mesmo verbo, porem na conjugação composta ter andado; está andando, estava andando, esteja andando fazem parte do mesmo verbo na conjugação composta estar andando.

mesmo verbo na conjugação composta estar andando.

Segundo praxe antiga dos grammaticos, consideram-se «tempos compostos» e conjugação perifrastica como cou-

sas distintas. Não o faremos aqui, depois de explicar, como nas paginas precedentes explicámos, que ter andado e estar andando nasceram de processos analogos. A primeira destas duas formas é linguagem antiga e commum a outros idiomas, e deve á circumstancia de ser desconhecida dos primeiros grammaticos a verdadeira historia das formas analyticas o ter sido encaixada como um «tempo composto» especial no systema de conjugação do verbo simples. Nasceu d'ahi a terminologia confusa (perfeito composto, passé indéfini etc.) e a difficuldade enorme de perceber o sentido exacto, nas diversas linguas, de tenho visto, j'ai vu, l have seen, ich habe assehen etc. habe gesehen etc.

Ver e ter visto (ou haver visto) são dous aspectos do mesmo verbo ver. No primeiro caso exprime-se a acção vagamente; no segundo define-se a acção como perfeitamente consummada. Em outro lugar (Difficuldades da Lingua Portugueza, 2 pag. 205) propuz as denominações de aspecto imperfectivo e perfectivo respectivamente para as duas especies de acção. Parallelamente ao aspecto imperfectivo vejo, via, viu, verei etc. conjuga-se no aspecto perfectivo tenho visto, tinha visto, tive visto (port. ant.), terei visto, etc.

Desta conjugação composta emprega-se o tempo presente em portuguez para denotar acto de realisação persente em portuguez para denotar acto de realisação perfeita, porem durativo ou iterativo, abrangendo o momento em que se fala e podendo excedel-o, e raras vezes para exprimir com emphase um acto que durou sómente até este mesmo momento; nos demais tempos, não tem o aspecto perfectivo outro fim senão assignalar o acto perfeitamente executado no passado ou no futuro.

No preterito perfeito, o verbo desta conjugação composta significava a mesma cousa que na conjugação simples. Teve visto e viu eram cousas identicas. O uso baniu por superflua a forma mais longa. Esquecida hoje, attestam o seu emprego, entre outros, os seguintes passos:

Depois que el Rei teve determinado de pelejar... mandou duas gallees (F. Lopes, D. J. 26) — E como teve jeito nella o que quiz foi cercar D. João no forte em que esteve (Couto, Dec. 4, 10, 6).

O preterito imperfeito tinha visto de ter visto, cuja significação em virtude do aspecto perfectivo é mui proxima á do preterito mais-que-perfeito vira de ver, manteve a sua vitalidade e substitue muitas vezes, sobretudo na linguagem familiar, o dito mais-que-perfeito.

Nas conjugações compostas em que o verbo principal se usa sob a forma de participio passado, servem de auxiliares ter, haver, ser e, por vezes, outros

verbos, segundo vimos no capitulo precedente.

Nas combinações em que se emprega o verbo principal no infinitivo, o elemento auxiliar é haver de, ou ter de ou algum outro verbo que, de nocional, passa a funcionar como relacional. Haver de partir é linguagem antiga, e caracterisa o aspecto necessitativo. Do seculo XVIII para cá usa-se, a par desta forma, ter de partir, com sentido especialisado, indicando que a acção a praticar não depende da vontade do sujeito.

Com o gerundio por verbo principal combina-se estar como auxiliar, ou tambem ir, vir ou outros, apagando-se nestes a significação concreta de locomoção. Na conjugação composta assim formada enuncia-se a acção como passando-se rigorosamente no momento em que se fala (presente) ou do qual se fala (preterito ou

futuro).

No seguinte quadro, pondo de parte a forma do imperativo, que é desusada em algumas das conjugações compostas, e o participio, que é privativo da conjugação simples, se demonstra que as diversas formas da flexão verbal se encontram tanto num como noutro typo conjugativo. E o que é verdade para os quatro exemplos de conjugação composta aqui figurados, tambem o é para os demais casos a que acima alludimos.

	Conjagação simples)	ONJUGAÇ	CONJUGAÇÃO COMPOSTA	
	Aspecto Imperfectivo	Aspecto perfectivo	Aspecto passivo (ou voz passiva)	Aspecto necessitativo	Aspecto do momento rigoroso
INFINITIVO	ver	ter visto	ser visto	ter de ver	estar vendo
PARTICIPIO DO PRETER.	visto	***************************************			
GERUNDIO	vendo	tendo visto	sendo visto	tendo de ver	estando vendo
INDICATIVO:					
Presente	vejo	tenho visto	sou visto	tenho de ver	estou vendo
Pret. imperfeito	via	tinha visto	era visto	tinha de ver	estava vendo
Pret. perfeito	vi	tive visto (port. ant.)	fui visto	tive de ver	estive vendo
Pret. mais-que-perf	vira	tivera visto	fora visto	tivera de ver	estivera vendo
Futuro	verei	terei visto	serei visto	terei de ver	estarei vendo
Futuro do pret	veria	teria visto	seria visto	teria de ver	estaria vendo
IMPERATIVO	vê				
CONJUNTIVO:					
Presente Pret. imperf	veja visse	tivesse visto	seja visto fosse visto	tenha de ver tivesse de ver	esteja vendo estivesse vendo
Futuro	vir	tiver visto	for visto	tiver de ver	estiver vendo

Verbos transitivos e intransitivos

Definido o verbo como palavra que exprime acção ou estado, não se conclue dahi que esta significação se deva conter toda sómente no verbo. Para que isto fosse possivel, seria necessario possuir nosso idioma uma contextura morphologica extremamente complexa. Muitos verbos requerem o accrescimo de um termo que lhes complete o sentido.

Chama-se transitivo o verbo cujo sentido se completa com um substantivo usado sem preposição ou occasionalmente com a preposição a, como nestes exemplos:

Amar o estudo — Amar a Deus — Feriu o pé — Antonio feriu a Pedro — Deus creou o mundo — O ourives fez um annel — A terra produz trigo.

O termo que integra o sentido do verbo transitivo tem o nome de *objecto directo* ou *accusativo* e toma a particula *a* quando denote ente animado e convenha por essa forma tornar bem clara a função objectiva do substantivo.

Examinando o papel semantico do objecto directo nos citados exemplos, notaremos que a Pedro, o pé postos em seguimento a feriu exprimem a pessoa ou cousa que recebe a acção; porem o mundo, um annel, trigo, que completam o sentido de creou, fez e produz, denotam o producto da acção. Num caso o accusativo significa um ser cuja existencia é anterior á da acção verbal; no outro caso, o ser apparece ulteriormente como resultado do acto que se pratica. Differente destas duas hypotheses é a significação do accusativo ou objecto directo de amar. Denota o ponto para onde se dirige um sentimento, sem que o objecto seja forçosamente affectado pelo dito sentimento. Exemplo typico:

Othello ama a lago, e lago odeia a Othello.

Certos verbos transitivos, taes como dar, entregar, pedir, mostrar, dedicar, ceder, transferir, restituir e outros, posto que se lhes accrescente o objecto directo,

continuam todavia com o sentido incompleto. Requerer ainda outro substantivo que designe o ente a quem a acção se destina. Este segundo termo, precedido sem pre da preposição a, denomina-se objecto indirecto ou particularisando, objecto dativo; e com elle não pode concorrer o accusativo senão desprovido de particula. Assim diz-se:

Entregar o prisioneiro ao general — Mostrar o escravo ao rei – Restituir o filho á mãi, etc.

Substituido o substantivo pelo pronome pessoal da 3.a pessoa, caracterisa-se o accusativo pelas formas o,

a, os, as, e o dativo pelas formas lhe, lhes.

O dativo tambem pode ser usado para designar o ente a quem a acção aproveita ou desaproveita. Será então um termo necessario para alguns verbos, porem accessorio para outros. Algumas vezes, confunde-se com

as noções de lugar, posse, etc.

>Verbos que não admittem accusativo chamam-se intransitivos. Aquelles que, como viver, morrer, não necessitam de complemento algum são os intransitivos puros ou absolutos. Os que não se usam senão com um termo complementar preposicionado, como depender de alguma cousa, precisar de alguma ou de alguma cousa, concordar com uma opinião, são os intransitivos relativos.

A este termo regido de preposição, com que se completa o sentido de verbos intransitivos, dá-se de or-

dinario o nome de objecto indirecto. Por ter alguma semelhança com as circumstancias expressas pelos adverbios, poderemos denominal-o objecto indirecto circums-

tancial.

A expressão preposicionada que, sem ser exigida pelo verbo, se lhe accrescenta como explicação accessoria— e este é o caso em viver do ganhado, morrer de fome

- classifica-se como locução adverbial.

Posto que em geral não se confunda o verbo transitivo com o intransitivo, a linha de demarcação nem sempre pode ser rigorosa. Assim, se transitivos são os verbos comer e beber em comer carne, beber vinho, não ha duvida que estes mesmos verbos vem empregados intransitivamente em expressões como o doente não come

nem*thebe, ou quando se usa o verbo beber sem objecto algum no sentido de «entregar-se á embriaguez». Ouvir, significando «não ser surdo», engulir, sonhar, ver ou envergar, na accepção de «não ser cego», mastigar, pensar, meditar e outros, quando usados sem objecto algum para denotar apenas o funcionamento ou privação de um acto physiologico ou psychologico, tornam-se verbos tão intransitivos como dormir, andar, manquejar, endoudecer, tossir e expectorar. O proprio verbo falar, um dos que mais frequentemente occorrem na linguagem quotidiana, não pode gabar-se de pertencer a um typo definido. Transitivo em falar uma linguagem, ouvir o que alguem fala, falar verdade, sem falar outra palavra, emprega-se comtudo as mais das vezes como verbo intransitivo.

Casos ha tambem de serio embaraço para a classificação e analyse determinado pelo facto de considerarse como instrumento da acção o que se devera ter como objecto directo. Assim em vez de atirou-lhe a pedra, — caso em que é clarissima a analyse e o sentido — pode-se dizer atirou-lhe com a pedra, desabonando, nesta segunda hypothese, os complementos instrumental e locativo a transitividade de atirar. É maneira de exprimir usada não sómente na linguagem familiar, mas tambem na literaria:

meraria;

Atirou este homem a um pobre com hum pão d'esmola (Bern., N. Flor. 1, 410) — E atirou violentamente com o livro que tinha na mão para dentro da arca (Herc. M. de C. 2, 39).

Verbos que significam «extrahir», «tirar para fora» empregam-se como verdadeiros transitivos em tirar o joio, tirar ou sacar proveito, arrancar arvores ou cabellos e outras frases similares, em que é inadmissivel o uso de qualquer preposição antes do nome integrador do sentido verbal. Tratando-se, porém, de objecto que alguem traz guardado no bolso, no seio, na manga, na cinta ou na bainha (no caso de espada, punhal etc.) e que tira de todo para fora, é de uso enunciar com a preposição de o nome que serve de complemento a tirar, puxar, arrancar, levar*):

^{*)} Tirar, puxar, dizem-se de qualquer objecto; arrancar, levar não se usam senão com referencia a arma branca. Levar da espada não é a mesma cousa que levar mão da espada. Com esta segunda maneira de dizer exprime-se apenas o acto de pôr a mão na espada, ao passo que levar da espada,

Logo arrancou da espada e se pos á porta a defender-lhe a entrada (Castanh. 8, 39) - Arranção das espadas de aço fino os que por bom tal feito ali apregoão (Cam. Lus. 3, 130) — Do que se indignou tanto o capitão que arrancou da espada e remetteo a Francisco Gomes Leitão para o matar (Couto, Dec. 8, 3) — E levando da espada derrubou outro (ib. 8, 38) — E levando da adaga lhe foi dando huma e outra (ib. 8, 26) - Levey de hua gramde faca que trazia cingida para o matar, e elle de hua adaga (Itin. 173) - Levou o soltão baiazit du punhal e matou-o (ib. 195) - Respondeo o arcebispo com muyta mansidão... e logo tirou do caderno que trazia no seio, e mostrou-lhe nelle seu nome escrito (Sousa, Arc. 1, 101) - Não teve o arcebispo mais saborosa iguaria... è chevo de alegria, tirou de hūa faca da cinta, e abrio hum pão (ib. 1, 189) — Por partes contrarias da praça ameaçaram a apontar duas companhias de soldados... os quaes vindo-se a encontrar no meyo da praça levaram das espadas e acometendo-se furiosamente, começaram a brigar com muyta destreza (ib. 2, 354) — Elle, não puxando da sua espada, senão da de seu amo morto, brigou com o matador e o matou (Bern., N. Flor. 1, 447) — Quando já estava a cavallo, puxando do papel, lia: Primeiramente, o frade... - (ib. 2, 28) - E logo, tirando de huma faca... foi descobrindo terra (ib. 2, 272) - Levou da espada para defender-se (ib. 1, 443) - 0 amouco... puxando de huma grande navalha vai cortando de seu corpo postas de carne (ib. 3, 182).

Exemplos ha, embora menos frequentes, de arrancar espada, tirar espada, sem preposição:

Gonsalo Pereira, sem tirar espada, se meteo em meio (Couto, Dec. 8, 16) — Assi se não arrancou espada (Sousa, Arc. 2, 415) — Entra outro representando a Neró, e tirando a espada manda que cortem cabeças (Vieira, Serm. 5, 90) — Cinge a espada... e logo, arrancando a espada, esgrime com ella, ferindo a terra e o ar tres vezes (Bern. N. Flor. 1, 444) — Os quatro sarracenos pozeram-se em pé de um pulo, e arrancaram as espadas (Herc. Lend. e Narr. 1, 9).

Não tem cabimento a particula de quando a arma não se tira senão parcialmente da bainha ou cinta:

Eu só com meus vassalos e com esta (e dizendo isto, arranea meia-espada, defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Cavalleifos polacos, que costumam... arranear meia-espada, como em protestação do animo pronto (Bern. 1, 438) — Dizendo estas palavras, levei a mão á cinta e arranquei meio-punhal (Herc. M. C. 1, 47).

A presença da preposição de com os verbos arrancar, tirar, etc., é devida provavelmente ao duplo contagio das

como claramente se vê pelos exemplos que apontamos, equivale a «arrancar da espada». Levar aqui tem o sentido de «levantar», «puxar fora e para cima», que ainda occorre em levar ancora, levar ferro, (Castanh. 5, 19; Vieira, Serm. 8, 271 e passim). Leva da espada quem desembainha a arma e a levanta para o ar.

noções de lugar donde a acção procede e instrumento com que o acto se pratica. Poste que não seja commum usar-se a particula de nesta ultima accepção, ha entretanto, provas evidentes desta possibilidade, como se vê em exemplos com outros verbos:

Hiam-lhe dando das esporas chãas muy grandes feridas (S. Graal, 119) — Feriram todos os cavallos das esporas (Zur. em In. 3, 22) — Dei rijamente da vara ao palafrem (Barros, Clar. 1, 97).

Puxar, quando seguido de nome que denote instrumento ou arma, pode construir-se não sómente com de, mas ainda com a preposição por, devido a novo contagio qual o do conceito de lugar por onde: Todos puxam pelas armas (Vieira, Serm. 11, 182). Tirar, empregado na accepção de «puxar», pode ser verbo transitivo, ou intransitivo seguido da particula por:

E tirando pela campainha, acudiu a porteira (Barros. Clar. 1, 19)—Tira pela espada (Vieira, Serm. 2, 164)—Tirando a espada (ib. 5, 90)—Os que tiram por esta carroça (ib. 9, 176)—Hüa carroça dourada pela qual tiravam hua ovelha e hü leão (ib. 9, 175)—Moyses com todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, tira pela espada e matou naquelle mesmo dia vinte tres mil homens (ib. 11, 136).

Pegar, verbo transitivo em pegar o ladrão, o inimigo, etc., tornando-se intransitivo, tem o luxo da construcção com as particulas de, em, por:

Pegou da tesoura (Bern., N. Flor. 1, 328) — Pegando-lhe das redeas (ib. 403) — Pegou de hum pão e lhe atirou com elle (ib. 408) — Pegando-lhe por outros cabellos (ib. 405) — O anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana (Vieira, Serm. 2, 318) — Pegou na taça (Herc., M. de C. 179) — Pegando em huma escudela (Her., L. e N. 1, 293) — Pegando numa lanterna (ib. 2, 136) — O senhor de Biscaya pegou então de um osso com sua carne e medula (ib. 2, 12).

Quando não concorram os conceitos de instrumento ou lugar, pegar é verbo transitivo, como no citado pegar o ladrão, etc., ou intransitivo com a particula em, como pegar no somno. Este uso hodierno differe da antiga linguagem, que se valia da preposição de em:

Querendo pegar do somno (Bern., N. Flor. 3, 492) — E pegando delle [mancebo] o procurava mergulhar como por zombaria (ib. 1, 404) — Ainda o Senhor não quiz que tão depressa pegassem delle [Jesus], mas com toda a brandura falou aos principes dos Fariseos

(Th. de Jes., Trab. 2, 30) — O qual [Malcos] querendo-se desmandar pera pegar primeiro do Senhor (ib. 2, 31).

O verbo obedecer, seguido de seu termo integrante, era tratado, na linguagem dos seculos XVI e XVII, não sómente como intransitivo, mas ainda como transitivo:

Lhe havia de obedecer (Barros, Dec. 2, 5, 11) — Obedecer-lhe (Arr., 357) — Não só offendiam a Antonio, mas o obedeciam e reverenciavam (Vieira, Serm. 3, 193) — [Os animaes] todos por instinto natural e sogeição inviolavel o obedecião (ib. 5, 451) — Lançou bando que todos os subditos do seu imperio... lhe viessem offerecer sacrificio publico, sob pena da vida e da sua indignação aos que assim o não obedecessem (ib. 11, 14) — Excusaes de vos cançar com quem teve a ventura de ver a Mafoma e de obedecer-lhe (Bern. N. Flor. 3, 11) — Todos a obedecel-a concorriam (Castro, Ulys. 5, 22).

Resistir usou-se amplamente como verbo transitivo a par da construcção com o nome preposicionado, servindo neste caso ora a particula a, ora contra:

Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão se os resistira (Cam., Lus. 5, 72) — Eu vi que contra os Minyas... todos resistiram (ib. 6, 31).

É de notar como Antonio Vieira, naquelles sermões onde repete o verbo frequentemente, varia a construcção utilisando-se das tres maneiras de dizer:

Para esperar e resistir os assaltos de tão bravo... inimigo (Serm. 8, 118) Não resisto estes unquentos da Madalena (ib. 8, 125) — Resistiu contra o peccado (ib. 8, 117) — Resistiu contra a morte e contra a honra (ib. 8, 127) — E comtudo resistir-lhe com tanta violencia (ib. 8, 127) — Dá nas velas hum vento tão forte em popa para Japão, que não o podendo resistir nem o navio, nem o piloto, nem o demonio, foi tomar terra e dar fundo em Congoxima (ib. 8, 308) — [Deus] não consentirá jamais que sejais tentado sobre o que podeis resistir (ib. 9, 22) — Como pode ser que lhe pudesse resistir (ib. 9, 33), etc.

Comprazer, agradar e desagradar apparecem pela mesma epoca, ora como verbos transitivos, ora como intransitivos:

Por lhe comprazer (B. Cruz, Seb. 1, 156) — Querendo alguns fidalgos comprazel-o e contental-o (ib. 2, 67) — Tal era o amor de todos de desejarem servir el rei e o gosto de o agradarem, que não bavia quem sentisse gastos e custos pera este fim (ib. 2, 23) — Por lhe parecer que como vassalos o queriam comprazer com esta offerta

(ib. 2, 188) — Chorem vossos olhos diante de seus pais, e agradalloeis (M. Pinto, 3, 29) — [Estat impurezas], tanto offendem a Deus e o desagradam (Vieira, Serm. 9, 357) — Deve... procurar agradallo em tudo (Bern. N. Flor. 4, 358).

Mui numerosos são os exemplos da dupla construcção soccorrel-o e soccorrer-lhe em escriptores quinhentistas. Vieira construe o verbo em geral com accusativo. Mencionaremos os seguintes passos de uma e outra epoca:

() vento não servia pera lhes poder soccorrer a tempo (Barros, Dec. 3, 3, 6) — A nao lhe podia soccorrer (ib.) — Este, que soccorrer-lhe não queria, por não causar discordias intestinas, lhe diz... (Cam., Lus. 6, 48) — Viestes logo a soccorrel-o em tempo que elle disso tinha necessidade (H. Pinto, 2, 234) — Sem terem conta com a ley d'amizade que he fazer bem ao amigo que lho fez, e soccorrel-he em sua necessidade, podendo-o fazer (ib. 2, 270) — Amoesta a seu amigo, e soccorre-lhe no tempo da necessidade (ib. 2, 314) — Pedin-do-lhe o soccorresse naquella perplexidade (Vieira, Serm. 7, 406) — Assim o soccorreo Deos (ib. 7, 406) — Não tinha outra cousa com que os soccorrer (ib. 7, 444) — Pois se os ia soccorrer (ib. 3, 531) — Foi o divino Mestre desde a praya a soccorrel-os (ib. 3, 531) — Nem com as migalhas que lhe cahiam da mesa o soccorria (ib. 7, 329).

O verbo tocar pode ser transitivo ou intransitivo (tocar em). Repare-se nos seguintes passos, em que Heitor Pinto exprime o mesmo pensamento, construindo este verbo ora com accusativo, ora com o objecto preposicionado:

Antre as cerimonias que goardava húa era que não podia tocar hera nem fava. Blondo... diz que não podia elle tocar em hera;
mas da fava não faz menção; e pelo contrayro Gaudencio Merula...
diz que não podia tocar na fava, mas não faz menção da hera.
(2, 548) — O que agora desejo saber he porque causa era vedado
áquelles sacerdotes tocar hera e favas (ib.) — Quem quiser vida tranquilla não toque favas (ib. 2, 545) — Mandavam que os sacerdotes
diaes não tocassem hera nem favas (ib. 2, 547) — Vedes aqui a causa
porque os sacerdotes diaes não tocavam hera nem fava (ib. 2, 549).

Igualar occorre nos Lusiadas já como verbo transitivo, já como intransitivo:

Tal ha de ser quem quer co dom de Marte imitar os illustres e igualal-os (Lus. 8, 89) — A terra de Bengala, fertil de sorte que outra não lhe iguala (ib. 7, 20).

Em Vieira encontram-se estes passos:

Lucifer... não aquietou naquelle lugar, e quiz igualar o seu com o do mesmo Deus (Serm. 5, 194) — Que podem os homens fazer acçoens tão heroicas e levantadas que comparadas com as suas, as igualem, e ainda as excedão (Serm. 8, 124) — A grandeza do Pantheon de Roma não iguala os maiores templos da Christandade (ib. 8, 438) — A fortuna nunca iguala os desejos dos homens; mas se houvesse hãa fortuna tão grande, que não só igualasse, mas vencesse e excedesse os desejos; esta seria a mayor fortuna que se pode imaginar (ib. 2, 16).

É certo que o verbo *igualar* pode ter mais de uma accepção; mas, como se vê pelos exemplos precedentes, nenhuma das construcções corresponde a uma cambiante de sentido definida. Ha, alem disso, a forma pronominal *igualar-se* com uma variedade de complementos:

A branca areia as lagrimas banhavam, que em multidão com ellas se igualavam (Cam., Lus. 4, 92) — Nữa camilha jaz, que não se iguala de outra algua no preço e no lavor (ib. 7, 57) — Nenhum gentio... se lhe igualava nesta idolatria (Vieira, Serm. 8, 273 etc.).

Aos verbos *investir* (na accepção de «acometter», «atacar»), *encontrar*, *topar* e *cumprir* ajunta-se o termo integrante ou directamente ou mediante a preposição *com*. Exemplos com o verbo *investir*:

Investio hum [navio inimigo] (Couto, Dec. 8, 37) — Tornou a investir o inimigo (ib.). Investio com elle (ib.) — Investiu os inimigos e começou a cortar orelhas (Vieira, Serm. 5, 479) — Eis que o [i. e. Tobias] investe hum grande peixe com a boca aberta, em acção de que o queria tragar (ib. 2, 318) — [Aristeu] com grão clamar o investe e algema-o sem dar azo a que se possa erguer (Castilho, Georg. 279) — Como has de co'os polos investir (Castilho, Metam. 69).

Quanto ao segundo destes verbos construiveis com a particula com, ha manifesta identidade de sentido em hūa vez hūu asno encontrou com hūu porco montez (Es. 16), e hūu dia aquelle asno o encontrou no caminho (ib. 29). O termo integrante preposicionado empregou-o Vieira em e tomando eu nas mãos o livro do mais diligente, abri e o primeiro passo com que encontrei, foy este (Serm. 8, 3). Hoje dizemos encontrar alguem ou alguma cousa, e encontrar com alguem, ou, antes, encontrar-se com alguem, forma reflexa tambem usada, a par das outras, na linguagem archaica. Desconhece a forma reflexa o synonymo to-

par, o qual no falar hodierno continua a ser empregado com a mesma indecisão de outrora:

Toparam naquelle golfam hūa nau grande (Castanh. 2, 83) — Toparam dous milaneses (ib. 2, 24) — Toparam com Lucas dafonseca (ib. 2, 31) — Topou com hũa nau pequena (ib. 2, 15) — Se ho lopasse (ib.) — Ho topou (ib.) — Topou com a caravela de Alvaro Gonçalves (Barros, Dec. 1, 1, 11) — Topou huma nau mui grossa (ib. 1, 5, 9) — Vá logo topar com a peor enfermidade (Vieira, Serm. 2, 170).

Data de longe a dicção cumprir com e são innumeros es passos em que ella occorre, alternando com frases onde o mesmo verbo apparece sem a particula. Basta attentar nos seguintes exemplos, entre os quaes se acham expressões familiares ao nosso falar quotidiano:

São tão verdadeiros que cumprem com sua palavra (Barros., Dec. 1, 10, 1) — Mas tu me dá que cumpra, ó gram rainha das musas, eo que quero à nação minha (Cam., Lus. 10, 9) — Cumprissem com sua palavra (Barros, Dec. 1, 8, 7) — Não cumpria sua palavra (ib. 1, 5, 9) — Por cumprir sua palavra (ib. 2, 3, 8) — Pera ser dignamente eleyto e cumprir com sua obrigaçam (H. Pinto, 1, 189) — Quanto tenho que fazer pera cumprir com a obrigação de quem sou (ib. 1, 300) — Cumpriam com o que tinham prometido (D. de Goes, D. M. 256) — Pera que... podessem mais facilmente cumprir com sua obrigaçam (Luc. 1, 172) — O que fez cumprindo com as obrigações que tinha (ib. 1, 261) — Por onde se diga que não cumpres com o que juraste (F. M. Pinto, 3, 92) — Não deixeis de cumprir co que deveis (ib. 1, 75) — Queria cumprir inteiramente com a obrigação do officio (ib. 1, 81) — Hade ser forçado cumprir eu co que devo (ib. 2, 234) — Cumpriram como deviam as obrigações de seu sangue, não só com a obrigação de valerosos capitães, mas ainda com a de esforçados e valerosos soldados (Couto, Dec. 8, 38) — Quão mal cumprira a promessa (Castanh. 1, 38) — Cumprir com minha obrigação (Herc., L. e N. 1, 116) — Costumo cumprir as minhas promessas (ib. 1, 125) — Cumprir com o seu dever (ib. 2, 138) — Como quem tinha cumprido com seu officio (Vieira, Serm. 8, 357) — Encommendou aos colossenses que dissessem a Archippo... que cumprisse com as obrigações do ministerio (Bern. N. Flor. 3, 107) — Não via o modo de cumprir com essa obrigação (ib. 3, 303).

A linguagem cumprir com é applicavel, tanto como cumprir simplesmente, quando o termo integrante exprime cousa intima ou propria do sujeito do verbo, como dever, obrigação, palavra, promessa. Tratando-se de cousa exterior ao individuo, costuma-se hoje omittir a preposição, apesar de exemplos em contrario na linguagem quinhentista:

Cumprir ao pé da letra o que elrey seu senhor mandasse (Castanh., 2, 92) — Cumprir o mandado (ib. 2, 93) — Jurou Meliquiaz de cumprir as condições da paz (ib. 2, 101) — Cumpri com o regimento (Barros, Dec. 1, Prol.) — Cumprir com o regimento (ib. 1, 1, 6) — O qual regimento elle cumpriu (ib. 1, 7, 2) — Cumprir degredos (ib. 2, 1, 1) — Ambos cumpriram o precepto de seu capitão (ib. 1, 10, 3) — Duas cousas lhe convinha fazer pera cumprir com a instrucção que lhe elrey... mandava (ib. 3, 4, 3) — Donde se causou querer elle cumprir ante com a vontade da gente de armas (ib. 3, 4, 6) — Muy desejoso de cumprir em tudo com o serviço delrey (Luc. 1, 272).

O verbo apontar, significando «mostrar com o dedo», usa-se acompanhado de nome, algumas vezes directamente, mas em geral mediante a preposição para:

Está-nos Deos mostrando iodos os Reynos desse novo mundo... E apontando para a Africa, para a Asia, para a America, nos está dizendo:... Reyno de Portugal, eu te prometo a restituição de todos os Reynos (Vieira, Serm. 2, 84) — O servo de Deos, apontando para os enfermos, disse (Bern. N. Flor. 3, 16) — Perguntando-lhe o estribeiromór que cavallo mandava Sua Alteza sellar, apontou el-rei um que era rebellão (ib. 2, 238) — Isto se entende da especificação notavel, que aponta como com o dedo alguma pessoa em individuo (ib. 3, 91) — E logo, apontando para este ou aquelle servo..., lhe mandava que proseguisse ou emendasse ao certo (ib. 2, 232) — Apontaria o ministro para a espada da justiça (Herc. M. C. 2, 41) — Aquelle fez mais do que isso... E apontava para o crucifixo (ib. 1, 57) — Judeu! replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno (Herc. Lend. e Narr. 1, 122) — Ao lusco-fusco ainda se viu sahir da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que apontava para as bandas de Cordova (ib. 1, 11).

Tomado o verbo na accepção de «fazer pontaria» assim como na de «dirigir-se alguma cousa em certo sentido ou para um ponto determinado» diz-se apontar para:

Tirou a espingarda... e a poz no rosto e apontou para húa larangeyra que estava defronte, e pondo-lhe fogo... arrebentou por tres partes (F. M. Pinto 2, 217) — Está apontando o agudo cipariso pera onde é posto o eterco paraiso (Cam. Lus. 9, 57).

Com a significação de «mencionar, citar, referir», ou «assignalar, marcar», emprega-se apontar sem preposição:

Se bem não aponto o autor, passou [o caso] assim na verdade (Bern. N. Flor. 3, 480) — Não apontoi a duvida senão para saber mais fundamentalmente a resposta (ib. 2, 53) — Para lhes apontar o direito caminho do céu (Herc. Lend. e Narr. 1, 257) — Seria fazer injuria aos que antes de nós escreveram, se deixassemos de apontar os casos (Sousa, S. Dom. 115).

Facilmente podemos distinguir, segundo o exposto á pag. 183 e seg. as noções de objecto directo, ou accusativo, e indirecto, ou dativo, quando se trate dos termos necessarios para completar o sentido de trazer, dar, dizer e muitos outros verbos do mesmo genero. Outro tanto não succede se nos acharmos em presença do verbo ensinar e, ainda, de mais alguns daquelles que em latim se construem com duplo accusativo. O nome da creatura a quem se ensina vem representado pelo accusativo, se se calar o nome da cousa ensinada, como em ensinar os animaes, havemos de ensinal-os; converter-se-á pelo contrario, em dativo, desde que se mencione o nome da cousa ensinada por meio de um substantivo, ou pronome, ou um termo substantivado ou oração substantiva, dizendo-se:

Ensinei-lhe o alphabeto, a musica — Ensinei-lhe isso — Ensinar o Padre Nosso ao vigario — Christo principalmente nos ensinou... o fazer a sua vontade (Vieira, Serm. 9, 65) — Ensinou-lhe que havia Deus (ib. 9, 56).

Sendo porém o nome da cousa ensinada expresso por um infinitivo regido da preposição a, o nome da pessoa se dirá indifferentemente no dativo ou no accusativo. Exemplos de diversas epocas:

Ensinaste-o a servir ao Deos alheo (S. Josaph. 27) — Quando o [sabujo] primeiro começam a ensinar a achar (L. de Mont. 88) — 0 andar ao monte the ensina a teer boo tento na terra (ib. 28) — Quando o ensinam a andar na treela (ib. 68) — E nesta reputação os mandam ensinar a ter e escrever (Mend., Jorn. 2, 100) — A boa sabedoria the ensina a passar avante (H. Pinto, 1, 270) — Ensinou os homens a fugirem da sensualidade (ib. 1, 171) — Quasi sempre estava calado, ensinando elle a falar os outros (ib. 2, 589) — O sabedor calando ensina os outros a falar (ib.) — Hū Deos que the ensina a desprezal-os (ib. 2, 66) — A necessidade inventora dos remedios the ensinou a favorecer as boas letras (ib. 2, 234) — Ensinou-o [a Aristoteles] Platão a nadar (ib. 2, 486) — Ensinando-the a distinguir o conhecer em si mesmo o grau heroico da virtude (Vicira, Serm. 14, 126) — E que pudessem [os meninos] estar no palacio do rei, para que elle os ensinasse a escrever e a fallar a lingua dos caldeus (Fig. Dan. 1, 4) — E os ensinaste a santificar o teu sabbado (Fig. II Esdr. 9, 14) — Alumiaste os povos e a ser reis os ensinaste (Fil. Elysio 3, 142) — Ensinando-thes a pedir beijos a todas as mulheres (Camillo, Boh. do Esp. 434).

Enuncia-se hoje como dativo o nome do individuo a quem se faz pergunta, quando se empregue o verbo

perguntar, e explicito venha, como accusativo, aquillo que se deseja saber. Não era geral esta pratica no portuguez da idade media, em que tambem se usava, e a principio com muita frequencia, o nome da pessoa como accusativo, sendo portanto o verbo susceptivel de dous objectos directos. Exemplos de uma e de outra construcção:

Perguntaram-na que demandava (S. Graal, 1) — perguntou-o se era chagado (ib. 35) — Perguntou-o que homé era (ib. 37) — Perguntou-lhe que faria (ib. 50) — Perguntou-lhe quem matara aquel cavaleiro (ib.) — O padre o perguntou que eyxeco ouvera (ib. 53) — Perguntou-lhe se virom a besta desasemelhada (ib. 68) — Preguntava-o se lhe fazia mester algüa cousa (S. Am. 514) — Preguntou-lhe como avia nome (ib. 518) — Perguntou-o como avia nome (S. Graal 45).

Este mesmo hesitar entre a applicação do accusativo duplo e differenciação deste em accusativo de cousa e dativo de pessoa, apparece tambem nas construcções com rogar; mas com este verbo teve sempre vida mais longa o uso do accusativo de pessoa, de que se encontram até exemplos na lingua da Renascença:

Rogarom-no por deos que lhe dissesse daquelle sonho (S. Graal 109) — Rogou-lhe que lhe perdoasse (ib. 127) — Rogou-o mui aficadamente que lhe mostrasse o santo (S. Josaph. 43) — Rogou-lhe amaro por deos que o benzesse (S. Am. 511) — E este rrouxinol ho rrogava, quanto podia, que lhe désse o seu filho (L. de Es. 31) — Rrogarom-no que lhe désse hūu senhor (ib. 46) — Vendo [quem o não conhece] que vós Senhora, sendo quem sois, o rogais [i. e. a Christo], assim como atégora lhe confessava o ser humano, já lhe não pode negar o Divino (Vieira, Serm. 9, 86) — Emquanto Mãy, porque o gerou; em quanto intercessora, porque a roga (ib. 9, 87) — Se forçado da fraqueza do espirito a rogardes, descobris amor pera azo de maior sojeição (Ulyss. 55).

São transitivos os verbos fazer, ver e ouvir, e, completando-se-lhes o sentido por um nome ou pronome, será este vocabulo sempre um objecto directo. Nem o enunciaremos por outra forma naquellas frases mais complexas em que este mesmo termo sirva, por sua vez, de sujeito ao infinitivo de um verbo intransitivo ou de verbo usado intransitivamente:

Quando as outras os vissem andar, neste cuidado (Zur. P. M. 275) — Viam ir os barcos pera ella (ib. 312) — Fizeram-nos encalhar

(F. Lopes, D. J. 308) — No desejo de o ouvir (H. Pinto 1, 311) — Por vezes o ouviram falar cos demonios (ib. 3, 237) — Os deuses faz descer ao vil terreno, e os humanos subir ao ceo sereno (Cam., Lus. 9, 20) — A cubiça do proveito... o faz obedecer e ter respeito ao capitão (ib. 8, 77) — Ouve mugir os bois (Castilho, Georg. 125) — Buro as fez cahir naquelle mar tão vasto (ib. 227) — Nem isto as fez calar (Castilho, Mis. 103) — Cartas de Magdalena! Era quasi ouvil-a falar, prazer a que já tinha renunciado (Din. Morg. 2, 246).

Achando-se pelo contrario os verbos *fazer* e *ouvir* combinados com o infinitivo de um verbo transitivo acompanhado de seu proprio objecto directo, enunciar-se-á então o agente deste infinitivo sob a forma de objecto indirecto:

Lhe fez perder o sem e lhe fez perder todo o coração (S. Graal. 99) - O homem boom quando the ouvio dizer, que todavia queria poer maão em tall feito, foi tam ledo, que mais ser nam pode (F. Lopes, D. J. 12) — E quando the tall rrazom ouvio dizer, ficou hun pouco como torvado (ib. 60) — Fez a afeicom esoprever a alguus em favor del Rey de Castella da guisa que nom aconteceram (ib. 250) -Fez logo aos prisioneiros que lhe beijassem a maão como a seo senhor (ib. 199) — Lhe fizeram crer que as cousas... eram bem differentes (Barros, Dec. 1, 6, 2) — Lhe fazia saber que (ib. 1, 6, 4 bis) — Para o fazerem saber ao Camorim (ib. 1, 7, 9) - Lhes fazia perder a vista (ib. 1, 8, 5) — Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto, que presuppoz de nella morrer santo (Cam., Lus. 7, 33) — A mi lembra... que lhe ouvi cu louvar hua vez aquella sentença de Thales (H. Pinto 1, 410) — E fazendo oração... lhe ouviram dizer com hū grande suspiro: o Jesa Christo, amores de my anima, põe, Senhor meu. os olhos em ti (F. M. Pinto, 3, 208) - Fizeram-lhe perder a constancia, fizeram-lhe perder a paciencia, fizeram-lhe perder a conformidade, e até a conciencia lhe fizeram perder (Vieira, Serm. 1, 825) — Muitas vezes auvi ao confessor da Rainha nossa Senhora estas palavras formaes (ib. 13, 17) -- Ao que devia cem cantaros de azeite fazia-lhe escrever oitenta (ib. 2, 232) - Pode ser que esteja neste auditorio quem lho ouvio (ib. 8, 151) — Mais de uma vez lhe ouvira citar passagens de autores romanos (Herc. M. de C. 1, 178) — Ouvi-lhe rosnar não sei o que de Zilla de Restello (ib. 2, 103) — O espanto de D. Dorothea, quando lhe ouviu dizer que as ceias não entravam nos seus habitos, foi tal que lhe tirou o animo de rejeitar (Din. Morg. 1, 31).

Se se usar ver como verbo regente da combinação com infinitivo transitivo, o vocabulo denotador do individuo que é visto praticar a acção virá expresso de ordinario pelo accusativo se for substantivo, e pelo dativo se for pronome pessoal:

E come the vira mater patrides (S. Graal, 99) — Persival foy todo espantado do que the vio lazer acquel tempo e aquella ora (ib.

134) — Vio-lhe teer huũa espada muito limpa e bem corregida (F. Lopes, D. J. 63) — Quando lhes viram apanhar os mortos (Zur. P. M. 275) — Verão os cafres... tirar à linda dama seus vestidos (Cam., Lus. 5, 47) — Vê na agua salgada ter o Tigres e o Euphrates uma entrada (ib. 10, 102) — A mesma sorte viu ter a muitas suas vizinhas (ib. 3, \$8) — E vereis ir cortando o salso argento os vossos Argenautas (ib. 1, 18) — Cousas... de alto espanto ver as nuvens do mar, em largo cano, sorver as altas aguas do Oceano (ib. 5, 18).

O verbo deixar, acompanhado de infinitivo de verbo transitivo com o competente objecto directo, e, tendo a accepção de « permittir », construe-se como est'outro verbo com o dativo de pessoa lhe:

Mandamos aos Alcaides que lhe leixem veer as consas sobreditas (Ord. Man. 1, fit. 39) — Davam graças a Deus pela mercê que lhes fezera em lhes deixar ver gente daquella calidade (D. de Gocs, D. Man. 1, 55) — No outro [dia] entretinha os curiosos da sua terra deixandolhes entrever os thesouros da experiencia adquirida á custa de muitos annos de fadiga (Din. Morg. 1, 106).

Com um infinitivo intransitivo dir-se-á:

Que a deixem morrer e ao desamparo (Din. Morg. 3, 263).

Serve tambem a forma pronominal *lhe* para denotar a pessoa a quem se ordena que faça alguma cousa nas construções do verbo *mandar* com infinitivo transitivo, tendo este seu complemento expresso:

Qualquer cousa que lhes mandar fazer o moço (L. da Mont. 233)—E com esto nom devem a atender que seu senhor lho mande fazer [i. e. servir em todallas outras cousas] (ib. 47)—Deshi que aquellas cousas que lhes mandarem fazer, que as nom errem de as fazerem como lhes elle mandar (ib. 204)—Appareceu Deus na carça a Moyses e mandaou-lhe descalçar os capatos. Solve calceamenta de pedibus tuis (Vieira, Serm. 2, 380).

> Causa primordial de se substituir, em certos casos, o dativo ao accusativo foi a necessidade da clareza. Exprimindo-se pela mesma forma pronominal tanto a pessoa como a cousa, teriamos, a permanecer rigorosa a construcção dos dous accusativos, a duplicação confusa do pronome em perguntou-o-o por perguntou-lh'o, ensinou-o-os por ensinou-lh'os, etc., e pouco lucidas deveriam parecer aos antigos portuguezes dicções como felocrel-o, pela circumstancia de attrahir o verbo regente

muitas vezes o objecto do verbo regido. Sem duvida que nos exemplos lhes fazia perder a vista, lhe fizeram crer que..., quando lhes viram apanhar os mortos, quando lhe ouviu dizer que..., pode ser que esteja neste auditorio quem lh'o ouvio, ha outro phenomeno a considerar alem da mudança da forma pronominal. Nas orações assim constituidas, lhe, lhes não se referem a um vocabulo isolado, mas ao conjunto da expressão predicativa. E desta mesma maneira se entende o objecto indirecto nos seguintes passos:

Aos seus almoxarifes mandou fazer toda a despesa (F. Lopes, D. J. 129) — Não cumpria o que ElRey... lhe mandava fazer sobre isto (Barros, D. 1, 6, 3).

Pronunciada ao acaso, e sem ligação com outros pensamentos, uma frase como mandei-lhe escrever a carta leixa por certo duvida sobre o verbo a que se ha de referir o termo lhe; mas isto não succede no discurso, em que pelo contexto, pela situação, se esclarece sem-

pre a referencia.

Posto que a integração de sentido, em grande parte dos verbos que a exigem, não seja possivel ou usual senão por meio do substantivo (ou vocabulo substantivado) e do pronome, casos ha comtudo em que pode igualmente ser expressa por um infinitivo. Sómente não se deve ter por tão seguro aqui o criterio da ausencia ou presença da preposição para decidir se o infinitivo fun-

ciona, ou não, como objecto directo.

Complemento de verbo intransitivo é por certo todo o infinitivo preposicionado que fizer as vezes de um nome igualmente preposicionado, como em desiste de combater e desiste do combate. Complemento é, alem disso, o infinitivo expresso com particula e dependente de verbo intransitivo cujo sentido não se integre por outro vocabulo senão pelo infinitivo preposicionado. Tratando-se porém de verbo que pede objecto directo, i. é. de um verbo regente transitivo, deveria esperar-se que as frases se construissem sempre parallelamente: o infinitivo, posto em lugar do nome, ou do pronome o, havia de apparecer por toda a parte sem particula alguma. Entretanto tem restricções este principio. Assim é que, sen-

do regente um dos verbos desejar, prometter, propôr, jurar, determinar, esperar, procurar, pretender, merecer, resolver, vemos como facto não raro, mas usual, em portuguez antigo e quinhentista e, até, seiscentista, a preposição de anteposta ao infinitivo-objecto, podendo esta linguagem alternar com a da eliminação da particula, sem prejuizo do sentido:

Depois que eu conheci Jesus Christo e merici de seer seu servo (S. Josaph, 39) — En tal guisa que mereçamos seer contados (ib. 49) - Tethys... deseja de comprar-vos pera genro (Cam., Lus. 1, 16) - Qualquer dos cortezãos aventureiro deseja ser com fervida vontade (ib. 6, 61) — Eu desejo ha muito de andar terras estranhas (ib. 6, 54) - Procuramos, como proprios da terra, de habital-a (ib. 1, 54) -Se pretendes, rei alto, de vingar-te (ib. 3, 38) — Só de seguil-o o exercito procura (ib. 3, 67) — Ellas prometem... de ser no Olympo estrellas (ib. 4, 85) - Determinei de assi nos embarcarmos (ib. 4, 93) - Tirar Ignez ao mundo determina (ib. 3, 123) - Determinei por armas de tomal-a (ib. 5, 53) - A que novos desastres determinas de levar estes reinos (ib. 4, 97) — Determinam matal-o em fim de tudo (ib. 10, 116) - Prometiam de o fazer (Vieira, Serm., 8, 407) - Nova ley que elrey não só promulgasse, mas jurasse de a cumprir (ib. 8, 232) - Eu vos prometo de vos compor um cantico novo (ib. 9, 427) - Resolveu de acabar com o homem e tiral-o da face da terra (ib. 9, 239) — Tinha resoluto de não tratar mais daquelle convento (ib. 9, 191) — Nem [sei] que conta esperam de dar a Deus (ib. 9, 471) — Eu te prometto de te favorecer toda a vida (Bern., N. Flor. 3, 8) -Jurou de nunca mais vestir armas (ib. 3, 196) — Has de jurar de não descobrir isso a pessoa alguma (ib. 1, 410) - Eu proponho de a quardar, ajudando-me vós co vossa opportuna graça, e de fazer quanto em mi for, porque todos os homens a guardemos (Bern., L. e C. 432).

> Reconhecendo-se a inutilidade da particula entre o verbo transitivo e o infinitivo-objecto, foi esta desapparecendo do uso, nuns casos mais cedo, noutros mais tarde, até que por fim se fixou a linguagem hodierna, a qual, depois de qualquer dos mencionados verbos, só emprega o infinitivo puro como equivalente do objecto expresso por substantivo ou pronome.

Com o verbo começar, igualmente transitivo, prevaleceu, pelo contrario, a pratica das construcções discordantes, dizendo-se começo o trabalho e começo a (ou de) trabalhar, sem haver alteração semantica no verbo commum ás duas frases. Que á linguagem de outrora já deveria parecer dispensavel a particula, verifica-se por varios exemplos do portuguez antigo e pelos muitissimos passos de João de Barros:

Começa singrar esta noyte (S. Amaro, 510) — Começou Jazer suas orações (S. Josaph. 31) — Começou fazer vida solitaria (ib. 37) — Começou servir Nosso Senhor (ib. 48) — Compeçou tirar e dar com sua espada grandes golpes (L. de Es. 54) — Começando descobrir (Barros, Dec. 1, 1, 13) — Começaran lograr as novidades (ib. 1, 1, 7) — Começou todo correr (ib. 1, 1, 11) — A gente começou entrar (ib. 1, 7, 5) — Começam ventar os ponentes (ib. 1, 7, 4) — Começaram despender sua palavra (ib. 1, 7, 11) — Já começavamos chegar ás portas do mar Roxo (ib. 1, 8, 1), etc.

Sem duvida que a par destes exemplos occorrem outros, em numero muito maior, de começar de e começar a.

Vozes activa, passiva e medial

O sujeito de verbo transitivo pode ser considerado não sómente como ponto donde parte a acção, mas ainda como o ponto para o qual a acção se dirige; e neste segundo caso se empregará o verbo no participio do preterito combinado com o auxiliar ser. Diz-se então que o verbo denotador da acção está na voz passiva, e que o sujeito é paciente, como nesta frase — a ave loi ferida pelo caçador; e chama-se, pelo contrario, voz activa, com sujeito agente, á conjugação simples, como em o cacador feriu a ave. Por extensão, diz-se que está na voz activa, ou que tem forma activa, todo o verbo usado nos diversos tempos e modos da conjugação simples. Esta classificação facilita o estudo das formas, mas nem por isso se harmonisa sempre com a significação do verbo. Andar, fugir, ir, voar e outros intransitivos representam actividade em que o sujeito é, como nos transitivos activos, verdadeiro agente; porem em padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar, não se revela nenhuma actividade da parte do sujeito. São actos que nelle se consummam, estados pelos quaes passa, sem que para isso concorra o seu esforço. A condição do sujeito aqui é a de paciente. Est'outros intransitivos, ainda que tenham forma activa, aproximam-se pois, quanto á significação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos activos.

Resta a considerar a terceira forma typica, sob a qual se apresenta ou pode apresentar o verbo. É aquella em que o conjugamos com o pronome reflexivo. É a forma intermediaria entre a voz activa e a passiva. Cabe-lhe por isso a denominação de voz media ou medial, que abrange as funções de reflexividade, reciprocidade e outras que vamos examinar.

Occorrem a cada passo em portuguez, como em outros idiomas, verbos acompanhados do pronome reflexivo. Servindo occasionalmente aos verbos transitivos, e usualmente a alguns dos intransitivos, o pronome vem a exercer funções differentes. Verifica-se aqui mais uma vez a deficiencia da linguagem, a desproporção entre os limitados meios de expressão e a variedade de conceitos e cambiantes de conceitos que nos importa exprimir.

A mais palpavel confusão que a linguagem faz, mas a intelligencia desfaz pelo encadeamento das idéas, consiste em utilisar-se ella das mesmissimas formas pronominaes nos, vos, se tanto para a reflexividade como para a reciprocidade. Não raro temos por de bom aviso accrescentar fermos esclarecedores, como em honramo-nos

a nós mesmos e honramo-nos uns aos outros.

Pondo de parte a hypothese da reciprocidade, nota-se facilmente que o verbo transitivo accrescido do pronome se pode exprimir situações differentes. Se dissermos por exemplo Pedro, querendo matar-se, só conseguiu ferir-se, significarão ambos os infinitivos actos rigorosamente reflexos, actos que, em lugar de se dirigirem para algum ser exterior, seguiram sentido contrario, praticando-os o sujeito sobre si mesmo. Mas nest'outro pensamento Pedro, atravessando o jardim, feriu-se nos espinhos das roseiras, já o acto de ferir não emana do sujeito, e queremos significar apenas que elle ficou ferido.

Usam-se para um e outro fim, alem de [erir-se, os verbos arranhar-se, molhar-se, sujar-se, machucar-se, afo-

gar-se e varios outros.

Muitos verbos porem têm significação de tal especie que, conjugados pronominalmente, não se prestam a

ser interpretados como se executasse o sujeito algum acto reversivamente sobre a propria individualidade. Espantei-me, enganei-me, convenci-me, enfadei-me, aborreci-me, zanguei-me, só podem equivaler a « fiquei espanta-do, enganado, convencido, enfadado, zangado, aborreci-do». A forma reflexa vem aqui dizer que o mesmo effeito que o sujeito, como agente, produz em outros individuos, se produziu inversamente nelle por uma causa qual-quer do mundo exterior. Estes verbos conjugados pronominalmente têm de commum com uma serie de verbos intransitivos essencialmente pronominaes, o significarem sentimento. Por outras palavras para expressar o sentir zanga, medo, vergonha, piedade, arrependimento, etc. soccorre-se a linguagem de verbos pronominaes, ora de um typo, ora do outro: angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepender-se, amedrontar-se, espantar-se, pasmar-se, enthusiasmar-se, apaixonar-se, apiedar-se, amercear-se, condoer-se, commiserar-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, compadecer-se, vexar-se, aborrecer-se, enfastiar-se etc.

O estado d'alma pode despertar impulsos, e assim o sentimento virá a manifestar-se exteriormente por alguma actividade. Verbos pronominaes, neste caso, têm significação activa, denotando o pronome reflexivo a pessoa vivamente affectada. Taes são: gloriar-se, vangloriar-se, jactar-se, ufanar-se, gabar-se, atrever-se, lamentar-se, queixar-se, obstinar-se, lastimar-se, desabafar-se etc.

tar-se, queixar-se, obstinar-se, lastimar-se, desabafar-se etc.
Não é comtudo verdadeira a reciproca desta regra.
A linguagem tem caprichos. Dizemos atrever-se, ao passo que o seu synonymo ousar se usa sempre na forma activa.

Actos materiaes, em geral movimentos, que o sujeito executa em sua propria pessoa iguaes aos que executa em cousas ou em outras pessoas, ou de que resulta effeito identico ao dest'outros actos, dizem-se dando
aos respectivos verbos transitivos a forma reflexa: levantar-se, sentar-se, deitar-se, atirar-se, arremessar-se, dirigir-se, encaminhar-se, acolher-se, arredar-se, vestir-se,
despir-se, ajoelhar-se, alçar-se, erguer-se, coçar-se, pentear-se, abaixar-se, preparar-se, ajastar-se, apartar-se etc.
Verbos desta especie dispensam por vezes o pro-

nome, como mudar ou mudar-se (para outro lugar), ajoelhar ou ajoelhar-se. Dos seguintes exemplos colligimos que, em dialogos, certos verbos podem repetir-se omittindo emtanto o pronome reflexivo:

VILHALP. I: Não te queres calar; recolhamo-nos. Paje: Recolhamos, que emfim sempre ouvi dizer que melhor era o meu que o nosso. (Sá de Mir., 2, 266)— Disse o peregrino: assentemo-nos ao longo desta fresca ribeira... Assentemos, disse o religioso (H. Pinto, I, 86) — Ergamo-nos e caminhemos [disse o peregrino] ...Ergamos, disse o religioso, e caminhemos. (ib. 1, 140) — E porque isto he noite, recolhamo-nos para o lugar que daqui está parecendo logo alem desta ribeira (disse o portuguez). Recolhamos, disse o italiano, pois se nos encubriu de todo a clara luz do sol (ib. 1, 398) — Como (disse Antonio) nam se chama v. m. Joam d'Eyro? Si chamo (respondeo elle...) (Luc. 1, 363) — Ou nós não entendemos que cousa he justiça, ou nesta sentença se encerra algum mysterio? Sim, encerra, e muito grande (Bern. N. Flor. 3, 200).

Os actos expressos pelos verbos na forma reflexa referem-se, uns unicamente a pessoas, outros a pessoas ou a animaes, outros a entes animados ou inanimados, outros, finalmente, só a entes inanimados. Merece, alem disso, attenção a linguagem figurada, em que nos referimos a plantas e a seres inertes como se fossem dotados de vida animal e executassem movimentos proprios de homens e animaes. Neste exemplo de Herculano o rio cobre-se com o seu manto de nevoas, o sujeito rio está personificado, e o verbo tem rigorosamente o mesmo sentido que teria se falassemos de um rei que se cobre com o seu manto de arminho. Nem menos audaciosa se revela a imaginação nest'outra frase a palmeira ergue-se altiva, onde se troca um verbo de situação vulgar por outro de movimento para produzir a impressão de altura grandiosa.

Nas frases seguintes e em outras do mesmo genero, em que o verbo, tomado na accepção propria, tem para sujeito um nome de cousa, a voz medial significa que a acção se executa por si mesma no objecto de que se fala:

O predio incendiou-se, a vida extinguiu-se, a luz apagou-se, a agua congelou-se, o gelo derreteu-se, o leite estragou-se, a arvore desfolhou-se, o veu rasgou-se, o vestido descoseu-se, a nuven desfez-se, a parede fendeu-se, a epidemia alastrou-se, a taboa despregou-se, o ro-

chedo despenhou-se, o galho bifurca-se, a flor abriu-se, o tronco partiu-se, a agua sumiu-se, o navio perdeu-se, a retina descolou-se, a pupilla dilatou-se, a ferida abriu-se.

E' como se dissessemos ficou incendiado, ficou ex-

Finta, apagada, congelada, etc.

Nestas frases os verbos na forma medial denotam actos espontaneos, sem agente ou causa apparente. A linguagem, aproveitando-se desta facilidade, torna o mesmo processo extensivo a casos de outra especie e trata como se espontaneos fossem actos emanados de agente que não se quer ou não se sabe mencionar. Tal é a origem de vendem-se casas, alugam-se quartos, alarga-se a rua, desbarata-se a fortuna, etc. Mas aqui, sendo latente a noção do agente humano, costuma-se collocar o substantivo no lugar que compete ao objecto directo, isto é, depois do verbo. Algumas vezes basta trocar a ordem das palavras para alterar o sentido, como em estraga-se a roupa e a roupa estraga-se. E vai-se mais longe. Como se tem em mente o conceito de alguem como agente, como sujeito psychologico, não se põe duvida em dar ao substantivo caracteres proprios de objecto e se usa o pronome se até com verbos intransitivos:

1. Um paço onde se serve a Deus he um deserto edificado (Vieira, Serm. 5, 538) — Olhos com que se vê a Deus (ib. 5, 372) — Louva-se ao Deus Termino (Castilho, Fast. 1, 149) — Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se (Castilho, Exceptos de Bern. 2, 285).

2. E' fraqueza desistir-se da cousa começada (Cam., Lus. 1, 40)

— Não se procede mais na demanda (Barr., Dec. 1, 10, 2) — Na cruz morre-se huma só vez, no Sacramento morre-se cada dia (Vieira, Serm. 5, 560) — Andava-se de porta a porta não menos que em tres dias de caminho (ib. 5, 13) — Creia-se em cousas (Castilho, Fast. 1, 157) — Acode-se em tropel (ib. 1, 49) — Trata-se de salvar o imperio (Herc., Eur. 74) — Vive-se á luz da esperança (ib. 135).

Dos verbos intransitivos usados de ordinario na forma activa, admittem alguns occasionalmente a forma medial, accrescentando o pronome reflexivo algum conceito novo ao verbo ou exprimindo elle a acção mais energicamente. Elle ficou-se com a fortuna significa que o sujeito ficou com a fortuna definitivamente para si, ou que a tomou a outrem sem intenção de a restituir; ao passo que em elle ficou com a fortuna o verbo tem

sentido mais vago, equivalendo por ventura simplesmente a «coube-lhe em sorte a fortuna». Ao verbo ir, que na forma activa denota locomoção no sentido geral, damos a forma ir-se quando o acto é definitivo, ou violento ou equivale a desapparecimento. Assim distinguimos Antonio foi para o mato, Antonio foi-se para o mato e o dinheiro foi-se.

Por estes exemplos vê-se que, sendo o sujeito um ente animado, o pronome reflexivo mostra que elle é vivamente interessado no acto que executa. O interesse consiste ás vezes na satisfação de um impulso, mostrando-se o sujeito despreoccupado do mundo exterior. Tal é a causa do emprego do verbo medial nestes passos:

E assim por esta razão, que por si só bastava, como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, estou-me na minha cella (Vieira, Cartas 2, 158) — Porem Elias... Estava-se no seu paraiso, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade (Vieira, Serm. 1, 1112) — Eu me vou passando as ferias em Villa Franca, onde alternativamente vai tendo seus oito dias toda a nossa universidade (Vieira, Cartas 1, 229) — Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nas suas grutas, e não ha nenhū tão grande que se fie do homem (Vieira, Serm. 2, 315).

As formas partir-se, subir-se e descer-se, de uso frequente em portuguez antigo e na linguagem da Renascença, differiam de partir, subir e descer em alliarem ao conceito de locomoção o de resolução firme ou de movimento brusco. Partir-se emprega-se, alem disso, tambem como synonymo de «apartar-se, separar-se»:

Fazem que se atreva Fernão Velloso a hir ver da terra o trato e partir-se co elles pelo mato (Cam., Lus. 5, 30) — Já da real presença veneranda se parte o capitão pera onde peça... embarcação (ib. 8, 78) — Co elle parte ao caes (ib. 8, 79) — Diz que lhe daria embarcação bastante em que partisse (ib. 8, 80) — Não parte o Gama em fim, que lho defende o regedor (ib. 8, 84) — Do porto amado nos partimos (ib. 5, 1) — Começa a embandeirar-se toda a armada... por receber com festas e alegria o regedor das ilhas que partia. Partia, alegremente navegando, a ver as naos ligeiras lusitanas (ib. 1, 60) — Isto disse, e nas aguas se escondia o filho de Latona; e o mensageiro co'a embaxada alegre se partia pera a frota no seu batel ligeiro (ib. 2, 89) — Antes de me partir para o Brasil (Vieira, Cartas 2, 221) — Estes navios se partem tão arrebatadamente como quem vai fugindo á morte (Vieira, Serm. 2, 277) — Põe-se a cavallo, parte-se

para sma casa (ib. 5, 520) — Na terra cautamente apparelhavam armas e munações, que, como vissem que no rio as naos ancoravam, nellas ousadamente se subissem (Cam., Lus. 2, 17) — Começou a chover o diluvio de Noé... subiram-se os homens aos quartos altos... subiram-se aos tefhados... subiram-se ás torres... subiram-se aos montes... Postos neste estado, os homens já não tinham para onde subir (Vieira, Serm. 3, 293) — Dece-se [o rey] do trono real em que se assentavam sempre os reys, conforme o costume daquelles tempos: rasga a purpura, veste-se de hum aspero cilicio (ib. 5, 145) — A mayor fineza que fez por nós aquelle incomparavel espirito, para desengano e remedio do reyno, foy decer-se da magestade á alteza (ib. 13, 57).

De rir e sorrir, na forma activa, diversificam rir-se e sorrir-se em vir o riso ou sorriso acompanhado de um sentimento intimo de zombaria, gracejo, contradição, descaso ou descrença. A frase nesta casa tudo ri significa a pura manifestação da alegria. Troque-se ri em ri-se, e entenderemos que a alegria vem com malicia. Empregase, comtudo, ás vezes a forma activa onde conviria a forma medial. Cotejem-se os exemplos:

Disse então a Velloso hum companheiro - começando-se todos a sorrir: «Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro he milhor de decer que de subir». (Cam., Lus. 5, 35) — Que tarantula tomou a esse doudarraz de Minos, que ri ás gargalhadas? (Fil. Elysio, 19, 247) — Tam bem são nella [tragedia Astrate] manejadas as paixões que os espectadores ás gargalhadas riem desde o principio da tragedia até ao fim (ib. 19, 265) — E ria-se com a mesma alma e a mesma intelligencia, da galhofa de Gil Vicente que os herejes como Erasmo admiravam e applaudiam (C. Castello Branco, Boh. do Esp. 283)

— E a côrte de D. João 3.º, o Inquisidor, a rir as escancaras (ib. 284) - Mas onde está a thaumaturga, que fez o milagre de converter este celibatario emerito, que cu conheci em Lisboa a rir-se do casamento? (Din. Morg. 2, 200) - Com grande espanto meu, ella olhava-me de longe sorrindo e na apparencia decidida a dirigir-me a palavra (Din. Ser. da Prov. 138) — Rindo-se das suas proprias façanhas (ib. 150) — Sorri-me á observação e continuei (ib. 156) — Se, pelo contrario, alguma cousa acontecia, que fizesse sorrir o filho - se as caricias lhe estancavam as lagrimas, olhava-o, esperando quasi vel-o sorrir tambem (ib. 168) - Dei a entender isto mesmo a Thomaz, elle sorriu (ib. 188) — Com o tempo falaremos [disse]. E riu-se (ib. 194) — Sorri-me da ingenuidade da confissão (ib. 196) — Apresentou-me logo á mãi, que, ao cumprimentar-me, sorriu e me fez signal de não falar a Thomaz na carta que eu recebera della (ib. 198) — Cada qual no gabinete lê uma obra de duvidosa moralidade; ri-se, diverte-se com a leitura (ib. 226).

Lembrar (a alguem alguma cousa) é verbo causativo. Diz o mesmo que «fazer alguem lembrar-se»,

« suggerir a lembrança», como em lembrei-lhe a promessa que me fizera. Nem sempre a causa determinante é, como neste exemplo, um agente pessoal; a memoria tambem pode ser despertada por uma cousa, um facto qualquer. As vezes as imagens do passado acodem ao espirito como que espontaneas, sem causa apparente. Para todos estes casos costumam os escriptores portuguezes, sobretudo os modernos, utilisar-se do verbo lembrar na forma activa, reservando a forma medial lembrar-se de preferencia para o despertar de idéas resultante do esforço proprio de meditar e em harmonia com elle. No Brasil não é uso distinguir tanto. Dizemos lembrar quando o agente é pessoal, como no exemplo acima, e para o mais serve-nos perfeitamente lembrar-se « de alguma cousa » ou « de alguem ». Trechos de autores lusitanos:

Lembra-me acerca do entranhavel medo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos Mouros (Mend., Jorn. de Afr. 2, 10) — Lembra-me que fui um dia a um carcere destes visitar um cativo, onde vi hum judeu mui bem disposto e membrudo (ib. 2, 12) — Comtudo lhe pediram que se lembrasse do que os soldados daqui pretendiam (F. M. Pinto, 3, 160) — E passando eu no caminho pela porta Appia... vendo muytos pedaços de edificios antigos... me lembrou que lera em Fulvio... que aquelle era o lugar... E tambem me lembrou que lera isto em S. Augustinho (H. Pinto, 1, 282) — Mas quando pensava que seria padre, lembravam-lhe aquelles que tantas vezes vira em casa da Sra. Marqueza (E. de Queiroz, Padre Am. 29) — Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar o Breviario, mas estava fatigado, vinham-lhe distrações, lembravam-lhe as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur, sobretudo o perfil de Amelia (ib. 69) — Diante della, ao pé della, quando a via, não lhe lembrava que elle era — o padre Amaro, parocho da Sé (ib. 98) — Adeus, mãi, adeus. Pense em mim e lembre-se de... Paulina (Din. Ser. 181) — E qual é a mãi que se não lembra de seus filhos? (ib.).

O contrario de lembrar-se é naturalmente esquecer-se. A par desta forma medial possuimos, para casos especíaes, a forma activa esquecer, usada ora como verbo pessoal, ora como verbo impessoal com o dativo do nome da pessoa a quem a memoria falha. Com esta ultima linguagem se assignala que alguma lembrança não acode de pronto ou no momento opportuno; ao passo que esquecer uma pessoa a outrem, esquecer cousas, actos ou sentimentos que occupavam a attenção, é cessar de

pensar, de dirigir a attenção em tal sentido, e pode equi-

valer a «desprezar», «não fazer caso».

Postas estas differenças geraes como pontos culminantes, cumpre todavia advertir que na pratica podem apparecer apagadas as fronteiras entre as tres maneiras de dizer. Assim, falando de algum objecto que, por desattenção e contrariamente ao desejo, se deixa de levar a outro sitio, emprega Din. Ser. da Prov. 155 o verbo na activa: Thomaz esqueceu isso um dia de manhã sobre a mesa, o que é differente de esquecer estudos. Outras vezes, onde podia estar esquecer alguma cousa a alguem, escreve-se de preferencia esquecer-se alguem de alguma cousa. Esta linguagem é a mais usada no Brasil.

Exemplos portuguezes com os tres typos de linguagem:

Aquella sombra, ou antes aquelle corpo... afastou-se alguns passos e voltou-se de novo, passando em revista todas as janelas com escrupulosa attenção; porem esquecendo-se neste exame exactamente da unica que o havia trahido (Din. Serm. da Prov. 133) — E assim eu me deixava então enlevar pela reminiscencia das passadas scenas, que tão profundamente me fazia esquecer tristezas e alegrias presentes (ib. 136) — Talvez que essa idéa esquecesse (ib. 144) — Respondi ao abbade, que me havia dirigido não sei que pergunta que por insignificante me esqueceu (ib. 157) — O medico e o abbade esqueceram por um pouco a reciproca antipathia (ib. 163) — Esquecer Thomaz! (ib. 176) — Ia-me esquecendo toda a etiqueta, levantou-o ao ar como lhe fazia em criança (ib. 190) — E esquecendo até o habitual laconismo (ib. 183) — Agostinho esquecera-se de comer (ib. 235) — Ao ouvir estas palavras, Augusto esqueceu toda a hesitação (Din. Morg. 2, 256) — Não lhe podiam esquecer as claras eiras (E. de Queiroz, Am. 32) — As vezes mesmo esquecia-se de marcar (ib. 68) — Se ás vezes ao deitar lhe esquecia uma Salve Rainha, fazia penitencia no outro dia (ib. 74) — E não podia esquecer aquelles beijos de noite no pinheiral serrado (ib. 85) — Resolvia então esquecel-a (ib. 104) — Veja lá, não lhe esqueça alguma cousa, sr. parocho (ib. 137) — Tel-a-ia esquecido? (ib. 146) — Desejou esquecel-o [ao padre Amaro] (ib.).

Adverbios: especies, formas e significação

O adverbio é um vocabulo determinativo do verbo, do adjectivo ou de outro adverbio. Accrescenta a estioutras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem comtudo exercer, como o accusativo, o dativo e o objecto indirecto circumstancial (veja pag. 184), função puramente

complementar.

Dos adverbios latinos, originados, na maior parte, de nomes ou pronomes, poucos passaram ás linguas romanicas. Enriqueceram-se estas todavia com algumas formações desconhecidas do latim literario, com varias creações novas e, em especial, com os adverbios em -mente que se tiram de adjectivos. Esta terminação nada mais é do que o ablativo do lat. mens, v. g. em bona mente. Por algumas locuções deste typo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um suffixo derivativo.

Innumeraveis são as locuções adverbiaes resultantes da combinação de preposições com substantivos. Differem dos adverbios propriamente ditos apenas por serem frases mais ou menos longas. Na pratica muitas vezes se lhes applica, por commodidade, o nome de adverbios. Com prudencia, com energia, com brandura, etc. equivalem a prudentemente, energicamente, brandamente, etc.

Por este processo de combinar preposições com substantivos se crearam acima, em cima, por cima, em baixo, debaixo, para baixo, á força, por força, de pressa, com pressa, de dia, de noite, de manhan, á manhan, apenas, a gran

des penas (port. ant.), de coração, de maravilha, de graca, a fio, sem duvida, por um triz, ás rebatinhas, em silencio, de corrida, no mesmo ponto, de vagar, com effeito, em verdade, a caso (port. hod. por acaso), de nenhum modo, de proposito, de industria, de caso pensado, dest'arte, desta maneira, por ventura, emfim, por fim, a giros, etc. Escreve-se hoje ligado arriba (em vez de a riba), acima, debaixo, emfim. Em algumas locuções fica subentendido o substan-

tivo (maneiras, maneira, moda, modo, etc.): ás occultas, á ingleza, á franceza, ás direitas, ás boas, ás claras, ás cegas,

ao natural, etc.

Algumas vezes, por analogia de outros adverbios, antepoz-se preposição a adverbio preexistente: de subito

(a par de subito), de repente, de certo.

Da combinação, em periodo romanico, de preposições com outras preposições ou com adverbios procedem: depois \(\) de pos (de post), de ante, de tras (de trans), ácerca, dentro (de intro), então (intunc), assaz (ad satis).

Dividem-se os adverbios segundo a sua significação em adverbios de tempo, de lugar, de modo, de negação, affirmação, de duvida, de quantidade, de ordem. Muitos dentre elles exprimem condições e circumstancias de caracter determinado; outros denotam conceitos capazes de augmento ou diminuição. Estes ultimos são, como os adjectivos, susceptiveis de graus de comparação.

Faremos em seguida o historico de alguns adver-

bios.

Adverbios pronominaes — Originaram-se os nossos adverbios aqui, cá e lá das formas ablativas hic. hac do pronome demonstrativo latino agglutinadas a outras palavras (eccu(m), ill(e). Ahi, outrora hi ou i ainda que pareça filiar-se a ibi, é provavelmente o proprio vocabulo hi(e) com função adverbial. Ali procede de illic. Poderiamos, pois, attendendo á etymologia, classificar as formas portuguezas como adverbios pronominaes.

Alem das formas cá e lá, occorrem em port. ant. acá e allá com a variante allór e, como estas têm sentido directivo, deve-se concluir que se trata aqui da

junção da preposição a áquellas antigas formas:

Nunca ouvemos tal tenpo pera fazer a vontade de aquelle que nos aqua enviou (S. Josaph. 32) — Temerő-se de nő ir elrei allo

aaquella festa (ib. 30) — Pois di-me, filho muito amado, como veeste acá e que se fez de ti depois que me de ti parti (ib. 44) — Elrei Barachias foi-se logo alla co muita gente (ib. 48) — Logo foy alla apos elles (S. Graal, 7) — A menos de el Rei allo hir com seu poder (F. Lopes, D. J. 130) — Foi Nun Alvarez alla por fallar ao Meestre (ib. 362) — Foi alla muita gente pera esto (ib. 316).

O moderno ahi adquiriu a inicial a por influencia de aqui e ali. Em escriptores quinhentistas ainda se encontra a cada passo o adverbio sem a vogal prothetica. Por esta mesma epoca vogava o emprego do dito adverbio na expressão hi aver com significação identica ao francez y avoir, não sendo porem obrigatorio em portuguez o emprego da particula. Assim, a par de frases com o verbo existencial simples, apparecem exemplos como os que se seguem:

Elles movem-se com dizerem que he verdade que não ha i verdade. Se hi não ha verdade, logo elles nã na dizem (H. Pinto, 2, 62)—[Alexandre] ouvindo dizer a Anaxarcho que avia hi muytos mundos, se pos a chorar (ib. 2, 68)—Averá hi sinaes no sol, e na lua, e nas estrellas (ib. 2, 169)—Onde ha i sol, ha i sombra (ib. 2, 592)—Onde ha i muyto beber, não ha i segredo (ib. 2, 613).

U (hu), onde, donde, aonde — Para denotar σ lugar de presença, e o lugar de procedencia, serviram á linguagem antiga os adverbios u (lat. ubi), também graphado hu, e onde (lat. unde), podendo ambos fazer as vezes de pronome relativo:

Perguntou... que lhe dissesse, hu era o escudo, onde [= de que] tamto fallavam pella terra (S. Graal 33) — Soo aquella aruor sta ho muymento, honde saae a voz (ib. 41) — Aquel cavalleiro honde [= de quem] me vos fallastes (ib. 83) — E perguntou-os honde [= de que lugar] eram (ib. 84) — O lugar u pousava (S. Josaph. 15) — U he aquel enganador (ib. 20) — Mostra-nos a casa u mora (ib.).

Como porem a noção de procedencia se indicava em geral pela preposição de, creou a analogia o pleonasmo donde, o qual já em bem antigos documentos occorre ao lado da forma primitiva e com a mesma accepção. No Santo Graal lê-se:

Ataa que sayba donde saaem estas vozes [a par de: quem soubesse honde estas vozes saaem (59); contou-lhe donde era (36); donde veeo ho scudo (35)].

A vulgarisação de donde, tão expressivo para denotar procedencia, deu lugar a crer-se que o mesmo vocabulo, desprovido da caracteristica particula de, era tão sómente o synonymo do adverbio u. A esta modificação semantica precedeu naturalmente um periodo de confusão, de que dão eloquente testemunho estes passos do Livro de Esopo:

Pol-a [a linha] darredor da arvor domde a aguya tijnha sseus filhos (19) — Chegou a rraposa ao pee da arvor omde a aguya tijnha sseus filhos (18) — Levou-hos a hūu ninho hu estavam sseus filhos (18).

Superfluo pareceu afinal o adverbio u, e fadado a desapparecer. Na segunda phase do port. ant. vai escasseando o seu emprego, até tornar-se raridade na linguagem quinhentista e seiscentista, onde se nos depara combinado com o artigo sob a forma interrogativa ulo (significando «onde é o», «onde está o») e, até, adullo por influencia do superfetado adonde, de que adiante falaremos:

E ulas cavallarias que tendes para me levar (G. Vic. 3, 46) — Onde está o entendimento? Ulo ser e autoridade de fidalgo? (Sousa, Arceb. 1, 433) — Adullo o teu malvaisco, Britez filha, e o solimão? (Mello, Fid. Apr. 25) — Pois adullos mariolas? (ib. 52).

Ulo podia vir seguido de um demonstrativo como

em G. Vic., 3, 67: Hulos esses namorados?

Cedido o posto do antigo adverbio ao vocabulo onde, nem por isso se mostram d'ahi por diante convencidos os escriptores de que o termo sem algum reforço preposicional basta sempre para indicar o que o lat. ubi indicava; e assim aonde e donde, só ou augmentado em adonde, passam a usar-se tambem como synonymos de onde.

Exemplos quinhentistas:

Poderia passar a gente nos bateis das naos a outra banda do rio, donde a fortaleza está situada (Mend., Jorn. de Afr. 1, 40) — Na casa donde estes homens estavam com o capitão (ib. 1, 98) — Tornando ás tendas donde passámos a noite (ib. 1, 99) — Donde estará ella agora? (J. Ferr., Ulys. 357) — Verás a ultima terra adonde viviam tres irmãs (Castr., Ul. 7, 71) — Num aposento adonde repousando em alto

sono a Gorgoris achava (ib. 8, 13) — Undoso leito, donde repousava o mar (ib. 1, 30).

Exemplos seiscentistas:

Nem o será nunca aonde a ley e a religião não for a mesma (Vieira, Serm. 8, 486) — Isto acontece aonde falta a resolução (ib 8, 486) — E logo me ausentey daquelle lugar para este aonde agora me vedes (Bern., N. Flor. 2, 75).

Abundantes exemplos de aonde por onde encontram-se em Vieira, Serm. 14, 130-131:

Roma, aonde os exemplos de todo o genero de virtudes são tantos... em outras cidades e côrtes do seculo, aonde o costume dos vicios se fez ley — No inferno, aonde todos são maus, nenhum se envergonha dos outros — Porque ha de envergonhar-se hum demonio, aonde todos são demonios, e hum condenado aonde todos são condenados? — Aonde a cobiça... se tem por fortuna e se inveja, quem se envergonhará de ser avaro? — Aonde a maior arte he o engano... quem se envergonhará de mentir?

Exemplos setecentistas:

Por saber donde habite, ou quem seja ella, seguiu, voando, os passos da donzella (Durão, Caram. 4, 7) — Nem cuido que outro [terreno] visses mais ameno, nem donde com mais gosto a gente viva (ib. 6, 176) — E na escura caverna, adonde Jove [outro espirito] espalha a luz tremenda (ib. 1, 10).

Donde e adonde foram usados tambem com significação directiva:

Leva-me adonde reynas (Bern., L. C. 500) — Levanta o coração adonde és chamado para a eternidade (Bern., N. Flor. 2, 75) — Sobe até donde quer (Mello, Ap. Dial. 272) — São como mercadorias, que segundo a parte donde [= para onde] se encaminhão, valem ou não valem (ib. 272).

Muito dignos de ser notados são estes passos de Mello, Ap. Dial.:

FONTE V. Emfim, donde [= para onde] o levão agora?
Sold. A deytallo no mar como cisco, ao que suspeito (272) -Donde [= onde] os não houve? (279) -- Auth. Aonde [= onde] força
ha, direito se perde. -- Bocalino. E ás vezes onde não ha força (299).

Do dialogo á pag. 8 do Fidalgo Aprendiz, do mesmo autor, conclue-se que donde são? equivale a unde sunt e donde estão? a ubi sunt.

Apesar de todos estes exemplos e outros que deixamos de mencionar, prevaleceu a doutrina de considerar taes casos como applicação secundaria ou impropria dos adverbios onde, donde e aonde, cabendo-lhes expressar respectivamente a noção locativa, a de procedencia e a directiva. O port. literario hodierno cinge-se a esta regra e não toma para modelo exemplo classico que, por ventura, della se afaste.

Porende, porém — Filiados ao adverbio latino proinde e respectiva forma abreviada proin, usam-se na antiga lingua portugueza, porende e porém, tendo ambos o sentido de « por isso»:

E vay-se tam toste que o nom poderedes já oje acalçar. E porende vos louvaria de ficardes (S. Graal, 116) — Comendo do fruito que lhe elle defendera, e porē foi tirado e lançado do paraiso terreal (S. Josaph. 10) — Quando elrei esto ouvio, sospeitou que algūa sanha ouvera delle o infante, e que porē se partira delle (ib. 18) — Destruio pois porende o castello (S. Graal, 90) — Me parecem poucos; por emde tornei pera me dardes mais vassalos (F. Lopes, D. J. 17) — [O Meestre disse] que nom compria a seu serviço de se desavirem a tall tempo: e que porem lhe rrogava que em tall sazom nom ouvesse com elles desaveemça (ib. 361).

Deu o uso geral a preferencia ao termo mais curto, de modo que *porende*, cada vez mais raro, acabou por extinguir-se, ficando desconhecido do port. mod. Mas a palavra *porém* não penetrou na linguagem da Renascença sem uma notavel transformação semantica. Em vez de significar « por isso», « por essa razão», passa a dizer o mesmo que « mas», « apesar disso», « comtudo». Deixa de expressar a noção de causa determinante de certo acto, para denotar opposição de idéas ou pensamentos. O primitivo adverbio transmuda-se em conjunção adversativa.

Ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por ellas que principiou a transição semantica. Cotejem-se com a linguagem antiga certos passos do falar moderno, nos quaes, sem prejudicar o sentido, se poderia substituir não porém por não por isso, ou nem por isso:

Forom feridos... nom porem de perigosas feridas (Zur. Guiné, 452) — E ainda que quando o levaram diante del-rei desmaiou, não

desfalleceu porem em sua firmeza, mas foi hum natural pejo (Mend. Jorn. de Afr. 2, 129) — A corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas não quebraram porem os duros animos dos crueis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra (ib. 2, 122).

A origem adverbial de *porem* dá a razão da possibilidade de collocar-se esta palavra no meio e, até, no fim da oração, lugar improprio das conjunções:

O forte Baçaim se lhe dará, não sem sangue porem (Cam., Lus. 10, 61) — Dizem. Eu não o creio porem (Garr., Viag. 1, 68) — O floreo nome não te engane porem (Castilho, Fast. I, 93).

Operada a alteração semantica, só pela lei de inercia se explica o continuarem os quinhentistas a empregar as linguagens e porem, mas porem nas orações adversativas. Leitores modernos dos Lusiadas attribuiram a segunda expressão a liberdade poetica, deslise ou cousa que o valha. Sem razão; ella occorre mui frequentemente em João de Barros e outros e, até, em Fernão d'Oliveira. São deste grammatico os exemplos seguintes:

Desta letra q parece Quintiliano duvidar... a quem segue Diomedes, mas porem Marciano diz outra cousa, e comtudo os latinos aperfiem comsigo (40) — Mas porem para saber todas estas cousas requere-se ler e ver muyto (66) — Mas porem podemos saber (70) — Mas porem se achassemos húa cousa nova (83) — Mas porem dos nossos e tirados ha hi alghús que não seguem a regra que demos (98) — Mas porem dos verbaes... tiraremos isto (ib.).

Posto que a differença de significação do vocabulo porem seja um dos característicos entre a linguagem antiga e a moderna, cumpre notar que no antigo falar já podiam occorrer, de quando em quando, frases em que porem teria o sentido que se lhe dá hoje, como nestes exemplos:

Nom embargamdo esto que assi he dito... algüus porem teem oppeniom que amballas cousas que dissemos... neeste feilo concorrerom (F. Lopes, D. J. 330) — Era hüu homem pequeno de corpo, de boas feições poremde (ib. 314).

Pois, depois — Da particula latina post procede a forma portugueza pois, usada a principio como adverbio e logo como conjunção. Ao adverbio simples não tardou a preferir-se a forma reforçada depois e tambem despois.

existem comtudo na linguagem antiga exemplos da forma simples empregada com função adverbial e tendo o senido de « mais tarde »:

Quando el esto ouvjo, sayo e foy-sse ao paaço. E pois achou eu filho com gram companha de cavaleiros que vinham com elle do orneo (S. Graal 52)—E fez logo húa promessa que em toda aquella lemanda nom comesse senam pam e aguoa; e teve pois esta pronessa muy bem (ib. 119)—Em tam foy a seu cavallo e cavalgou : leixou o cavaleyro e a donzella que bem fezerom pois quanto proneterom (ib. 121)—Daquel cavaleyro e daquella donzella sayo pois icanor o grande, boo cavaleyro, que matou meragis (ib. 121).

Talvez — Antigamente, quando não havia plena cerceza da veracidade de um facto, era costume inserir a resalva por ventura na informação que a outrem se dava. Hoje damos preferencia a talvez, tendo-se perdido de codo o sentimento da accepção primitiva deste dizer. Não reparamos, sequer, na juxtaposição tal vez, com que se lenotaria, não a duvida por parte do individuo informante, mas um conceito de tempo referido ao verbo la oração.

Tal vez foi a principio, de facto, nada mais que um adverbio de tempo, significando «certa vez» «alguma vez», «uma vez por outra»:

Deus nosso Senhor no Testamento Velho commummente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac e a outros. E tal vez fallou de hūa çarça, como a Moyses; tal vez de hūa tempestade como a Job (Vieira, Serm. 12, 75) — Daqui naceu o ditado los marcantes, que tal vez basta hum pão para fazer cem leguas, e lal vez para fazer huma legua não bastam cem pães (ib. 8, 176) — Muitas vezes passava os tres e os quatro dias, e tal vez a semana inteira, sem comer bocado (ib. 8, 184) — Tal vez convem a afabilidade com o amigo... e tal vez convem... mostrar-se austero ainda ao igual (Mello, Ap. Dial. 148) — Tal vez succede que a mãi ama lom maior excesso o filho de que teve peyor parto (ib. 405) — Agora los parecem altos montes, agora soberbos edificios; tal vez rios caudalosos, e tal vez fresquissimos arvoredos (ib.) — Algumas [testemunhas le vista] juraram que tal vez, dizendo-se missa, succedeu florecer a lasula e o calix, com que o sacerdote a dizia (Bern. N. Flor. 2, 321) — Hião amontoados [os cadaveres] em grandes carroças... e pendurados braços, pés e cabeças, que tal vez se despedaçavão entre as rodas. Não havia mortalha bastante, e andavão estas ás rebatinhas. Tal vez evio hūa criança ainda viva puxar pela teta da mãi já morta (ib. 3, 74).

Nos Sermões de Antonio Vieira ha muitos exemplos como os precedentes, mas tambem já apparecem

outros em que a expressão adverbial pode ser interpre-tada no sentido que se lhe dá hoje. Isto quer dizer que já então se vinha operando a evolução semantica. Tal vez referido, a principio, sómente á incerteza da epoca dos successos, passava a applicar-se á incerteza da realidade dos mesmos successos. Sem embargo desta evolução, perduraram ainda longo tempo reminiscencias do antigo uso.

No Caramuru de Santa Rita Durão (1781) depa-

ram-se-nos os exemplos seguintes:

A lingua aprendem, recebendo alimentos commutados pelas especies que ao gentio vendem; talvez os tem co'a cithara encantados, talvez com cascaveis todos suspendem; mas o objecto que a vista mais lhe assombra é ver dentro do espelho a propria sombra (6, 67) — De ouro fino os cabellos pareciam... e uns dos outros talvez se dividiam, e outra vez um com outro se enredava (10, 3).

Embora — Posto que a instituição dos oraculos e agouros estivesse morta desde muito tempo, perdurou na era medieval, e ainda na idade moderna, a crença de que o exito dos actos humanos dependia da hora em que eram emprehendidos. D'ahi o costume de se accrescentar a frases optativas ou imperativas, por sinceridade, ou mera cortezia; a locução em boa hora. Se dominava a má vontade para com outrem, e convinha manifestal-a, recorria-se, pelo contrario, ao agouro em hora má.

Entre gente menos educada a necessidade de desabafar o malquerer era tão imperiosa como a de expressar desejos bons; e o frequente uso de em hora má na boca do povo teve por effeito não sómente conglobar-se a locução em um só vocabulo, mas ainda ficar este alterado e desbastado em eramá, ieramá, aramá, e transformado, até, em amará. Comedias e farças do seculo XVI consignam estes plebeismos. Amara (leia-se amará) occorre em Gil Vicente 3, 73 (2 vezes) e 3, 74.

O agouro benevolente enunciado pela formula em boa hora entende-se claramente de passos como os seguintes:

Vaamos em boa hora nosso caminho (Zur., Guiné 337) — Que dissesse em boa hora o que lhe aprouvesse (ib. 186 — Venhaes em boa hora... e nam perdocis a minhas orelhas, porque já entendo ao que vindes; avezado sou a ouvir cousas que me dão pena (Arr. 555).

Fundiu o uso as tres palavras em uma só, embora, sendo adoptada sem o minimo escrupulo pela linguagem literaria. Deixando em silencio, por desnecessarios, outros muitos exemplos de escriptores antigos e modernos, mencionarei apenas isto de Vieira: Vay-te embora, ou na má hora (Serm. 1, 208).

Tornou-se usual acompanhar a forma imperativa de ir e vir dos votos de bom exito. Esta noção, comprehendida no adverbio embora, desluziu-se da consciencia hodierna, que confusamente descarrega nelle o conceito de «afastamento», como se os verbos não dissessem já a mesma cousa. Com este criterio, e desconhecendo-se o sentido que outrora teve o adverbio embora, torna-se inintelligivel o seu emprego junto a verbos que denotam repouso, v. g. em Vieira, Serm. 11, 422:

Queria Christo introduzir o Sacramento, e lançar fora o cordeiro da Ley, e para isso permittio que o cordeiro estivesse *embora* na mesma mesa com o Sacramento: que desta maneira se desterram com suavidade as sombras das leys velhas... Estejão agora juntos o Sacramento e o Cordeiro, que amanhã irá fora o cordeiro, e ficará o Sacramento.

Não se usou este adverbio sómente para augurar bem ou desejar hora propicia ás empresas humanas. Introduziu-se tambem em orações optativas e outras para denotar que se concede a possibilidade do facto, ou que o individuo que fala não se oppõe ao seu cumprimento. Da alteração semantica dão testemunho os seguintes passos:

Ria embora quem quizer, que eu em meu siso estou (G. Vic.)

— Respondeu por vezes que morressem muito embora, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados (Vieira, Cart. 1, 118) — O que está mais longe perca-se embora (ib. 1, 463)

— As promessas do premio dilatem-se embora (Vieira, 2, 395)

— Honrem-se embora com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação (ib. 5, 360) —

Mate-me embora, comtanto que seja imperador (ib. 5, 466) — Mas Francisco Xavier, venha-lhe embora a tentação dormindo, que dormindo e acordado, sempre está seguro (ib. 8, 104).

Desta pratica veio o transformar-se, em port. hod., o adverbio *embora* em conjunção concessiva, mudando-se naturalmente a contextura das orações. A principal pas-

sou a servir de subordinada, e a correlata despe-se da particula que, convertendo-se em principal, dizendo-se v. g.: embora honrem essas arvores os seus montes, os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação. Em Filinto Elysio 14, XIX já se encontra: embora cumpra o traductor com esses tres deveres.

Adverbios extintos

Alguns adverbios do falar antigo cahiram em desuso, acabando por ficarem de todo esquecidos, em virtude da concorrencia triumphadora de outros dizeres de significação equivalente.

Suso, a suso; a juso*) — Correspondiam os dous primeiros ás modernas dicções acima, para cima, ao passo que o terceiro exprimia a noção opposta de abaixo:

De X maravedis a ssuso dem 1 maravedi, e de X maravedis a iuso, dem meio maravedi. (Foros de Santarem 1179, ap. Port. Mon. Hist. L. et Cons. 404) — Aquel de que suso falamos (S. Josaph. 40) — Depártiam todas aquestas decimas e todas aquestas outras cousas, assi como suso é nomeado. (Tesiam. de Aff. II, 1. c. 16).

Estas expressões eram geralmente usadas na primeira phase do port. ant., mas ao mesmo tempo já se iam insinuando na linguagem *a cima* e *em fundo* para supplantal-as de todo mais tarde:

De dez maravedis *a cima* dem huum maravedi, e de dez maravedis *a iuso* meyo maravedi. (Foros de Beja, ap. 1. c. 641) — Paguem os direitos reaes... como *em fundo* som scritos (ib. 610).

A fundo, em fundo — O periodo aureo do dominio das locuções adverbiaes formadas com o substantivo fundo estende-se do seculo XIV ao seculo XV:

O lobo da parte cima, e o cordeyro... da parte de fumdo (L. de Esopo 10) — À rrã tirava pera fundo... e ho rrato tirava pera cima (ib. 11) — Virom vyr huũ cavalleiro por fumdo da ribeyra (S. Graal 15) — Deçeo afumdo c cavallgou (F. Lopes, D. J. 23) — Como o Bispo de Lixboa e outros foro mortos e lançados da torre da See

^{*)} De juso conservamos ainda o derivado jusante, que significa chaixa-mar».

afumdo (ib. 23) — Que tardada he essa que vos la fazees, que no deitaees esse treedor afumdo? (ib. 25) — Sahiu Nun Alvarez a folgar pela praya afumdo (ib. 63).

Posto que andasse em uso a palavra baixo e o seu derivado abaixar (encobrirom-se os de cavallo e os de pec em huñ baixo, F. Lopes, D. J. 170; abaixarom as lamças, ib. 159), as locuções em baixo, para baixo, servindo de adverbios eram em todo o caso no seculo XV ainda metaphoras arrojadas que vinham apparecendo rara e furtivamente.

Entre numerosos exemplos de *a fundo* do Livro Vermelho de D. Affonso V (Coll. de Ined.), depara-senos um de *abaixo* a pag. 477. Fernão Lopes, D. João, pag. 16, arrisca o adverbio *embaixo*, voltando porem logo ao *em fundo*:

E corremdo assi com grande prazer, descoseo o vemto os sinaaes de Portugall que hiam *em baixo* e ficarom pendurados... E disserom a ElRei que nom era bem de os sinaes de Portugall andarem assi *em fumdo*.

Dos quinhentistas em diante, em vez de em fundo, a fundo, etc., não se diz senão embaixo, abaixo, etc.

Acima, em cima — Se consideramos sómente o conceito de lugar superior, que ainda hoje denotam, evidentemente não devem figurar estes adverbios na lista das dicções cahidas em desuso. Mas o substantivo cima se usou, durante algum tempo, para significar a parte terminal de alguma cousa não sómente no sentido da altura, mas ainda no sentido do comprimento, designava fim, termo em geral. Assim dar cima ou cimar = dar fim, pôr termo: E lhe fezesse dar boa cima ao que começara (S. Josaph., 18); este he o que ha de dar cima aas aventuras (S. Graal, 11); e jará ainda hi tres annos, ante que cime sua pendença (ib. 136). Daqui veio a applicação secundaria, hoje desconhecida, do adverbio e locuções prepositivas, em que cima equivale a fim:

E por esto sofreo tanto que *aa cima* foi vencido (S. Graal, 103) — Depois que se conhoçerom, forom muy ledos e *aa cima* acordarom-se que se nom partissem (ib. 88) — Matou Meragis... assi como este conto devisará (= explicará) *em cima* do nosso livro (ib. 121).

Toste — Chegado ao francez tôt, pelo seu aspecto phonetico, usou-se todavia com accepção differente. Toste em nosso idioma queria dizer de pressa:

Quando virom hir tristam assi fazendo tam gram doo e hir tam toste, como se corressem em pos elle (S. Graal, 72) — Entame caeu el rei em terra, er levantou-se o mais toste que pode (ib. 81) — Começou-se de hir tam toste que nom ha beesta no mundo que a alcançar podesse (ib. 83).

Asinha — De mais vitalidade que o termo precedente, que desappareceu da linguagem no proprio port. ant., est'outro synonymo de *de pressa* occorre com grande frequencia ainda na linguagem dos quinhentistas:

Nunca me pareceo quando vos tinha que vos visse mudadas tão assinha em tão compridos annos de tormento (Cam., Son.) — Começou ho governador de fazer a fortaleza de pedra e barro pola acabar mais asinha (Castanh., 4, 43) — Quam asinha etles e ellas fenecem (H. Piato, 2, 240).

Estomee — Não se generalisou o uso deste adverhio no port. ant. Occorre frequentemente em concomitancia com entom em F. Lopes:

Entrarom estomee quantos quiserom (F. Lopes, D. J. 24) — Per ventuira estomee ou depois (ib. 16) — E falladas estomee muitas rrazoões (ib. 368) — Contra este nom seemdo ingrata, o promoveo estomee a alteza de gramde e homeroso officio (ib. 373).

Samicas (=talvez), cajuso (=por acaso), a fór (=á moda) e outras dicções de que temos noticia pelas obras de Gil Vicente, pertencem á linguagem plebéa ou provincial, e como taes não tiveram entrada na linguagem culta dos escriptores.

Deshi — Como synonymo de depois e alternando com este termo, se usou em port. ant. o adverbio desi (graphado tambem deshi e dessi), resultante da combinação da preposição des com o adverbio i (hi ou ahi). Encontra-se ainda com frequencia em João de Barros e Heitor Pinto.

E ferio aquel meo filho... E depois ao outro, dessi ao terceyro, dessi ao quarto, dessi ao quinto (S. Graal, 67) — Elle partio pera Estremoz, e desi pera Evora, e depois pera Monte Moor (F. Lopes, D. J. 162) — Mandou lançar em cada huñ seu harpeo e deshi começou de ferir nos Gigantes (Barros, Clar. 2, 26).

Inde, ende, en — A forma mais antiga, identica to lat inde, occorre em uma noticia de torto do tempo de Di Sancho I, publicada por Leite de Vasconcellos em Textos Archaicos 14, 15. A sua significação é « disso », « delles », « dahi »: filarū-li illos inde VI casales (= tiraramlhes disso seis casaes); que desfructarū e que li nunqua inde derū quinnõs (= lhes nunca disso deram quinhões). Em documentos posteriores apparece o mesmo ad-

Em documentos posteriores apparece o mesmo adverbio alterado em *ende*, usando-se raramente a respectiva forma contracta *en*, a qual se assignala em-

tanto na linguagem dos Cancioneiros:

Maravilhan-s'en (Canc. Aj.) — Ei noj'e pesar em (ib. apud Vasc. Text. Arch. 20 e 24) — Aja ende a meiadade (Nunes, Chr. Arch. 14) — Assi começamos nos hir apos ella e nom nos partirernos hende (S. Graal, 83) — Elrey, quee era ende mui ledo (ib. 1) — Que mal vos hende verra (ib. 84) — Maravilhou-se emde muito (F. Lopes, D. J. 139).

Este adverbio cahiu em desuso no seculo XVI. Em algumas obras anteriores á Chronica de D. João nota-se a sua ausencia ou, pelo menos, já a extrema raridade deste vocabulo. Fernão Lopes o empregaria como archaismo por espirito conservador.

Tamalavez — Encontravel uma ou outra vez em algum autor quinhentista ou seiscentista, o adverbio tamalavez entra no rol dos vocabulos de emprego raro. Não se pode affirmar que é reliquia de uso anterior mais generalisado, porque faltam as provas. Com a significação de «um pouco», «um tanto», «alguma cousa» foi empregado este adverbio por Francisco Manuel de Mello:

Hora que livro bem encadernado e meihor impresso he essoutro, que está ali diante roido dos ratos tamalavez? (Ap. Dial. 336), — Se houver lugar podeis aqui tamalavez detervos com dous manuscriptos encadernados, que não parecem senão livros (ib. 388).

E do mesmo modo se interpreta o sentido do adverbio nestes passos de Gil Vicente:

Má nova he essa pera mi. Se assi for como dizes, digo qu'eramá cá vim. Porem esperae-me assi, fallarei tamalavez (1, 269) — Ide antre as nove e as dez; assoviaes vós bem, meu rei? Ou tossi tamalavez, que logo vos entenderei (ib. 2, 157) — S'eu trouguera mais vagar, sorrira-me eu tamalavez (ib. 1, 247).

Na Chronica dos Frades Menores (ed. Nunes) occorre o adverbio *malaves*, que parece relacionar-se com tamalavez. Nos dous exemplos apontados pelo commentador, o sentido é porem diverso. Malaves equivale a « apenas », « difficilmente »:

E vio aquelle fraire levantar-se e estava ferventemente em oraçom e foy levantado em no aar aquella noite tres vezes ataa altura do paço e fazia em no aar tam grande chamto e choro por alma de aquelle senhor que malaves foy visto alguum que a tam amargosamente chorasse por seus parentes e amigos finados (1, 57)— E o poboo dava vozes, dizendo comtra os fraires que esto era feito por arte diabolica... E aa çima [— finalmente] malaves amansado o poboo, [o diabo], ouvindo todos, ameaçava a frey Antonio (2, 208).

Adverbios pleonasticos

Os adverbios logo, agora, e hoje, occorrem ás vezes accrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo este reforço por fim dar ao adverbio mais vigor e emphase. Para o primeiro destes vocabulos permitte o, falar hodierno a repetição logo logo e tambem certos dizeres como logo no mesmo instante, logo no mesmo dia, etc. Em port. ant. e ainda na linguagem popular do seculo XVI se dizia logo essora e logo nessora:

Mando que logo nessora se cumpra o que tens pedido (G. Vic., 1, 377) — Como o rato sente o gato, me sentira logo essora (ib. 1, 363) — Já t'eu dera hűa tamanha, que tu foras logo essora (ib. 3, 226) — Eu virei logo nessora, se m'eu la não detiver (ib. 3, 38) — Ellas [companhias] virão logo essora (ib. 2, 45) — I buscar asinha logo nessora hűa honrada lavradora de leite pera criar (ib. 3, 25).

Ao adverbio agora ajuntava-se pleonasticamente estinora, tornando-se porem o sentido igual ao que hoje se diz por agora mesmo, ha bocadinho:

Não falleis em Deus agora, porque está aqui Pedreanes, que chegou agora est'hora (G. Vic., 3, 250) — Caroto: Ha muito? [subentende-se: que passou o rasto do ladrão?]. Draguinho: Agora est'hora passou por estes penedos. Eil-o aqui fresco d'agora não ha meia hora, nem creio que ha dous credos (ib. 2, 18).

O sentido de hoje avivava-se pelo accrescimo de Em este dia ou este dia. Bastantes exemplos se colhem em Vida de S. Amaro, texto publicado por O. Klob:

O meu senhor deus que me tanta graça fez que me oje \tilde{e} este dia mostrou a cousa deste mudo que eu mais desejava de veer (511) — Eu ey desejos muy grandes de meus copanheiros de que party oje este dia (513) — Oje em este dia averedes huñ boo ospede e de muy sancta vida (514) — E oje em este dia veeredes quanto \tilde{e} este mudo desejastes (515) — Que oje \tilde{e} este dia eu vejo quanto bem em este mudo cobijcey (516) — Oje em este dia aa hora de terça (517).

Desta antiga locução pleonastica conservou o port. mod. a dicção hoje em dia, a qual porem já desde o seculo XVI apparece com o sentido alterado. Em lugar de se referir sómente a um dia, passa a significar vagamente a epoca actual. Pouco usada como synonymo de hoje em dia é o dia de hoje:

Inda que a terra Santa e os lugares della estem ao presente quasi de todo destruidos, tem-se o dia de hoje tão particular memoria das cousas que a Escritura Sagrada a faz, que parece de fé o que contam os da terra (Arrais, 317) — Esta amizade... ha hoje em dia entre os varões justos (H. Pinto, 2, 288) — Muytos ha hoje em dia, que com verdade se podem chamar sal da terra e luz do mundo (ib. 2, 558).

Adverbios accrescidos da terminação -s

E' do dominio do falar plebeu, e não da linguagem culta, o uso de varios adverbios com accrescentamento de -s, como se se tratasse da formação de plural. Gil Vicente nas Comedias e Farças registra varios casos; entre elles figura quiçais e sua metathese sicais, não se tendo comtudo creado a metathese correspondente á forma simples quiçá:

Entonces vos abrirei de muito boa vontade (G. Vic., 3, 31) — E siquaes sereis vós minha, entonces veremos nós (ib. 3, 131) — Ella [a Virgem Maria] lhe promettia de lhe dar um bom castigo, que horas nunca lhe rezou, nem della soes se acordou (ib. 1, 140) — Nem tam soes para o barqueiro, não me deixaram nem tanto (ib. 1, 351) — Quiçais era o Sancto este Jesu Christo (ib. 1, 348) — E eu feri-me por esse chão... sem soes motrete de pão (ib. 1, 257) — E sicais andou com ella (ib. 1, 125) — Depois que a eu usar entonces poderá ser (ib. 3, 151).

Um unico adverbio com augmento de -s, antes por ante, conseguiu implantar-se na linguagem literaria acabando por cercear o dominio da forma primitiva. Deve-se a innovação, ao que parece, á influencia de alguns adverbios (depois, atrás) de significação correlata terminados em consoante sibilante. De notar é todavia que, funcionando como preposição, ante jamais soffreu mudança. Igualmente sem accrescimo consonantal se disse sempre o adverbio deante, diante, com sentido local, resultante de de + ante, ao passo que esta mesma combinação com sentido temporal produziu de ante, de antes e dantes, fixando-se estas formas augmentadas da sibilante definitivamente em port. mod. A duvida que na linguagem antiga reinava entre ante que e antes que, decidiu-a o falar moderno em favor desta ultima forma. Do antigo uso de ante differente do actual dão testemunho estes passos:

Os outros nom aviam ende pesar; ante eram mui ledos (S. Graal, 12) — Nom he direito que o outrem saiba ante que vos (ib. 36) — Ante de hora de prima (ib. 45) — Ante de hora de terça (ib. 54) — Ante ora de terça (ib. 102).

Locuções adverbiaes

Para os effeitos da analyse lexeologica costuma-se distinguir a locução adverbial do adverbio simples. Este é um só vocabulo, aquella é uma combinação de vocabulos, a qual tem a mesma função que o adverbio simples.

A locução adverbial é formada de preposição + substantivo, ou tambem de preposição + substantivo + adjectivo. Ha comtudo certos dizeres em que se deixa de

mencionar um dos termos principaes da locução.

1.º OMISSÃO DO SUBSTANTIVO:

Por se usarem frequentemente e parecerem dicções assaz intelligiveis sem a constante repetição do mesmo substantivo, dispensou-se, por economia de linguagem, a palavra modo em de ordinario, de pronto, de leve, de li-

geiro (perto está de se arrepender quem julga de ligeiro, Vieira, Serm. 2, 716) e outras semelhantes.

Em á primeira, da primeira subentende-se ora o termo vez, ora o termo vista, adequando-se este mais ao port. mod.:

Dona Enes, quamdo aa primeira veo pera a corte. (F. Lopes, D. J. 204) — Hia... desacompanhado dos senhores fidallgos que aa primeira comsigo trouvera (ib. 292) — Husavom de seu livre poder, desdenhamdo quem aa primeira tomavõ por capitaães (ib. 79) — E forom logo aa primeira muito dacordo (ib. 113) — Mal fezemos! Que milhor viviamos da primeira que aguora (L. de Esopo 46) — O cavalleiro á primeira mostrou-lhe bom rosto, e deshi tornou mui furioso (Barros, Clar. 1, 226) — Um capa em collo, que á primeira parecia algõa cousa, já agora não terá que despender, e parece que cahiu da forca (Sá de Mir. 2, 110).

Completa a palavra hora o sentido de á derradeira, na derradeira nestes exemplos:

Agora estais carregada e embaraçada com cousas que, á derradeira, hão de ficar (G. Vic. 1, 194) — Eu não digo nada. Eu lhes fallarei lá na derradeira (ib. 1, 312) — E dei-t'eu a roca, Catalina, e subi em cima da pereira, e tu agora á derradeira jogas comego almolina (G. Vic. 1, 131) — A cristaleira e o almotacel pequeno bailarão á derradeira (ib. 1, 128).

Na locução de primeiro, equivalendo a principio, o substantivo que falta pode ser momento ou outro com o mesmo sentido:

E quando tornou, quise achegar aas reliquias, como de primeiro (Frad. Mend. 1, 32) — E logo, oramdo Samto Antonio, os cabellos hordenados forom restituidos a cabeça daquela molher asy como de primeiro (ib. 1, 237) — E me mandou outra vez chamar, e me fez a mesma pergunta de novo e tornala a escrever ao que respondi como de prymeyro (Itin. 59) — De primeiro tivemos o tempo tão quente e calmoso, que andavam os homens a bordo como na Ribeira de Lisboa. (Hist. Trag. Mar. 3, 16) — Os doentes iam melhorando, e os mais convalescendo, e já não recahiam tantos como de primeiro, do que parece era a causa a carne salgada assada e muito roim que comiam (ib. 3, 19) — Não teve todo o gaudio que esperou de primeiro (F. El. 13, 42) — Sahiu mal de primeiro, depois menos, logo melhor; por cabo ás maravilhas (ib. 13, 278) — Segredo é de primeiro; depois conquistas são (ib. 13, 280) — Essas bizarras damas que de primeiro me tinham deslumbrado (ib. 19, 82).

2.º AUSENCIA DA PREPOSIÇÃO:

Certas locuções adverbiaes de tempo como esta noite, outro dia, um dia, este mez, este anno, todo o dia, todos

os dias, toda a noite e outras, em que o analysta dá por falta da preposição em, estão consagradas pelo use e tem sentido tão definido, que este se altera, em algumas dellas,

em se empregando a particula.

Não seria caso aqui de restabelecer a preposição, porque não houve desapparecimento. Em portuguez sempre assim se disseram estas locuções sem o vocabulo em. Facto analogo se dá em outras linguas romanicas. Vê-se bem que se trata da continuação do emprego de um caso obliquo sem preposição usado em latim e, em especial no latim vulgar, para certas expressões quotidianas.

Os escriptores quinhentistas e seiscentistas estendem esta pratica de não mencionar a particula a outras locuções de tempo, notadamente referindo-se a datas, anno, dias da semana ou do mez, ou dias de denominação

particular segundo o calendario christão:

Partio-se Vasco da Gama hua quinta feyra pela menhãa que forão dezaseis de novembro (Castanh., 1, 3)—Partio-se hua sexta feira oyto dias de dezembro (ib. 1, 3) — A qual [alma] deo a Deus a cinco horas hum domingo pela manha dezesseis de dezembro (Barros, Dec. 2, 10, 8) - E partio da ilha o primeiro de Agosto de onze: (ib. 2, 7, 2) - A primeira terra que tomaram foi a barra de Goa dia da Assumpção de N. Senhora, que he a quinze dias de Agosto (ib. 2, 7, 3) - A major parte dellas partiram deste porto de Lisboa dia de N. Senhora da Annunciação (ib. 2, 7, 2) — Determinou-se de sahir em terra em amanhecendo sabbado vespera de Pascoa (ib. 2, 7, 9) — A esta lembrança nos excita a igreja catholica, quando dia de cinza nol-a põe na cabeça (H. Pinto, 2, 630) — Chegou a Lisboa ho primeiro de Selembro do mesmo anno (Castanh., 1, 48) - Não folgou nada, porque se não fiava deles pola deslealdade que tinhã cometida ho anno passado (ib. 2, 74) — Tendo dito que dia das Cadeias de S. Pedro se havia de desatar a sua alma do corpo (Vieira, Serm. 8, 270) — Succedeu esta batalha dia de Pascoa da Resurreição onze de abril de mil e quinhentos e doze (Bern., N. Flor. 1, 150).

Não tem preposição uma vez, duas vezes, tres vezes, etc. e sem ella podem-se dizer as expressões em que vez é precedido de numeral ordinal:

Perdeu uma vez a bolsa — E a primeyra vez que o embaixador foy ver ho governador, lhe deu hūas manilhas douro (Castanh., 3, 118) — Julgaram que ou a primeira vez que passou a linha... ou a segunda... lhe refervera o juizo (Vieira, Serm. 8, 298).

Valem por adverbios rumo, via, caminho, rota batida e outros dizeres, que, desprezada a preposição, se accrescentam a verbos intransitivos, como ir, partir, etc., afim de denotar direcção:

Com a qual presa rota batida se fez via do Reino (Barros, Dec. 1, 1, 10).

Da antiga locução outra hora formou-se o nosso adverbio outrora, equivalente a «em tempo passado». Esta especialisação de sentido é moderna. Outra hora tinha significação mais literal e podia referir-se a uma hora futura:

A qual astucia foi mandar a todolos seus capitães... que *outra* hora não fizessem tal cousa, senão que os castigaria (Barros, Dec. 2, 1).

Com a preposição a occorre esta locução em Zurara (Ined. Port. 3, 300):

Quando a outra hora ouverdes mester.

A negação

Com a palavra não enunciamos em geral o conceito negativo. Alem deste vocabulo livre, existe tambem a negativa incorporada em certas expressões pronominaes, adverbiaes e conjuncionaes: nem (do lat. nec, neque e não); nenhum (do latim nec unus); nunca (do lat. nunquam, ne unquam); ninguem equivalente a não alguem; e nada, que significa exactamente não alguma cousa por evolução semantica de um antigo participio do verbo «nascer». O adverbio jamais usa-se em sentido negativo como synonymo de nunca.

Aos adverbios compete, por principal função, modificarem a idéa expressa por verbo, adjectivo ou outro adverbio. Que se usam tambem para alterar o sentido de outras palavras alem destas, deprehende-se não sómente da creação de nem, nenhum, ninguem, mas ainda da collocação da negativa em frases como não os antigos habitantes, mas os invasores são os donos da terra. Redistribuir, em attenção á analyse, as palavras de orações deste genero, de modo que a negativa venha a ficar junto

do verbo, dá lugar a fazer-se esta objecção: E porque se recorre, em certas occasiões, á «desordem» oracional?

Quanto á presença, dentro da mesma oração, de outros termos negativos alem da palavra não, é facil de ver que não anda o raciocinio dos homens cultos bem emparelhado com o sentimento popular. Para o povo, o accumulo de negativas indica reforço. Entende a gente de letras, pelo contrario, que negar o negado equivale a affirmar; mas abre excepção — admittindo, pois, que se suspenda este raciocinio — desde que o novo termo negativo não anteceda o adverbio não. Segundo esta doutrina, aceita na linguagem literaria do port. mod., é licito dizer:

Na feitoria não avia nem hum só prego, ...nem outra cousa nenhũa das que erão necessarias (F. M. Piato, 3, 203) — Não tinham cousa nenhũa pera comerem (ib. 3, 214) — Não aparecia cousa nenhũa (ib. 3, 276) — Não falou mais palavra nenhũa (ib. 7, 277):

Differentemente de nós, e de accordo com a linguagem vulgar, os escriptores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restricções a negação dupla, e até triplice, com effeito reforçativo:

Nem eu nom vos faço prazer (Canc. Aj. 6) — Nem doo nom avedes de mi (ib. 218) — Posto que nada nom vissem (Zur. C. P. 237) — Nenhum nom lhe soube dizer (ib. 372) — Nem... nom estavam (ib. 445) — Nenhuma não sahisse (ib. 571) — Nõ digas a nenhūu nẽhũa cousa de teu feito (S. Am. 111) — Nũqua hy morya nẽgũu de nẽhũa door (ib. 111) — As gallees de Castella nom poderom alcançar as de Portugall, nem ellas nom quiserom aferrar com ellas (F. Lop., D. J. 231) — Que todos tivessem olho na bandeira real pera nenhum não tomar terra senão depois que a elle fomasse (Barr., Dec. 2, 3, 4).

Ao contrario da pratica moderna, a oração dependente dos verbos escapar de e defender, significando « prohibir », ou expressão analoga, dizia-se antigamente sob a forma negativa:

Nom guardando aquel consselho de sancto agostynho em que defemde que jamais nom se acoste acerca dalgüa molher. (D. Duarte, Leal Cons. 105) — E assi escapou o comde Joham Fernandez de nom seer morto (F. Lop., D. J. 7) — E por decreto publico foi dejeso que ninguem navegasse (Barr., Dec. 1, 3, 11) — E quasi escapou de o não matarem os seus escravos (ib. 2, 6, 7) — Affonso d'Albuquerque tinha defeso ... que nenhãu homem de armas fosse em companhia dos mareantes (ib. 2, 3, 4) — E quasi milagrosamente escapou de não ser morto com toda a gente que levava (ib. 3, 7, 3).

Defender seguido de negação é linguagem usual nas Ordenações de D. Manuel:

Defendemos geralmente em todos Nossos Reynos, que pessoa algúa nom mate, nem cace perdizes, nem lebres (5, tit. 84) — E bem assi defendemos... pessoa algúa num mate, nem cace coelhos (ib.) — Defendemos, que ninhúa pessoa nom tenha manceba theuda em mancebia (5, tit. 30).

Com o verbo prohibir usou-se tambem a negativa na oração complementar:

Prohibido tinha Deos a nossos padres sob pena de morte que nam comessem fruita de certa arvore plantada em o Paraiso terreal (Arr. 591) — Havia outro novo e segundo decreto seu, em que prohibia que nanhum homem nem mulher pudesse entrar á sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida (Serm. 11, 24).

Desusada no falar culto de hoje é a expressão negativa até não para significar «emquanto não». Topam-se bastantes exemplos desta linguagem em escriptores quinhentistas e alguns nos Sermões de Vieira:

Mas o malvado Saul não descançava até o não matar (H. Pinto, 1, 251) — E lhes disse que elle tinha feito voto solenne e jurado... de não deixar aquelle cerco até não pôr a cidade por terra (F. M. Pinto 3, 59) — Tentou logo tornar a proseguir seu intento e effeituar o que tinha determinado, que era não levantar aquelle cerco até não ser senhor da cidade (ib. 3, 119) — Não se quiz desembarcar nem sahir em terra até elle não vir (B. Cruz, Seb. 1, 57) — Não haviam de afrouxar dos combates até não arrasar os muros (ib. 1, 77) — Não querem cessar estes barbaros, até não beberem o nosso [sangue] (ib. 1, 133) — Não hão de desistir do que começaram até não levarem a obra ao cabo (Vieira, Serm. 7, 124) — Nas alhas Baleares para costumarem as muchachas a acertar ao alvo, não lhe dão de almoçar até o não acertarem (Bern. N. Flor. 4, 11).

A negativa reforçada nunca jamais aceita-se hoje por boa, sendo menos conhecida a inversão jamais nunca (Canc. Aj. 52). Em port. ant. occorrem também jamais não e já nunca:

Ay terra minha madre porque te no abres e colhe-me detro que jamai no viva e este mundo? (S. Amaro 512) — Nunca jamais aqui venha outro semelhante (Zur. Guiné, 143) — Reynava gozando daquelle Oriente... onde nunca já mais anoitece (Sousa, Arceb. 2, 380) — Que... nunca jamais se pudesse alcançar delle que para os taes provimentos, mayores nem menores intercedesse por pessoa alguma (Vieira, Serm. 8, 235).

Uma das maneiras de produzir bem a impressão de alguma qualidade ainda não excedida até o momento actual, consiste em accrescentar á expressão superlativa uma oração adjectiva em que introduzimos o adverbio jamais. Escriptores antigos assim como quinhentistas e seiscentistas, e, entre estes, principalmente Antonio Vieira, empregavam para o mesmo fim de preferencia a palavra nunca:

A melhor dona que eu nunca vi (Canc. Aj. 118) — Cantavã milhor, que nunca foy home que ovisse (S. Am. 122) — Ho mais rico presente que te nunca foy dado (Castanh. 1, 50) — Foy o milhor gentio que nunca ouve naquella terra (F. M. Pinto, 3, 94) — A honra mais cruel que nunca vio o mundo (Vieira, Serm. 8, 351) — A maior e mais poderosa armada que nunca partio da India (ib. 8, 382) — A frota deste anno é a mais rica que nunca partio do Brasil, porque vai nella embarcado o Sr. D. João de Lencastre (Vieira, Cartas 2, 344) — Era o zelador mais verdadeiro que nunca teve a sua patria (Vieira, Serm. 2, 159) — O mais formoso theatro que nunca vio o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias (ib. 3, 254).

O mesmo effeito que nos exemplos precedentes se consegue dando á oração adjectiva forma positiva, mas additando-lhe outra com a conjunção *nem* e o verbo em tempo differente:

O mais perfeito amor que ha nem pode haver, he o das tres Pessoas Divinas (Vieira, Serm. 3, 505) — Quero referir dous breves exemplos dos dous melhores filhos que houve, nem hade haver, que são Jesus e Maria (Bern. L. e C. 304).

Frequente em quinhentistas e seiscentistas, e sobretudo no vigoroso estilo de Antonio Vieira, é a inserção de nunca, nem, ou ninguem em frases interrogativas, como para anticipar que a resposta só poderá ser negativa:

Quem se contentou nunca com o primeiro desejo? (H. Pinto, 2, 67) — Quem vio nunca tal? Quem ouvio nunca dizer d'outro tal amor? (ib. 2, 185) — Viste-me nunca andar em demanda com ninguem, senão hūa em Santarem? (G. Vic. 3, 172) — O sal está carregado com a divida da Hollanda, e, se carregarem mais e o tabaco excessivamente, quem irá comprar um nem outro? (Vieira, Cartas 2, 122) — Quem poderá bastantemente considerar nem comprehender as infelicidades... que em si contém a desgraça geral de hūa peste? (Vieira Serm. 2, 174) — Que poder se viu nunca no mundo que fizesse hūa risca no ar, e puzesse limites ao de hūa parte, para que não passasse á outra? (ib. 2, 182) — Pode haver tesouro nem mais precioso, nem mais barato? (Bern., N. Flor. 1, 209).

As alternativas negativas enunciam-se usualmente por nem. nem... Mas antes de nomes ou pronomes cala-se ás vezes o primeiro nem, produzindo o segundo nem a surpresa de que o termo anterior tambem se ha de tomar em sentido negativo:

Peroo um nem outro nom recebeo morte nem ferida (Zur., D. P. 550) — Creendo que el Rei Dom Hemrrique nem o Principe nom aviam poder de passar (F. Lopes, D. J. 132) — Elrey meu senhor nem eu nom vos poderemos acorrer (ib.) — Os astrologos tratam do porvir, de que elles nem ninguem sabe pouco nem muito (S. de Mir., 2, 117) — Tambem vos cabe aqui ficardes mãi do perturbador, do falsario que vós nem elles creis, nem sois (Th. de Jes. 2, 59) — Tu nem algum dos homens não me podeis dar mais (Bern., L. e C. 384).

Curiosa é a presença de *nem* no seguinte passo, em que não se nega cousa alguma:

Peroo estes, nem outros muitos que foridas ouverom neste cerco, per graça do Senhor todos cobraram saude (Zur., P. P. 446).

A negativa aqui provem de certo de ter o autor em mente este pensamento:

Peroo estes, nem outros muitos nom morreram.

Caso parecido com este é o passo de Barros, Clar. 2, 194:

[Clarinda] tornou-se como num leão bravo, dizendo mil injurias a Arfila, pois tivera o atrevimento de fatar a ninguem pela janella de sua camera.

Este ninguem provem de anterior prohibição de falar

com pessoa alguma.

Em lugar da conjunção ou vem ás vezes nem para expressar com mais vivacidade a não-existencia de alguma cousa em certa epoca:

Os convidados para o banquete da Gloria antes de virem os apostolos, nem os profetas, já estavam convidados (Vieira, Serm. 3. 433) — Já estavam convidados antes de haver apostolos nem profetas (ib.).

Nunca significa o contrario de «sempre». Refere-se a toda e qualquer epoca sem outra demarcação senão o ponto desde quando, se o verbo estiver no futuro; ou o

ponto até quando, se o verbo estiver no preterito. Assumem nunca irá equivale a «em qualquer tempo a partir do momento presente», e em nunca foi diz o mesmo que «em qualquer tempo até o momento presente». Por hyperbole applica-se este adverbio a um facto de duração curta e bem delimitada, para negal-o de um modo absoluto, siç gnificando nunca o mesmo que «nenhum só instante», «nenhuma só vez».

E sayo-se da caravella tam passamente, que nunca dos nossos pode seer sentido (Zur. Guiné 143) — E como quer que os moços da camara... soubessem nadar, nunca quiserom desamparar seu capitam (ib. 145) — O qual [Dinis Dyaz] partido com sua companha, nunca quis amaynar, ataa que passou a terra dos Mouros, e chegou aa terra dos negros (ib. 158) — Preiendendo... entrar na Igreja... nunca poude meter o pé dentro da porta: porque quantas vezes a isso acomettia com toda a sua força, tantas era rebatida (Bern., N. Flor. 2, 331)

Preposições: especies, formas e significação

Ha pontos de contacto entre os adverbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente adverbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjectivo ou tambem a adverbio e modifical-os, desempenham as preposições papel analogo ao dos suffixos dos antigos casos obliquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e tambem ao infinitivo como forma nominal) para lhes accrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtem mais completamente e com mais clareza do que era possivel com os poucos casos obliquos da declinação latina.

A preposição pode ser representada por um vocabulo ou por uma combinação de vocabulos: sobre o outeiro, em cima do outeiro; em uma gaveta, dentro de uma gaveta; sob o dominio, debaixo do dominio, etc. Havendo necessidade ou conveniencia, differençamos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo typo o nome de locuções prepositivas.

Vieram-nos as preposições parte do idioma latino que conhecemos atravez da literatura, parte do romanico; outras foram tiradas de adverbios portuguezes accrescentando-se-lhes a palavra de: depois de, diante de, defronte de,

em cima de, etc.

Grande numero das particulas usadas na lingua mãi desappareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao portuguez: 1) sem modificação de forma, ante, contra, de, per; 2) alteradas, ad > a; post >

pos; cum > com; inter > antre, entre; sine > sem; tran > tras; pro > por; secundum > segundo; in > en, em; su > sob, so. De tenus viria, segundo alguns, ataa, até, ti segundo outros, filiar-se-ia esta particula ao arabe hatta De super resultou sobre, forma esta que, em port. ant., occorre com syncope de r quando seguida do artigo lo, la: sobelo, sobolo por sobre lo. Camões ainda se utilisou da antiga maneira de dizer em: Ali a cabeça a flor Cefisia inclina sobolo tanque lucido e sereno (Lus. 9, 60).

Algumas destas particulas continuaram a usar-se como em latim; outras tiveram novas applicações alem das antigas; em tras alterou-se completamente o sentido primitivo. Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de idéas tornou possivel o alargamento do dominio semantico de algumas a ponto de invadirem umas o dominio das outras e se confundirem por vezes as particulas na applicação pratica. É o que passaremos a estudar.

De — De é a preposição empregada com mais frequencia e para fins os mais diversos. Exprimia em latim a principio afastamento no sentido « de cima para baixo», differindo de ab que significava afastamento no sentido horizontal. Executando-se porem na pratica os movimentos segundo linhas mais ou menos inclinadas, desfazia-se o sentimento rigoroso das noções « vertical» e « horizontal» e de se confundia com ab. Sacrificada foi afinal esta ultima. Não estava fadada a perpetuar-se a distinção que se fazia, por meio de preposições, entre o afastamento precedido de movimento de dentro para fora e a separação partida dum ponto da superficie. De torna-se equivalente a ex, e est'outra preposição desapparece por superflua.

Muito antes de annexado por completo o dominio semantico das duas outras particulas, para o que concorreu principalmente o latim vulgar, se differenciara do sentido de afastamento e procedencia contido em de o conceito de « referente », « a proposito de » usado em de aliquo loqui. Compete a latinistas examinar como se operou a transição para está applicação secundaria.

A tendencia para conquistar mais terreno acabou

por tazer que de se tornasse «la préposition favorite de la latinité postérieure», como a caracterisou Goelzer.

À combinação de + substantivo pareceu então apta não sómente para substituir com mais largueza o ablativo. mas ainda para tomar o posto do genitivo, nos differentes conceitos que a este caso competia exprimir na declinação latina. Assim reconhecemos o châmado g. subjectivo em amor de mãi (amor matris), o g. objectivo em amor da patria (amor patriae), o g. possessivo em casa do rei (domus regis), o g. especificativo em vicio da embriaguez, virtude da abstinencia (virtus abstinentiae), o g. de qualidade em homem de grande talento (homo magni ingenii), o g. partitivo em muitas das casas, e os de quantidade, peso, medida e grandeza em multidão de homens, libra de carne, valla de quinze pés (fossa quindecim pedum). A forma equivalente ao g. de idade (puer decem annorum) empregou-se em portuguez não sómente em dizeres como menino de dez annos, mas ainda depois de certos verbos: sendo de dez annos e vendo um religioso... acodio (Bern., N. Flor. 1, 378); morrendo de vinte e seis annos (ib. 2, 335); morreu Joseph de idade de cento e dez annos (Vieira, Serm. 2, 419).

Da significação mais antiga e principal de «lugar donde» procede o emprego da preposição de para denotar causa.

Buscar retrospectivamente o motivo ou causa determinante de alguma acção é de facto um processo que, projectado no espaço, equivale a remontar ao lugar donde alguma cousa toma origem e tem seguimento. Nesta analogia se funda o emprego da preposição de com sentido causal:

Passamos a grande ilha da Madeira, que do muito arvoredo assi se chama (Cam., Lus. 5, 5).

O motivo de que resulta o acto não é necessariamente extrinseco; pode residir no individuo de que se fala, ser uma qualidade, estado ou attributo proprio delle, usando-se então da palavra de não sómente antes de substantivos (de medo, de nojo, de raiva, de susto, etc.), mas tambem antes de um simples adjectivo: Saltaram embaixo apos os inimigos que já de quebrados se retiravam (Castanh. 5, 63) — E nisto, de mimosa, o rosto banha em lagrimas (Camões, Lus. 2, 40) — He Velloso no braço confiado e ae arrogante crê que vai seguro (ib. 5, 31) — Vereis este, que agora pressuroso por tantos medos o Indo vai buscando, tremer d'elle Neptuno de medroso sem ventos suas agoas encrespando (ib. 2, 47) — Com huma benção que lhes lançava ás redes, as não podiam arrastar de muyto cheas (Vieira, Serm. 8, 236).

Estando o verbo na passiva, o nome do agente se dizia, quer em port. ant., quer em linguagem da Renascença, de ordinario com a preposição de, por ser o agente o ponto de procedencia do acto dirigido sobre o sujeito paciente. Devia entretanto confundir-se este conceito com os de causa e meio ou instrumento. Mas a tradição, em todo aquelle periodo, poude mais que esta tendencia, sendo relativamente poucas as vezes em que se deu preferencia á preposição por. No falar hodierno apparece invertida a situação: predomina por, ao passo que de ou é de uso occasional, ou se reserva para certos e determinados verbos.

Exemplos do seculo XVI:

Não consente que em terra tam remota se perca a gente della tanto amada (Cam., Lus. 1, 100) — Foi delle alegremente agasalhado (ib. 1, 95) — O cabo Arsinario o nome perde, chamando-se dos nossos Cabo Verde (ib. 5, 7) — Já descoberto tinhamos... nova estrella, não vista de outra gente (ib. 5, '14) — O Zaire passa claro e longo, rio pelos antigos nunca visto (ib. 5, 13) — Os mares nunca d'outrem navegados (ib. 5, 37) — [Vi] levantar-se no ar hum vaporzinho e subtil fumo, e do vento traxido, rodear-se (ib. 5, 19) — Fortalezas, cidades e altos muros, por elles vereis, filha, edificados; os Turcos, bellacissimos e duros, delles sempre vereis desbaratados (ib. 2, 46).

Certos verbos transitivos como encher, adornar, guarnecer, rodear, cercar, cobrir e outros são susceptiveis de duas construcções: uma, em que lhes basta o sujeito e o objecto directo, v. g. em flores adornam a sala; outra em que, sendo sujeito um ente animado, se requer, alem do accusativo, um termo denotador daquillo com que se preenche ou põe em effeito a acção, como em as crianças adornam a sala de flores. Prevaleceria a principio a intuição de lugar ou cousa donde se tira o material para a execução do acto, explicando-se assim o emprego habitual da preposição de para o segundo complemento.

Occorrendo todavia casos em que tal intuição se confundia com a de meio ou instrumento, ou est'outra se impunha nitida ao espirito, necessariamente surgiu a concorrencia de com.

Diz-se cobrir a mesa de flores, porem cobrir a mesa com um panno, cobrir o rosto com as mãos, o que mostra que o emprego de com vem a proposito quando uma cousa unica ou duas ou mais cousas unidas tem por fim tapar ou encobrir por completo; ao passo que cobrir de se diz de cousas esparzidas ou accumuladas sobre outra. Assim se explicam os passos:

Sentaram-se ambos em suas cadeiras, que estavam cubertas com pannos de borcadinho (Barros, Dec., 1, 9, 4) — Hum elefante cuberto de pannos de seda e arraiado de borlas (ib. 1, 9, 5) — [A outra terra da ilha] cuberta de arvoredos (ib. 1, 10, 1) — O corpo ficou sobre o presbyterio cuberto com hum panno de brocado (Sousa, Arceb. 2, 380) — Não era menos de ver a praya cuberta de povo sem numero (ib. 2, 352) — Armou-se hãa mesa, cobrio-se com hum panno de brocado (ib. 2, 381) — [Os altares todos estavam] cubertos de flores (ib. 2, 341) — Em Jerusalem havia hum monte mais alto, cuberto de oliveiras, que era o Olivete, e outro outeiro, ou monte mais baixo, cuberto de caveiras, que era o Calvario (Vieira, Serm. 2, 404) — Bellos e veneraveis eram os dois platanos. O adro, cubriam-no todo com as suas sombras fechadas (Herc. Lend. e Narr. 2, 122).

Differença analoga existe entre coroar de e coroar com:

Pagaram parias em perolas o Indo e o Ganges, não coroados de juncos e espadanas, como o padre Tibre, mas com grinaldas de rubis e diamantes (Vieira, Serm. 2, 20) — Misericordias coroadas ou com a coroa sacerdotal, como era a de Judas, ou com a coroa de Faraó (ib. 2, 408).

Sem embargo da usualissima linguagem vestir de (todos vestiam de pelles, Vieira, Serm. 5, 4, veste-se de hum aspero cilicio, ib. 5, 145, o soldado... se vestiu de $h^{\bar{\eta}}$ habito religioso, ib. 8, 304), serviram-se os escriptores também de vestir com, estar vestido com ou em:

Hia vestido com huma opa de brocado (Barros, Dec. 1, 5, 5) — Mas quando o viram pelas ruas em corpo, sem capa,... vestido com huma roupeta tão pobre... julgaram que... lhe refervera o juizo (Vieira, Serm. 8, 298) — Vedes por ventura entre esses Gentios hum homem de melhor cor que elles, mal vestido em huma roupeta preta (ib. 8, 394) — Vindo o Anjo vestido em hum pelote (ib. 5, 92) — Via-

se... hum homem vestido em sobrepelliz que... parecia ser clerigo (Sousa, Arceb. 2, 346).

Falando de vestes de cerimonia, diz-se vestir ou revestir com ou em:

Depois da morte... o revestir com esta nova estolla (Vieira, Serm. 8, 392) — O bispo de Fez revestido em pontifical (Sousa, Arceb. 2, 391).

O conceito instrumental que se accrescenta a dar (significando «bater», «dar pancadas») e ferir, era enunciado em port. ant., e ainda em linguagem quinhentista e seiscentista, já pela preposição de, já pela preposição em:

Deo das palmas e dos geolhos em terra (S. Graal, 81) — È hiam-lhe dando das espadas chaãs muy grandes feridas (ib. 119) — Ferio o cavallo das sporas e ferio-o [a Boorz] dos peitos do cavallo (ib. 128) — Saibha bem ferir das sporas (D. Duarte, L. de Ens. 13 e semelhantemente 59 e 103) — Continuavam sempre de dar cō as sporas ao cavallo (ib. 70) — Deve-sse de dar com as sporas poucas vezes (ib.) — Estimulando minha propria carne, se rebella contra mim, e me dá de bofetadas (Vieira, Serm. 8, 115) — Seu corpo estimulado pelo demonio, lhe deu de bofetadas (ib. 8, 116) — Dando-lhe de punhaladas (Mello, Apol. Dial. 78).

Denotadora de separação e afastamento em geral, de tambem serve para exprimir o desvio da imminencia do perigo e assim se emprega depois de certos verbos como defender, guardar e adjectivos de significação cognata; mas a taes actos se pode associar a resistencia e de poderá equivaler a contra:

Não se souberam goardar das correntes (Castanh., 2, 22)— Vão seguros de ladrões (ib. 2, 16)— Por isso só vos guia e vos defende dos immigos, do mar, do vento irado (Cam., Lus. 7, 31)— Os Naires sós são dados ao perigo das armas, sós defendem da contraria banda o seu rei (ib. 7, 39).

Serve a preposição de não sómente para assignalar o ponto no espaço donde alguma cousa começa e se estende para outro ponto, mas tambem para marcar a epoca ou o instante desde quando algum acontecimento perdura. Torna-se então synonyma de des, desde com sentido temporal:

Erão na corte dous mancebos Fidalgos que Elrey criara de moças (Zur., Ined. Port. 3, 277)— Como se de longo tempo ho ouvessem por senhor (F. Lopes, D. J. 152)— Assi foy desbaratada a frota dos imigos de horas dalmorço até toda aquela noyte (Castanh. 2, 26)— Durou de pola manhaã até tarde (ib. 2, 51)— Sempre os guia já de longos annos (Cam., Lus. 9, 18)— A noite se passou na lassa frota com estranha alegria e não cuidada, por acharem da terra remota nova de tanto tempo desejada (ib. 1, 57)— A mesma Senhora achou a seu filho, perdido de tres dias (Vieira, Serm. 3, 25)— Arvorezinhas plantadas de pouco (Bern., N. Flor. 1, 167)— Nunca, de memoria de homens, mercador Judeu. recusara aceitar (Herc., M de C. 1, 98).

O conceito de procedencia dá á locução de si o sentido « sem causa exterior », « sem influencia vinda de fóra », « espontaneamente » e pode algumas vezes interpretar-se como « pessoalmente » :

Estando no altar, em quanto se disse a missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavallaria de Christo, que no fim da missa o mesmo Bispo benzeo, e de si Elrey a entregou a Pedralvares Cabral (Barros, Dec. 1, 5, 1)—Emquanto o negocio de si não dava outro conselho (ib.)—Sentindo Vasco da Gama a torvação delles, mandou fazer sinal com que cessou aquelle tom, que os assombrava, e de si chegou-se ao zambuco del Rey, o qual o recebeo como homem, em cujo peito não havia má tenção (ib. 1, 4, 6).

Des, desde — Explicar o vocabulo des como proveniente da combinação de ex é lançar mão de uma etymologia commoda e, á primeira vista, razoavel. É comtudo tal origem posta em duvida por bons investigadores. Não sei se devemos aceitar o etymo de ipso, proposto por Meyer-Lübke, mas descreio da possibilidade de se haver fixado em latim vulgar e no romanico o uso de ex para uma combinação á parte e pleonastica quando esta preposição já vinha sendo supplantada por de e tinha a vitalidade antiga prestes a extinguir-se.

Como quer que seja, des se emprega durante todo o periodo do portuguez medieval, significando ponto de partida e referindo-se tanto a lugar como a tempo. A forma desde, empregada na linguagem da Renascença, nada mais é que o artigo des accrescido da preposição de, por analogia de antes de, depois de, etc. O port. ant. utilisou-se da forma primitiva:

Des dia de pinticoste (S. Graal, 58) — Des entom nom vivo eu (S. Josaph., 11) — Des omde o mar mais lomge espraya, ataa terra

jumto com a cidade (F. Lopes, D. J. 197) — Des a porta de Samta Catherina ataa torre d'Alvoio Paaez (ib.).

Da coincidencia do valor desta preposição com uma das applicações de *de* é excellente exemplo este passo de Vieira:

Conheciam de mais tempo a Joseph porque o conheciam desde menino (Serm. 2, 151).

Com — Esta preposição exprime companhia, instrumento, causa, maneira. Das duas primeiras relações dimanam as demais, havendo companhia quando a um ente se associa outro para pôr em effeito ou soffrer a mesma acção; ao passo que é instrumento o ente, igualmente ligado a outro e para o mesmo fim, mas de si inerte, ou considerado como tal:

Eu só com meus vassallos, e com esta [espada]... defenderei da força dura e infesta a terra nunca de outrem sojugada (Cam., Lus. 4, 19) — Partir-se co elles pelo mato (ib. 5, 30) — Porem eu cos pilotos, na arenosa praia, por vermos em que parte estou, me detenho em tomar do sol a altura (ib. 5, 26) — Um dia a vi co'as filhas de Nereo (ib. 5, 52) — Perseguem-no co'as lanças (ib. 4, 34) — Gedeão com panellas de barro desbaratou os Madianitas (Arrais, 307) — Cortando vão co rudo arado os campos lioneses (Cam., Lus. 4, 8) — A verdura tinge co sangue alheio (ib. 4, 35).

Ao termo « instrumento » costuma-se preferir o termo « meio » quando aquillo com que se põe em effeito algum acto, é cousa abstracta. Assim diz-se que a preposição com denota o meio nos seguintes passos:

Com mercês sumptuosas me agradece, e com razões me louva esta vontade (Cam., Lus. 4, 81) — Foram de Emanoel remunerados... e com palavras altas animados (ib. 4, 83) — As cousas arduas e lustrosas se alcançam com trabalho e com fadiga (ib. 4, 78) — Se queres com pactos e lianças de paz e de amizade sacra e nua, comercio consentir das abundanças das fazendas (ib. 7, 62). — Huns pelejam com esforço e valentia, outros com ardis e artificios (Arrais, 318).

A transição do conceito de instrumento ou meio para o de maneira observa-se em certos dizeres referentes a partes do corpo, ou actos proprios dellas, podendo-se ás vezes substituir taes expressões por algum verbo acompanhado de adverbio de modo:

Mas ella, c'um fermoso riso honesto, respondeu: Qual será o amor bastante de nimpha, que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Assi contava, e c'um medonho choro subito d'ante os olhos se apartou; desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro bramido muito longe o mar soou (ib. 5, 60) — Com torva vista os vê (ib. 4, 35).

Locuções formadas com substantivos abstractos, ainda que se possam transformar em adverbios terminados em -mente, nem por isso perdem o caracter de instrumentalidade ou meio:

E sopesando a lança quatro vezes, com força tira (Cam., Lus. 4, 38) — E os inimigos que domarom com violencia, trataram e conservaram com humanidade (Arrais, 311) — Notam com diligencia o curso das estrellas (ib. 318) — Usam de cavallos armados e arreados com muyta elegancia (ib.).

Posto que ao conceito de companhia se associe em geral o de conformidade de acção, pois se costuma ajuntar um ente a outro como participante da mesma situação ou para o ajudar ou acompanhar em algum acto, todavia pode ás vezes o ajuntamento significar luta e antagonismo entre os seres, como em pelejar com, estar em guerra com, combater com, onde a linguagem se limita a assignalar o conceito de companhia, da acção praticada em commum, deixando ao bom senso o cuidado de accrescentar o resto: opposição, contrariedade, acção reciproca, etc.

Nos exemplos seguintes, em que se usa pelejar com, significa o complemento ora instrumento, e portanto conformidade de acção, ora o individuo contrario, e portanto acção antagonica:

Tanto que chegaram á vista dellas, logo lhe fallecem as forças com que dantes pelejaram (Cam., Lus. 6, 88) — Não ha peito tão alto e tão quente que de desconfiança não se afronte, em quanto não conheça e claro veja que co braço dos seus Christo peleja (ib. 3, 109) — Ao capitão pedia que lhe dê mostras das fortes armas de que usavam quando cos inimigos pelejavam (ib. 1, 63) — Que tornará [o Mouro] a vez septima, cantava, pelejar co invicto e forte Luso (ib. 10, 18).

A preposição com pode tambem denotar facto simultaneo ou parallelo a outro:

Já na cidade Beja vai tomar vingança [de Trancoso destruida] Affonso que não sabe sossegar, por estender co'a fama a curta vida (Cam., Lus. 3, 64) — Não perde a presteza co'a idade (ib. 3, 80) — Co este o reino prospero florece (ib. 3, 96) — O claro estreito aonde Hele deixou co nome a vida (ib. 3, 12) — Crescendo cos successos bons primeiros no peito as ousadias (ib. 8, 72) — Se é certo que co rei se muda o povo (ib. 4, 17).

O facto simultaneo, ou que acompanha a alguem, pode actuar sobre este individuo e manifestar-se como causa determinante da sua acção ou situação:

As molheres pejadas moviam co estrepito horrendo da artelharia (Arrais, 307) — Não poude cos temporaes chegar á cidade de Gidda (ib. 307) — Os animos altivos co'a prospera fortuna da guerra (ib.) — E estando nesta afronta chega a maré que se não via com a grande revolta (Castanh. 1, 75).

Outras vezes, pelo contrario, cabe ao sujeito exercer acção sobre a pessoa ou cousa que se acha junta a elle ou se suppõe estar em face delle e á sua mercê:

Nas brutas feras... e nas aves agrestes... com pequenas criancas viu a gente terem tam piadoso sentimento, como co'a mãi de Nino já mostraram, e cos irmãos que Roma edificaram (Cam., Lus. 3, 126) — Mas vendo Mafamede que muytos o tinham em pouco..., buscou invenção efficaz com gente do povo, para se segurar deste desprezo, dizendo que era profeta e nuncio de Deos (Arrais, 315) — A Ley de que Christo usa com os seus (ib. 340) — Juntamente a cobiça do proveito que espera do contrato lusitano, o faz obedecer e ter respeito co capitão, e não co mauro engano (Cam., Lus. 8, 77) — Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,... cos seus hua ira insana não refreia, põe na fama alva noda negra e feia (ib. 10, 47).

Contra — Usou-se esta preposição a principio com o sentido de «face a face», «frente a frente», e conforme a esta accepção se dizia em port. ant.:

Tu es boo home contra deos (S. Graal, 134) — E elrei tendeo as maãos contra o çeeo e disse: Jesu Christo... beento sejas tu (ib. 10) — E leixou de colher suas verças e foe contra elles e salvou-os. E elles se humildarom muyto contra elle, e salvarom-no (ib. 109) — E disse estomee o Meestre contra elles: Que he isto, amigos? (F. Lopes, D. J. 30).

Da era camoneana para cá substitue-se sempre em taes frases a preposição por outra (para, a), entendendo-se que contra denotaria sentimentos de inimizade ou actos de ameaço e resistencia.

Em linguagem quinhentista usava-se frequentemente contra nas referencias a pontos geographicos a que se dirige algum movimento, ou para onde alguma cousa se estende; casos estes em que o falar hodierno dá preferencia á preposição para:

Fcz armadas que correram as prayas de Africa, e os mares contra o mar Austral (Arrais, 296) — [Sagres] dista húa legua do cabo de S. Vicente, donde partiam as frotas a abrir caminho contra as regiões Orientaes (ib. 296) — Os Chinas que habitam contra o Meio Dia são morenos (ib. 318) — Viu correr a gente contra a praia (Barros, Dec. 1, 3, 2).

Empregamos porem contra, hoje como em outros tempos, quando se trata de movimento contrario a outro movimento, ou esforço opposto a outro (remar contra a maré), ou ir de encontro a algum obstaculo (bater contra a parede; ir contra a lei), ou dirigir um movimento perpendicularmente a uma superficie (collocar as pedras contra o muro).

A — A particula ad começou a usar-se em latim para enunciar o conceito de direcção ou movimento para algum ponto, de aproximação e final junção de uma cousa a outra. Este mesmo sentido vive ainda em nossa preposição a, apesar da concorrencia de para, que lhe

cerceia por vezes o emprego.

Serve a preposição, alem disso, para exprimir noções decorrentes do conceito primitivo. Com o sentido de lugar onde, isto é, denotando, não a direcção em que se encaminha o movimento, e sim o ponto terminal, já se usava ad no latim vulgar e occorrem, até, alguns exemplos deste genero em Varro e Tito Livio. O emprego em francez de à com os nomes de cidades filia-se a esta pratica antiga. Em portuguez não podemos dizer senão com a preposição a: ir com a trouxa ás costas, trazer o collar ao pescoço, estar alguem á cabeceira, á mesa, etc. Com outra qualquer particula se alteraria aqui o conceito da situação. Nas locuções á direita, á esquerda, posto que se trate de lugar onde, a palavra a indica que este lugar fica na direcção de uma ou outra das nossas mãos.

A imagem que temos na mente de um ponto de

afferencia, que serve de norma, ou segundo o qual alguma cousa se faz, devemos o uso de a nestes dizeres: guma cousa se taz, devemos o uso de a nestes dizefes:
a meu ver; vestir-se á ingleza (i. e. segundo a moda ingleza); estar á vontade, formado á imagem do primeiro
Adam (Arrais, 450); a gosto de alguem; a geito.

Notavel é o emprego de a para significar instrumento e meio: a ferro e a fogo; á força; á viva força;
salvar-se a nado; a remo surdo; á voga arrancada; a troco
de trabalho; a toda a pressa, viver á custa alheia, matar a
traição eta

tiro, á traicão, etc.

A connexão entre o sentido instrumental e a pri-A connexão entre o sentido instrumental e à primitiva accepção directiva não é nada transparente; mas em todo o caso só ella explicará o haver-se fixado o uso de a nestes dizeres, quando a linguagem podia dispor — e a cada momento dispunha — de outras preposições mais aptas para expressar o meio e a instrumentalidade. Parece que a transição de sentido se teria feito, ao menos em alguns casos, atravez do conceito de afferencia. Fazer alguma cousa á força ou á pressa significaria a principio fazel-a segundo, ou á maneira de força ou pressa força ou pressa.

Serve-nos ainda a preposição em certas locuções de «tempo em que» alguma cousa se passa, como sejam: a esta hora; ao outro dia (a par de no outro dia); ao tempo que; ás tres horas (differente de em tres horas); a 23 de iulho, etc.

Em — Esta particula exprime interioridade com referencia tanto a lugar como a tempo. Mas não se limita a isto o seu emprego. Pode denotar mera superposição (pôr pé em terra), estado de alguma cousa (arvore em flor, ouro em pó), divisão, distribuição (obra em dous tomos), etc.

Occorre a cada momento no discurso para significar o lugar onde as cousas se passam. Menos conspicuo é o emprego de em com accepção directiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberiamos explicar a presença de em em bom numero de locucões.

Dizeres que signifiquem «lugar para onde», se construem em portuguez geralmente com a ou para e, ás vezes, contra. Usa-se todavia em com evidente sentido directivo junto aos verbos lançar, metter, pôr, deitar, admittir, sahir, saltar, sahir em terra, passar e passar-se em (para algum paiz) e outros:

Assi fogem os Mouros, e o piloto, que ao perigo grande os guiara, crendo que seu engano estava noto, tambem foge saltando na agua amara (Cam., Lus. 2, 28) — Despois, lançando arpeos ousadamente na capitania imiga, dentro nella saltando, a fará só com lança e espada de quatrocentos Mouros despejada (ib. 10, 28) — Da alma transborda em o corpo e vestidos a verdadeira fermosura (Arr. 740) — Do ceo o precipitou no Inferno, e do supremo lugar, que affectou no Empireo, ao infimo dos abismos (Vieira, Serm. 5, 229) — Por tres cousas, como todo o mundo sabe, se moveu elrei a passar em Africa (Mend., Jorn. de Afr. 1, 25).

Podem-se, sem duvida, imaginar com varios destes verbos situações de «lugar onde», isto é, casos em que o complemento significa o ponto em que a acção se effectua, e não aquelle para o qual ella se encaminha ou destina.

Nas dicções crer em, pensar em, meditar em, reflectir em e outras congeneres, a preposição evidentemente significa a direcção da crença, do pensamento, da meditação, etc.

As locuções, em honra de, em premio de, em castigo de, em favor de, em pena de, em pago de, em recompensa de, em louvor de são formações analogicas creadas segundo o typo latino in honorem alicujus, em que a preposição denota o fim que se tem em vista, o objectivo a que algum acto se destina, o effeito que delle deve resultar. Vem pois a preposição em usada aqui com sentido directivo.

Verbos que significam « passar de um estado a outro », como transformar, converter, etc., tem, alem do objecto directo, um complemento formado com a preposição em. A construcção latina a que este complemento se filia é in com accusativo, usando-se este caso, por significarem taes verbos movimentos encaminhados em determinado sentido. Em portuguez não pode ser outra a interpretação e a razão do emprego de em nos exemplos seguintes:

Converte-se-me a carne em terra dura, em penedos os ossos se fizeram (Cam., Lus. 5, 59) — Iam-se as sombras lentas desfazendo

sobre as flores da terra em frio orvalho (ib. 2, 92) — Mas Affonso... em nossa Hesperia, que a soberba do barbaro fronteiro tornou em baxa e humillima miseria, fora por certo invicto cavalleiro (ib. 4, 54) — Nem temais, Herculano, que se transformem os Portuguezes animosos em mercadores cubiçosos (Arrais, 312) — Com outro « eu sou no Egypto» se trocaram aos Irmãos de Joseph as tristezas em festas, os temores em parabens, e as prisoens em abraços (Vieira, Serm. 2, 165).

Nas frases em comprimento, em largura, em altura, em profundidade tem a preposição a mesma explicação que nas frases latinas in longitudinem, in latitudinem, as quaes se usaram com accusativo de accordo com o sentimento de «lugar para onde» seguem as linhas de medição.

Trás, atrás (de), detrás (de) — Filia-se a preposição trás ao latim trans, tendo havido perda da consoante nasal e notavel alteração de sentido. Com a anteposição de ad e de formaram-se os adverbios atrás, detrás, dos quaes por sua vez se geraram as locuções prepositivas atrás de e detrás de.

Trás emprega-se com verbos de movimento e significa «após», «em seguimento de», «em busca de»:

E assi corremos *tras elle*, como *tras* quem nos leva enganados e roubados os desejos (H. Pinto, 1, 409) — Não vas *tras* tuas concupiscencias (ib. 1, 112) — Tres cousas diz aqui Christo aos que quiserem ir *tras elle* (ib. 1, 113).

Pode-lhe fazer as vezes a preposição após:

Será bom irmos com o padre, que com suas palavras e doutrinas nos levará *tras si*, assi como homem que leva *após si* cachorros soltos com lhe ir lançando pedaços de pão, que vão comendo (H. Pinto, 1, 84) — Vai *após* as pegadas das manadas de teus gados (ib. 1, 48).

Atrás (de) e detrás (de) usaram-se por muito tempo indiscriminadamente, e com mais frequencia a segunda forma, o que se deve attribuir á influencia de de fronte, diante (de ante), etc. Semelhante ao falar hodierno é o emprego de tornar atrás, significando « reconsiderar um acto» neste passo de João de Barros:

Algumas pessoas notaveis... o faziam tornar atras do que estava assentado (Dec. 2, 10, 1).

Todavia, quer neste sentido metaphorico, quer na accepção material de volver em direcção contraria a caminho já percorrido, empregou Camões ora os adverbios atrás e pera trás, ora por detrás e pera detrás:

Da determinação que tens tomada não tornes por detrás, pois é fraqueza desistir-se da cousa começada (Lus. 1, 40) — Põe no madeiro duro o brando peito, pera detrás a forte nao forçando (ib. 2, 22) — Torna pera detrás a nao forçada (ib. 2, 24) — Era maior a força em demasia, segundo pera trás nos obrigava, do mar que contra nós ali corria, que por nós a do vento que assoprava (ib. 5, 67) — Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana atrás tornou as ondas de medroso (ib. 4, 28).

Outros exemplos do emprego da forma detrás (de), discordantes em parte do falar corrente de hoje:

Da besta nom podemos seer derribados seno pera hua de quatro partes, pera deante, e pera detrás, ou pera cada hua das ilhargas (D. Duarte, Ensin. 20) — Os que me deviam alguma cousa, já ficam detrás de mim (Barros, Dec. 2, 3, 9) — Os nossos per detrás lhe escalavam as carnes de morte (ib. 2, 5, 9) — Chegaram estoutros que ficaram detrás (ib. 2, 7, 3) — Foi esperar o impeto dos nossos detrás dos muros e não fora delles (ib. 2, 7, 9) — Per detrás lhe deo com o cris pelas costas (ib. 2, 9, 3) — Os que hiam diante, e os que hiam detrás (Vieira, Serm. 3, 57 e 58).

Raros exemplos de *tras* empregado junto a preposição alem das citadas se nos deparam em port. ant.:

Os caães corriam *em tras* ell (Livro de Esopo 41) — E lançar-sse co o pee da outra parte aa maneira de desvyo mais derriba *contra tras* (D. Duarte, Ens. 106).

Pós, após, em pós, de pós — O latim post, perdida a consoante final, deu ao portuguez as formas pós e pois, servindo uma de preposição, a outra de adverbio e conjunção.

Cedo se generalisou a pratica de usar a preposição reforçada com a anteposição de a, de ou em. Da forma simples primitiva encontram-se todavia alguns exemplos

em port. ant.:

Cavalgou em seu cavallo e foy-se pos elle (S. Graal, 115) — Veemos pos vos atee aqui (ib. 5) — Quando boorz esto ouvio, nom foy bem seguro, ca pos morte de Calagrenac matal-o ya seu irmaão, se o desarmado achasse (ib. 130) — Começou-se a hir muj de rrixo pos elle (ib. 59).

Servia-se o port. ant. indiscriminadamente demem pos, a pos e de pos, com os mesmos verbos de movimento, sem attender a que as particulas de reforço consideradas em si exprimiam relações diversas:

E dom Juam o bastardo foi atras a besta ladrador, e galaaz depos o cervo... e dom dinac depos dom tristam (S. Graal, 60-61) — E nom andou muyto e scoytou e vjo vyr em pos elle tam rijamente huū cavaleyro sobre huū cavalo (ib. 61) — Quando a vio, começou de hir apos ella (ib. 69) — Começou hir em pos ella (ib.) — Vi vyr tristam em pos mim (ib. 72) — Amdando em pos ell com huūm paao na maão (Esopo 18).

Com referencia a tempo ou a um successo ulterior, usava-se de preferencia de pós. Talvez tambem após:

Depos esto envjou el rei pella rainha e pellas donzellas e donas (S. Graal, 23) — Depos elle chegou ho ermitam (ib. 11) — Nem que amedes outro depos minha morte (ib. 57) — Depos vesperas... aveco que acharom huñ castello (ib. 73) — Logo se rrecearom de o Iffante poder reinar depos sua morte (F. Lopes, D. J. 93).

Tambem se usou, ainda que menos frequentemente, empós de em lugar do simples empós:

E querendo seguir *empós de* aquelle que o avia roubado... foy aa praça pera alquiaar huũa mula (Frad. Men. 1, 358) — Ouciosas fabulas que seguem *em pós do* vento e careçem de toda verdade (Ω. Fern. 2).

Hoje em dia estas diversas formas são desusadas, exceptuando unicamente após, que equivale tanto a « depois de», como a « atraz de» com verbos de movimento.

Per, por, pera, para — Do emprego outrora florecente de per preposição não conserva a linguagem moderna mais que os vestigios de per si, de per meio, perante e pelo < pello (contracção de per + lo), forma esta que, usada a par de polo < pollo (contracção de por + lo) e com ella confundida, acabou por supplantal-a definitivamente.

Tinha per, como em latim, o valor de « atravez de »,

Tinha per, como em latim, o valor de « atravez de », « por meio de », e podia significar « lugar por onde » alguma cousa se estende e duração « de algum acontecimento » :

Nom devemos coostramger nenhúa perssoa que digua nenhúa cousa per força nem per medo (L. de Esopo, 53) — Depois per dias

começarõ de sse assenhorar delles (F. Lopes, D. J. 123) — Quando elle per hi passara (ib. 124) — Sahirom hūu dia per mandado do Meestre (ib. 126) — Per aquestes avysamentos que screvo se pode veer como convem guardar tempo (D. Duarte, Ens. 112) — Se per graça special do senhor deos no for ajudado (ib. 115) — Correrem per mato espesso... per lama, augua ou ervaçal (ib. 118).

Em alguns dizeres parecia apagar-se a fronteira entre o sentido proprio desta particula e o dominio semantico de por do lat. pro. Esta confusão occasional não seria todavia o bastante para determinar o desapparecimento de uma das preposições. Attribuiremos o phenomeno antes á pronuncia mui parecida dos dous vocabulos atonos, prevalecendo a particula que, pelas opportunidades de sua applicação, se usava com mais frequencia.

Entre as funções de por, alem das que competiam a per, destacaremos em primeiro lugar o sentido de « em favor de »:

De nove desembargadores que eram, teve Sua Alteza quatro por si, e todos os outros seguiram o voto contrario, que foy em favor do capitão (Arrais, 33).

Deste sentido originou-se — já em latim com a preposição pro — a significação de «em lugar de», da qual por sua vez decorre a de «em troca de» e «equivalencia». Estes valores conservaram-se em portuguez:

Na cabeça por gorra tinha posta ua mui grande casca de lagosta (Cam., Lus. 6, 17) — Têm por mestra a longa experiencia (ib. 6, 17) — Polos doze Pares dar-vos quero os doze de Inglaterra e o seu Magriço (ib. 1, 12) — Por cobre teriam jouro (Arr., 311).

Mais facil e mais pronta foi, por outra parte, a transição do conceito de « em favor de » para o de « fim », « intenção ». Mas em port. ant. e ainda em linguagem camoneana se usou a preposição confusamente, tanto para denotar o fim propriamente dito, como para significar a causa:

¹⁾ Fim — E por saberem o esmo em que logar eram, traziam dous traadores (F. Lopes, D. J. 325) — E com hum delles furavõ a terra per cima por veerem o certo onde já chegavam (ib. 325) — Foi por cobrar Villa Viçosa (ib. 321) — Por vos servir, a tudo appareshados (Cam., Lus. 10, 143) — Deixas criar ás portas o inimigo por

ires buscar outro de tão longe (ib. 4, 101) — Cos principaes senhores se aconselha mas só por ver das gentes a sentença (ib. 4, 12) — Por nos não magoarmos ou mudarmos do proposito firme começado determinei de assi nos embarcarmos sem o despedimento costumado (ib. 4, 93) — Queimou o sagrado templo de Diana... Herostrato, por ser aa gente humana conhecido no mundo e nomeado (ib. 2, 113).

2) Causa — Cuidou por a gram festa e prazer em que seriam postos em aquell dia,... que de salto e cupitamente podia tomar o logar (F. Lopes, D. J. 331) — Deu muitas graças a Deos, que por sua grande misericordia o quisera guardar (ib. 333).

Persiste até os nossos dias o emprego de por para denotar a causa; porem quanto a significar effeito a attingir, cahiu esta preposição em desuso, sendo supplantada por para. A delimitação de sentido trouxe a vantagem de evitar ambiguidades que só pelo contexto, e ás vezes nem assim, se podiam resolver. Empregava-se tambem porque como equivalente de para que; mas o sentido aqui se percebia logo pelo verbo no conjuntivo.

A forma pera usou-se em todo o periodo do port. ant. e ainda no port. mod. do seculo XVI e principios do seculo XVII. Nos Lusiadas occorre a forma para sómente com pronomes e com o artigo definido (v. as notas á edição de Epiph. Dias); Frei Luis de Sousa ainda continua a utilisar-se de pera; Vieira e Bernardes não escrevem senão para.

O aspecto e a significação do vocabulo induzem a crer que pera se teria originado de per+ad. Podia comtudo ter resultado, e esta etymologia parece mais correcta, da combinação de pro+ad.

Empregada com o valor de «destinação» e «lugar para onde», rivalisa fortemente com a particula a, sendo a differença tão difficil de perceber que os casos de regencia fixa, em que certos verbos e adjectivos se construem uns sempre com a e outros sempre com para, não se explicam senão pelo capricho do uso. Compete ao diccionario, e não á grammatica, particularisal-os. Evidentemente, apresentam-se também casos em que o uso vacilla. Assim, ao mesmo tempo que se diz partir para algum lugar, dando ao complemento sempre a mesma preposição, junto a ir, caminhar, fugir, synonymos de partir, é licito optar entre a e para. Cito alguns passos

de Antonio Vieira, nos quaes varia a particula sem apparente alteração de sentido:

Só Christo caminhou voluntario á morte sabida, todos os outros sem vontade á morte ignorada (Serm. 2, 390) — Abraham [caminhou] ao sacrificio sabido, Isaac ao sacrificio ignorado (ib.) — Caminhou animosamente a ella (ib.) — Desde este ponto começava Christo a caminhar para a morte (ib. 391) — Despido por despido não he melhor hir com o bom ladrão ao Paraiso, que com o mao ao Inferno? (ib. 3, 354) — Ou são absoltos, e vão para o Ceo, ou condenados, e vão para o Inferno (ib. 2, 435) — Fugio para o Egypto (ib. 3, 179) — Foge para o monte (ib.) — Fugir com Christo ao monte (ib. 3, 199) — Para hir ao Ceo, não nos pede Deus mais que a pureza do coração e das mãos (ib. 9, 361) — Vejo que nos imos ao Inferno sem remedio (ib. 2, 307) — [Dia] em que os bons hão de hir para o Ceu, e os maos para o Inferno (ib. 2, 435).

Não é entretanto provavel que o padre Vieira repetisse, na mesma pagina, o complemento com outra preposição sem o levar a isso o intuito de estabelecer differença, ainda que subtil. Com a significaria o escriptor, ao que parece, simplesmente o movimento directo; para denotaria o movimento mais demorado.

Mais palpavel é a differença entre as particulas quando a um verbo expresso em qualquer das suas formas se accrescenta outro verbo, porem no infinitivo, que indique o resultado ou fim a que visa a acção. Sendo este fim um successo futuro, mais ou menos remoto, e contingente, emprega-se geralmente para, como preposição mais apropriada. Algumas vezes, porem, o resultado a alcançar parece prender-se mais intimamente ao acto determinante, vindo logo apoz elle ou entrando em via de execução desde o momento em que o acto determinante se inicia. Parece aqui vir mais a proposito a preposição a, e seria este sentimento o que dictou o seu emprego nos trechos seguintes:

Quando Christo redemptor nosso entrou no horto a orar a seu Padre, apartou comsigo os tres mais favorecidos discipulos (Vieira, Serm. 8, 102) — Decião tambem a terra a adoral-o (ib. 8, 104) — Partiram em hum catur a encontrar o sagrado hospede (ib. 8, 357) — Eu me parto para o cabo de Comorim... a soccorrer aquelles pobres Christãos (ib. 8, 188) — Tirou hũa cruz que trazia sobre o peito, deu-a a hūm menino, dizendo que a désse a beijar ao endemoninhado (ib. 8, 165).

Depois do verbo ser dizemos a noção de destino com a preposição para: é para elle, para todos; é para ver, etc. Depois de estar usa-se para com verbo no infinitivo para significar acto de realisação futura: está para casar, para mudar-se, etc. Estar seguido de a + infinitivo denota a acção mais proxima ou immediata, e tambem se usa, principalmente em Portugal, para exprimir o tempo presente (estar a dizer = estar dizendo).

Conjunções: especies, formas e significação

A conjunção é geralmente tida por uma palavra inrariavel que serve para ligar as orações. O qualificaivo «invariavel» vem aqui como reminiscencia do anigo systema grammatical que dividia as palavras em fletivas e inflexivas. Fora disso, não tem valor; nem poleriamos imaginar sequer que um vocabulo destinado a uncionar como elo entre os enunciados mais ou menos complexos dos pensamentos fosse susceptivel de genero, numero e caso. Com quem haveria de concordar? Se é para distinguir a conjunção do pronome relativo que se nantem aquella característica, importa não esquecer que pronome relativo, representando sujeito ou objecto, é ermo essencial á oração, ao passo que a conjunção, como para referida maneira de definir, é elemento esranho.

Discutivel é a serventia de ligar orações. Elemento novo interposto entre dous systemas homogeneos tanto pode cimentar como desunir; e para ligar palavras a palavras, frases a frases, orações a orações, basta pronuncial-as seguidamente sem pausa. Que a linguagem creasse vocabulos expressamente para este effeito, por não poder encadear os enunciados dos pensamentos sem tal recurso, não é cousa crivel. Ahi estão as construcções asyndeticas, tão intelligiveis para os povos atrazados, e tão claras e elegantes para os homens de cultura superior. E até aquella particula a que damos o nome de «integrante» e raras vezes omittimos em portuguez, em certos dize-

res communs do inglez ou do allemão mais vale desapparecida que ostentando-se, v. g. em I think he is here por I think that he is here; ich glaube, er kommt por ich glaube, dass er kommt.

Do ponto de vista phonetico, a presença ou ausencia da particula não accelera nem retarda o ligamento entre duas orações. A pausa, imperceptivel entre a oração principal e a subordinada substantiva, é e continua a ser a mesma entre a principal e outras subordinadas, ou entre coordenadas, podendo-se marcar por virgula, ponto e virgula, dous pontos e, até, por meio de ponto final.

De que natureza será pois o valor da conjunção? Consideremos dous trechos do Monge de Cister (1, 18 e 1, 94): a) Elle percebeu que tornara a mim: pos-se em pé: cu estendi para elle as mãos: deu-me uma das suas: apertei-a entre as minhas e levei-a á boca e beijei-a. h) Entrei: ninguem reparou em mim: todos andavam como pasmados.

No exemplo a) narram-se factos que se passam successivamente e a particula e anteposta sómente aos dous ultimos verbos, poderia vir iniciando tambem cada uma das demais orações que se seguem a Elle percebeu que tornara a mim, caso o autor quizesse reduzir as pausas e sacrificar a vivacidade do estilo.

No exemplo b) a construcção é toda asyndetica. O segundo facto ninguem reparou em mim contradiz a espectativa que acompanhava a acção de entrar. Querendo significar explicitamente esta contradição, o autor poria no rosto da segunda sentença a adversativa mas. E esclarecendo afinal a causa do inesperado acontecimento, servir-se-ia da particula porque como introducção a todos andavam como pasmados.

Deste exame se deprehende que a conjunção faz parte, como elemento accessorio, sómente daquella oração em cujo inicio se acha, tendo por objecto apresentar o respectivo pensamento como correlato a outro. Mostra a particula que não se deve tomar tal pensamento como asserção absoluta e independente, segundo succederia com dous aphorismos ou dous theoremas reunidos ao acaso.

Faz-se a construcção asyndetica por concisão ou ele-

gancia de estilo, quando se conta com a intelligencia do ouvinte para perceber o sentido sem a particula. Como porem é limitada a capacidade desta intelligencia, predomina o emprego da construcção syndetica, e certas conjunções não se podem subentender em caso algum.

Chamaremos proposição inicial áquella que, enunciada de ordinario em primeiro lugar, serve de ponto de referencia a outra ou outras que denominaremos proposições sequentes. Pertencem a esta segunda categoria todas as coordenadas, copulativa, adversativa, causal, alternativa (disjuntiva), etc., e todas as subordinadas. Feita esta distinção, observaremos que as conjunções pertencem em geral ás proposições sequentes; a algumas porem respondem outras particulas correlativas nas proposições iniciaes. Servem ellas ás vezes de mero reforço, como no caso de ou... ou..., onde a particula só é imprescindivel na alternativa sequente. Outras vezes, como em não sómente... mas tambem..., o sentido ficaria incompleto sem a correlativa.

Accrescentemos, para completar estas considerações, que um enunciado sequente em relação a outro anterior, pode por sua vez servir de inicial relativamente a proposição ulterior. E é assim que se torna possivel o encadeamento logico dos pensamentos de qualquer discurso.

Não tem a conjunção valor de simples elo mecanico posto entre orações; mas serve á linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciaes. À particula dá a uma dellas o caracter de sequente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos signaes com que em meio de um trecho musical se annuncia mudança da tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assignala a relação logica em que a sequente está para com a inicial. É pois uma particula que exerce sua influencia, não como o adverbio e a preposição sobre um vocabulo, mas sobre uma oração em conjunto.

Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porem, a julgar por aquellas cujo historico se conhece, a linguagem não teria creado vocabulos especiaes para constituir a nova categoria. Serviram a este fim adverbios que, de modestos determinantes de um conceito unico, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e

serviram também pronomes do typo relativo-interrogativo, ou themas pronominaes accrescidos de novos elementos.

Da respeitavel serie de conjunções que faziam parte do idioma latino muito poucas passaram ás linguas romanicas. Em portuguez existem e (et), ou (aut), nem (nec), quando, se (si), como (tem o sentido de quum e de quomodo, posto que pelas leis da phonetica só se filie ao segundo destes vocabulos), e que, usada no latim vulgar. A substituição de sed, autem, por mais (depois mas), do adverbio ma(g)is, data do periodo pre-lusitano. Sobre a evolução de proinde em porende, porém, veja-se pags. 213-214.

A falta das demais particulas supprem-na creações novas, isto é, adverbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como o amplo emprego de que, simples, ou combinado com preposições e com adverbios ou locuções de caracter adverbial, e, ainda a forma verbal quer (em quer... quer..., onde quer que, quando quer que) para expressar o conceito optativo.

Segundo nas frases segundo vejo, segundo dizem, segundo se affirmou (Barros, Dec. 2, 3, 1), segundo parece (Vieira, Serm. 9, 44) e outras do mesmo genero, é exemplo da possibilidade de uma preposição servir de conjunção. A linguagem antiga usava, alem disso, segundo com sentido causal:

E segundo estão victoriosos... hey medo que nos fação daqui alevantar (Castanh., 1, 85) — Que elrey folgaria coele segundo ho vira amigo de honrras (ib. 1, 25) — Se os mouros nos aferram segundo sam muytos e nós poucos, não temos salvação (ib. 1, 43) — E segundo a cidade era rica, foi o despojo de roupa e alfaias pouco mais de cincoenta mil cruzados (Barros, Dec. 2, 6, 6) — Informa o caulo Gama das armadas... Diz-lhe que vem de genie carregadas e dos trovões horrendos de Vulcano, e que pode ser delles opprimido, segundo estava mai apercebido (Cam., Lus. 9, 7) — Eis pelo monte apparece e, segundo ao mar caminha, mais apressado do que fora vinha (ib. 5, 31) — O recado que trazem he de amigos, mas debaxo o veneno vem cuberto, que os pensamentos erão de inimigos, segundo foi o engano descuberto (ib. 1, 105) — Era maior a força em demasia, segundo pera trás nos obrigava (ib. 5, 67) — Mais nascimentos haviamos mister, segundo são muitas as mortes, assim de doença como violentas (Vieira, Cartas 2, 183).

Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem parallelismo syntactico entre duas ora-

ções, e subordinativas aquellas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o caracter ou de substantivo ou de adverbio. Mas a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbiaes não é bastante clara. Nenhuma duvida ha sobre as especies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo; porem entre as particulas causaes figura porque ora como coordenativa, ora como subordinativa, emquanto visto que, já que, como são sempre da segunda classe. Entre as subordinativas integrantes separamos que,

Entre as subordinativas integrantes separamos que, particula da asserção (sei que elle virá), de se, como, quando, porque, particulas da duvida ou interrogação indirecta (não sei se virá, quando virá, como virá, porque virá). As tres ultimas são adverbios interrogativos com applicação secundaria; se é conjunção que, a par de seu antigo papel de particula condicional, se usa tambem para fazer vezes das extintas particulas interrogativas latinas

num, an, ne, utrum.

Se não filiamos a integrante que directamente á conjunção latina quod, por se opporem a isso as leis phoneticas, somos todavia forçados a admittir que o etymo verdadeiro, qualquer que fosse (quia, quid, etc.), teria, a partir de certa epoca, adquirido valor semantico igual ao daquella particula, cursando então simultaneamente com ella na linguagem vulgar e acabando por supplantal-a. (Veja-se Meyer-Lübke, Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft², 105).

Mas com indicar sómente que a oração equivale a um substantivo, o qual serve de sujeito ou objecto a outra oração, a particula não revela nenhum colorido proprio, sendo de estranhar, a julgar pelo estado actual da linguagem, que para assumir a sentença a desejada feição integrante fosse necessario e bastasse antepor-lhe o pronome relativo. Não foi emtanto rigorosamente este o processo primitivo. Quod tinha seu antecedente demonstrativo (hoc, illud, id), com que á guisa de summario se antecipava um enunciado, como em hoc uno praestamus vel maxime feris, quod exprimere dicendo sensa possumus. O antecedente podia, sem prejuizo do sentido, omittir-se, e sendo esta pratica mais simples, tornou-se ella pouco a pouco

em costume ao mesmo tempo que se ia obliterando a consciencia da função pronominal de quod. O enunciado non pigritia facio, quod non mea manu scribo era a alteração semantica de outro que, reconstituido, equivaleria a «não faço por preguiça isto (=o seguinte), que não escrevo de proprio punho». O esquecimento, factor essencialissimo na evolução da linguagem, transformou, em taes construcções, o valor primitivo de quod ora em conjunção causal, ora em particula tão inexpressiva que já no latim da decadencia veio a servir de mero expoente das orações subordinadas cujo caracter não se definisse por meio de outra particula. Herdeira de quod assim differenciado é a conjunção portugueza que, com a variante ca (qua) usada no falar antigo para exprimir o sentido causal.*)

Se equivalia a substantivo, a oração subordinada podia, como o nome propriamente dito, ser regida de preposição. Isto se verifica quanto a de, a a, a com, que regem a oração inteira. Nas mesmas condições se acharam a principio por e pera (para); não tardaram porem a combinar-se com que, nascendo desta união conjunções de causa e fim. Des (desde) que e até que constituem conjunções de tempo; sem que denota exclusão.

Serve a oração integrante de objecto directo a dado, posto, admittido e outros participios usados como o ablativo absoluto em latim, para expressar concessão, hypothese, etc. Perdura nestes participios geralmente o sentido proprio do verbo; posto entretanto ligou-se semanticamente à particula, produzindo a conjunção concessiva posto que. Vieira (Serm. 3, 76) empregou o participio ainda com a accepção primitiva: Mas eu tão longe estou de encalhar neste baxo (posto que o seja [isto é: supposto que o seja]), que antes o exercicio de pescador me parece o melhor noviciado que estes Apostolos podiam ter.

Este processo creador de novas conjunções ou locuções conjuncionaes revela-se sobremodo fecundo nas combina-

^{*)} Os factores de um phenomeno linguistico são multiplos, e é possível que a conjunção quod procedesse não sómente do pronome relativo, mas tambem do pronome interrogativo. Para admittir, como alguns linguistas se inclinam a crer, que todos os factos se devam referir sómente a frases interrogativas, faltam argumentos convincentes. Sobre a questão se ut, desbancado por quod, teria tido historico semelhante ou differente, apenas se sabe que aquella particula tambem é de origem pronominal. nominal.

ções de adverbios e dizeres de caracter adverbial com a particula que: a fim que (port. hod. afim de que), sem embargo que, com tanto que, ante(s) que, depois que, etc.

Nestas, como em outras locuções conjuncionaes, o elemento adverbio nada mais é que um vocabulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas afasta-se delle, emigra da respectiva oração, attrabido por uma particula, á qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova especie. Basta ver o historico do adventicio ainda em ainda quando e ainda que.

As particulas que e quando de per si bastam para denotar concessão, uma vez que o verbo esteja no modo conjuntivo. Segundo esta primeira phase estão redigidos os exemplos: eu por huma parte hey dó deste coitado, que não seja mais que pelo pão que lhe como (Ferr. Bristo, 2, 396); e quando de seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo (Vieira, Serm. 5, 356). Na segunda phase, insere-se na oração principal emphaticamente o adverbio ainda. Deste typo é: E quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei pera chocarreiro de hum principe, que he o melhor officio que se agora usa (Ferr. Bristo 2, 397). Exemplo da ultima phase, em que o adverbio se transfere para a oração subordinada: Toda a vida de Xavier era huma perpetua oração e contemplação, ainda quando parecia mais divertido (Vieira, Serm. 8, 320).

As vezes a locução conjuncional vem a adquirir valor muito diverso do sentido de adverbio. Tanto que se emprega geralmente como conjunção temporal até o seculo XVIII, mas o falar hodierno lhe restitue o sentido de quantidade ou intensidade. Assi que mantem por muitos seculos a accepção modal, conforme ao adverbio componente, mas na linguagem de hoje se usa como conjunção

temporal.

A maneira de dizer propria de certa epoca pode soffrer mudança pondo-se de accordo com outras dicções de uso mais geral. Logo que, locução temporal hoje usualissima, succedeu a logo quando e logo como:

Logo como tomou do reino cargo, tomou mais a conquista de mar largo (Cam., Lus. 4, 66) — Logo quando a [carta] ly, entrei comigo em grandes differenças (Diogo Bern., O Lima 218) — Logo

quando [a procissão] acabou de despegar da igreja, ouve muyta gente devota que... quiz empregar a tarde em visitar á vontade a sepultura (Sousa, Arceb. 2, 375).

Entre os adverbios de reforço que costumam deixar a oração principal para juntar-se com a particula da oração secundaria está *então*, correlato de *quando*. Esta construcção, empregada com liberalidade por varios quinhentistas, parece ser imitação do idioma latino:

A riqueza entam a alcançaram, quando a perderam (H. Pinto, 2, 67) — Porque entam a tribulação perde sua força, quando se lhe atravessa diante a paciencia (ib. 2, 139).

Correlatos emphaticos das conjunções concessivas são todavia, comtudo, entretanto, ainda assim. Não se transferem para a oração concessiva:

E ainda que alguns sejam de obscura geração, todavia são venerados e acatados (H. Pinto, 1, 133) — E ainda que tomar este cargo seja contra minha vontade, comtudo faço-o por cumprir com a vossa (ib. 1, 147).

> Comtudo pode vir em companhia da adversativa mas:

Não deyxo de entender... Mas comtudo eu vejo que os principes... sempre estimaram muyto homens letrados (H. Pinto, 2, 231).

O emprego de comtudo, todavia, entretanto, emtanto como correlativos emphaticos é uma applicação puramente occasional dos ditos vocabulos. Resta a saber se fora deste caso servem de conjunção ou de adverbio. Á tendencia de incluil-os na categoria das particulas adversativas em attenção a terem sentido semelhante ao da palavra mas, objecta-se que a synonymia é imperfeita, e tanto que se usam, ou se podem usar, concomitantemente com essa particula. Parece antes acharem-se na fronteira indecisa que medeia entre o adverbio e a conjunção.

Na linguagem da Renascença, entretanto e emtanto têm valor temporal de «entrementes», «emquanto isto suc-

cede »:

As halcyoneas aves triste canto junto da costa brava levantaram... Os delfins namorados, entretanto, lá nas covas maritimas entraram, fugindo á tempestade e ventos duros (Cam., Lus. 6, 77 — E que emtanto podia do trabalho passado ir repousar, e em breve tempo daria a seu despacho um justo talho (ib. 7, 65). Em port. ant. apparece entretanto com o caracter de conjunção equivalente a «emquanto», mas é reducção de entretanto que, cujo uso perdura no port. mod.

Entretanto elle assy anda soo, he bem que digamos dos aqueecimentos dos outros (Zur., Guiné 309) — Nom se quis de todo leixar em repouso com esta vitorya... mas entretanto os outros estavam em seus fallamentos, apartou hū daquelles Mouros preguntando-lhes se sabya (ib. 427) — É [o catual] fez que mandava buscar almadias, e lissimuladamente mandou esconder os donos dellas, porque as não lessem. E entretanto que as yão buscar levou Vasco da Gama ao ongo da praya (Castanh., 1, 71).

Inintelligiveis á primeira vista nos parecem hoje em dia as orações iniciadas pelos dizeres — por tal que e com tal que, de que se encontram ainda exemplos em escriptores do seculo XVI. São reducções de por tal razão (ou fim) e com tal condição que, denotando a primeira iorma «fim», e a segunda «condição»:

Tu me queres dar este pam por tall que nom ladre (L. de Esopo, 47) — Para saberes aquello pera que foste feito e conheçeres teu creador, por tall que leixes as treevas em que ataa ora viveste (S. Josaph., 16) — Porem me praz assi della seer nomeada por tal que o nome deste meu scripto concorde com a maneira em que per nercee do senhor deos me trabalho sempre viver (D. Duarte, Leal Lons. 3) — Por tanto faça-se, com tal que em quanto o duque for rivo não se vá Cademia de casa da rainha (Barros, Clar. 1, 155) — Eu vos juro e prometo de fazer quanto me mandardes, com tal que me deis a vida (ib. 1, 102) — Aqui chovão sobre mim penas e dores emporaes, com tal que me perdoeis as eternas (Arrais, 433).

A conjunção caso (em caso venha, caso chova, etc.) procede da reducção de caso que, a qual maneira de dizer é por sua vez forma reduzida de sendo caso que. Alem leste sentido condicional ou hypothetico podia, antiganente, caso que usar-se com accepção concessiva decorrente do pensamento posto (= supposto) caso que. Vem explicita est'outra formula em Ruy de Pina, D. Duarte 35: Mas posto caso que passasseis e tomasseis Tanger, Alcacer, Arzila, queria, Senhor, saber que lhe farieis. Este luplo sentido affecta a locução em caso que, a qual á pag. 20 do mesmo livro de Ruy de Pina tem valor differente do hodierno:

Excuso de as [lamentações] especificar: somente saiba-se que em caso que [= posto que ou port. hod. ao passo que] nas mortes dos reis e principes geralmente se fazem sempre signaes de grandes sentimentos, na deste glorioso rei, assim em prantos e lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos se fez por muitos com muita especialidade de dor.

Entre os quinhentistas frequentemente se topam exemplos de caso que com valor concessivo de «posto que» « ainda que »:

E como os religiosos dalta estofa, caso que sejam spirituaes, todavia são humanos, parece que terão pouco merecimento com o desgosto de servirem (H. Pinto, 1, 129) — Os cervos feridos da erva, caso que vão fugindo do caçador, todavia como levam nas entranhas o farpão emervado, vem-lhe morrer nas mãos (ib. 1, 97).

Como quer que seja e como quer que fosse usam-se hoje como frases crystalisadas para significar duvida ou incerteza sobre se é real um facto referido antes ou se é real outro que o contradiga. Em port. ant. occorrem os mesmos dizeres, tendo o verbo «ser» sujeito e o competente adjectivo predicativo, e tambem apparece como quer que antes de outros verbos. Nestas orações completas como quer que equivalia a «posto que»:

Aparelhou logo Pallenço sua fusta pera sayr a terra, e como quer que a calma fosse muy grande, todavya eram muy grandes vagas na costa, as quaaes nunca derom lugar que a fusta podesse prooar em terra (Zur. Guiné 337) — Como quer que o mar comunalmente per todas suas partes, em aquelles tempos seja perigoso, ally o he muyto mais, por aazo das grandes correntes, que ally ha (ib. 28) — Quando El-Rei D. Affonso vio que não podia achar este Santo Corpo, como quer que muito lhe pezasse, remeteu seu pezar á vontade de Deus (D. Galvão, D. Aff. Henr. 81).

Mentre, com as variantes mentres que, em mentre, pertence ao port. ant. Supplantou.o o synonymo «emquanto»:

Destruio pois porende o castello; mas nom mentre persival foi vivo (S. Graal, 90) — Ca ja mais nom serei leda, em mentre vos fordes triste (ib. 75) — Huū cam furtou hūa posta de carne; e fugindo com ela passava per hūa pomte, e mentres que passava, guardou na augua, e vio a ssombra da carne que levava na boca (L. de Esopo, 12).

Em que diz o mesmo que ainda que; mas a linguagem literaria, a não ser na frase em que pese, dá-lhe em geral menos apreço que a outras locuções concessivas. Occorre bastantes vezes em Gil Vicente, e não é raro em Heitor Pinto:

E mais sereis avisada que não me respondereis nada, em que ponha fogo a tudo (G. Vic., 3, 145) — Não ha hi por hu correr, em que m'esfolem a pelle (ib. 3, 178) — Nunca mais hei de fiar em fidalgo desta sorte, em que o mande San Matheus (ib. 3, 220) — Em que hū homem seja no corpo mais feo que Thersites, sendo virtuoso, he mais bello que Nireu (H. Pinto, 2, 677) — Aqui acha hūa cousa que lhe contenta, e alli outra, em que seja com trabalho (ib. 2, 629) — Assi como as arvores que não dão fruto, em que esté verdes e vicosas, todavia são cortadas e lançadas no fogo; assi os maos, em que vivam ricos e prosperos, e comtudo quando se não percatarem, serão cortados da morte e lançados no infemo (ib. 2, 577).

Ao port. ant. pertencem peró, em peró, em peró que e peró que. Escriptores do seculo XVI que se utilisavam destes dizeres só o faziam por tendencia archaisante. Nos Lusiadas não ha exemplo. João de Barros manifesta predilecção por taes conjunções sem attender a que já vinham systematicamente substituidas por outras em certas publicações mais antigas do que as Decadas e o Clarimundo. Peró que e emperó que em geral, como peró e emperó em orações com verbo no conjuntivo, empregavam-se como synonymas de ainda que, posto que. Com o verbo no modo indicativo peró e emperó adquiriam valor de conjunções adversativas como porem, comtudo:

E em pero que o caminho era muito temeroso por muitas serpentes e muitas bestas bravas que andavã em aquel ermo, o santo mancebo todo tinha em nada (S. Josaph. 42)—È elle já quanto ameeçou de conhecer a fraqueza dos falsos deoses pero que no quis ento receber perfeitamente o lume de Jesu Christo. Em pero já no honrrava os seus sacerdotes nã fazia as festas nã oferecia sacrificios aos idolos como soia, mais tinha o coraço e duvida (ib. 29)—Pero negros fossem, assy tinham almas como os outros (Zur. Guiné 94)—O qual artificio, pero que a invenção delle se dê a diversos authores, mais parece per Deos inspirado (Barros, Dec. Prol.)—Gomes Eannes de Zurara... em soma diz que ambos estes cavaleiros descubriram esta ilha; peró sempre nomea a Tristão Vaz por Tristão, como pessoa menos principal (ib. 1, 1, 3).